Vedanta Advaita

Comentários al

Dṛg Dṛśya Viveka de Śaṅkarācārya

Sesha

VEDANTA ADVAITA

Não-dualidade, prática meditativa,
Estados da Consciência e Cosmologia Vedanta

Comentários al
Dṛg Dṛśya Viveka de Śaṅkarācārya

Sesha

Editado por
Asociación Filosófica Vedanta Advaita Sesha
www.vedantaadvaita.com

Toda atividade ocorre no inteligente
movimento que acontece na quietude.
Sesha

Índice

Introdução 6

Sloka 1 7
Sloka 2 10
Sloka 3 13
Sloka 4 15
Sloka 5 17
Sloka 6 19
Sloka 7 21
Sloka 8 24
Sloka 9 26
Sloka 10 32
Sloka 11 35
Sloka 12 37
Sloka 13 39
Sloka 14 41
Sloka 15 44
Sloka 16 47
Sloka 17 49
Sloka 18 52
Sloka 19 54
Sloka 20 56
Sloka 21 59
Sloka 22 61
Sloka 23 63
Sloka 24 67
Sloka 25 68
Sloka 26 70
Sloka 27 82
Sloka 28 85
Sloka 29 89
Sloka 30 98
Sloka 31 101
Sloka 32 104
Sloka 33 107
Sloka 34 108
Sloka 35 110
Sloka 36 114
Sloka 37 115
Sloka 38 118
Sloka 39 119
Sloka 40 120
Sloka 41 122
Sloka 42 122
Sloka 43 - 44 123
Sloka 45 125
Sloka 46 126

APÊNDICES

Apêndice *Drg Drsya Viveka de Sri Sankara Acharya* (Discriminação sobre a natureza do perceptor e do percebido) 145

FIGURAS

Figura 1 Elementos implícitos na percepção 8
Figura 2 Estados de cognição e definições de *Patanjali* 11
Figura 3 Esquema do nascimento de a consciência refletida, cósmica e individual 25
Figura 4 Ciclo ininterrupto de dualidade 42
Figura 5 A consciência individual como reflexo da Consciência universal 49
Figura 6 Modalidades de objetos de conhecimento 54
Figura 7 Desenvolvimento do universo a nível *Samasthi* (coletivo), associado aos três grandes estados de *Sankara* 60
Figura 8 Objetos Materiais e Ideais 62
Figura 9 Campo de Informação 74
Figura 10 Campo de informação básico para a definição da prática da Meditação 75
Figura 11 Semelhantes modalidades de Campos de Informação 75
Figura 12 Informação Não-diferenciada 77
Figura 13 Campo Aberto 78
Figura 14 *Savikalpa* y *Nirvikalpa Samadhi* internos 85
Figura 15 *Savikalpa* y *Nirvikalpa Samadhi* externos 85

Figura 16 Percepção com e sem distância dos objetos externos 88
Figura 17 Os Estados de Consciência, tipo de Campo, tipo de Informação e Fronteira Sensória .. 100
Figura 18 Tipos de *karma* 104
Figura 19 O *jiva* como reflexo 106
Figura 20 As três teorias sobre a existência de *jiva* 110

TABELAS

Tabela 1 Características dos cinco estados de consciência 9
Tabela 2 Estados de cognição e o agente de percepção correspondente 12
Tabela 3 Aspectos do *antakarana* 19
Tabela 4 Representação cosmológica e cosmogónica 21
Tabela 5 Relação entre a mente, a individualidade e a consciência individual 23
Tabela 6 Estados de Consciência segundo a relação do perceptor com o percebido 27
Tabela 7 Estados de Consciência segundo *Gaudapada* y *Govindapada* 32
Tabela 8 Estados de Consciência segundo *Patanjali* 33
Tabela 9 Estados de Consciência segundo o Ocidente 34
Tabela 10 Sistematização dos Estados de Consciência 34
Tabela 11 Estados de Consciência como produto de *maya* y *avidya* 39
Tabela 12 Desenvolvimento do universo devido aos fatores de Limitação 46
Tabela 13 Desenvolvimento do universo devido aos estados da Matéria 47
Tabela 14 *Jiva* e a identificação com os corpos Sutil e Denso 48
Tabela 15 Instrumentos a disposição da cognição 54
Tabela 16 Alguns termos semelhantes associados a não-dualidade e a dualidade 56
Tabela 17 Aspecto *sat* da realidade não-dual 57
Tabela 18 Aspecto *chit* da realidade não-dual 58
Tabela 19 Aspecto *ananda* da realidade não-dual 59
Tabela 20 Sinônimos de informação ideal e material 62
Tabela 21 Relação de Estados de Consciência segundo os diferentes autores 66
Tabela 22 O *Savikalpa Samadhi* associado ao objeto 67
Tabela 23 O *Savikalpa Samadhi* associado ao som 69
Tabela 24 O *Nirvikalpa Samadhi* 71
Tabela 25 Campos Duais e Não-duais 76
Tabela 26 Os Campos de Cognição 76
Tabela 27 Resumo dos Estados de Consciência segundo o tipo de campo e de informação 79
Tabela 28 Os sete diversos tipos de *Samadhi* 92
Tabela 29 O Conhecedor e o Conhecido 99
Tabela 30 Os cinco *koshas* 105
Tabela 31 Qualidades de um discípulo 111
Tabela 32 Os diferentes *jivas* (indivíduos) 119
Tabela 33 Tipos de *jiva* 121

Introdução

O *Drg Drsya Viveka,* texto introdutório do sistema *Vedanta Advaita* que indaga a *Discriminação entre a natureza do Perceptor e do Percebido*, este texto é atribuído a *Sri Sankara Acharya*, mestre instaurador do sistema *Vedanta Advaita* ou Filosofia Final Não-dual.

Semelhante a grande maioria dos textos profundos da tradição *Advaita*, o *Drg Drsya Viveka* pode ser geralmente confuso ao estudante pouco habituado no tema da indagação interior sobre si mesmo. Para a maioria daqueles que experimentam certo afeto pela filosofia *Vedanta Advaita*, este se converte em um corpo de ideias profundamente metafísicas que geralmente podem parecer altamente teóricas e praticamente inalcançáveis. Os diversos livros e comentários escritos por notáveis mestres, tal como é o *Drg Drsya Viveka,* por exemplo, preconiza a natureza essencial de *Brahman* como causa sem causa de tudo o que existe a nível universal, e o de *Atman* como sendo a essência primordial que está subjacente no ser humano. No entanto, a compreensão da identidade entre *Atman* e *Brahman* que afirma o *Vedanta Advaita* é ao que parece, um dos muitos mistérios com o qual o estudante se enfrenta quando busca ultrapassar a impenetrável rede de abstrações e significados metafísicos que o sistema filosófico apresenta. Infelizmente, muitas das conclusões do *Vedanta Advaita* parecem ser afirmações distantes, apenas alcançáveis por uma minoria de eleitos.

A dificuldade se encontra no estudo sério do *Vedanta Advaita,* tem a ver com que, como sempre foi, a grande maioria de seus divulgadores e mestres tratam exclusivamente de sua própria vivência interior Não-dual, sem reparar na grande brecha que existe entre uma mente equilibrada que percebe a realidade do mundo e em contraste, aquela realidade que geralmente aparece aos olhos de quem o observa através das agitadas ondas de seus incontrolados pensamentos.

A representação de um mundo livre das agitações mentais, e a consequência que isto influi na representação e vivência do mundo, é comparativamente tão inacessível a qualquer estudante de *Vedanta* que, na maioria das ocasiões, suas limitadas reflexões não passam de desejos tão distantes, semelhante a acertar o número ganhador da loteria. Isto faz com que o *Vedanta Advaita* geralmente pareça ser um sistema filosófico para uma «elite». Na verdade, assim é, pois foi formulado para aqueles que já possuem *Viveka*, ou seja, «Discriminação Metafísica», e para aqueles que a mente tenha alcançado um nível idóneo que permita a capacitação e a análise da Não-dualidade. No entanto, é necessário adequar e sistematizar o ensinamento para um grupo humano que, se encontra desejoso da profundidade dos atemporais ensinamentos, mesmo não possuindo uma mente com a disposição adequada para incursionar nas altas verdades que a Não-dualidade promove.

A finalidade deste livro é aproximar de maneira sistemática, e em coerência a forma de pensar de grande parte da cultura ocidental, um corpo de ideias que desde sempre brilham por sua beleza e impenetrabilidade. Para isto tomei a tradução do *Drg Drsya Viveka* que *Swami Nihilananda* traduziu do sânscrito para o inglês, e que por sua vez foi traduzida ao espanhol pela professora argentina Silvia del Río. Realizei uma meticulosa adaptação dos escritos da professora del Río como fim de expor, em uma linguagem próxima ao leitor médio, a grande maioria das ideias expostas no texto.

Minha intenção é aproximar os profundos e eternos ensinamentos do *Vedanta Advaita* a todos aqueles que, possuidores de uma disciplina reflexiva, desejem de coração a bem-aventurada Discriminação da Realidade Não-dual. Este livro, semelhante aos anteriores, é um texto de estudo, de análise e de reflexão. De nenhuma forma estas obras foram escritas para serem lidas de maneira rápida e com pouca atenção. São livros de consulta que, graças a seu estudo e aprofundamento, poderão servir como faróis na noite para aqueles que desejem navegar no imenso oceano da busca interior Não-dual.

Sesha (Buenos Aires, janeiro 2005)

Vedanta Advaita

Comentários al Dṛg Dṛśya Viveka de Śaṅkarācārya

SLOKA 1[1]

A forma (rupa) é percebida e o sentido da visão (indriya) é seu perceptor. Este é percebido e a mente (manas) é seu perceptor. A mente (dhivritti) é percebida e a testemunha (saksim) é seu perceptor. Este (a Testemunha) é certamente o único perceptor e, portanto, não pode ser percebida (por nenhum outro).

A forma é percebida e o sentido da visão é seu perceptor. O sentido da visão é percebido e a mente é seu perceptor: A mente, junto com as suas modificações, é percebida e a Consciência Não-dual é seu perceptor: A Consciência Não-dual não é percebida por nenhum outro agente prévio nem posterior.

São quatro os elementos primordiais mediante os quais o *Vedanta* teoriza o processo da cognição: *forma, sentidos* (para o *sloka* em questão, a *visão*), *mente e Consciência Não-dual* ou *Atman*. Através destes quatro elementos se é possível determinar um modelo metafísico suficientemente coerente para que coincida com as experiências comuns que o ser humano tem quando busca conhecer ou conhecer-se.

Para o Ocidente, a representação da cognição se estabelece baseada na diferença que prevalece entre «perceptor e percebido». Temos aqui que, ao tentarmos solucionar o dilema da cognição implicará em resolver as seguintes questões: É possível que o perceptor possa conhecer realmente o percebido[2]? O perceptor é o agente ativo do conhecimento ou, em seu efeito, é o percebido[3]? É a percepção dos objetos imediata ou sequencial[4]?

O modelo ocidental possui de base alguns dilemas quando analisa a teoria do Conhecimento. Um deles é definir claramente o que é o perceptor *(drg)* e o que é o percebido *(drsya)*. Ou seja: Onde tem início a realidade do sujeito e termina a do objeto? E, o que é o mesmo: Onde termina a realidade do objeto e se inicia a do sujeito? Definitivamente, a questão a se resolver é: Qual é a fronteira estável que invalida ambas as realidades: *objeto* e *sujeito*?

Por acaso será a pele do *sujeito* que determina a fronteira física a respeito do *objeto*? Por acaso o *sujeito* possui uma conotação ideal e o *objeto* uma conotação real?

Cada filósofo ocidental realiza uma interpretação pessoal a respeito da natureza do perceptor e do percebido. Todas as inumeráveis posturas filosóficas têm razão em alguns pontos, mas deliram em outros.

Para o *Vedanta* o caminho é outro: Não basta representar a cognição somente entre *objeto* e *sujeito*, nem assumir que o conhecimento é a apreensão do *objeto* por parte do *sujeito*. Desde nossa perspectiva, é importante estabelecer claramente os diversos elementos a serem conhecidos que se inter-relacionam, e as fronteiras que podem ser estabelecidas entre cada um deles, com o fim de dar ordem sistemática ao processo da cognição.

---

1 Para maior rigor, se mantém nas slokas um duplo enunciado. Em primeiro lugar e em negrito aparece a versão que realizou a professora argentina Silvia del Río, publicado pela Editora Hastinapura, Buenos Aires, 1976, a partir da tradução original do inglês de *Swami Nihilananda*. E na sequência está a versão atualizada de *Sesha* (N.E).

2 A solução a esta pregunta da origem as escolas positivistas, ascéticas, empiristas.

3 A solução a esta questão da origem as escolas objetivistas e subjetivistas.

4 A solução a esta questão da origem aos conceitos intuitivo e racional.

São quatro os elementos que se inter-relacionam na cognição: *Objetos externos, órgãos sensórios, mente e suas modificações e a Consciência Não-dual*. Agora já podemos começar a apresentar certas definições:

Objeto externo (o percebido):
É toda informação que se conhece com o requerimento de qualquer um dos cinco *sentidos*.
Sujeito: (o perceptor):
É toda informação que se conhece sem o requerimento de qualquer um dos cinco *sentidos*.

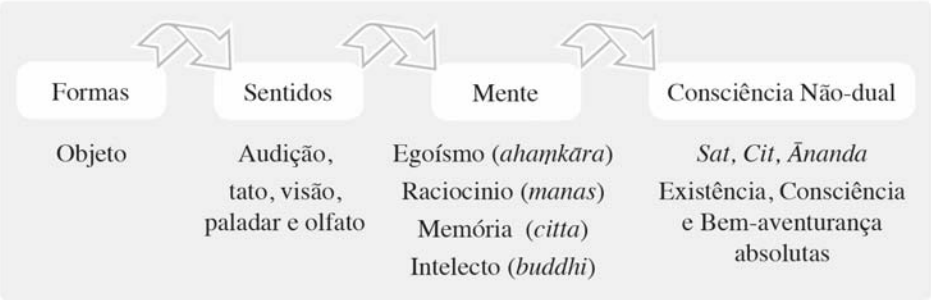
Sentidos e órgãos sensórios:
São a fronteira entre *objeto* e *sujeito*.

Mente e suas modificações:
Representam a codificação da informação do *sujeito* (o perceptor).
As modificações são quatro: memória, egoísmo, intelecto (a consciência reflexa, ou seja, o lugar onde se assenta a consciência individual) e o raciocínio.

Consciência Não-dual:
É aquela realidade capaz de conhecer realmente e que testemunha que tanto o *objeto* como o *sujeito* são não-diferentes, ou seja, que não há realmente um *sujeito* que exista por si mesmo independentemente daquilo que conhece como *objeto*.

A partir da perspectiva do *Vedanta* o conhecimento de um evento externo, qualquer que seja este, possui uma ordem implícita: os sentidos percebem o *objeto* externo; a mente, com suas modificações, percebem os *sentidos*; finalmente, a *Consciência Não-dual* percebe a *mente*. Esta ordem se expõe na figura 1.

Figura 1
Características dos Cinco Estados de Consciência



Graças a esta maneira de definir os elementos que integram a cognição, nos é possível estabelecer cinco maneiras de relacionar a mente (em seu aspecto *ahamkara*, ou seja, como egoísmo ou sujeito) e os objetos[5], que são:

5 Sejam estes objetos externos ou objetos internos (como são os pensamentos, emoções, sentimentos ou paixões que habitam a memória).

Estado de Consciência de Sonho: A Consciência associada a mente adota sequencialmente a condição de ser *objeto* e *sujeito*, pois todos os objetos de um sonho são um prolongamento do próprio *sujeito*, ou seja, neste estado de Consciência o *sujeito* é por sua vez causa do observador do sonho e do observado no sonho.

***Estado de Consciência de Pensamento*:** A Consciência associada a mente percebe sequencialmente um *objeto* que acontece no «aqui e agora» e introduz na cognição a intervenção de informação proveniente da memória, ou seja, introduz na cognição a história (o passado) sobrepondo-se a aquilo que está ocorrendo no Momento Presente.

Estado de Consciência de Observação: A Consciência associada a mente percebe sequencialmente um objeto que está acontecendo no «aqui e agora». Não há intervenção histórica na cognição, pois a memória é desativada ao não se processar a informação mediante um ato dialético.

Estado de Consciência de Concentração: A Consciência associada a mente se percebe simultaneamente a si mesma como *objeto* de percepção em um campo fechado de cognição[6], de tal forma que *sujeito* e *objeto* se experimentam como não-diferentes.

Estado de Consciência de Meditação: A Consciência Não-dual se converte em informação que conhece simultaneamente toda a informação potencialmente cognoscível associada a um campo aberto de cognição[7].

Tabela 1

Características dos Cinco Estados de Consciência

Estados de Consciência	Características
Sonho	A consciência associada a mente adota a condição de ser sequencialmente *objeto e sujeito*
Pensamento	A consciência associada a mente introduz a condição histórica associada a percepção sequencial de *sujeito* ou de *objeto*
Observação	A consciência associada a mente percebe sem história ao sujeito e ao objeto
Concentração	A consciência Não-dual, que se associa a mente como *sujeito*, se percebe simultaneamente a si mesma como *objeto* (Concentração interior); ou vice-versa: a mente, como *objeto*, se percebe simultaneamente a si mesma como *sujeito* (concentração exterior)
Meditação	A consciência Não-dual reconhece que a mente é informação não diferente que conhece, simultaneamente, toda informação potencialmente cognoscível tanto interior como exterior. O *Atman* conhece simultaneamente todos os objetos potencialmente existentes.

6 No estado de Consciência de *Concentração* não há dualidade *sujeito-objeto*, ou seja, *sujeito* e *objeto* são não-diferentes, devido que já é um estado Não-dual; no entanto a percepção está todavia, delimitada pelo alcance dos sentidos (quando é externa) e frações da mente (basicamente o inconsciente quando é interna). Portanto se trata de um campo de cognição fechado, ou seja, limitado por uma fronteira final. Para maior informação, veja *Los Campos de Cognición*, *Sesha* (www.sesha. Info).

7 O estado de Consciência de *Meditação* é um estado Não-dual sem qualquer limite final e portanto, é suscetível de incluir toda a informação potencialmente cognoscível. Portanto se associa a um campo de cognição aberto, ou seja, sem qualquer fronteira final interna. Os estados de consciência se encontram detalhadamente explicados na obra *Los Campos de Cognición, Sesha*, (www.sesha.info).

Na tabela 1 temos resumidos estes cinco estados de Consciência.

De tal maneira que para alcançar a experiência da Meditação interior é necessário primeiramente desconectar os cinco órgãos sensórios dos objetos externos; posteriormente é preciso desconectar a relação de comparação que a memória adverte mediante a flutuação mental para que, finalmente, a Consciência Não-dual seja testemunha de si própria em todo lugar e tempo.

Este modelo apresenta uma serie de inconvenientes para a mentalidade ocidental. O primeiro: A consideração de que necessariamente, a consciência individual não perdura no processo final da cognição, pois esta tem que ser diluída; ou seja, a mente tem que adotar uma condição não-diferenciada dos objetos que conhece a fim de que a Consciência Não-dual assuma a atividade própria do conhecimento. Segundo: O fato de que a consciência individual possa momentaneamente ser agente ativo nos estados de Sonho, Pensamento e Observação para ficar posteriormente relegada nos estados de Concentração e Meditação, pois o Ocidente tem modelado a interpretação da realidade assumindo como axioma que o *sujeito* e sua condição consciente – a consciência individual – é um ente indiviso, mas consistente, ou seja, que existe graças a que é portador de experiência e conhecimento.

Talvez sejam estes os maiores pontos de desencontro entre ambas as culturas. No entanto, o Oriente assumiu a teoria de *Maya* como explicação do aparente nascimento e morte de um «eu» e de uma consciência individual. Por sua vez, incorporou mediante a teoria do *Karma*, a aparente permanência de um «eu» e de sua condição consciente: a consciência individual.

A grosso modo, *maya* busca explicar que o «eu» apenas existe graças a introdução na percepção de conteúdos inexistentes que se assumem como sendo existentes. Por exemplo: Devido ao temor da morte – condição introduzida por experiências prévias e radicadas na memória - uma corda se transforma em uma perigosa e inexistente serpente sob os olhos de um aterrorizado viajante. Por sua vez, o *karma* explica que o «eu» subsiste graças a que o sujeito se identifica a si mesmo como sendo diferente da corda e além, porque deseja que não lhe suceda nada quando a inexistente serpente ataque; ou seja, o «eu» subsiste devido a que o sujeito se relaciona com o sentido de egoísmo e com desejo de fruto com a condição que realiza.

A partir do *Vedanta*, a cognição que funciona mediante o ato da Meditação é totalmente imóvel e real; ali o universo, nas diferentes graduações de informações que o constitui, é *objeto* de testemunho de si mesmo. Desta maneira denominamos de *Atman* (o Si Mesmo consciente) como sendo o agente de percepção Não-dual próprio da Meditação. Por isto o *Atman* é indagável por qualquer outro *sujeito*, devido que o Si Mesmo contém tudo aquilo que possa ser conhecido e nada é diferente de Si Mesmo.

O *Atman*, agente de percepção do estado de Meditação, é o conhecedor final da cognição. O Si Mesmo, ao conhecer, se conhece, de maneira semelhante a quando você se observa a si mesmo em um espelho externo; neste caso, você é todo o potencialmente consciente e o espelho é tudo o potencialmente cognoscível.

SLOKA 2

As formas (objetos de percepção) aparecem como variadas devido as distinções tais como: azul, amarelo, denso, sutil, pequeno, grande, etc. Por outra parte o sentido da visão as percebem, permanecendo como um e ele próprio.

As formas (objetos de percepção) aparecem como múltiplos devido as distinções tais como: amarelo, azul, denso, sutil, pequeno, grande etc. O sentido da visão percebe estas distinções, mas ele próprio permanece como um e invariável.

A expressão «*formas*» se refere a todo objeto externo de percepção. Um objeto externo é toda informação onde a fronteira sensória (os sentidos) intervém ou é parte da cognição.

> Denomina-se como sendo *o perceptor* a toda informação interna a *fronteira sensória*.
> Denomina-se como *o percebido* a toda informação externa a *fronteira sensória*.

A fronteira entre o perceptor e o percebido é a fronteira sensória, composta pelos cinco sentidos: audição, tato, visão, paladar e olfato. Esta apresentação inicial impede que exista intersecção entre as informações, ou seja, que haja informação comum entre o perceptor e o percebido.

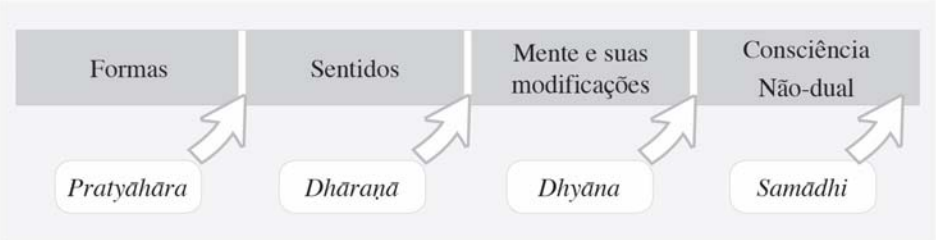
A filosofia *Vedanta*, semelhante ao budismo, reconhece a impermanência das *formas* em geral. Definir o mundo com base em uma informação que não é permanente implica o reconhecimento de verdades relativas e momentâneas. A mutação dos objetos externos pode ser reconhecida mediante a aparente estabilidade dos sentidos, pois a rapidez da transformação dos objetos é mais mensurável que a dos próprios sentidos.

O grande dilema que busca definir qualquer condição de existência, ou seja, qualquer *forma* ou qualquer *nome*, é que os elementos que usamos para fazê-lo são no final definidos pelos próprios elementos que os definem. Ou seja, a mente é como um imenso dicionário onde uma palavra é definida por outra, e esta outra mediante uma terceira; no entanto, cedo ou tarde o desencadeamento das definições levará ao «círculo vicioso» onde as palavras se definem umas as outras. Semelhante ao mundo, que se define pela mediata experiência de quem o formata; no entanto, o paradoxo é que; somos definidos através daquilo que previamente definimos, ou seja, por aquilo que recordamos!

Os sentidos percebem a variabilidade das *formas*: azul, amarelo, denso, sutil, pequeno, grande, etc. Isto ocorre devido a que o próprio sentido que detecta a informação permanece aparentemente invariável. No entanto, no seguinte *sloka* poderemos reconhecer que a mobilidade dos sentidos pode ser detectada a partir da aparente imobilidade da mente, o qual implica, por dedução, que ainda deve existir além da atividade mental, um substrato mais firme ou um estado de unidade mais estável.

A definição que faz o *Vedanta* das *formas* ou do mundo externo não coincide exatamente com o ponto de vista da filosofia ocidental, pois enquanto que a filosofia ocidental assume que a pele do perceptor, ou a sua cabeça, ou o som de seu coração não são objetos externos ao perceptor, mas sim, que são partes dele, o *Vedanta* considera como objetos externos ao perceptor, tudo aquilo no qual a fronteira sensória intervém. Por isto, desde o ponto de vista do *Vedanta*, tanto a pele, como a cabeça ou os sons do corpo são objetos externos.

Figura 2
Estados de cognição e definições de *Patañjali*



Temos assumido a definição de objetos externos desta maneira devido a que assim, se torna possível estabelecer uma sistematização mais clara do processo da percepção e assim, apresentar uma teoria mais universal a respeito de quem é realmente o perceptor e de quem é realmente o

percebido. A sistematização mais antiga do processo de definição dos diversos estratos da realidade foi estabelecida por *Patanjali*, segundo se reflete na figura 2 e na tabela 2[8].

Tabela 2
Estados de cognição e o Agente de percepção correspondente

Estado de cognição	Segundo *Patanjali*	Agente de percepção
Êxtases Místico permanente — *Nirvāṇa*	*Samādhi*	*Ātman*
Meditação	*Dhyāna*	*Ātman*
Concentração	*Dhāraṇā*	*Sakṣin*
Observação	*Pratyāhāra*	*Exín*
Pensamento	—	*Sujeito*

Patanjali definiu como sendo *pratiahara* a condição voluntária que permite desconectar os órgãos dos sentidos dos objetos externos. Desta maneira, o primeiro nível de interiorização que finalmente concluirá na Meditação, implica em retrair voluntariamente os órgãos dos sentidos das *formas*, ou seja, dos objetos externos[9]. A este estado, de acordo ao modelo explicado neste livro e nos anteriores[10], o denominamos de Observação e o agente de percepção deste estado se denomina de *exín*.

Por sua vez, *Patanjali* definiu *dharana* a condição consciente de anular algumas das modificações mentais (*manas*, ou raciocínio; *ahamkara*, o egoísmo; *chitta*, ou memória) e deixar que a modificação mental que sustenta a consciência individual (*budhi*) se reconheça a si mesma simultaneamente como *objeto* e *sujeito* de conhecimento. Este estado, que já é Não-dual, se denomina geralmente de Concentração[11], e o agente de percepção deste estado se denomina de *saksin*.

Patanjali definiu, mais, como sendo *dhyana* a anulação da modificação mental que sustenta a consciência individual *(budhi)*, dando lugar consequentemente ao nascimento de um campo aberto Não-dual de cognição onde o *objeto* e *sujeito* se combinam de maneira simultânea com todas as potenciais informações a serem conhecidas, que formam o universo. Este estado é denominado geralmente de Meditação, e o agente de percepção que simultaneamente é o percebido e o perceptor se denomina *Atman*.

E finalmente, *Patanjali* definiu como *samadhi* a inclusão em um campo aberto Não-dual e de maneira simultânea, de toda a informação existente no universo, incluindo como parte dele o *sujeito* e o próprio *objeto* da percepção. Ao agente de percepção desta excepcional condição cognitiva, onde o perceptor é simultaneamente não-diferente de todo o potencialmente perceptível, se denomina também de *Atman*, sendo este O Campo e o Conhecedor do Campo em todos os Campos.

8 Fundador da filosofia Yoga, a quem alguns orientalistas o localizam em torno de 200AC e outros em 600 e 700 antes de nossa era.

9 A maneira de realizar *pratiahara* está claramente estabelecida no livro *La Paradoja Divina, Sesha*. (www.sesha.info).

10 Referimo-nos a *La Paradoja Divina* e a *Los Campos de Cognición*.

11 Veja *La Paradoja Divina.*

SLOKA 3

A mente é capaz de conhecer as condições da visão – como a cegueira, a agudez ou o velamento – porque é uma unidade. Isto também se aplica com respeito a audição, ao tato, etc.

Certas características do sentido da visão como a cegueira, a agudez visual ou sua ausência, podem ser conhecidas pela mente e suas modificações porque a mente é uma unidade em relação ao sentido da visão. Isto também se aplica a qualquer informação percebida pelo sentido da audição, do tato, etc.

A *mente e suas modificações* parecem imóveis em relação as funções sensoriais *(indriyas)*. Portanto, é possível reconhecermos a multiplicidade das condições que atuam nos olhos, como o cansaço visual, a agudez visual, a cegueira, etc. Todas as potenciais modificações visuais são detectadas pela mente graças a que esta permanece aparentemente inalterável enquanto acontecem as mudanças nos sentidos.

É a condição de permanecer como um e imóvel diante da multiplicidade do que é experimentado, que permite ser o sujeito dos objetos. No entanto, a *mente e suas modificações* são apenas aparentemente estáveis, pois a seguinte *sloka* mostrará como a *Consciência Não-dual* é finalmente o ultimo agente da cognição.

É importante analisar a natureza das modificações mentais e distinguir entre as funções da mente e os conteúdos mentais.

FUNÇÕES DA MENTE

O *Vedanta*, genericamente, considera que existem quatro funções da mente. Todas as diversas características que a mente possui (inteligência, lógica, razão, memória, emoções, sentimentos, paixões, etc.) são catalogadas dentro das quatro seguintes modificações:

***Chitta*:** Representa aquilo de que está constituída a mente, ou seja, a matéria mental. A matéria mental representa a memória não apenas no âmbito consciente, mas também no âmbito inconsciente.

O conceito de matéria mental é um tanto estranho para o Ocidente. Para exemplificar esta apreciação, considere que a mente seja como um oceano. É valido afirmar que o oceano está formado por água; no entanto, a água pode adotar inumeráveis formas: correntes marinhas, ondas, espuma, bolhas, etc. De forma semelhante, *chitta* não apenas implica em ser memória, mas sim, em toda a informação que na mente possa potencialmente chegar a surgir na forma de pensamentos, emoções, paixões e sentimentos.

***Manas*:** Representa todas as atividades que se manifestam quando se põe em movimento *chitta* (a memória). Dependendo da atividade ou da mobilidade da matéria mental, emergem características como a inteligência, ou seja, o processo de eficiência no ato dialético: a lógica, como processo de ordenação da informação localizada em *chitta*; o raciocínio como processo dialético através do qual se é possível realizar uma síntese mediante a comparação: a dúvida, como atividade desordenada de não reconhecimento de *chitta* ou memória: etc.

Em resumo: o movimento ou flutuação de *chitta* (matéria mental ou memória) se denomina «*manas*». Exemplificando, *chitta* se assemelha ao barro; *manas* é a atividade que possibilita a que uma forma de barro que é modelado coincida com uma forma previamente experimentada.

Ahamkara: Representa um tipo especial de conteúdo mental cuja característica principal é o sentido de propriedade, ou seja, de «próprio», de o «meu», de «pessoal». «*Ahamkara*» gera sentido de diferenciação entre a informação e, portanto, é o que constitui o sentido de «egoísmo». «*Ahamkara*»

é importante – e é considerado como sendo uma das quatro modificações mentais - porque é uma atividade comum a toda modificação que ocorre na mente: Todo pensamento leva implícito o sentido de «eu»: não existe uma modificação mental – um pensamento – que seja fração do pensamento «eu». A modificação mental denominada «eu» é a primeira que se estrutura na mente, é a base sobre a qual se estabelecem as subsequentes modificações mentais. Erradicar a apreciação de «egoísmo» implica o desmembramento, a fratura e a dissolução da atividade mental diferenciada.

Budhi: Representa a natureza da mente que infunde cognição. *Budhi* é o assento da consciência individual, é o reflexo da Consciência Não-dual e, portanto, é a parte da mente que conhece e que reflete a inteligência. No entanto, para que emerja a atividade consciente que *budhi* representa, é preciso que a função mental denominada de *manas* esteja desativada. Da mesma maneira, para que a função *manas* da mente esteja ativada é preciso que a função *budhi* esteja desativada.

Em outras palavras:

No instante em que há conhecimento não há dúvida *(manas)*;
no instante em que há dúvida não há conhecimento *(budhi)*.

No instante em que a mente adverte conhecimento *(budhi),* a memória *(chitta)* está detida.
Enquanto a memória está em movimento, a mente não adverte conhecimento.

Quando a memória *(chitta)* está em movimento, o raciocínio *(manas)* está em movimento.
Quando a matéria mental *(chitta)* está detida, o raciocínio *(manas)* está detido.

No instante em que há conhecimento *(budhi)* não existe uma testemunha individual *(ahamkara)* que conheça. Enquanto existe egoísmo *(ahamkara)* não há conhecimento *(budhi)*.

A primeira modificação (pensamento) que associa a agitação da matéria mental *(chitta)*
é denominada de «eu» *(ahamkara)*. A ausência de «eu» *(ahamkara)* implica
a ausência de atividade dialética *(manas)*.

Budhi se assemelha a superfície da água de um tanque onde cai a luz do sol: nem toda a luz solar será refletida. Desta maneira, a Consciência Não-dual é refletida pelo limitante denominado de *budhi,* gerando uma Consciência refletida que reconhece a informação como real estando esta associada a uma fronteira ou a um limite de cognição.

***Em resumo*:** A mente está constituída de memória ou matéria mental *(chitta)*. O movimento, a flutuação ou a agitação da matéria mental ou memória, se denomina genericamente de pensar *(manas)*. A detenção do movimento da matéria mental ou memória se denomina de conhecimento *(budhi)*. O conhecimento *(budhi)* implica na ausência de agitação da matéria mental *(chitta),* de sentido de egoísmo *(ahamkara)* e de pensamentos *(manas)*. Por isto que a *yoga* é definida como *yoga chitta vritti nirodhaha*, ou seja, o fim das flutuações *(vrittis)* da mente. A mente constituída de memória ou matéria mental *(chitta)*.

CONTEÚDOS DA MENTE

Quando se fala de conteúdos da mente, advertimos as inumeráveis possibilidades que a memória pode detectar. A matéria mental está em disposição de assumir qualquer «forma» ou ser representada mediante qualquer «nome» sempre e quando exista uma representação prévia na memória. Denomina-se de aprendizagem ao registro na memória de uma representação previamente não existente.

A mente pode ser representada como sendo constituída por conteúdos mentais (*chitta* ou memória ou matéria mental). Geralmente, as vezes, denomina-se de *chitta* a mente, pois as três funções restantes da mente *(manas, ahamkara e budhi)* estão relacionadas com ela:

> *Ahamkara*, ou egoísmo,
> é a primeira modificação da mente quando a matéria mental *(chitta)* se agita.

> *Manas* (pensar) é a agitação da matéria mental *(chitta)*.

> *Budhi*, que é a função que implica o conhecimento individual,
> resulta da detenção da agitação da memória *(chitta)*.

É importante notar que a consciência individual – cujo assento se estabelece em *budhi* – não é o real agente de conhecimento; ou seja, não é *budhi* quem realmente conhece como não é a lua quem realmente ilumina a noite na terra. O perceptor final, o agente último da cognição, não é *budhi,* mas sim, a Consciência Não-dual, tal como se explica no seguinte *sloka*.

SLOKA 4

A Consciência ilumina (outros estados mentais como) desejo; determinação e dúvida; fé e não-fé; constância e seu oposto; modéstia; entendimento; medo; e outros, porque é uma unidade.

A Consciência Não-dual ilumina e percebe a mente e suas modificações porque a Consciência Não-dual é uma unidade com respeito a mente e suas modificações.

A filosofia *Vedanta* assume como conhecedor final da cognição a um agente consciente capaz de conhecer simultaneamente e ubiquamente a toda informação que forma o universo, sem experimentar-se a si mesmo como sendo diferente de todo o potencialmente cognoscível. A este tipo de agente, cuja condição prioritária e fundamental de atividade cognitiva é a Não-dualidade, se denomina de *Atman*.

Este agente, o *Atman,* possui uma série de características que o advertem como excepcional. Em primeiro lugar, não é definível, pois não é parte de algo, nem é a soma das partes. Defini-lo é limitá-lo; no entanto, não o definir não implica desconhecê-lo. De fato, tudo aquilo suscetível de ser pensado pode potencialmente existir, mesmo no todo, o que potencialmente existe pode ser pensado.

> *Atman* é aquele agente cuja condição consciente, ao conhecer tudo o potencialmente existente,
> não detecta o conhecido como sendo diferente de Si mesmo.

O *Atman* possui a condição inerente de ser consciente; de fato, o Si Mesmo é a própria Consciência. Quando alguém se observa no espelho e se vê a si mesmo, afirma «eu sou»; no entanto, o *Atman*, ao ver-se a Si Mesmo conhece o universo inteiro suscetível de ser conhecido e afirma «tudo É». *Atman* é auto-luminoso, ou seja, sua natureza consciente depende de si mesmo.

É estranho para os ocidentais assumir como válida esta forma de cognição, pois sempre se define a consciência como sendo consciência de um «eu». Considere a cotidiana circunstância de observar um evento qualquer com atenção, por exemplo, ler um livro ou uma revista. Enquanto realiza a atenta leitura e permanece absorvido nela, nascerá a diluição egóica; onde está então depositado a raiz consciente individual que, segundo se assume, é a causa do conhecimento? Ou seja, onde está o «eu»? As respostas podem ser várias; no entanto, no modelo ocidental não existe solução ao dilema proposto, embora evidentemente haja consciência e existe um saber do que se lê não se adverte um sujeito individual que no próprio instante de estar absorvido na leitura se reconheça diferente daquilo que é conhecido.

O real problema de se encontrar quem é o verdadeiro agente da percepção é que, o que realmente é possível conhecer é o que o *Vedanta* apresenta. O *Vedanta* adverte que um e outro, não podem ser variáveis, impermanentes ou momentâneos, pois se for assim, tanto o conhecedor como o conhecido tem a limitada validade de ser uma representação relativa de saber, já que o seguinte momento, ao mudar as condições prévias e aparecer as novas, a representação do conhecedor e do conhecido variam.

Basta para isto supor o que na mente ocorre em quase a totalidade dos seres humanos. Por acaso somos permanentemente os mesmos, e por acaso perdura o que conhecemos de nós ou do mundo? Com certeza que não! Apenas em caminhar alguns minutos por um bosque, o sujeito pode abstrair-se em mil lembranças e converter o meio que se encontra em inexistente, enquanto projeta milhares de lembranças decorrentes da própria história.

A filosofia *Vedanta* encontrou um arcano fundamental, um segredo escondido na simplicidade da percepção. Tem buscado perceber os objetos que formam o percebido, realizado este ato sem buscar envolvê-los com as informações localizadas na própria história pessoal. O *Vedanta* busca reconduzir a atenção ao conhecido no «aqui e agora»: o *Vedanta* busca mostrar a importância de ser habilidoso na arte de ser parte do Momento Presente.

O Momento Presente possui um dom inestimável:
converte o perceptor em objeto de percepção ou o percebido em sujeito de percepção.
Enquanto o conhecimento segue fluindo de maneira não-diferenciada.

A intromissão da história pessoal no processo da cognição induz um sentido de diferenciação da informação, criando por uma parte um campo de informação conhecido e por outra um conhecedor do próprio campo diferenciado.

Semelhante a água, que ao modificar as condições de temperatura e pressão atmosférica, assume um estado sólido, líquido ou gasoso, assim também, o surgimento das variadas condições de sujeito e objeto, nos quais a informação pode centrar-se, infunde a representação de universos distintos percebidos por distintos sujeitos.

É imprescindível para detectar a natureza do Momento Presente – e ainda, para a experimentação da Consciência como realidade Não-dual – romper as representações mentais de tempo, espaço e de individualidade, ou seja, diluir os limitantes que impelem o sujeito a uma representação dual da informação.

Esta nova condição de cognição não-diferenciada – no qual o perceptor existe, mas de maneira não-diferente do conhecido – é totalmente estável, imóvel, sem limites e sem partes.

SLOKA 5

Esta Consciência não nasce (aparece), nem morre (desaparece); não cresce, nem sofre decadência. Sendo auto-luminosa, ilumina a tudo os demais sem nenhuma outra ajuda.

A Consciência Não-dual não nasce e nem morre. Não cresce; tampouco sofre decaimento. Sendo auto-luminosa, ilumina a tudo os demais sem nenhuma outra ajuda.

A totalidade dos eventos aos quais podemos dar crédito, ou seja, daqueles que são definíveis mentalmente, possuem a característica da impermanência. Toda informação leva incluídos os condicionamentos: espacial e temporal. E toda informação sempre está referida, a partir da perspectiva da cognição mental, a ser parte do perceptor ou do percebido. Consequentemente, a representação mental da informação é necessariamente variável e dual.

Tempo e espaço são partes de todas as unidades[12] com as quais definimos o mundo que conhecemos. Existe, evidentemente, um tipo de tempo psicológico através do qual advertimos mentalmente que a informação provém do passado e evolui na direção do futuro, o qual implica que também a representação psicológica do mundo está imersa na informação associada a espaço e tempo.

Nosso modelo científico de interpretação da realidade está definido por variáveis relativas, dependentes uma das outras; nem tempo, nem espaço e nem massa são informações independentes umas das outras. De forma semelhante, a representação psicológica do mundo através da interpretação mental da realidade subjetiva, é também interdependente de inúmeros fatores que ainda não conhecemos; a percepção é um processo absolutamente complexo do qual não sabemos muito.

O *Vedanta* não está contradizendo a descrição que a ciência apresenta do mundo. Simplesmente, afirma que toda a representação de informação que está submergida na trilogia massa-tempo-espaço, leva implícita uma condição adicional psicológica na qual o perceptor aparece diferenciado do percebido.

O mundo científico e a representação de seu modelo baseado na massa-tempo-espaço é uma descrição dual da informação.

A descrição do modelo científico do mundo não pode representar com claridade a informação consciente que provém do estado onírico; tampouco pode descobrir os mistérios dos estados de Observação, Concentração e Meditação. Aparentemente, a representação que temos do mundo apenas é uma descrição de toda aquela informação que podemos interpretar mentalmente quando assumimos que a flecha temporal – ou seja, a direção do tempo - vai em direção ao futuro; isto é, quando a flecha temporal gera um sentido de causalidade, circunstância que induz a aparição do estado de Consciência que é próprio do estado denominado de Pensamento.

O *Vedanta*, tal como vem sendo apresentado, aceita este modelo de realidade, mas esclarece que ele é impermanente e relativo, e que produz no perceptor uma condição interior de dor e de sofrimento diante da impossibilidade de ser integrante de algum nível de estabilidade da informação da qual é consciente. Tal como *Buda* afirma, o impulso de diferenciação entre o perceptor e o percebido introduz uma marca de sofrimento, pois se reconhece que a impermanência induz dor psicológica.

O *Vedanta* propõe um modelo de realidade cuja condição primária é a estabilidade, e isto como consequência de que o modelo está associado a uma representação da informação carente de dualidade.

---

12 A *velocidade*, por exemplo, é espaço percorrido pela unidade de tempo; a *aceleração* é velocidade pela unidade de tempo; a *força* é massa pela aceleração; o *trabalho* é força pelo espaço; a potência é trabalho pela unidade de tempo. No entanto, tanto o tempo como o espaço e inclusive a massa, não são unidades de informação absolutas, pois podem variar dependendo do sistema de inércia de referência que se adote, tal como são demonstradas nas teorias gerais e estabelecidas da Relatividade.

Para isto, assumimos que a informação é por si mesma consciente e sendo assim, ou seja, por ser implicitamente consciente, pode conhecer-se a si mesma sem a necessidade de que uma porção da informação denominada de «perceptor», seja o agente ativo do conhecimento a respeito da porção restante da informação denominada de «percebido».

Com a adequada educação mental associada ao processo da cognição, se é possível anular a fronteira dual estabelecida pelos hábitos mentais da percepção dual e induzir uma nova modalidade de representatividade do universo, onde o perceptor é não-diferente daquilo que conhece.

A este tipo de cognição especial, onde o conhecido é não-diferente do conhecedor, o denominamos de estado de Meditação. O excepcional agente de percepção que conhece enquanto o estado de Meditação acontece, ao qual denominamos de *Atman*, é não-diferente daquilo que conhece, razão pela qual o *Atman* não presume sentido de mudança e nem é influenciado de forma externa a ele próprio pela trilogia massa-tempo-espaço, pois massa-tempo-espaço são informações implicitamente não-diferentes do próprio *Atman*.

Este *Atman*, ao incluir em si mesmo de maneira não-diferente a condição temporal que subsiste no universo, é alheio ao nascimento e a morte. Ao incluir em si mesmo de maneira não diferente a condição espacial que subsiste no universo, é alheio ao crescimento e ao decaimento. O *Atman* representa o Saber, a Consciência e a própria Compreensão; por isto é em Si Mesmo, auto-luminoso; não requer para conhecer-se, de algo externo a Si Mesmo, pois não existe nada alheio a Si Mesmo que se diferencie de Si Mesmo.

Onde fica a condição egóica neste modelo Não-dual de realidade? O «eu», no processo da Meditação, assume um rol não-diferente a respeito das demais informações. Ou seja, o universo inteiro fica incluído no «eu» semelhante a que o «eu» está incluído no universo inteiro. Um exemplo disto é uma gota de água caindo na forma de chuva: Enquanto ocorrer a chuva, cada gota assume uma condição diferenciada. De forma semelhante, enquanto intervir a história na percepção, o perceptor gera uma representação consciente dual, ou seja, diferenciada a respeito do objeto que conhece. No entanto, quando qualquer gota cair no mar, cessam as fronteiras entre ela e a água que formam o vasto oceano. Desta forma, quando o perceptor assume uma condição de percepção carente de história, ou seja, quando conhece a informação que se apresenta na forma de Momento Presente, sua condição egóica perde a fronteira que o diferencia do percebido; ali o perceptor é não-diferente daquilo que conhece.

Meditar é educar a mente na disciplina que a leva a sua própria dissolução.

Desde sempre, os antigos sábios orientais incutiram no estudante buscador da estabilidade interior, um sentido de aproximação especial ao mundo e a si mesmo. O trabalho interior, a leitura e a contemplação da própria mente, quando se realizam de maneira sistemática e organizada, procuram uma especial apreciação da informação que forma o mundo; nasce o sentido de perda egóica na percepção, com a subsequente perda de sentido de diferenciação entre o perceptor e o percebido.

No entanto, o trabalho de representar a informação que constitui o universo de maneira Não-dual é árduo, pois a mente, por hábito, está confinada a perceber a informação de maneira dual. A disciplina interior que leva finalmente ao descobrimento de que sempre temos sido não-diferentes do universo inteiro, requer de uma mente completamente equilibrada, razão pela qual no seguinte *sloka* se analisa a condição da mente e da representatividade consciente que funciona a nível individual.

SLOKA 6

***Budhi parece possuir luminosidade devido ao reflexo da Consciência nele. A inteligência é de duas categorias: uma designada como o sentido do eu* (*ahamkara*) *e a outra como mente* (*antakarana*).**

O intelecto (budhi) possui dois aspectos: um é designado como "egoísmo" (ahamkara) e o outro como mente (o aspecto manas do antakarana). [13]

Budhi, como intelecto, é o suporte da consciência individual. Da mesma forma que uma bola de ferro é um meio para absorver o calor e poder apresentar-se "vermelha", da mesma forma *budhi* é o meio para depositar a consciência individual ou consciência reflexa.

O conceito mais próximo ao que o ocidente denomina como sendo a mente, é denominado no *Vedanta* como *antakarana*, ou órgão interno. O *antakarana* possui basicamente quatro aspectos *(budhi, chitta, manas e ahamkara),* como é apresentado na tabela 3.

Tabela 3
Aspectos do *Antaḥkaraṇa*

Antaḥkaraṇa (mente)	***Buddhi***	Intelecto, o assento da consciência individual.
	Citta	Material mental, memória.
	Manas	Raciocínio. Ou atividade e funções próprias do processo dialético ou pensante.
	Ahaṃkāra	Egoísmo.

Os quatro aspectos de *antakarana* englobam todas as possíveis funções da mente. O *antakarana* (veículo, órgão ou sentido interno) se qualifica como órgão devido a que o consideramos como um instrumento a mais na cognição, semelhante a como podem ser considerado a qualquer um dos sentidos físicos; e é qualificado como interno devido a que a formação material com a qual está constituído é muito mais sutil[14] que as dos órgãos físicos.

Especificamente o *antakarana* é interno a fronteira sensória que delimita o mundo interno do externo. Não devemos esquecer que os sentidos são as fronteiras que delimitam a informação entre o perceptor e o percebido. Também é importante afirmar que os cinco sentidos possuem uma vertente física e outra sutil; ou seja, existe uma contraparte sutil correspondente a cada um dos órgãos físicos. Da mesma forma, o *antakarana*, que está constituído de maneira sutil, possui a nível material uma contraparte física a qual denominamos de «cérebro e funções cerebrais».

Os orientais, acostumados a sutileza em suas descrições, tem introduzido uma série de ideias com as quais buscam apresentar estruturas de informações constituídas por diversos tipos de matéria, uns mais

13 Na versão ocidental de diversos textos, se traduzem indistintamente os termos *antakarana* e *manas* como sendo a mente. Esta ambiguidade nos termos se deve a que o Ocidente identifica o aspecto inteligente da mente com seu aspecto de raciocinar ou pensar, enquanto que a sutil concepção oriental desmembra a mente em quatro aspectos – *budhi* ou inteligência como sendo o reflexo da Consciência, *chitta* ou memória*, ahamkara* ou egoísmo e *manas* ou raciocínio dialético – ao conjunto o denominamos de *antakarana*. Consequentemente, quando em um texto se fala de mente em um sentido global, devemos entender que se refere ao *antakarana*; no entanto, quando se fala de mente no sentido de mente pensante, deve-se entender que se trata unicamente ao aspecto *manas* de *antakarana,* como é o caso deste *sloka*.

14 Na Filosofia *Samkya*, a mente e os sentidos sutis estão constituídos pela mescla dos *tanmatra* (a essência dos cinco elementos) prévios ao processo de quintuplicação, ou seja, a combinação dos cinco elementos sutis que posteriormente darão lugar aos cinco elementos densos: éter, ar, fogo, agua e terra densos. A contraparte física dos sentidos sutis se corresponde com cada um dos cinco elementos posteriores ao processo de quintuplicação: éter com a audição, ar com o tato, o fogo com a visão, a água com o paladar e a terra com o olfato.

sutis que outros. A variável graduação da matéria com as quais são formados os diferentes componentes humanos e cósmicos representa a possibilidade de encontrar constituintes cada vez mais densos na medida em que se realiza o processo de mescla entre os arquétipos primários ou *gunas*. De tal forma, as *gunas*, ou as qualidades primárias da matéria, são os elementos essenciais da criação[15] (ver tabela 4).

A análise cosmológica e cosmogônica oriental – isto é, a descrição que o oriente apresenta ao nascimento do universo e do homem – possui apreciações que são incomuns em nossa tradição ocidental. No entanto, muitas das ideias expressadas através de suas teorias são verdadeiramente interessantes, ainda que a primeira vista nos pareçam completamente distantes e aparentemente confusas. Não obstante, a ideia deste livro não é se aprofundar nelas[16], mas sim, a de dedicarmos em nos aprofundar na representação de como funciona o processo de cognição.

O *antakarana,* mediante seu aspecto *budhi,* é capaz de ser consciente basicamente de duas coisas: «ser consciente de que sou» e «ser consciente de não saber quem sou».

Mediante a primeira opção, a consciência individual é capaz de representar a si mesma como sendo o agente de cognição *(antakarana),* sendo isto o que permite a Consciência identificar-se existindo como um «alguém», como um «eu». Desta maneira, o indivíduo é consciente de existir como sendo o agente de percepção diferenciado, ou seja, como um ente independente daquilo que é capaz de conhecer.

Mediante a segunda opção, a consciência individual é inclinada a representar-se a si mesma como ignorante (devido a «não saber quem sou» e a permitir-se ser consciente do ato da dúvida que funciona no raciocínio, a qual que não leva a nenhuma síntese. A mente pode saber que duvida, ou seja, pode ser consciente da dúvida *(manas),* além de ser consciente de que «eu» duvido *(ahamkara)*.

> O *Vedanta* concede a realidade *Não-dual* a qualidade de ser consciente de algo e simultaneamente, ser consciente de si mesmo, ou seja, de saber e saber que sabe.

Por isto, a atividade de *budhi* é presumida como sendo o reflexo desta realidade Não-dual, já que tal atividade permite ao ser humano ser sequencialmente consciente de si mesmo e do mundo que conhece. A grande diferença entre a consciência individual – suportada por *budhi* – e a Consciência Não-dual, se apoia em que *budhi*, o ato de «saber que sou» é sequencial ao ato de «saber que o mundo é»; isto é, os atos de Auto evidenciar-se e de Evidenciar são sequenciais. Ao contrário, na representação consciente Não-dual, o universo interior é consciente de Evidenciar-se e de Evidenciar de maneira *simultânea*; isto é, o universo e todo o potencialmente conhecível é omnipresente e simultaneamente o perceptor e o percebido.

Consideramos *budhi* como sendo um reflexo da Consciência Não-dual, devido que a consciência individual assume a identificação com um «eu» *(ahamkara)* e com a sua atividade «pensante» *(manas)*. Como veremos mais adiante, esta dupla identificação, por ser de natureza momentânea, apenas existe

15 As *gunas* são as qualidades da matéria; isto é, as condições implícitas que existem em tudo o existente e que constituem o instrumento material de toda potencial criação. São três:

Satva: Qualidade de equilíbrio.

Rajas: Qualidade de movimento e atividade.

Tamas: Qualidade de densificação, cristalização e inércia.

Mesclando-se entre si mediante o processo de quintuplicação, estas qualidades primordiais formam os cinco elementos sutis e densos, os quais formam por sua vez um tipo especifico de universo e a própria estrutura do ser humano.

16 No livro *Quântica e Meditação, Sesha* (www.sesha.imfo), é analisado minuciosamente a formação do universo mediante a comparação das ideias mais abstratas do Oriente com os conceitos mais interessantes da física quântica.

em virtude de uma transitória representação consciente que, por fim, é um reflexo consciente em forma individual com base em *budhi*.

Tabela 4

Representação Cosmológica e Cosmogônica

<table>
<tr><th colspan="2">Universo Coletivo</th><th colspan="2" rowspan="2"></th><th>Universo individual</th><th></th></tr>
<tr><td colspan="2">Īśvara
Prakṛti
As três gunas em equilíbrio
(sattva, rājas y tamas)</td><td colspan="2">O universo é um mar de potencialidade</td><td>Karaṇa-śarīra
Corpo Causal
Ānandamaya-kośa
Envoltura feita de Bem-aventurança</td><td>Causal</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Hiraṇyagarbha
Ovo áureo ou matriz cósmica</td><td colspan="3">Inicio do processo da criação
Sattva, rājas e tamas se mesclam para formar o éter, ar, fogo, água e ar sutis

Nascem os corpos sutis: coletivo e individual: hiraṇyagarbha e liṅga-śarīra respectivamente</td><td>Liṅga-śarīra
Corpo Sutil
Formado por 17 aspectos:
Buddhi (+ citta)
Manas (+ ahaṃkāra)
5 prāṇas, 5 jñānendriyas, 5 karmendriyas</td><td rowspan="3">Sutil</td></tr>
<tr><td>Mahat
Nasce a mente cósmica</td><td>Nasce a mente ou o antaḥkaraṇa como combinação do aspecto sátvico dos cinco elementos sutis

Nascem os jñānendriyas (os cinco sentidos e órgãos de conhecimento) do aspecto sátvico de cada um dos cinco elementos sutis</td><td>Liṅga-śarīra
Vijñānamāyā-kośa
Envoltura feita de Conhecimento, ou corpo de conhecimento
Buddhi + Citta

Manomāyā-kośa
Envoltura feita de Mente, ou corpo astral
Manas + Ahaṃkāra

Audição, tato, visão paladar e olfato</td></tr>
<tr><td>Prāṇa
Nasce o corpo pránico do universo</td><td>Nasce o prana como combinação do aspecto rajásico dos cinco elementos sutis

Nascem os karmendriyas (órgãos de ação: língua, mãos, pés, ânus e sexo) do aspecto rajásico de cada um dos cinco elementos sutis</td><td>Prāṇamaya-kośa
Envoltura feita de Vitalidade, ou corpo Etérico
Prāṇa, apāna, vyāna, udāna y samāna

Mãos, pés, ânus, língua e sexo</td></tr>
<tr><td>Virāt
Universo denso</td><td colspan="3">Pañcīkaraṇa ou quintuplicação

Os elementos sutis se entre mesclam e formam os elementos densos, graças aos quais se desenvolve o universo objetivo no âmbito coletivo e individual: virāt y sthūla-śarīra, respectivamente</td><td>Sthūla-śarīra
Annamaya-kośa
Envoltura feita de Alimentos, ou corpo físico.</td><td>Físico</td></tr>
</table>

SLOKA 7

Pela visão do sábio, a identidade que há entre o reflexo (da Consciência) e o ego, é como a identidade que há entre o fogo e uma bola de ferro (esbraseada). O corpo, estando identificado com o ego (ele que, por sua vez, já se identificou com o reflexo da Consciência) passa a ser uma identidade consciente.

Pela visão do sábio, a identidade do reflexo da Consciência Não-dual (chidaabasa) com o agente da cognição (ego ou ahamkara) é como a identidade do fogo com uma bola de ferro esbraseada. O corpo, encontrando-se identificado com o agente da cognição (com o qual se encontra identificado, por sua vez, com o reflexo da Consciência Não-dual), passa a ser uma entidade individual consciente.

A análise pormenorizada que o *Vedanta* faz da realidade, requer prévia claridade sobre certos conceitos que correspondem ao estudo da Consciência, da mente e geralmente, do mundo interior. Muitos destes conceitos não possuem qualquer semelhança na cultura ocidental, devido a que, o estudo que deles se tem é bastante precário[17].

Identificamos a consciência individual com o termo *chidaabasa*. Assumimos que a consciência individual se manifesta não por si mesma, mas sim, como reflexo, devido a delimitação que *budhi* realiza da Consciência Não-dual. Ser conscientes de nós próprios como agentes individuais implica em «saber» que nós somos e além, em «saber» que o mundo é. O ato sequencial de «saber» e «saber que sabe», como representação Auto evidente e Evidente da informação, é de caráter mais próximo da natureza da consciência individual *(chidaabasa)*.

Chidaabasa, ou consciência individual, induz o sentido de identificação com qualquer dos corpos *(koshas)*[18] que reconhece como existentes. A identificação com os diferentes corpos constituídos de informação diferenciada é identificada como *jiva*. Enquanto que o termo *chidaabasa* implica sentido de consciência, *jiva* implica sentido de individualidade; por exemplo, tenho corpo (corpo físico), tenho vitalidade (corpo pránico), duvido (corpo mental), sei (corpo de conhecimento). A representação mais próxima de *jiva* na terminologia ocidental é a ideia chamada de indivíduo ou a formação individual, quer dizer, a integração individual que compõe corpo e mente.

Chidaabasa (a consciência individual) se assenta na parte do *antakarana* (mente) denominada de *budhi* (intelecto). Quando se fala de consciência individual é preciso referir-se a *chidaabasa*, mas quando nos referimos ao conjunto individual como limitante nos referimos a *jiva*.

Chidaabasa é a consciência do *jiva* (indivíduo).

Budhi é o assento da consciência individual *(chidaabasa)*.
Budhi é o aspecto de *jiva* onde se reflete a consciência individual *(chidaabasa)*.

Temos unificados estes conceitos na tabela 5 para facilitar a sua compreensão.

17 O Ocidente estuda apenas dois estados de Consciência: Sonho e Vigília. O *Vedanta*, ao contrário, estuda, segundo seja o requerimento da análise, quatro estados (Sonho, Vigília, Causal e Não-dual), ou seja, cinco estados de Consciência (Sonho, Pensamentos, Observação, Concentração e Meditação). Isto faz com que o estudo da mente e de suas funções seja muito mais detalhados e profundos no caso do Oriente, o qual implica o uso de ideias que resultam estranhas para a maneira ocidental de desenvolver os processos cognitivos.

18 ***Kosha***, ou ilusórias envolturas que aparentemente delimitam *(upadhi)* a realidade Não-dual. Estas *são:*

- ***Annamaya-kosha***, ou envoltura ilusória feita de alimento, também chamado de corpo físico.
- ***Pranamaya-kosha***, envoltura ilusória feita de vitalidade, também chamado de corpo energético ou etérico.
- ***Manomaya-kosha***, envoltura ilusória feita de mente, também chamado de corpo astral.
- ***Vijnanamaya-kosha***, envoltura ilusória feita de conhecimento, também chamado de corpo de conhecimento.
- ***Anandamaya-kosha***, envoltura ilusória feita de Ben aventurança, também chamado de corpo causal.

Tabela 5

Relação entre a Mente, a Individualidade e a Consciência Individual

Antaḥkaraṇa *(mente)*	***Jīva*** *(individualidade)*	**Consciência individual**
Buddhi	*Vijñānamāyā-kośa*	*Cidābhāsa*
Citta		
Manas	*Manomāyā-kośa*	
Ahaṃkāra		
	Prāṇamaya-kośa	
	Annamaya-kośa	

O «eu» *(ahamkara)* parece conhecer, mas não é por ele mesmo, mas sim, devido a associação da consciência individual *(chidaabasa)*; de tal maneira que o «eu» afirma: «sou inteligente», «conheço», «sou consciente!». O «eu» não possui o sentido de inteligibilidade que a consciência individual *(chidaabasa)* possui por natureza. No entanto, parece que o «eu» conhece graças a identificação tácita que possui com a consciência individual, de maneira semelhante a como uma «bola de ferro>, que ao ser aquecida no fogo, parece que está «avermelhada». Na verdade o ferro não arde por ele mesmo, mas sim, se aquece por associação com o fogo no qual submerge. De forma semelhante, o «eu» não conhece por ele próprio, mas sim, por associação com a consciência individual na qual «flutua».

Por sua vez, a consciência individual *(chidaabasa)* é um reflexo da Consciência Não-dual. O resultado é que parece que existe um agente de percepção que tem consciência própria, quando isto não é realmente assim. Isto seria, por exemplo, como assumir que quem conhece enquanto dormimos é o sujeito do sonho, quando o sujeito do sonho é, na realidade, apenas uma consciência «refletida» do agente de percepção Vigílico. De tal forma, o «eu» *(ahamkara)* não é quem realmente conhece, mas sim, é a consciência individual *(chidaabasa)* em associação ao «eu» que conhece, tal como ocorre na identidade ferro-fogo. No entanto, também não é a consciência individual que finalmente conhece, devido ela ser, por sua vez, reflexo da Consciência Não-dual.

O «eu» *(ahamkara)*, ao possuir por associação um sentido de consciência individual *(chidaabasa)*, se identifica alternativamente com o corpo (sou o corpo), com o *prana* (tenho vitalidade) e com a mente (conheço), assumindo que ele é o experimentador independente do conhecido e induzindo um sentido genérico individual, ao qual se denomina de *jiva*.

Jiva se assemelha ao que no Ocidente denominaríamos de um «indivíduo»

Quando se deseja fazer evidente a condição consciente de um indivíduo, o chamamos de *chidaabasa*, e ao contrário, quando desejamos advertir a condição individualista que perdura no ser humano, o chamamos de *jiva*. No entanto, a fração que determina a individualidade no campo da mente *(antakarana)* a chamamos *ahamkara*. Tantos termos nos levam a confusão, mas quando refletimos a respeito, estes emergem como ferramentas, com as quais fracionaremos a percepção e a cognição ao nível sutil, com que a tradição indiana está acostumada a fazer.

A partir de uma perspectiva dual, tanto a consciência refletida (a consciência individual ou *chidaabasa*), como o indivíduo *(jiva)* se associam entre si como faz o calor ao ferro dotando o metal de uma cor vermelha. Assim, então, a consciência individual ou *chidaabasa* dota ao indivíduo ou *jiva* de sentido de consciência de si mesmo, com a usual opção de que existe identificação personalista com o corpo, com a vitalidade e com a mente e também com o intelecto *(budhi)*.

No entanto, a partir de uma perspectiva Não-dual, nem a consciência individual *(chidaabasa)* ilumina por si mesma a o *jiva* (pois *chidaabasa* é apenas um reflexo da Consciência Não-dual, ou *Kutastachaitania*), nem o próprio *jiva* existe sem o brilho da consciência refletida. Como «nasce» então a criação individualista e a consciência refletida que a alimenta? A solução surge com a inclusão do conceito *maya*: O que percebemos não é a realidade, mas sim, um conglomerado de história que acreditamos conhecer, graças a que, enquanto conhecemos, recordamos a si mesmos existindo. Como «perdura» o sentido de individualidade? Graças ao *karma*, ou seja, devido a que o indivíduo se «projeta ao futuro» constantemente mediante o sentido de intencionalidade nas ações que realiza (sentir-se fazedor da ação, ou seja, sentir que a ação lhe pertence).

SLOKA 8

A identificação do ego com o reflexo da consciência, com o corpo e com a Testemunha são de três classes, que são: natural, devido ao karma (passado) e devido a ignorância, respectivamente.

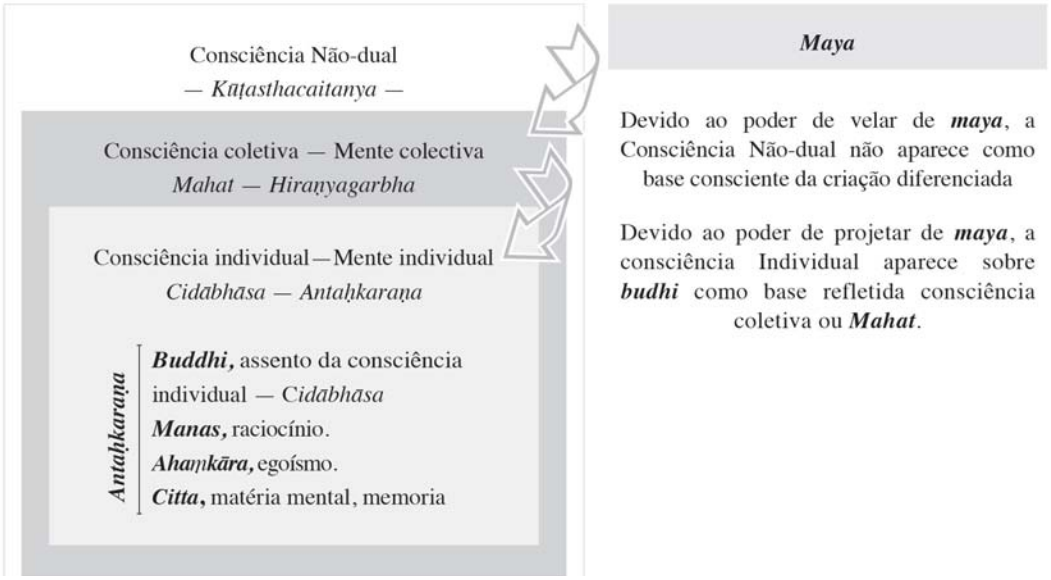
A identificação do ego (ahamkara) com o reflexo da consciência (chidaabasa), com o corpo e com a Consciência não-dual são de três classes, respectivamente: a natural, a devido ao prahabdha karma (karma passado) e devido a ignorância (maya).

A relação entre o indivíduo e sua consciência refletida foi estudada no *sloka* anterior. No entanto, e com o fim de esclarecer o previamente exposto sobre a relação entre *jiva* e *chidaabasa*, é importante analisar que a natureza da mente e da Consciência é tratada de maneira diferente pelo *Vedanta*, distinta de como é feita no Ocidente.

O Ocidente considera que a Consciência é propriedade de «alguém», ou seja, que a consciência é própria de um «eu». No Ocidente, nunca se apresenta e nem se apresentou o fato de que a mente possa perder a sua condição individual. A partir da perspectiva do *Vedanta Advaita*, no entanto, a mente pode assumir qualquer fronteira, inclusive a de ser o receptáculo da informação total do universo diferenciado, situação a qual definimos como *Ishvara*, o deus criador. Além, a relação consciência-mente é muito confusa para o Ocidente, pois não há acordo entre os teóricos a respeito de qual é a prévia, ou se são semelhantes ou ainda quais as funções de uma ou de outra. Para o *Vedanta*, a condição consciente sempre está presente; o universo diferenciado, em si mesmo, é apenas Consciência. No entanto, devido a que a mente determina a fronteira de informação com que se estabelece a percepção, é possível relacionar a informação consciente de «infinitos tamanhos», inclusive relacionar toda a informação de maneira não-diferenciada. A Consciência é como o espaço infinito sobre o qual se infla um balão. A mente é o balão que cresce na medida em que nele introduzimos mais ar. Ao modificarmos a fronteira delimitadora, varia a percepção da realidade gerando apenas cinco estados possíveis de cognição referentes ao objeto e ao sujeito (sonho, pensamento, observação, concentração e meditação). Quando a fronteira desaparece – ou seja, quando a mente deixa de reconhecer informação diferenciada, isto é, quando desaparece a delimitação entre a informação que constitui o balão e aquela diferente dele – então o espaço – que para o nosso exemplo é a Consciência – se reconhece a si mesma como Não-dual.

A consciência refletida pode assumir-se como individual ou coletiva. Ambas, individual ou coletiva, nascem do próprio poder de *maya* – a ignorância primordial – que vela a realidade e projeta uma ilusão. Considera-se que a consciência individual ou *chidaabasa*, como sendo delimitada pela mente individual, especificamente pelo aspecto *budhi* de *antakarana* (veja a figura 3). O sentido de continuidade do aparente reflexo individual que se associa com a mente é produto do *karma*, tal como temos descrito anteriormente e como analisaremos também mais adiante.

Figura 3
Esquema do nascimento da Consciência como sendo o reflexo cósmico ou individual



Enquanto que o limitante individual onde se reflete a Consciência Não-dual é *Budhi*, a nível coletivo o limitante é *Mahat*, ou seja, a mente cósmica. A partir desta perspectiva, a *budhi* pessoal é um dos conteúdos da mente coletiva. Isto é: Assim como a luz pode ser refletida sobre uma ampla superfície d'agua e também em uma gota, da mesma forma a Consciência Não-dual se reflete na mente coletiva *(Hiranyagarba)* ou na individual *(budhi)*. Quando o reflexo acontece na mente coletiva denomina-se de *Mahat* e quando acontece sobre um de seus aspectos – *budhi* – denomina-se de *chidaabasa*.

A identificação, ou seja, a relação entre o conjunto individual *(jiva)* e a consciência individual *(chidaabasa)* ocorre devido a três circunstâncias:

IDENTIFICAÇÃO NATURAL

Da mesma forma que um corpo possui as suas propriedades físicas – como, por exemplo: rigidez, resistência, massa, etc. – que lhe permite interatuar de maneira física, química ou elétrica com outros corpos, igualmente a relação da consciência individual com o *jiva*, e especificamente com sua mente *(antakarana),* faz com que o sentido de «eu» *(ahamkara)* exerça de forma instantânea e natural a condição de propriedade e de identificação entre todas as diferentes informações que a mente adverte.

> A natural atividade do «eu» *(ahamkara)* inspira o sentido de identidade da mente com toda a informação que se encontra em seu meio.

Assim como a Consciência induz conhecimento, e de igual maneira o *ahamkara* gera identificação da mente com o sentido de reconhecimento de si mesma e sequencialmente, daquilo que conhece como objeto.

IDENTIFICAÇÃO POR *KARMA* PASSADO

Percebe-se o sentido de identificação entre o indivíduo *(jiva)* e a consciência individual *(chidaabasa)* graças a que o *jiva*, ao conhecer, introduz informação que é parte de seu passado. Devido a esta informação, recorda-se existindo como um ente possuidor de todos os atributos de individualidade.

> Enquanto a mente advertir informação com sentido de história, necessariamente o «eu» *(ahamkara)* induz um sentido de identificação com o pensamento ou com a ação que se realiza.

Recordar-se a si mesmo existindo-se no tempo ou, o que é semelhante, projetar-se ao futuro, reconhecendo-se potencialmente existente no tempo, isto gera um sentido de realidade individual na relação entre a mente e a Consciência. Basta romper o sentido de história e evitar introduzir na mente qualquer apreciação de comparação dialética entre as informações para que a informação se alinhe de maneira distinta, isto é, assuma uma condição Não-dual.

IDENTIFICAÇÃO PELA IGNORÂNCIA

O fato de reconhecer que a dualidade impera na percepção induz um sentido de unidade de um perceptor a respeito ao percebido. A ignorância primordial – ou seja, *maya* – produz as bases para que a dualidade se considere como existente.

> Enquanto *maya* proceder, a informação sempre adotará uma condição diferenciada.
> É a condição diferenciada que induz uma identificação entre o indivíduo e a Consciência Não-dual.

Enquanto existir em uma percepção qualquer, a relação entre a «forma» conhecida e o «nome» mental que dela se interprete, ou exista uma relação entre o «nome» percebido e a «forma» mental que dela se interprete, a ignorância, em forma de *maya*, induzirá um sentido de dualidade. O reconhecimento de que realmente existimos e que o universo existe ao nosso redor, impulsiona um sentido de identificação entre o indivíduo e seu próprio sentido de consciência que lhe permite Evidenciar (ou seja, reconhecer aquilo que conhece) e Auto evidência (reconhecer a si mesmo).

SLOKA 9

A mútua identificação entre o ego e o reflexo da consciência, que é natural, não cessa enquanto eles forem tomados como sendo reais. As outras duas identificações desaparecem após o termino do resultado do karma, e por alcançar o conhecimento da mais alta Realidade, respectivamente.

A mútua identificação natural entre o ego (ahamkara) e o reflexo da consciência individual (chidaabasa) não termina enquanto estes forem considerados como sendo reais. As outras duas identificações (devido ao karma passado e a ignorância) desaparecem, respectivamente, quando a ação se realiza sem karma (karma yoga) e quando se obtém o conhecimento da mais alta realidade (gnana yoga).

A percepção da realidade se assemelha a um carrossel: em cada instante, o *perceptor e o percebido* mudam as condições de relação mútua, de forma que a cognição varia a cada instante. A referência pessoal cognitiva se sustenta no fato de se assumir que o «eu» é consciente tanto de si mesmo como do comportamento do campo de percepção; ou seja, é consciente de si mesmo e também de tudo aquilo que não é ele. A estas duas condições, as temos denominado de Auto evidência e Evidência, respectivamente.

Dependendo das condições de relação entre o perceptor e o percebido, a condição adota um dos únicos modos possíveis de relação entre ambos, criando desta forma cinco estados únicos de Consciência possíveis (veja a tabela 6).

Tabela 6

Estados de Consciência segundo a relação do Perceptor com o Percebido

Estados de Consciência	Agente de Percepção	Relação do Perceptor com o Percebido
Meditação	*Ātman*	O *Atman* se percebe simultaneamente a si mesmo como sujeito e objeto de cognição em um campo aberto de informação não-diferenciada, constituído por todos os potenciais campos de informação existentes.
Concentração	*Sakṣin*	O *Saksin* se percebe a si mesmo simultaneamente como sujeito e objeto de cognição em um campo fechado de informação não-diferenciada.
Observação	*Exín*	O *Exín* percebe a sua própria ausência de história, mas ainda se mantém a cognição associada a um campo fechado, associada sempre a um campo fechado constituído de informação diferenciada.
Pensamento	*Sujeito*	O *Sujeito* percebe informação na forma de história causal e percebe sua projeção na forma de futuro, associada sempre a um campo fechado constituído de informação diferenciada.
Sonho	*Sujeito onírico*	O *Sujeito onírico* é o resultado de informação na forma de história não causal, associada sempre a um campo fechado constituído de informação diferenciada.

SONHO

Enquanto o *sujeito onírico* (agente de percepção do estado de sonho) conhece associado a um campo fechado constituído de informação diferenciada, toda a informação que sua mente percebe nasce e morre como fazem na praia as cansadas ondas do mar. Edifícios, colossais montanhas e brilhantes sóis se dissolvem ao surgir um novo dia. Toda construção que a mente detecta durante o sonho através do *sujeito onírico,* possui a característica de ser uma momentânea realidade ou, o que é o mesmo, uma momentânea fantasia.

O que é percebido não é estável; tampouco o perceptor. Inclusive, cada noite, quando se insinua o surgimento do *sujeito onírico*, o universo se desenvolve sem que exista necessariamente um padrão que venha da noite anterior. A informação neste estado de Consciência é, todavia mais instável e momentânea que o seguinte estado (o de Pensamento), pois não existe sentido de causalidade entre a informação que forma o mundo e o perceptor; ou seja, o universo que se apresenta a cada noite não tem realidade no próprio estado, nem o *sujeito onírico* tem existência em si próprio.

O *sujeito onírico* não possui relação alguma com os agentes de percepção dos demais estados; na verdade, não há relação alguma entre qualquer um deles, exceto no próprio fato de que parecem reais pela simples razão de que um vestígio de Consciência insufla inteligência a mente enquanto esta processa a informação correspondente a cada estado, situação que imprime um sentido de momentânea realidade a natureza do perceptor e do percebido.

Tanto o *sujeito onírico* como o *sujeito*, o *exín* e o *saksin* são agentes de percepção relativos. No caso dos três primeiros, a dualidade imprime em sua natureza seu sentido característico de mudança e de impermanência; no caso do *saksin*, é unicamente a absoluta plenitude imutável de *Atman* o que lhe evidencia como impermanente. E são, precisamente, a mudança e a impermanência a causa do sofrimento. O que oprime em relação a vida, não é a dor que produz o viver, mas sim, a impermanência que o agente de percepção reconhece em si mesmo e no mundo, no constante carrossel de suas percepções duais.

A raiz da dor é a ignorância; apenas o saber é capaz de
cortar as ligações de dualidade que operam na informação que constitui o universo.

Nenhum desses três mutantes agentes de percepção pode impedir que a identificação com a dualidade viesse a finalizar, devido a que, o desaparecimento de um leva implicitamente ao surgimento do outro que também é parte de uma realidade que se modifica. Tampouco o *saksin* pode estabelecer-se indefinidamente na imutabilidade, pois, todavia há um estado mais pleno e estável; o estado absoluto de *Atman*.

Evidentemente, é a aniquilação do *karma* passado e o reto conhecimento que alcança liberar o perceptor do sentido de diferença que percebe a respeito do percebido. No entanto, tanto a diluição do *sanchita karma*[19] (o *karma* acumulado) como o reto conhecimento que proporciona o *samadhi*[20] surge exclusivamente como consequência do correto discernimento sobre a natureza essencial do perceptor e do percebido; ou seja, provém da experiência fundamental que implica a experiência total a Não-dualidade que se apresenta na Meditação.

Enquanto existir um agente de percepção que vague alternativamente em qualquer um dos três estados de Consciência altamente instáveis[21], a identificação que se mantém nestes estados, entre o indivíduo *(jiva)* e a consciência refletida *(chidaabasa)* levará a que o agente de percepção se reconheça a si mesmo como sendo diferente de tudo o que ele percebe.

Conclusão: é a liberdade que provê o discernimento, que permitirá que o perceptor obtenha uma condição cognitiva Não-dual. O discernimento *(Viveka)* é uma peculiar certeza que provê a Consciência quando não existe a menor dúvida a respeito do que realmente é o Real. O discernimento é a ferramenta por excelência que o *Vedanta Advaita* procura infundir nos estudantes. A mais alta certeza é o conhecimento de *Atman*, é daí que a experiência do *samadhi* desfaz o *sanchita karma* ou o *karma* acumulado durante os éons de existências.

O discernimento *(Viveka)* se manifesta graças a experimentação da ininterrupta condição dos eventos Reais, ou seja, daquilo que fazem parte «do aqui e agora». Uma mente destra no ato de estar constantemente atenta, sem esforço algum ao «o que está acontecendo» desenvolve a qualidade de entender algo Real que está além da própria experiência da história e do futuro. O discernimento *(Viveka)* não é o intelecto ou a qualidade inteligente da qual nos orgulhamos tanto no Ocidente. *Viveka* á a certeza do Real; é a ausência total das dúvidas a respeito da natureza imortal do ser humano; é a compreensão viva que o saber irradia quando a mente caminha pela ausência de fronteiras da Não-dualidade.

Um passo intermediário na procura do discernimento *(Viveka)* é a prática do exercício na realização da reta ação ou *karma yoga*. Na verdade, a ação é inferior ao conhecimento; no entanto, para um estudante com um intelecto inconstante na apreciação do Momento Presente é preciso adestrá-lo na importância da ação como meio de purificação da mente. A partir daí, é que a realização da reta ação e uma ativa responsabilidade diante dos compromissos adquiridos no mundo, sejam eles pessoais ou coletivos, se convertem no meio correto de vida que um dia permitirá florescer o discernimento metafísico ou *Viveka*.

19 A natureza do *karma* tem sido estudada em profundidade no libro *O Eterno Presente, Sesha,* (www.sesha.info).

20 *O estado de «possessão de si mesmo», chamado no budismo tibetano de nirvana, e no zen de satori e no cristianismo de êxtase místico*.

21 Observação, Pensamento e Sonho.

Por nenhuma razão se deve negar a importância da ação; ao contrário: A ação corretamente realizada, a ação destra ou o *karma yoga*, é um meio de purificação da mente. No entanto, a ação, para realizar de acordo com os cânones que o *Vedanta* estabelece como reta, requer basicamente de duas condições: do não desejo de fruto da ação e da ausência de sentido de egoísmo no ato que a executa.

PENSAMENTO

Enquanto o sujeito (agente de percepção do estado de Pensamento) conhece em um campo fechado constituído de informação diferenciada, a informação que consegue detectar se move de maneira inconstante como a água fervendo em uma panela, ou como as agitadas ondas do mar que rompem uma após a outra na margem de um penhasco ao serem levadas por uma tormenta.

O *sujeito* jamais descansa; sua natureza é a mudança, a atividade do movimento. Reconhece facilmente a informação que ocupa um lugar no tempo e toda aquela que ocupa um lugar no espaço. Ele próprio, o *sujeito*, se reconhece como sendo parte de uma engrenagem que evolui para o aperfeiçoamento, mas não reconhece que tipo de perfeição é a sua meta, pois sua natureza apenas pondera o sentido de parte, de limite, de fração, de história.

O *sujeito* acredita que nasce, que cresce, que se reproduz e finalmente morre. É presa do sofrimento; jamais encontra algo percebido que seja estável, que dependa de si mesmo. Vive de suas fantasias futuras, de recordar suas grandes conquistas; teme o que não conhece de si mesmo e se orgulha de saber mais que os outros.

Este medíocre perceptor tem medo de morrer; não sabe qual é a causa de seu nascimento. Julga ser inteligente ao buscar colocar tudo o que conhece em uma equação matemática; no entanto, ao chegar a sua casa, tantos conceitos inteligentes não lhe privaram de não poder suportar a sua solidão ou o seu abatimento por não levar uma vida feliz.

O *sujeito*, quando criança quer ser um bombeiro; quando cresce geralmente deseja ser médico; já quando é maduro quer ser um banqueiro; e quando velho queria ter desejado ser feliz. Nada o acalma; tudo o que conhece lhe produz apenas uma momentânea felicidade. Acredita em Deus, pois supõe que um ser superior sim, pode possuir a paz que a sua natureza humana não lhe prove.

O *sujeito* se modifica a cada instante. Ele não é mais que a momentânea agrupação de memória e que se acredita ser a dona da ação e do saber. De tal forma, que pode em um instante ser abundante no afeto para, no instante seguinte, olhar com desprezo ao seu semelhante. O sujeito aguenta a sua miserável vida graças a ser fiel a um pensamento, a uma meta, a um desejo; em todo caso, a um especial tipo de informação na qual, neste instante, não é participante.

O *sujeito* é destro em viver outra vida que não é a sua, o criticar sem saber o que realmente se passa pela alma daquele de quem fala mal. O *sujeito* se esconde na pobreza que outorgam a força física ou a económica para poder vencer os oponentes que não assumem um rol de vida semelhante ao seu. Também é capaz de matar enquanto fala de Deus, é capaz de torturar crianças e de não respeitar aos idosos. Não tem o sentido da prioridade; sua alma está doente pela miséria e com ela nutre a miséria do próximo. Não sabe ser feliz pela felicidade alheia, nem ser sereno e afável com as conquistas dos outros.

Quanta dor é gerada pelo homem ao viver desta forma! Por acaso não percebe que tanta maldade no final acabará em mais dor em sua própria vida? Quantas lágrimas derramadas sem sentido, quanto sangue humano tem alimentado aos abutres em tantas guerras. O *sujeito* fala de paz quando a guerra

está próxima; fala de cultura biodinâmica quando seu corpo está doente; fala de ecologia quando percebe que o mundo não aguenta a sua depredação.

No entanto, existem tantos *sujeitos* que deram a sua vida e a sua inteligência ao mundo, há tantos poetas que nos fazem rir de amor, há tantas crianças que nos mostram a saúde que provê a sua inocência…!

Ser um *sujeito*, mais que um alívio é uma decepção. Ver o mundo diferenciado que a cada instante se fratura, que a cada momento se transforma, produz uma estranha dor que apenas a busca interior cura. Não buscamos acabar com a dor do mundo, nem com a sua fome, nem com o seu desespero; apenas advertimos que no estado de Consciência de Pensamento o mundo é o resultado de nossos próprios atos, de nossos próprios desejos, de nosso próprio egoísmo. O mundo não será curado com comida; se cura vencendo a ignorância que nos induz a acreditar que somos diferentes uns dos outros, diferentes entre raças, diferentes aos sois e as imensas galáxias.

O *sujeito* é uma primitiva e momentânea forma mental que conhece informação. Sob sua presença todo o vestígio de informação é cíclico, superficial e inconstante. Toda a atividade racional sustentada na dialética provê meias verdades, meias mentiras e incompletas vidas.

OBSERVAÇÃO

Enquanto o *exín* (agente de percepção da Observação) conhece em um campo fechado constituído de informação diferenciada, o universo se divide em duas únicas realidades estáveis: *o perceptor e o percebido*. No entanto, o perceptor *(exín)* se percebe carente de história, semelhante ao que ocorre quando buscamos lembrar algo que está muito além de um tempo histórico manejável. Assim, pois, a observação induz um sentido de vazio de informação a respeito do passado e do futuro.

Quem éramos antes de nascer? Esta pergunta induz um alto sentido de presença no «aqui e agora». Enquanto se busca responder a esta inquietude, emerge a apreciação de um perceptor – um *exín* – que não requer definir-se a si mesmo enquanto indaga, pois se o fizer, passaria ao prévio estado de Consciência: o estado de Pensamento. E por sua vez, o percebido não tem qualquer colorido; é apenas um vazio de «formas» e de «nomes» que formam uma parede escura e sem fronteiras perceptíveis.

O *exín* também emerge, por exemplo, quando estando caminhando por um bosque, nos integramos a magia da beleza de um pequeno caminho cheio de flores ou nas lúdicas sombras que produz as folhagens de uma grande árvore enquanto descansamos ao seu lado. Quem, enquanto caminhava em um bosque, não se converteu momentaneamente em uma árvore, flor, sombra ou nuvem em algum momento de sua vida? Quem não se surpreendeu alguma vez da própria escuridão que preenche o prévio instante ao dormir, quando os olhos descansam no interior e não existe mais o esforço por recordar aos acontecimentos deste dia que finaliza?

A percepção da observação que o *exín* realiza é o bálsamo ao cansaço da mente e ao stress com que o ser humano enfrenta no seu dia a dia. Geralmente, durante alguns instantes, refugiamo-nos no *exín* quando vamos ao cinema e absorvidos, somos testemunhas da magia que o filme apesenta; também quando praticamos um esporte ou quando uma conversa se apresenta agradável. Perceber o mundo sem história ou perceber-se a si mesmo sem história é um processo que descansa a mente.

É comum redirecionar a atenção a um evento que «está acontecendo» com o fim de convertê-lo em ato de fusão momentânea entre *o perceptor e o percebido*. Essa é a magia de atender o momento presente sem pensá-lo. Por acaso, não é gratificante a sensação que perdura ao sair do cinema após um bom filme que monopolizou a nossa atenção durante alguns minutos? Ou também, da atenção viva integrada momentaneamente na realização de um esporte? O universo do *exín* é verdadeiramente

agradável; jamais comparável a percepção de *saksin*, e muito menos a do *Atman,* mas *exín* é um fiel companheiro da vida e do descanso interior.

CONCENTRAÇÃO

Enquanto o *saksin* (agente de cognição do estado de Concentração) conhece toda a informação que constitui o campo de cognição fechado, o *saksin* assume a condição não-diferenciada. Ali o *saksin* descansa nele mesmo, se conhece a si mesmo.

Devido a que as fronteiras que delimitam o campo fechado de cognição[22] são excludentes – ou seja, estão excluídas da percepção e, portanto não podem ser conhecidas – parece que a percepção interior se perde no infinito, semelhante a visão que se confunde na distante escuridão enquanto na noite buscamos as estrelas mais distantes.

Que agradável é esta modalidade de percepção! Que maravilha é perder-se no silêncio que ocorre na ausência da dualidade! Nenhum ser humano poderá equiparar a experiência de *saksin* em Concentração com qualquer outro estado dual que exista na natureza humana. É a doce êxtase em um espaço sem limites, a cálida sensação de ser parte de todas as coisas, a profunda lucidez que acompanha o ato da cognição. É impossível que exista algo no terreno da mente que possa equiparar-se a semelhante liberdade!

O *saksin*, para onde for que ele olhe, para onde for que ele contemple se conhece a si mesmo. Ele é simultaneamente o silêncio e sua ausência, a simplicidade e sua ausência; é liberdade e escravidão, loucura e sanidade, tudo isto sem proprietário. Tempo, espaço e «eu» rompem sua condição antagônica e se entre mesclam como a espuma nas ondas e como as ondas no mar.

O percebido não se distingue diferente do *saksin*; o percebido é o próprio *saksin* em todos os âmbitos do campo de cognição estabelecido. No entanto, sabemos que existe um estado de percepção superior – a Meditação – porque a compreensão que nela se gera quando é experimentada reconhece que a Concentração era limitada e, portanto, relativa.

MEDITAÇÃO

Quando o *Atman* (agente de cognição no estado de Meditação) conhece, tudo o cognoscível é não-diferente de Si Mesmo. A situação é similar a uma gota que cai no oceano: ali a gota perde qualquer fronteira que induza sentido de diferenciação com qualquer outra gota; a gota se identifica com o oceano, que por sua vez, é não-diferente de seus inumeráveis constituintes. Também o *Atman* pode ser representado como o espaço no espaço, em cuja matriz não existe sentido de diferenciação, onde da qual, uma parte qualquer possa apresentar sentido de identidade com o todo.

A estranha sensação que podemos advertir a respeito da experiência do *Atman* no estado de Meditação tem a ver com o fato de que toda a informação potencialmente cognoscível se conhece a si mesma de forma onipresente e simultânea. O universo, com toda a sua graduação de vida e junto com tudo aquilo que tem sido ou será, envolve em uníssono ao perceptor difundindo-o no percebido. A imensa realidade conhecida não se equipara com nenhuma outra condição existente no universo. Todo o universo flui conhecendo-se a si mesmo sem que o *Atman* registre sentido de diferença temporal ou espacial.

22 Para esclarecer os conceitos de «fronteiras» e de «campo de cognição», recomendamos um paciente estudo ao libro *"Os Campos de Cognição", Sesha*, (www.sesha.info).

Ali o amor, o saber, o ser se conjugam em uma expressão não-diferenciada onde as coisas não são percebidas nascendo, nem morrendo, o sentido de mudança – que geralmente registramos mentalmente – cessa, e a vitalidade do ato da compreensão e do amor centralizam cada fração do universo impedindo que ela se catalogue independente e qualquer outra.

O perceptor *(o Atman)*, imerso na própria bem-aventurança é que provê o Saber que tudo É, não encontra fora de si um universo independente de si mesmo. Si Mesmo é o tempo, o espaço e a causa do que nasce e morre. Si Mesmo é o vento, sombra, luz e vida. Jamais o *Atman* deixa de ser o que sempre tem sido; compreende que nunca existiu a dualidade, que *maya* é ilusão e que a realidade sempre permaneceu. No entanto, ninguém fala: «agora sim sei, agora conheço». Ninguém fala e ninguém escuta; mas qualquer som, desde o produzido na galáxia mais distante, até o matinal piar de um pequeno pássaro escondido, são escutados por «aquilo», por este insondável ouvido que está em nenhum local, mas se encontra simultaneamente em todas as partes.

SLOKA 10

O estado no qual (o pensamento de) ego desaparece e o corpo também se torna inconsciente, é chamado de estado de sono profundo. O estado no qual o ego se manifesta pela metade é chamado de estado de sonho. O estado no qual a manifestação do ego é total é chamado de estado de vigília.

No estado de sono profundo (shushupti avasta) desaparecem a manifestação, o ego e a percepção corporal. No estado de sono com sonhos (swapna avasta) o ego é por sua vez o sujeito e o objeto de percepção[23]. No estado de vigília (jagat avasta) o ego (ahamkara) se reconhece como sendo o agente diferenciado daquilo que conhece[24].

O *Vedanta Advaita* normalmente estuda a representação de quatro estados de Consciência, de acordo com o desenvolvimento cosmológico estabelecido na tabela 4. No entanto, é possível também apresentar outros cânones por onde podemos representar as diversas graduações duais através das quais a Consciência Não-dual, por meio de *maya,* se manifesta no universo dual.

Inicialmente, os primeiros autores que buscarão sistematizar o *Vedanta – Gaudapada* e *Govindapada* – apresentarão um modelo de quatro estados de Consciência (ver tabela 7).

Tabela 7
Estados de Consciência segundo *Gauḍapāda e Govindapāda*

Estados de Consciência segundo *Gaudapada* e *Govindapada*	**Agente de percepção associado ao estado**	**Corpo ou limitante**
Turīyāvasthā	*Samādhi*	Não existe limitante
Suṣuptyavasthā	*Prajña*	*Karaṇa-śarīra*
Svapnāvasthā	*Taijasa*	*Liṅga-śarīra*
Jāgradavasthā	*Visva*	*Sthūla-śarīra*

Tanto *turya* como *shushupti, swapna* e *jagat avasta*[25] representam os quatro possíveis estados de Consciência, ou seja, as modalidades de planos de existência onde a Consciência pode iluminar o ato da compreensão. A Consciência, quando se identifica com o corpo físico- *stula sharira* – os dois

23 No caso do sonho, a informação que constitui objeto e sujeito é não-causal.

24 No caso do estado vigília, a informação que constitui objeto e sujeito é causal.

25 A palavra sânscrita *avasta* é traduzida como «estado».

constituintes físicos do mundo, se denomina v*ishva*; quando a Consciência se identifica com a mente ou com os conteúdos do corpo sutil – *linga sharira* – denomina-se *taijasa*; quando a Consciência se identifica com o corpo causal – *karana-sharira* – denomina-se de *pragna*, e finalmente, quando a Consciência se identifica com o estado Não-dual – *turya avasta* – denomina-se de *samadhi*.

Existe outro modelo de estados de Consciência muito mais apropriado para o estudo da impermanente percepção que ocorre no transcurso do processo meditativo, se bem que não se associa tão apropriadamente como o de *Gaudapada* no desenvolvimento da descrição cosmológica ou cosmogónica. O expoente maior deste modelo tem a *Patanjali* como o seu criador. *Patanjali* é o primeiro sistematizador do processo interior da cognição. Onde ele assume quatro modelos de percepção diferentes um do outro, segundo seja a relação entre o perceptor e o percebido (tabela 8).

Tabela 8
Estados de Consciência segundo *Patañjali*

Estados de Consciência segundo *Patañjali*	**Estados de Consciência segundo *Gauḍapāda***	**Estado**
Samādhi	*Turṭya*	Estado Não-dual
—	*Suśupti*	Estado causal
Dhyāna *Dhāraṇa* *Pratyāhāra*	*Jāgrat*	Estado vigílico
—	*Svapna*	Estado de sonho

Os estados descritos por *Patanjali* como sendo *Pratiahara, Dharana* e D*hyana* acontecem no ambiente consciente denominado de vigília. Não existe uma relação absolutamente concordante entre a descrição de *Patanjali* e a que realiza o *Vedanta*, simplesmente porque seus modelos buscam explicar situações diferentes; por exemplo, tanto o sistema internacional de medida (metros, centímetros, etc.), como o inglês (pés, polegadas, etc.) serve de referência a qualquer objeto que se meça; no entanto, as equivalências numéricas entre eles variam. O modelo de *Gaudapada* se faz valer de uma ordem cosmológica sobre a qual está desenvolvido o universo; *Patanjali*, por sua vez, sistematiza as possíveis relações que estabelecem o sujeito e o objeto na cognição até alcançar o *samadhi*, ou seja, um tipo de cognição completamente estável associado ao sujeito e objeto não-diferenciados.

A maior coincidência se percebe na relação que *Patanjali* descreve como sendo o *samadhi*, da qual o *Vedanta* afirma que funciona no estado de Consciência denominado de *turya avasta*.

No estudo do processo da prática interior que faz *Patanjali* não é incluído o «estado de sonho» nem o de «estado causal», pois na realização prática da meditação dormir não é uma conquista, nem existe um intervalo de experiência onírico que sirva de degrau a este processo. Além disto, a prática meditativa jamais termina em um estado de sono sem imagens, semelhante na estrutura do «estado causal». Por isto, é absurdo pretender que os modelos sejam idênticos quando estudamos diversas formas de expressão da cognição.

O Ocidente maneja, por sua vez, um modelo de estados de Consciência muito *sui generis*, onde a percepção apenas é analisada a partir de uma perspectiva muito limitada (veja tabela 9).

Tabela 9

Estados de Consciência segundo o Occidente

Estados de Consciência segundo o Occidente	Estados de Consciência segundo *Patañjali*	Estados de Consciência segundo *Gauḍapāda*
—	*Samādhi*	*Turtya*
—	—	*Sušupti*
Vigilia	*Dhyāna* *Dhāraṇā* *Pratyāhāra*	*Jāgrat*
Sonho	—	*Svapna*

É importante perceber que o Ocidente assume o «estado de vigília» sem as três variáveis que *Patanjali* valoriza: *pratiahara, dharana e dhyana*[26]. No entanto, algumas disciplinas ocidentais assumem que sob certas circunstâncias, pode existir uma modalidade de percepção que são qualificadas como: *expansão de consciência ou estado alterado de consciência,* e que, finalizando, não apresenta atualmente nenhum sinal de sistematização.

No entanto, com o fim de ocidentalizar o estudo da percepção na prática meditativa e utilizando para isto as teorias orientais como base e as concepções fundamentadas do *Vedanta,* se é possível, tal como temos realizados em todas as obras precedentes[27], estimar cinco estados de Consciência que, junto com o estado de *Samadhi*, qualificam e sistematizam com absoluta clareza os diferentes estados pelos quais todo estudante percorre cada vez que busca realizar sua prática de meditação (veja tabela 10).

Estes cinco estados de Consciência, mais o *samadhi*, correspondem em um todo com os estados de Consciência da visão de *Patanjali*. A única diferença é a inclusão dos estados de pensamento e de sonho, que tem por finalidade outorgar-lhes uma ordem dentro de todo um esquema coerente de percepção.

Tabela 10

Sistematização dos Estados de Consciência

Segundo *Sesha*	Segundo *Patañjali*
Samādhi	*Samādhi*
Meditação	*Dhyāna*
Concentração	*Dhāraṇā*
Observação	*Pratyāhāra*
Pensamento	—
Sonho	—

26 Ver no *Sloka* 9 os estados de Observação, Concentração e Meditação, correspondentes *a pratiahara, dharana e dhyana*, respectivamente.

27 *La Búsqueda de la Nada, El Eterno Presente, La Paradoja Divina e Los Campos de Cognición, obras todas escritas por Sesha* (www.sesha.info).

Nenhum dos três modelos orientais possuem contradições; simplesmente,
adequam um número de estados de Consciência de acordo ao tipo de análise cognitivo que realizam.

É conveniente lembrar que quando se estuda a Consciência usando como base a representação causal do desenvolvimento da formação do universo[28] e do indivíduo, geralmente é muito prático analisar a testemunha da percepção associando-a aos corpos que aparentemente a limitam.

A partir desta perspectiva cosmológica-ou seja, sujeita a tornar-se temporal – se assume um instante onde as *gunas* (qualidades da matéria) estavam em equilíbrio. A este momento específico da criação é identificado como sendo o universo causal ou *prakriti*. É denominado de causal devido a *prakriti* levar em si todas as bases dos «nomes» e «formas» que formarão o subsequente universo. Causal, assim como a uma semente de laranja é potencialmente uma infinidade de outras coisas: árvore de laranja, madeira para lenha, sombra para pessoas, dinheiro pela troca dos frutos, alimento, ninho para pássaros, etc.

Analisando o agente de percepção a partir desta apreciação cosmológica e associado ao estado causal, vemos que no estado causal a Consciência induz ausência de sentido de sujeito, semelhante a quando o indivíduo cessa de pensar enquanto dorme. Ali nesta modalidade de existência, há Consciência, mas não funciona nenhum tipo de testemunha da percepção.

É possível entender o estado causal graças ao que ocorre a uma pessoa quando esta desmaia; se logo ao despertar lhe perguntarmos «O que se passou?», ela responde «Não sei, não me lembro de nada». É absurdo assumir que o indivíduo não exista enquanto permanecia desmaiado; simplesmente, havia momentânea perda de sentido egóico; o sujeito se converteu temporariamente em uma potencialidade de existência, mas não em ato de existência.

O estado causal implica em uma modalidade de existência carente de egoísmo, na qual o universo está em potencialidade de ação, mas permanece ignorante de sua própria existência. A tradição *Vedanta* assume que *Ishvara,* o Deus criador, é o regente deste tipo de realidade; ou seja: denomina-se *Ishvara* a inteligência – pois existe uma ordem no estado causal – de uma realidade existente unicamente em potencial.

SLOKA 11

O órgão interno (antakarana) – que, em si mesmo, é apenas uma modificação (vriti) – ao estar identificado com o reflexo da Consciência, imagina (varias) ideias no sonho. E o próprio órgão interno no estado de vigília (estando identificado com o corpo) imagina os objetos como externos a ele devido aos indriyas.

No estado de sono com sonhos, a mente (antakarana), graças a que está dotada da luminosidade da consciência individual (chidaabasa), se identifica com a memória (chitta) e imagina as ideias. A própria mente (antakarana), no estado de vigília e devido a identificação com o corpo, imagina os objetos externos que são detectados através dos sentidos (indriyas).

A partir da perspectiva ocidental, se considera que a mente possui a condição natural de conhecer. A partir desta representação, a mente, devido ser um instrumento de cognição, impulsiona o sentido de saber que é próprio da Consciência.

28 Isto é o desenvolvimento de *prakriti* nos elementos sutis e densos, tal como se descreve na tabela 4, *sloka* 6.

Para o *Vedanta* o modelo cognitivo possui outra especificação: A mente é um instrumento de cognição, como assim são os sentidos físicos; mas, diferente deles, a mente é um instrumento interno em relação a fronteira sensória, razão pela qual é denominada de *antakarana* (instrumento, veiculo, sentido ou órgão interno). Neste modelo cognitivo, a consciência individual é considerada como uma realidade reflexa ou individual, como a uma chispa que salta de uma chaminé devido ao fogo que consome a madeira ou como pode ser o espaço de uma habitação em relação a toda a casa.

A consciência individual então possui, a partir da perspectiva do *Vedanta*, duas condições inatas: o auto-reconhecimento pelo perceptor e conhecer o percebido. A estas duas formas de representação cognitiva dual, que em essência formam qualquer modalidade de representação mental, as denominamos respectivamente de Auto-evidência e Evidência.

A essência do verdadeiro saber não atende a busca do que forma o perceptor ou o percebido, ou quais são as suas causas, as suas características ou os modelos matemáticos através dos quais se relacionam. O verdadeiro saber consiste na clara compreensão da inter-relação entre o conhecedor e o conhecido, ou seja, consiste no claro reconhecimento da não-diferença entre o perceptor e o percebido.

> A mente, como instrumento de percepção, é o que determina, devido ao ato dialético,
> o sentido de diferenciação entre o perceptor e o percebido,
> criando um sentido dual de Auto-evidência e Evidência.

A mente *(antakarana)*, que em essência é memoria *(chitta)* em movimento *(manas)* com sentido de propriedade *(ahamkara)*[29], induz uma relação equivocada entre aquilo que percebe no Momento Presente e os conteúdos prévios nela existentes. Na mente, devido ao hiato entre o conhecido pelo intelecto no passado e a informação que é parte do Momento Presente, se induz uma sobreposição da irrealidade dual sobre a realidade Não-dual, com o subsequente desdobramento da informação na forma de uma representação mental de passado, presente e futuro, todos eles diferentes.

No entanto, a mente *(antakarana)* tem a possibilidade do conhecimento que é próprio da consciência individual *(chidaabasa)* graças a que um estrato do próprio *antakarana (budhi)* é capaz de servir de base ao brilho da compreensão que outorga o saber Não-dual. A *budhi*, como aspecto do *antakarana* que suporta o brilho da Consciência e que contém como compreensão individual o saber que a mente lida, é semelhante ao brilho da lua cuja luminosidade não é própria dela, mas sim do sol.

A saída para uma cognição correta consiste, então, em que a mente possa conhecer sem intermediação histórica, ou seja, que a mente contemple o mundo sem defini-lo pelo intelecto. Consiste definitivamente, que o «eu» *(ahamkara)* não seja distinto daquilo que conhece, de tal modo que a Consciência seja a testemunha de si mesma e não as estruturas transitórias da memória que afloram na forma de pensamentos.

> A condição de reconhecimento da consciência individual conhecendo-se a si mesma
> converte o perceptor em objeto de percepção, razão pela qual se estabelece
> uma modalidade de cognição Não-dual.

Permitir a cognição sem que haja requerimento histórico – ou seja, perceber o mundo interno ou externo sem a intervenção da memória – outorga a informação uma nova realidade: a realidade Não-

29 O sentido de movimento ou agitação da memória *(chitta)* é denominado de *manas*; o sentido de propriedade, de possuir ou de «egoísmo» desta informação que constitui *chitta* é denominado de *ahamkara*; a quietude de *chitta* é denominada de *budhi.*

dual. A partir desta perspectiva, o observador perde a condição de localização espacial e temporal em relação ao conhecido, fundindo-se em uma compreensão única e maravilhosa carente de diferenciação.

É importante notar que a informação que a mente pode experimentar possui dois contextos: interno e externo. A fronteira sensória é o limite que o *Vedanta* estabelece como a fronteira entre a informação interna e a externa. Toda a informação na qual intervenham os sentidos físicos – como o som do motor do carro, o brilho de um final de tarde, o toque na pele, etc. – é considerado como sendo informação externa.

Por sua vez, toda informação que não requer da intermediação sensória, ou seja, dos sentidos físicos, é considerada como sendo informação interna, tal como os sentimentos, as emoções, as paixões, as lembranças, etc.

O *Vedanta* considera que tanto a informação externa – que requer de intermediação sensória – como a interna – que não requer de intermediação sensória – como sendo informação essencialmente Não-dual.

Ou seja, a dualidade finalmente se desvanece quando a Consciência adverte que se aquieta a condição agitada da mente, de forma semelhante a quando o vento deixa de soprar sobre a superfície de um lago. Ali cessa o influxo de dualidade, semelhante a quietude superficial do lago, graças a ausência do vento, não gera nenhuma onda que origina diversificação dos reflexos solares.

A informação diferenciada apenas existe na caleidoscópica agitação da mente.
A atividade do *antakarana* leva a diferenciação da informação,
ou seja, imprime a cognição de um perceptor diferente daquilo que conhece.

A mente, ao pensar, adota a forma do percebido. Não existe um objeto real por si mesmo, nem tampouco existe um sujeito real por si mesmo. Pensar implica em recordar; dualidade implica em pensar. Assim, a dualidade entre o perceptor e o percebido emerge da condição flutuante da mente, da atividade racional que requer comparar a informação que acontece no Momento Presente com o conteúdo previamente existente na memória.

A Meditação é uma modalidade de compreensão na qual o perceptor não induz representação histórica comparativa. Desta forma, o perceptor se conscientiza que Si Mesmo, o *Atman,* não é diferente daquilo que conhece, sem importar a região de informação que se estabeleça.

SLOKA 12

O corpo sutil – que é a causa material da mente e do ego – é uno e é de natureza insensível (inanimado, inconsciente). Ele continua nos três estados, nasce e morre.

O corpo sutil (linga sharira), é a causa material da mente (antakarana) e do ego (ahamkara), é uno e não possui consciência por si mesmo. O corpo sutil (linga sharira) assume estes três estados de Consciência (sono profundo, sono com sonhos e vigília), nasce e morre.

Qual é a origem da dualidade entre o perceptor e o percebido? A diferenciação realmente não está acontecendo; a diferenciação apenas ocorre quando a mente introduz sua condição dialética no processo da cognição e pergunta, por exemplo: «Qual é a origem da dualidade entre o perceptor e o percebido?».

A mente está submergida em um turbilhão de informações que fluem com sentido de tempo e de espaço. Qualquer evento pode ser catalogado associando-se ao tempo e ao espaço. No entanto, tempo

e espaço são condições que sustentam o ato diferenciador que promove a mente; de fato, não são mais que pensamentos criados pela mente.

O universo adota certa realidade e tem sentido como sendo algo independente de quem o observa no mesmo instante em que surge um agente de percepção que possui sentido de propriedade sobre si mesmo. Enquanto a cognição ocorre sob parâmetros relativos, a informação se adequa a peculiar forma de realidade do agente (uma realidade apenas aparente), tal como se adequa ao sonho para representar um universo com suas peculiares condições.

O que melhor define um estado de Consciência são os cânones de relação entre o perceptor e o percebido. O estranho desse modelo de realidade é que, seja qual for o estado de Consciência no qual se encontra o agente, todas as condições surgem como sendo reais enquanto operem os cânones que este estado define e que caracterizam um universo em particular.

Ao variar os cânones, modifica o estado, ou vive versa; e consequentemente, varia a representação da informação que eles especificam. De tal forma, o universo é como uma realidade de informação constituída, por exemplo, de água, e seja ela na forma de vapor como as nuvens, na forma fluida como o mar ou na forma sólida como a neve; onde jamais a água deixa de ser água. Da mesma forma, a informação assume cinco estados de Consciência sem deixar de ser semelhante informação. São apenas os cânones de relação entre o perceptor e o percebido, circunscritos pelos quatro limitantes[30] básicos, os que desenham uma peculiar forma de realidade que determina um universo com características especificas.

O universo diferenciado existe apenas na mente do perceptor,
dentro das inumeráveis probabilidades que a sua memória possui como opção de combinações.
Maya ou ilusão é assumir qualquer conjunto de combinações prováveis como sendo real.
Avidya ou ignorância é assumir que o conhecimento que prove a consciência individual seja real.

Denominamos de *avidya* (ignorância) o ato mediante o qual a estabilidade da realidade Não-dual se encontra velada diante do fato de experimentar-se mentalmente como uma realidade diferenciada.

Denominamos de *maya* (ilusão) ao fato de assumir que a aparente realidade diferenciada que se experimenta é uma realidade única e existente por si mesma.

Daí então, é que *avidya* se torna a causa dos três estados de Consciência definidos por *Gaudapada*, ou seja, dos estados denominados *jagat avasta, swapna avasta y shushupti avasta*[31]. A partir da perspectiva de *Patanjali, avidya* é a causa dos estados de Consciência de *pratiahara* e *dharana*[32]. A partir da perspectiva dos cinco estados de Consciência que se definem nesta obra, *avidya* é a causa dos estados de Sono, Pensamento, Observação e Concentração[33]. Perceba que todas estas perspectivas representam ideias semelhantes (veja tabela 11).

O leitor não deve preocupar-se pela proliferação de estados de Consciência que surgem das diversas vertentes ou modelos de realidade. Todos eles são semelhantes ao corpo físico, que pode ser estudado por partes – cabeça, tronco e membros -, por sistemas – esquelético, muscular, nervoso, sanguíneo, etc. –, por gênero – masculino e feminino – ou também pela cor, peso, inteligência, etc.

30 Referimo-nos aos limitantes de fronteira, espacialidade, causalidade e interpretação. Eles estão profundamente detalhados no livro - *Paradoja Divina, Sesha*, (www.sesha.info).

31 *Os estados de Consciência segundo Gaudapada (tabela 7).*

32 *Os estados de Consciência segundo Patanjali (tabela 8).*

33 Veja a tabela 10, sistematização dos Estados de Consciência.

Tabela 11
Estados de Consciência produto de *Māyā* ou de *Avidyā*

Gauḍapāda	*Patañjali*	*Sesha*
Turīyāvasthā	*Samādhi*	*Samādhi*
Suṣuptyavasthā	–	–
	Dhyāna	Meditação
Jāgradavasthā	*Dhāraṇā*	Concentração
	Pratyāhāra	Observação
	–	Pensamento
Svapnāvasthā	–	Sonho

Enquanto *Gaudapada* enfatizou no desenvolvimento da Consciência associado ao ordenado estudo cosmológico (ou seja, causal ou associado ao tempo), *Patanjali* buscou a descrição da Consciência a partir de uma perspectiva ordenada segundo as diferentes características da mente.

Assim mesmo, esta obra introduz uma condição semelhante a de *Patanjali,* mas na qual se inclui de maneira metódica o estudo da consciência baseado nas cinco diversas relações existentes entre o perceptor e o percebido, os quais geram cinco estados de Consciência.

A mente *(antakarana),* junto com suas diversas funções, é o instrumento de percepção no qual se assenta a consciência individual. Portanto, a mente, junto com seus quatro modificações – intelecto ou *budhi*, memória ou *chitta*, raciocínio ou *manas* e egoísmo ou *ahamkara* – é como uma sombra que não prove de colorido, mas sim, que opaca os objetos que a luz da Consciência Não-dual ilumina.

A mente por si mesma, não é inteligente, pois se assemelha a lua cujo brilho não é próprio dela, mas sim, que é produzido como um reflexo do sol. A força da compreensão que procura o saber não é própria da mente, mas sim, reflexo da Consciência sobre o limitante *budhi*, que é a função intelectiva ou inteligente da mente *(antakarana)*[34].

SLOKA 13

Maya, certamente tem dois poderes: o de projeção (criação) e de velar. O poder (shakti) de projeção cria tudo, desde o corpo sutil até o corpo denso.

Maya possui dois poderes: o de velar a realidade (avarana shakti) e o de projetar a ilusão (vikshepa shakti). O poder de projetar (vikshepa shakti) cria tudo, desde o universo sutil até o corpo denso.

A teoria de *maya* é uma inteligente ferramenta filosófica que permite indagar a existência e desenhar um modelo de realidade profundamente estranho, mas, resolutamente lógico e interessante. Isto é o que geralmente aportam as grandes teorias, como é o caso especifico da teoria geral da relatividade.

O que implica que *maya* possua o poder de velar a realidade *(avarana shakti)?* Implica que o conhecido é apenas «aparentemente real» enquanto que se vela o autenticamente «real», mas também compensa o fato de que o «real» e a «aparência do real» coexistam, mas nunca se cruzam.

34 Ver figura 3, Esquema do nascimento da Consciência Cósmica e Individual.

O que implica que *maya* possua o poder de projetar *(vikshepa shakti)?* Implica que o conhecido é potencialmente relativo, sem sustentabilidade própria e, portanto, altamente instável; implica que a «aparência de realidade» não possui sustento em si mesma, mas que pode ser conhecida graças a que o atributo do «real» sempre está presente como substrato.

Afirmamos que o universo jamais há deixado e nem deixará de ser o que sempre foi, da mesma forma que o fato de dormir não anula a condição vigílica. O que ocorre, simplesmente, é que a descrição diferenciada do universo restringe a realidade a uma apreciação dual. Da mesma forma, todos os potenciais estados de existência que emergem em forma de perceptor e percebido – segundo uma relação associada aos cinco estados de Consciência – parecem ser reais no exato momento em que a «realidade aparente» do perceptor estimula a percepção.

Afirmamos que o universo diferenciado não existe sem um perceptor que se experimenta diferenciado dele, pois *maya* é a ilusão que possui o perceptor em assumir que o mundo é diferente dele.

Existem realidade e ilusão simultaneamente?

A ilusão possui começo e fim?

A ilusão existe fora da realidade ou está dentro dela?

O que faz com que a realidade induza o nascimento da ilusão e o que faz com que a ilusão se torne finalmente em realidade?

Buscamos solucionar as anteriores inquietudes aproveitando o conceito *maya*. Para isto buscamos uma comparação, um semelhante: Vamos considerar momentaneamente que o «real» é o estado de vigília e que o sonho – mundo onírico - é a ilusão, o «aparentemente real». Responderemos as perguntas a partir de uma nova perspectiva, assumido como base conceitual circunstâncias válidas para nós todos:

1. Ambos os estados são reais enquanto os experimentamos.
2. O sonho possui raiz na vigília; no entanto são distintos, pois o agente de percepção do sonho interpreta seu mundo e o disfruta de forma diferente de como interpreta o seu mundo o agente de percepção do estado de vigília.
3. O sonho nasce da vigília, o sonho morre na vigília.
4. O sonho tem regras físicas e mentais próprias, isto é, possui uma ordem associada a momentânea realidade que se está experimentando. Nesta especial parcela de realidade as coisas são reais, contudo ao recobrarmos a vigília comprovamos que apenas era uma ilusão.
5. Enquanto o sonho segue, o universo de vigília desaparece; e vice-versa.
6. Ambos coexistem, mas apenas são apreciados sequencialmente, jamais simultaneamente.

Bem, agora com estas simples apresentações, buscaremos ver como a mente firma o conceito de realidade e de ilusão, tal como o *Vedanta* busca explicá-lo através da teoria de *maya*. Existe sonho e vigília simultaneamente? Sim, mas experimentar um ou outro estado depende da condição especifica do perceptor e do percebido, ou seja, dos limites que funcionam neste peculiar estado de Consciência. No entanto, a experimentação da vigília requer necessariamente da dissolução do agente onírico. Sem esta condição é impossível despertar.

O sonho possui início e fim? Sim, para quem despertou; e não, para quem dorme. A partir desta perspectiva, o agente do sonho assume que seu nascimento se esconde na noite dos tempos, significa

que depende do que sua representação mental onírica lhe prove. O grande erro do agente onírico consiste em assumir que a realidade de seu estado se sustenta no que ele pode recordar de si mesmo e do mundo. Cada pensamento do agente onírico está imerso na catastrófica condição de assumir que o seu raciocínio é real apenas pelo fato de coincidir cientificamente com a própria experiência e com as demais, ou seja, com as leis físicas próprias e dos outros, isto é, como o que percebe mediante os sentidos e interpreta mediante sua mente.

O sonho existe fora da vigília ou está dentro dela? Existe dentro do estado de vigília, tanto que o universo onírico apenas é uma modificação da própria informação que existe na memória do agente Vigílico; mas, existe também fora da vigília a partir da perspectiva de que o agente ativo da cognição onírica não é o mesmo que no estado vigílico. Consequentemente, o sonho não está fora da vigília, tampouco está dentro; no entanto, não são o mesmo.

O que faz com que a *vigília* induza o nascimento do *sonho* e o que faz com que o *sonho* se torne finalmente em *vigília*? *Sonho e vigília* aparecem como sendo diferentes apenas pela condição dos agentes de percepção imersos em cada estado. O agente é consequência da peculiar forma de experimentar o mundo que conhece; o mundo é o resultado da peculiar forma em que se relaciona o perceptor com a sua memória. Realmente, o *sonho* apenas nasce aos olhos de um agente onírico, pois o agente vigílico jamais vê nascer e morrer o sonho; ele sempre tem estado, está e estará acordado. Para ele, o sonho é apenas uma das múltiplas formações mentais que podem ser lembradas, semelhante as lembranças de seus país, ao falarem de seu nascimento ou das lições da escola, nas quais aprendia sobre a imensidão do universo físico.

Temos aqui, que *maya* é a conexão entre os estados de Consciência; é aquilo que dá sentido ao absurdo e dota como ilusório o que o «eu» ilusório assume como sendo real.

***Conclusão**:* devido a *maya* o Não-dual surge como dual, o dual como real, o real como instável, o instável como irreal. *Maya* projeta o universo em todas as graduações da matéria; mas, enquanto o faz, induz o desconhecimento do perceptor do que é a sua verdadeira génesis, tal como ao dormir o perceptor perde a condição de sua verdadeira origem.

SLOKA 14

A manifestação de todos os nomes e formas na entidade que é Existência–Consciência–Bem-aventurança e que é a mesma que Brahman –como a espuma, etc., no oceano– é chamada de criação.

Brahman, como Existência–Consciência–Bem-aventurança (sat–chit-ananda), sustenta a manifestação de todos os «nomes» e «formas» tal como o oceano sustenta a espuma, o qual é denominado de criação.

A partir do *Vedanta* existem apenas três condições que não possuem raiz em uma causa prévia: Existência, Consciência e Bem-aventurança absolutas *(sat- chit–ananda)*.

Assim como a graciosa pergunta: «O que surge primeiro, o ovo ou a galinha?» leva sempre a uma causa prévia que se confunde em um círculo vicioso, da mesma forma a grande maioria das realidades que percebemos possuem sua raiz em outra realidade prévia. O universo se manifesta profundamente causal, razão pela qual, a partir da perspectiva da ciência, é possível predizer os acontecimentos.

No entanto, o grande dilema de qualquer realidade cuja génesis deriva de outro elemento prévio – como o feliz dilema do ovo e da galinha – reside em que a transformação que adquire em virtude do espaço e do tempo implica em experimentar uma condição de impermanência. O corpo físico, a

mente, assim como em qualquer entidade material ou ideal são impermanentes, ou seja, sua natureza varia dependendo dos inumeráveis fatores que determinam as suas causas.

> O *Vedanta* reconhece que o universo dual, em qualquer de seus fatores constituintes, se transforma, razão pela qual o ser humano se encontra diariamente e a todo o momento com a instabilidade e a impermanência. Esta situação o leva a não saber quem é verdadeiramente ele próprio e acaba em confusão e sofrimento.

Uma visão geral que temos deste mundo mutante e instável é representá-lo no *Vedanta* sob os atributos genéricos de «nome e forma». Todo evento cuja «forma» possui uma representatividade de «nome» na mente do perceptor, é catalogado como dual, mutante, instável. Resumindo: o presumimos como sendo irreal, pois não existe por si mesmo nem permanece inalterável no tempo e no espaço.

«Nome» e «forma» é uma abreviação que usamos para advertir um universo relativo cuja informação diferenciada se transforma a cada momento. Assumimos que o universo de «nomes» e de «formas» evolui para novos «nomes» e novas «formas». A própria criação também pode ser representada como sendo um conjunto de «nomes » e de «formas» que se articulam de tal maneira que oferecem um sentido de momentânea realidade, pois no instante seguinte, aquilo que era enfatizado como sendo válido, se encontra em uma nova condição.

Este universo variável é como um belo jogo, no qual as coisas são reais pelo fato de recordá-las. A atividade dialética que impera na mente introduz a condição do passado na cognição. Desta forma, «nome» e «forma» não são mais que representações mentais de um passado sempre inexistentes a respeito da predominância de um contínuo momento presente.

Conhecer não é relacionar o «nome» de um objeto real ou ideal com respeito a uma «forma» que se encontra na memória. Tampouco conhecer é relacionar mentalmente uma «forma» com um «nome» que repousa na memória. Conhecer é compreender de maneira consciente, sem a necessidade da relação de «nome» e «forma» que precede a atividade dialética.

Figura 4
Ciclo ininterrupto de dualidade

> Conhecer não é saber o ocorrido mediante o ato dialético de pensar, situação que implica história. Conhecer é compreender sem o requerimento da história; implica ser não-diferente daquilo que se conhece.

Segundo indica na figura 4, a mente, com base a seu aspecto *chitta* (memória) e mediante o ato dialético do pensamento *(manas)*, induz o sentido de tempo e de espaço com a simultânea e subsequente apreciação de «nome» e «forma». Ao emergir assim a dualidade, o *sujeito* se experimenta diferente do

objeto. Então o *sujeito* se reconhece pensando-se. Assim, novamente se perpetua o interminável ciclo que deposita o ser humano em um estrato impermanente de realidade.

Sob a apreciação do *Vedanta*, existem três fatores que por sua natureza não são consequências de nenhuma condição prévia, razão pela qual são considerados como sendo reais, ou seja, de natureza Não-dual. Estes são: a Existência absoluta *(Sat)* a Consciência absoluta *(Chit)* e Bem aventurança absoluta *(Ananda)*.

Sat

Prévia a existência apenas há existência. A natureza do efeito tem que ser semelhante a sua causa, razão pela qual o existir não pode nascer da não-existência; Ser não pode ter raiz no não-Ser. Portanto, Ser é a única e exclusiva causa de si mesmo; É e existe por si mesmo.

Se o perceptor se percebe existindo - ou seja, É – não pode adotar sentido de distância de sua própria existência, pois, ao distanciar-se, não seria possível perceber-se existindo.

O que existe possui Ser, o que não existe não possui Ser. Ser é a condição necessária e suficiente de si mesmo; portanto, é uma condição de natureza Não-dual.

Chit

A Consciência induz compreensão, saber. O próprio ato de ser consciente é prévio a qualquer outra condição. A Consciência não pode ser o *objeto* de conhecimento de nenhum *sujeito;* no entanto, é graças a Consciência que o *sujeito* conhece aos *objetos*.

Em qualquer dos cinco estados de Consciência brilha o saber, se apresenta o reconhecimento da existência dos objetos. No entanto, nenhum agente, nenhum *sujeito* pode testemunhar que percebeu a Consciência, e tampouco pode negar que é consciente daquilo que experimenta na forma de *objeto*; no mínimo, não pode negar ser consciente de Ser.

A Consciência brilha por si mesma, o Saber sabe por si mesmo. Ser consciente é saber do mundo e saber de mim. Apenas a Consciência se conhece a Si mesma e apenas depende de Si mesma; ela é Não-dual.

Ananda

A condição mais pura e próxima a Bem-aventurança é o Amor. Nascemos com a possibilidade de amar, ou seja, de romper as correntes que nos induzem a diferenciação. Amar é integrar-se ao amado. Amar é incluir o Amado como parte integrante do próprio perceptor.

Perceba que é possível amar, mas é impossível converter o amor em um objeto de percepção. O amor é indefinível, mas é experimentável; o amor habita antes e além das escuras regiões da razão.

Quando amamos o divino nos esquecemos da condição limitada que a mente oferece e nos transportamos às regiões onde as fronteiras e os limites são como as nuvens que se desprendem em fragmentos.

O sentido natural e espontâneo de integração da informação que constitui o universo em suas diversas graduações representa uma faceta do que é o amor. Apropriamo-nos do amor. Mas, quando amamos, o amor se apropria de nós. O amor é prévio a qualquer condição, o amor não estipula nenhuma fronteira, o amor integra todo o existente em uma realidade Não-dual.

Existência, Consciência e Bem-aventurança são idênticos; portanto, *Brahman*, que é *Satchitananda*, é a fonte e sustenta toda a manifestação, pois todo o manifestado e todo o potencialmente manifestável se origina e sustenta-se no absoluto Não-dual.

Todo pensamento ou sentimento participa da natureza de *Satchitananda*. No entanto, nada daquilo que existe, conhece ou ama pode, enquanto adotar uma condição diferenciada, reconhecer-se como sendo um agente cognitivo estável e permanente da realidade que experimenta.

Quando emergir a Meditação e a mente repousar no suave leito do silêncio de «nomes» e «formas», a informação que constitui o universo se revela como sendo a causa sempre imemorial de todo o existente: *Brahman*, também denominado de *Satchitananda*.

SLOKA 15

O outro poder (de Maya) vela a distinção entre o Perceptor e os objetos percebidos – os quais são conhecidos dentro do corpo – além da distinção entre Brahman e o universo fenomênico – o qual é percebido fora do corpo. Este poder é a causa do universo fenomênico (samsara).

O outro poder de Maya – velar a realidade Não-dual – induz diferenciação entre o perceptor e os objetos percebidos, sejam estes internos ou externos, além de induzir a diferenciação entre Brahman e o universo fenomênico. Este poder é a causa do universo fenomênico.

Antes de prosseguir com os comentários, quero fazer um sutil porem necessário esclarecimento do texto. O estudante avançado pode chegar a perceber uma aparente contradição entre o enunciado deste *sloka* de *Sankara* e o enunciado alternativo que aqui se propõe, isto devido a que *Sankara* expressa que *maya* vela a «distinção» entre o perceptor e o percebido, o enunciado alternativo evidencia que *maya* vela a «não-diferença» entre o perceptor e o percebido. Esta mesma aparente contradição aparece nos sucessivos *slokas*, até o *sloka* 19 inclusive. No entanto, não há contradição, de fato, ambos os enunciados afirmam exatamente o mesmo, se bem que partindo de distintos enfoques.

A origem desta aparente contradição, tem como raiz no poder de ocultação de *maya (vikshepa shakti)* que produz simultaneamente dois efeitos: Vela a distinção entre o Real e o ilusório e também, vela a não-diferença entre perceptor (sujeito) e o percebido (objeto). No entanto, ambos os efeitos são na realidade uno e o mesmo, como explicamos adiante:

A realidade que apresentamos, é que o perceptor é na verdade não-diferente do percebido. O fato de ficar velada a não-diferença entre ambos, produz o surgimento da dualidade, ou seja, de um perceptor e de um percebido diferenciados, cuja natureza é ilusória. Deste modo, desvelar a não-diferença entre o perceptor e o percebido implica necessariamente em distinguir o Real do ilusório: e vice-versa, discernir o Real do ilusório implica necessariamente reconhecer a não-diferença entre o perceptor e o percebido.

Como veremos nos *slokas* que seguem, *Sankara* opta por ressaltar a necessidade de discernir *(Viveka)* entre o Real e o ilusório tanto dentro do corpo como fora dele, o qual implica distinguir interiormente entre *Atman* e *jiva* e exteriormente entre *Brahman* e o universo fenomênico. Isto é muito coerente com a pedagogia com que segue *Sankara* nesta exposição eminentemente teórica. Nós, no entanto, optamos por destacar a Não-dualidade, ou seja, a não-diferença entre o perceptor e o percebido, com base no que nos parece mais valioso, que é aprofundarmos no aspecto prático da realização da Não-dualidade, ou seja, na sistematização de uma prática meditativa funcional e operativa.

Para finalizarmos esta distinção, cabe adicionar a condição Dentro-Fora que apresenta *Sankara*. *Sankara* adverte que Dentro se associa a própria atividade do indivíduo *(viashti)* e Fora tem relação

com o meio coletivo *(samashti)*. E ao contrário, o que apresentamos é que a condição Dentro-Fora nesta obra tem a ver com a informação que se detecta além da fronteira sensória (Fora) ou a informação que se detecta sem a intervenção dos sentidos (Dentro), apresentação que coincide plenamente com a sistematização efetuada por *Patanjali* a respeito da prática meditativa.

A partir da perspectiva do *Vedanta* existem basicamente dois tipos de objetos que a mente do perceptor pode representar: os internos e os externos. Ambas as modalidades de objetos se experimentam como sendo diferentes do conhecedor e juntos formam a dualidade objeto-sujeito que acompanha toda a cognição de eventos diferenciados.

É importante observar que a mente, segundo o estado de Consciência no qual opere, ou seja, segundo a especifica relação entre o perceptor e o percebido, tem a capacidade de interpretar a informação conhecida como sendo diferenciada, mas na verdade a informação é não-diferente. A informação aparece diferenciada aos olhos do entendimento mental, mas na verdade a informação nunca mudou a sua natureza Não-dual.

A diferenciação ocorre exclusivamente na mente do perceptor,
pois a mente é a informação que determina o sentido de diferenciação da informação.

Por esta razão, enquanto o instrumento mental for utilizado para conhecer, o conhecido adotará o colorido de diferenciação próprio do instrumento de cognição, semelhante ao observarmos o mundo com um cristal colorido, que outorga aos objetos um colorido específico de acordo com a cor que impregna o translúcido cristal.

A atividade mental – e especificamente a atividade dialética *(manas),* ou seja, a representação comparativa da informação com uma informação prévia já experimentada – faz com que a memória adote um papel relevante na cognição. Desta forma, a intromissão do passado outorga ao objeto conhecido um colorido de realidade que não é próprio dele, mas sim, que é parte dos conteúdos que formam a história do perceptor.

Portanto, o objeto conhecido não é realmente o objeto em si, pois leva associada informação histórica, ou seja, informação na forma de passado devido a própria atividade dialética. É esta associação o que condiciona a que toda informação que forma o campo de cognição leve implícito o sentido de espaço, de tempo, de diferenciação e de aparência de realidade.

Toda a informação representada sob fatores duais, ou seja,
nas quais exista diferenciação entre o perceptor e o percebido,
o *Vedanta* já denota genericamente como sendo informação associada a «nome» e a «forma».

Assim então, «nome» e «forma» não são mais que a expressão de um mundo que emerge na mente do perceptor, o qual sempre conhece os objetos que já aconteceram, mas jamais é capaz de reconhecer a informação existente na forma de Momento Presente, isto é, associada «ao aqui e agora».

A Meditação é a arte de experimentar a informação Não-dual
que acontece na forma de Momento Presente.

O universo diferenciado – ou seja, a informação dual – se forma graças a distribuição de quatro fatores limitantes, que ao entre mesclarem-se, dão lugar a cinco estados de Consciência constituídos todos eles pela mesma informação, da mesma forma que o ouro forma: anéis, colares, pulseiras ou relógios, sem que nenhum deles deixem de ser ouro (veja tabela 12).

Tabela 12

Desenvolvimento do universo devido a os Fatores Limitantes

Fatores limitantes	Característica	Tipo de informação
Causal	*Karma-Akarma*	Induz sentido de tempo. Os eventos surgem de outros prévios
Espacial	Parte-Todo	Induz sentido de distância. Cada evento ocupa um lugar no espaço
Fronteiras	Dentro-Fora	Induz sentido de diferença, limite, borda ou fronteira entre os eventos.
Interpretativos	«Real-aparentemente real»	Induz sentido de aparente realidade

Resumindo: Semelhante a física quântica, que apresenta a formação da partículas primárias como sendo a inter-relação de *quarks* – cuja natureza material não está ainda estabelecida e que estes são idealizações matemáticas – assim também, se é possível assumir teoricamente que a inter-relação dos quatro limitantes adapta a informação a ser percebida em cinco possíveis estados de Consciência.

Estes cinco estados de Consciência – *sonho, pensamento, observação, concentração e meditação* – formam por sua vez, os cinco diversos agentes de cognição que percebem a informação segundo plano de existência representado pela combinação dos limitantes[35].

A partir da condição dos quatro limitantes, o universo é a soma de informação adimensional. Com isto quero dizer que, o limitante de causalidade/não-causalidade e os limitantes restantes (espacialidade, fronteiras e interpretativo) não são nada por eles mesmos, ou seja, são adimensionais; consequentemente, a informação apenas tem sentido de referência na medida em que a *causalidade/não-causalidade* se relaciona ou não com *parte/todo* (limitante de espacialidade), e/ou com *dentro/fora* (limitante de fronteiras) e/ou com *nome/forma* (limitante interpretativo).

Esta conjunção de informações que formam os quatro limitantes e que por si mesmas e independentemente são adimensionais, acontecem na mente. A mente é a região de realidade onde ocorre a diferenciação.

O *Vedanta* estuda também uma modalidade de formação do universo adequada ao processo cosmológico (ou seja, referente ao aparente processo causal que se formam no tempo), tal como é indicado na figura 3. A partir desta perspectiva, o universo diferenciado – formado pelo poder de projetar de *maya (vikshepa shakti)* – está constituído por três tipos de matéria em função da combinação das três gunas ou qualidades da matéria, elementos estes que estão presentes em toda a criação (veja tabela 13).

Desta maneira, o universo se projeta como um todo formado de informações múltiplas e variadas, todas elas constituídas, seja por quatro limitantes teóricos ou, por três tipos de materiais: causal, sutil e denso. Qualquer tipo de diferenciação é denominado genericamente como «nome» e «forma», pois a mente, para definir qualquer evento, necessita comparar dialeticamente o que conhece («nome») a respeito do conteúdo da memória («forma»); ou inversamente, necessita comparar dialeticamente o que conhece («forma») a respeito do conteúdo da memória («nome»).

Todos os objetos constituídos por limitantes ou pelas graduações de matéria podem ser materiais ou ideais. Todos eles, segundo as teorias do *Vedanta*, estão formados por algum tipo de matéria, seja

35 Está bem apresentada a natureza dos limitantes e dos estados de Consciência no livro: *La Paradoja Divina, Sesha,* (www.sesha.info).

ela *causal, sutil* ou *densa*, ou podem ser representadas com um tipo de informação originada pela particular formação dos quatro limitantes, onde a vida, em todas as suas manifestações, é apenas expressão de informação inter-relacionada.

Esta conjunção de materiais – *gunas, elementos sutis e elementos densos* –
formam as inumeráveis graduações das regiões do universo e dos seres que nele vivem.

Tabela 13
Desenvolvimento do universo conforme os estados da matéria

Estado	Componentes	Características
Causal	*Prakŗti*	As *gunas satva, rajas e tamas* se encontram em equilíbrio. A informação é potencial
Sutil	Éter, ar, fogo, água e terra sutis	As *gunas* se entre mesclam e formam os cinco elementos sutis.
Densa	Éter, ar, fogo, água e terra densos	A informação sutil se entre mesclam graças a quintuplicação ou *panchikaranam*, formando assim os cinco elementos densos

SLOKA 16

O corpo sutil (linga) que existe em estreita proximidade a Testemunha (Saksin), identificando-se com o corpo denso, torna-se o Si Mesmo empírico encarnado, devido a que seu ser é afetado pelo reflexo da Consciência.

A Consciência Não-dual (Kutasta chaitania) estimula a aparição da consciência individual (chidaabasa) refletida no corpo sutil (linga sharira), razão pela qual nasce o indivíduo (jiva) que se identifica com os diversos corpos que são criados pelo poder de projetar de maya (vikshepa shakti).

A Consciência Não-dual *(Kutasta chaitania)* é a representação do ato consciente que impera em *Brahman*, o Absoluto Não-dual. *Brahman* (o Absoluto Não-dual) e *Kutasta chaitania* são descrições que aparecem como sendo diferentes a interpretação mental de um indivíduo, mas essencialmente são uma mesma realidade: Brahman é o agente não-diferenciado que simultaneamente é o conhecedor e o conhecido de toda a informação potencialmente existente no universo e *Kutasta chaitania* á a Consciência deste agente.

O *Vedanta* sempre busca definir meticulosamente as ideias que representam as ordens mais abstratas da realidade. Por isto, é preciso entender que cada palavra busca expressar uma função ou uma atividade única que funciona no universo. *Kutasta chaitania* se usa como denominação da Consciência Não-dual, de igual maneira que *chidaabasa* se associa a consciência reflexa ou consciência do indivíduo *(jiva)*.

Do mesmo modo, denomina-se de *Brahman* o agente que experimenta a Consciência Não-dual e se define a *jiva* como o agente que experimenta a consciência individual ou reflexa. Ou seja, *jiva* é o agente que é capaz de identificar-se com a informação diferenciada, tanto sutil como densa.

Enquanto o Absoluto Não-dual *(Brahman)* é o agente da Consciência Não-dual
(Kutasta Chaitania), o indivíduo *(jiva)* é da consciência reflexa *(chidaabasa)*.

Então, é possível resumir a relação de *jiva* com o corpo sutil e denso segundo a tabela 14.

Tabela 14

***Jīva* e a identificação com os corpos Sutil e Denso**

Corpo	Envolturas*	Mente	Consciência Individual	*Jīva* (Indivíduo)	Tipo de identificação
Causal	*Ānandamaya-kośa*				Não há sentid de egoísmo
Sutil	*Vijñānamāya-kośa*	*Buddhi*	*Cidabhāsa*	*j ī v a*	*Eu* sei
		Citta			
	Manomāya-kośa	*Manas*			*Eu* duvido
		Ahaṃkāra			*Eu* sou
	Prāṇamaya-kośa				*Eu* tenho vitalidade
Denso	*Annamaya-kośa*				*Eu* tenho corpo

*Envoltura = kosha (sánscrito)

É importante perceber que o *corpo causal* é uma necessidade teórica, nascida do fato de que se deve existir uma condição de potencialidade que é a raiz de toda formação existente no universo. Note como, por exemplo, uma pessoa ao dormir pode desativar a condição pensante e ingressar ao estado causal, ou seja, ingressar ao sono sem imagens. Ali não há consciência de «eu», portanto não existe sentido de individualidade; no entanto, ao despertar, novamente emerge a realidade diferenciada. Deve haver, portanto, uma condição inteligente e consciente, uma realidade, um estado - seja individual ou coletivo[36] - no qual convirja toda a potencialidade de «nomes» e «formas» sem que nenhum «nome» e «forma» possa ser conhecido como diferente por um «eu» que, enquanto durar o estado causal, será inexistente, ou melhor, explicado, indiferenciada.

Toda esta imensa catalogação que apenas temos começado a analisar possui uma finalidade: a de encontrar uma ordem interior que sirva para estabelecer claramente o caminho da prática meditativa.

Vejamos o processo da cognição dual a partir de outra perspectiva que servirá de ajuda ao estudante (veja figura 5).

O *Vedanta* assume que o verdadeiramente real é a Consciência Não-dual, cujo agente é *Brahman*. *Brahman* e a Consciência Não-dual (*Kutasta chaitania)* são idênticos. No entanto, nossa experiência cotidiana – ou seja, a experiência do indivíduo, de *jiva* – é um constante sentido de diferenciação, de dualidade.

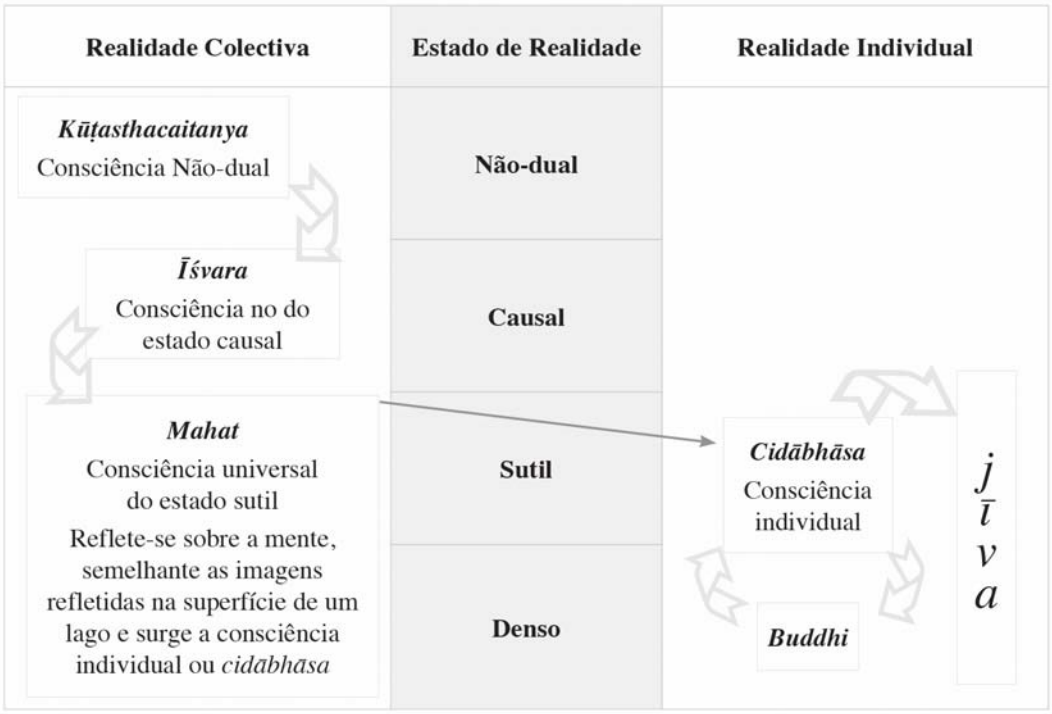
Como combinar semelhante divergência? A resposta é: Assumindo que a consciência individual *(chidaabasa)* é apenas um reflexo delimitado pela mente *(antakarana)* e especificamente pela condição de *budhi* (intelecto). Mas a Consciência universal *(Mahat),* que possui o saber dos universos sutil e denso, tem que possuir uma origem. Tal origem é o universo causal, cuja consciência se associa a divindade de *Ishvara*.

Ishvara possui causa em alguma outra região da realidade? Sim e não. *Ishvara* é a causa eficiente e formal de toda a criação, mas *Ishvara* é parte de *maya*. Ele rege e desencadeia a ilusão de «nomes» e «formas», mas não está submetido a ela.

36 *Ananda Maya kosha e Ishvara, respectivamente.*

Figura 5

La Conciencia Individual como reflejo de la Conciencia Universal



Qual é a saída ao dilema da percepção dual, sendo que inclusive o próprio *Ishvara* é parte de *maya*? A solução reside em tentar, mediante a prática da Meditação, um tipo de percepção que exclua a presença diferenciadora do *antakarana*; ou seja, a saída consiste em evitar que a Consciência seja refletida sobre qualquer aspecto delimitado da mente[37], alcançando assim que a Consciência sirva de sustento a uma cognição que simultaneamente adote o papel do perceptor e do percebido. Quando isto ocorre, aquele conhecido e aquele que conhece não se diferenciam da própria Consciência, que é o suporte da cognição.

Quando esta modalidade de cognição simultaneamente evidente e auto evidente – e, portanto, Não-dual – opera em um campo limitado, ou seja, quando a informação aparece como não-diferenciada em uma região qualquer, denomina-se de Concentração.

Quando a modalidade de cognição Não-dual opera sobre toda a informação potencialmente cognoscível, ou seja, associada a um campo de cognição aberto, denomina-se de Meditação.

O processo da representação cognitiva do *Vedanta* possui por fim um método que serve para desfazer a aparência de realidade diferenciada que a mente gera, devido a que a mente sempre representa a informação de maneira dialética.

SLOKA 17

O caráter de um Si Mesmo encarnado (jiva) também surge devido a falsa sobreposição em Saksin. Ao desparecer o poder de velar, a diferença (entre o observador e o objeto) fica clara e com isto o caráter jivaico (ser individual) de Saksin desaparece.

O jiva (indivíduo) aparece devido a falsa sobreposição de maya, ou seja, pela projeção da realidade Não-dual sobre a ilusória consciência individual (chidaabasa). Ao desaparecer o poder

37 Especificamente, sobre a condição intelectiva de *Budhi.*

de velar de maya (avarana shakti), a diferença entre o perceptor e o percebido cessa e com isto, a ilusória projeção da natureza de jiva (indivíduo) desaparece.

O universo é apenas uma construção de «nomes» e «formas» cuja origem é inexplicável, ou seja, não possui início, pois a sua natureza diferenciada é realmente inexistente. A aparente consistência do universo tem raiz no fato de que a informação que dele se processa possui sentido de causalidade, ou seja, parece que flui no tempo vindo do passado e evolui para o futuro; também se sustenta no fato de que parece que existe em um espaço infinito e ilimitado que possui realidade própria. Na realidade, no entanto, nem o tempo e nem o espaço são realidades absolutas, mas sim, são apenas realidades relativas ao próprio sentido de existência de um «eu» ou agente de percepção.

O «eu» possui origem em *maya* e seu sentido de permanência encontra-se no *karma*.

Portanto, é assim que se resulta impossível encontrar uma atividade, circunstância ou entidade que seja a causa do universo. A partir deste ponto de vista, o universo é infinito, mas limitado para qualquer agente de cognição, e justamente ao contrário da célebre afirmação de Einstein[38]. É infinito, pois cada estado de Consciência é infinito enquanto a quantidade de eventos que se é possível de perceber e pela quantidade de informação que o constitui; mas, no entanto, é limitado, pois cada estado se encontra limitado pelos restantes estados de Consciência e além, pelas condições nas quais a informação é percebida em função da relação existente entre o perceptor e o percebido.

Analisaremos adiante estas duas afirmações.

Em cada estado de Consciência o agente de percepção pode ter a informação representada mentalmente tendo como base infinitas probabilidades. Ou seja, o agente é suscetível em perceber infinidades de eventos, sejam eles ideais ou materiais. É algo semelhante ao que ocorre com a série de números decimais, onde se usam dez números com os quais, por adição ou por subtração, se é possível formar qualquer quantidade numérica até o infinito.

No entanto, cada estado de Consciência é limitado, pois nenhum deles – exceto o estado de Meditação – abarca todas as probabilidades da realidade. Isto é semelhante a reconhecer que o conjunto dos números inteiros, ainda que infinito, esteja limitado precisamente a série dos números inteiros, ficando excluída a série dos números fracionais, etc. Assim, o fato de perceber que a informação cognitiva adota cinco possíveis formas de relacionar-se em função de cinco diferentes agentes de cognição – um para cada um dos cinco estados de Consciência possíveis – implica que um estado de Consciência inibe a representação mental de outro devido a condição sequencial da mente. Assim, cada estado de Consciência se altera sequencialmente com os restantes estados, de modo que nenhum agente – exceto o *Atman* – pode perceber tudo de forma onipresente e simultaneamente.

Resumo: O universo é infinito devido ser possível ocorrer infinitos eventos em cada estado de Consciência, mas é limitado devido que a percepção do agente se encontra delimitado pela relação que se estabelece entre o perceptor e o percebido em cada um dos cinco estados de Consciência que pode ser manifestado.

Vejamos agora a outra informação, referente a que o universo de «nomes» e de «formas» não tem início no tempo, mas, como veremos, possui um final.

38 Segundo uma solução da equação de estado de Einstein, o universo é finito, mas ilimitado, pois possui um final enquanto se expande ilimitadamente, semelhante a um balão que é inflado.

É impossível determinar a causalidade do universo, pois o agente de percepção que pergunta pelo seu próprio gênesis e o do universo apenas existem em virtude das especificas condições dos quatro limitantes que perduram no momento de questionar mentalmente a respeito de sua origem.

A condição limitante de tempo possui sentido na medida em que existe um sentido de causalidade nas informações. De não haver sentido de causalidade, ninguém terá a necessidade de pensar de onde vêm as coisas, ou para onde vão logo após as conhecermos. Imagine se um sujeito onírico perguntar a respeito da origem do universo que percebe durante seus instantes de sonho. Para este sujeito, seu universo possui infinitos anos de existência e ele o contempla há muito tempo, tendo como referência o que oferece a sua própria história. Mais próximo da realidade, no entanto, está o fato de que tudo isto – o próprio agente onírico e a própria história deste universo que ele contempla – tem sido criado e um momento na mente sonhadora do agente de vigília e que tudo se desvanecerá ao despertar.

Conclusão: A única realidade que abarca todos os níveis, inclusive aqueles prévios ao nível espaço-temporal ligado a um agente de percepção diferenciado, á a realidade Não-dual.

A realidade Não-dual implica na ausência de «egoísmo» na percepção, mas não nega a própria existência do «egoísmo». O que ocorre é que simplesmente, que na experiência Não-dual o «eu» adota uma condição não-diferente com respeito a *Atman* (agente de cognição do estado Não-dual que ocorre na Meditação). Enquanto se experimenta o estado Não-dual, a mente adota uma condição de potencialidade de diferenciação que inclui o espaço e o tempo; no entanto, a potencialidade de diferenciação é reconhecida por *Atman* sem que ele experimente a ela como sendo diferente de Si Mesmo.

Afirmamos que a realidade Não-dual é a verdadeira causa da existência e que nela a informação adota um caráter não-diferente. No entanto, é inegável a representação dual que a mente presencia do mundo. Em resumo, a informação não pode ser dual e Não-dual simultaneamente, pois a experiência que dela se tem a partir da lógica e desde a perspectiva mental não é esta. Como saída ao dilema proposto, o *Vedanta* assume que a dualidade é apenas aparente, enquanto que a Não-dualidade é permanente. A aparente coexistência de ambas as realidades é validada graças a *maya* (a ilusão), tal como a uma serpente que parece ser real diante da percepção de um distraído caminhante, quando o que existe na realidade, é uma corda no caminho.

Como no exemplo da corda e da serpente, *maya* deve funcionar induzindo que a atividade dialética do perceptor acabe encobrindo a realidade da informação Não-dual (a corda) e projete em sua própria natureza mental uma representação ilusória (a serpente).

No entanto, o grande dilema da cognição se resume no fato em que o agente de percepção, enquanto utilizar a atividade dialética presume que o conhecido seja diferente dele mesmo, ou seja, diferente do conhecedor, da mesma forma que uma serpente ilusória parece ser diferente de uma corda real.

Devido ao exposto anteriormente, o *Vedanta* assume que a saída da qualidade de impermanência que ocorre em toda informação diferenciada – impermanência que inclusive se dá na própria condição de perceptor e em sua relação com o percebido – é uma correta percepção. A solução se encontra em conhecer corretamente quem somos realmente e o que não somos realmente, ou seja, discernir entre a natureza real e ilusória das coisas. A saída, naturalmente, não se encontra jamais em desenvolver um tipo de atividade que por sua natureza intrínseca seja boa ou divina; ou seja, a ação não é em si mesma o meio de liberação da ignorância ou da ilusão que *maya* cria ao envolver a mente e suas atividades.

Diante da impossibilidade de reconhecer pelo intelecto o que somos e isto mediante o processo dialético, o melhor que podemos é afirmar consecutivamente o *que não somos*. A este exercício de constantemente discorrer na negação do conhecido o denominamos de *neti, neti* (não é, não é) e o

resultado final deste processo o chamamos *apavada*: o fim da sobreposição da dualidade sobre a Não-dualidade.

Por outro lado, a ação, enquanto for realizada por um agente de percepção que se experimente diferenciado daquilo que realiza, imprime um sentido de diferenciação na cognição. Quem realiza a virtuosa ação? Eu! o sujeito; razão pela qual qualquer ação virtuosa é apenas uma manifestação das infinitas probabilidades que existem como representações na memória. Por isto, o *Vedanta* não utiliza um rol ritualístico e nem outorga a moral a importância que o Ocidente demonstra. A moral é um jogo perigoso e relativo, onde a religiosidade e a política possuem um fator determinante. Se não fosse assim, as guerras, a fome e a dor humana já teriam sido erradicadas do planeta. Enquanto for de proveito próprio a base do atuar, o valor para o bem comum será colocado em segundo plano.

É importante ressaltar que o saber que busca o *Vedanta* não é o desenvolvimento intelectual de uma mente inteligente que processa eficientemente a informação diferenciada. O *Vedanta* apenas dá valor a um saber real quando estiver associado a qualquer condição de informação – uma árvore, um cachorro, uma nuvem, etc. – na qual o perceptor, enquanto aborda o ato da compreensão cognitiva, se experimenta como sendo não-diferente daquilo que conhece; ou seja, quando o conhecido inclui o conhecedor e o conhecedor ao conhecido.

A Meditação é o meio através do qual se é possível imprimir a cognição uma representação Não-dual. Perceba que há formas de cognição cotidianas, que mesmo em não se aproximarem a Meditação, servem para exemplificar outras modalidades de cognição. Como é o caso de caminhar em um bosque e integrar-se momentaneamente na paisagem; o próprio fato de ver a um filme no cinema e abstrair-se momentaneamente na tela, situação na qual se experimenta um mundo carente de observador diferenciado. O mesmo ocorre no ato de aprendizagem, momento preciso no qual não se adverte um sentido de «egoísmo». Também no fato de concentra-se no trabalho que se realiza cotidianamente, onde o sujeito pode estar inclusive por vários minutos sem ter noção de si mesmo e, no entanto é inegável que exista uma atividade consciente, pois de maneira semelhante a ação se realiza de forma ordenada e eficiente.

Enquanto existir um perceptor diferenciado daquilo que conhece, o universo adota uma condição diferenciada. A partir deste modelo de realidade dual, a informação que constitui o universo não possui um princípio, mas sim, tem um final; ou seja, é infinita, mas limitada.

SLOKA 18

De forma semelhante, Brahman, mediante a influência do poder que oculta a distinção entre Ele e o universo fenomênico, surge como dotado com os atributos de mudança.

O universo fenomênico parece ser dotado de atributo de mudança em virtude a influência do poder de velar de maya (avarana shakti), que vela a não-diferença entre Aquilo (Brahman) e o universo fenomênico

O Ocidente pensa que o universo é real em si mesmo e que existe independentemente de quem o percebe e por seus olhos, a mudança do universo parece ser real, assumindo que a Realidade se modifica.

Para o *Vedanta*, no entanto, *Brahman* (o absoluto Não-dual) é Não-diferente do Universo diferenciado; e devido que no final não é detectável qualquer mudança no absoluto Não-dual, resulta que toda mudança é ilusória, tanto como assim é o próprio universo. Também cabe ressaltar aqui que o *Vedanta*, ao contrário que o Ocidente, não apresenta este modelo a partir de uma hipótese

teórica, mas sim, a partir da evidência vivencial e empírica que resulta o *samadhi,* ou seja, a partir da evidência que resulta da Realização do Absoluto Não-dual.

O *Vedanta* justifica o fato de que a mudança apareça como sendo real baseado na atividade de *maya,* a qual vela *(avarana)* a realidade Não-dual e portanto, a não diferença essencial de tudo o que existe. Esta afirmação busca evidenciar que apenas há uma única Realidade, a qual é Absoluta e Não-dual, se bem que, existem planos ou diversos estados de aparente realidade que são induzidos pelo poder *(shakti)* de velar *(avarana)* e de projetar *(vikshepa)* de *maya* e que se caracterizam pela diferenciação entre o perceptor e o percebido.

A partir da realidade aparente dual (diferenciada) parece que as mudanças são reais e, portanto, poderíamos induzir que a Realidade Suprema se encontra também impermanente. No entanto, desaparecido o poder de *maya*, se vê que realmente não há mudança alguma, pois o espaço e o tempo – que são a referência de todas as mudanças possíveis – são apenas relativos a um «eu», portanto, ilusórios. *Maya* está representada na cognição como o ato dialético através do qual toda sínteses, conclusão ou juízo se produz por um ato por parte do perceptor, de confronto ou comparação de toda a percepção com as ideias previamente existentes em sua memória.

O paradoxo é que, se o Absoluto Não-dual *(Brahman)* é Não-diferente das realidades ilusórias (o universo fenomênico); Como surge a mudança do permanente? Ou seja, como pode nascer de *Brahman* Não-dual o indivíduo dual? Trataremos de resolver este aparente paradoxo neste comentário e nos que o seguem.

Assumir que o indivíduo existe por si mesmo parece ser um fato razoável, mas leva a assumir que os restantes dos eventos também devem existir por si mesmos. Toda a ciência se estabelece sob a presunção de que o observador e o observado apresentam completa independência; se não for assim, deveria existir um aspecto do observador na natureza do observado, situação que ao parecer do científico não ocorre no cotidiano.

No entanto, o fato de definir ao perceptor e ao percebido como sendo realidades independentes, geram incertezas a respeito do que é cada um deles. Por exemplo: O que é o sujeito? É o seu corpo e a sua capacidade vital? É a sua mente? É a sua condição consciente? É por acaso a sua alma?

De todas estas opções, no Ocidente parece que a alma possui um atributo de maior estabilidade. No entanto, qual é a relação entre ela, cuja natureza se supõe estável e as demais condições, cujas naturezas são impermanentes? Como emergem as atividades instáveis da atividade estável da alma? Está subordinado o corpo a alma? Há milhares de perguntas que formam um turbilhão com respeito a este modelo; no entanto, assumir por fé a criação como um ato divino, tampouco é uma saída lógica e nem interessante. As inquietudes são demasiadas grandes para respostas tão simples.

> O *Vedanta*, semelhante a todos os grandes sistemas de pensamento,
> lida em como explicar a relação entre o permanente e o impermanente.

A partir de nossa perspectiva, não é a fé e nem o conjunto de ações virtuosas que oferece uma saída ao dilema do sofrimento e da ignorância. A verdadeira resposta a sede de imortalidade do indivíduo é o Reto Conhecimento. O Reto Conhecimento é uma modalidade de cognição na qual se experimenta os eventos que existem exclusivamente no Momento Presente, ou seja, eventos carentes de representação dialética mental e que, portanto, não possuem a projeção ilusória que possuem os conteúdos históricos.

Alcançar a modalidade de cognição não-diferenciada requer estabelecer uma ordem baseada nos instrumentos dos quais dispomos para conhecer, apresentados na tabela 15.

Tabela 15

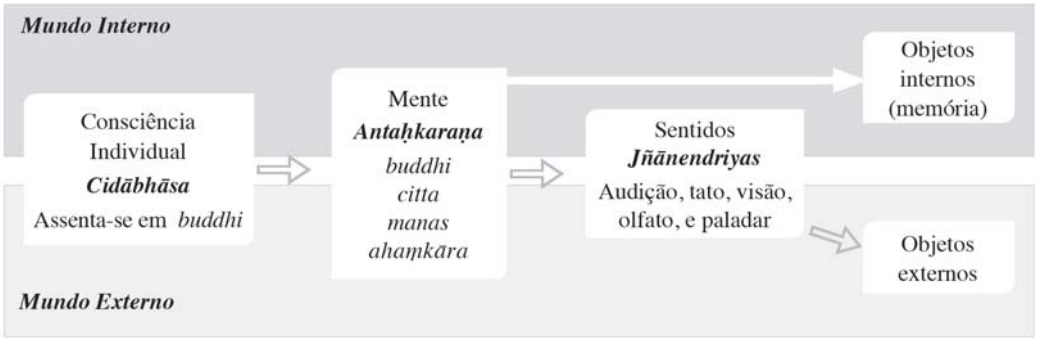
Instrumentos a disposição da cognição

Instrumento	Características
Sentidos físicos	Formado pelos *cinco jñānendriyas:* audição, tato, visão, olfato, e paladar
Órgão interno ou mente	Formado pelo *antaḥkaraṇa:* intelecto *(buddhi),* memória *(citta),* raciocínio *(manas)* e egoísmo (*ahaṃkāra)*

A mente *(antakarana)* é considerada como sendo um instrumento de cognição, mas não é a base da cognição. Ela não é inteligente, não possui luz própria, não possui consciência em si mesma. Sendo assim, o processo cognitivo reconhece dois tipos de objetos de conhecimento (figura 6).

Figura 6

Modalidades de Objetos de Conhecimento



Os objetos internos estão formados de memória e são objetos ideais que podem adotar a condição de pensamentos, sentimentos, emoções ou paixões etc. Os objetos externos formam o universo material que experimentamos.

Tanto os objetos internos como os externos, são interpretados pela mente. No entanto, se diferenciam em que, enquanto os objetos externos requerem da intermediação sensória para serem detectados, os objetos internos não. Toda representação que incluir uma condição consciente refletida – ou seja, que implique a presença da consciência individual - induz uma cognição dual, diferenciada e mutante, cuja representação genérica pode ser definida como sendo associada a «nome» e a «forma».

O *Vedanta* assume que tanto os objetos internos como os objetos externos são em essência não-diferentes do sujeito; ou seja, considera-se que existem objetos internos e externos, mas que todos participam de uma mesma realidade Não-dual

Como fazer com que se promova um tipo de cognição que dilua a modalidade de realidade diferenciada? A resposta se apresenta na seguinte sentença.

SLOKA 19

Também neste caso, quando desaparece o poder de velar, a distinção entre Brahman e o universo fenomênico se torna clara. Portanto, a mudança sempre é percebida no universo fenomênico, mas nunca em Brahman.

A não-diferenciação entre Brahman e o universo fenomênico se faz evidente com o fim do poder de velar de maya. Portanto, a aparente mudança fenomênica é percebida no universo dual, mas jamais em Brahman, o Absoluto Não-Dual.

O que é o fim do poder de velar de *maya*? O desaparecimento consiste na extinção do sentido de diferença entre o perceptor e o percebido. Isto implica que é impossível para um agente individual detectar o desaparecimento «do poder de velar», pois é a própria presença de um agente individual diferenciado que induz ao surgimento da dualidade e, portanto, a presença de *maya*.

Esta definição dos poderes de *maya* – velar a realidade Não-dual *(avarana shakti)* e de projetar uma realidade aparentemente real *(vikshepa shakti)* – busca definitivamente, interpretar o fato de que da Não-dualidade emerge um universo dual provido de sentido de diferenciação, semelhante a que, de uma corda situada a beira do caminho emerge uma serpente inexistente. O *Vedanta* assume que a irrealidade surge por um processo de cognição equivocada; portanto, a solução está em induzir um Reto Conhecimento, ou seja, é preciso procurar o desenvolvimento de uma atividade discriminativa metafísica que faça distinção entre o real e o ilusório. O ilusório corresponde a toda a informação no universo fenomênico que tendo um «nome» possa ser interpretada mediante uma «forma», ou que tendo uma «forma» - seja física ou ideal – possa ser interpretada mediante um «nome». Isto acontece exclusivamente em realidades duais. «Nome» e «forma» é uma elegante maneira de referir-se a dualidade.

A partir da perspectiva Não-dual o universo fenomênico existe, mas igual a como existem, por exemplo, inumeráveis tonalidades sonoras ou cores em uma tela de cinema. No entanto, a informação – em nosso exemplo, sons e cores – é toda ela não-diferente, tal como ocorre no filme de cinema enquanto o absorvido perceptor se encontra difundido em toda tela. Neste caso, o perceptor detecta a multiplicidade de informação, mas não detecta qualquer diferenciação entre ela e ele próprio, devido que não se detecta a si mesmo diferente do resto da informação que experimenta.

Portanto, a Não-dualidade não excluí a existência de múltiplas informações, inclusive de infinitas informações, simplesmente a ausência de um perceptor diferenciado da informação que se conhece, desfaz o sentido de dualidade. O sentido de dualidade como apreciação sujeito-objeto existe apenas quando o sujeito se experimenta diferenciado do que conhece ao mediar o processo dialético.

O fato de que a informação é essencialmente consciente – graças a que o ato consciente é prévio a própria informação – nos induz a inferir que o universo sempre possui e possuirá a impressão consciente, ainda quando não haja um indivíduo diferenciado como mediador, tal como ocorre no exemplo do filme de cinema.

Portanto, a informação é finalmente Consciência, mas a Consciência não é informação;
ou seja, a informação «é algo» ou potencialmente «é algo», mas a Consciência «É», sem mais,
independentemente de que a mente a reconheça como «algo» ou como potencialmente «algo».

É paradoxo que a partir da perspectiva Não-dual não se experimenta um sentido de mudança na informação, enquanto que a partir da referência dual o universo se experimenta como um infinito de diferenciação. O agente Não-dual – o *atman* ou, a nível coletivo, *Brahman* – vê o indivíduo *(jiva)* navegar através do oceano da morte e nascimento físico e mental; mas ele, a si mesmo, não se reconhece nascido nem morto, nem em mudança e nem evoluindo. *Brahman* se experimenta inalterável, imutável, não-manifestado e sempre não-diferente (veja a tabela 16).

Tabela 16

Alguns termos semelhantes associados a Não-dualidade e Dualidade

Não-dualidade	Descrição
Brahman	Representação Não-dual da Realidade Absoluta
Ātman	Representação Não-dual da Realidade Individual
Kūṭasthacaitanya	Consciência de *Brahman* ou Consciência Absoluta Não-dual
Jīva	Representação genérica da condição individual
Cidābhāsa	Consciência de *jiva* ou consciência individual
Nome e Forma	Representação genérica da dualidade

Quando o poder de velar de *maya* se extingue – ou seja, quando cessa o sentido de diferenciação com aquele que a mente detecta a informação – o universo, graças a condição consciente da natureza essencial Não-dual da informação, adota uma nova condição de realidade onde ele próprio, de maneira simultânea e onipresente, é objeto e sujeito de percepção.

Enquanto existir *maya*, os poderes de velar *(avarana shakti)* e de projetar *(vikshepa shakti)* estarão presentes. Desta forma, a informação que constituí a realidade pode assumir diferentes posições e construir diversos universos de realidade, tal como é possível edificar pontes, edifícios e maquinas diversas com as mesmas peças de um «lego».

A ideia fundamental que deve ser entendida pelo estudante, é que a atividade multi-dinâmica que opera na realidade dual, é apenas aparente; pois existe unicamente devido a que o perceptor se define através de sua própria história ou a de seu meio. Enquanto existirem árvores, necessariamente o sol fará sombra sobre os caminhos. Enquanto existir o perceptor diferenciado do percebido, existirá a dualidade, a qual pode ser ordenada de cinco maneiras únicas em função da relação entre o perceptor e o percebido, segundo o estabelecido nos cinco estados de Consciência.

Como é possível surgir a ilusão? Como surge *maya* e seus poderes? O que impulsiona o surgimento da dualidade? Estas perguntas tem respostas no fato de assumir que o universo nunca deixou de ser Não-dual e nem tem evoluído a partir de qualquer princípio, e enquanto, a mente, ao não detectar a Não-dualidade, incorrerá nas cansativas perguntas que estão além de sua própria história e portanto, de sua capacidade dialética.

SLOKA 20

Cada entidade está caracterizada por cinco aspectos: existência (asti), cognoscibilidade (vadi), bem-aventurança (pria), nome e forma. Destes, os três primeiros pertencem a Brahman e os outros dois ao mundo.

Cada entidade manifestada está caracterizada por cinco aspectos; a saber: Existência (Sat), Cognoscibilidade (Chit), sentido de Integração (Ananda), «nome» e «forma». Destes, os três primeiros são atributos de Brahman, o Absoluto Não-dual e os dois restantes pertencem a dualidade.

Detectamos um evento fantasioso graças a um ato consciente e o experimentamos como «existente» enquanto o reconhecemos. Assim mesmo, podemos relacionar-nos com ele e integrá-lo como sendo um novo objeto de nosso próprio mundo. Isto é o que ocorre tanto nos sonhos como também enquanto se pensa ou se observa o mundo. Em cada diferente apreciação dos estados de Consciência, tudo se vislumbra «existente» enquanto perduram as condições na qual a informação é «conhecida»; mas, finalmente a informação é toda ela idêntica. O poder de «integração» faz com que o movimento natural da informação construa um sentido de identidade, de unidade, ou seja, que tudo tende a ser uno, mas, não a ser múltiplo.

Estas três condições existem em todo o manifesto:
Existência ou *Sat*, Consciência ou *Chit* e sentido de Integração ou A*nanda*.

Nenhuma destas três condições – *Sat, Chit* e *Ananda* – podem ser determinadas como objetos por um perceptor separado delas. O perceptor é posterior a estas três condições; por isto, nenhum perceptor jamais poderá detectá-las como sendo objetos de percepção, tal como o faz com uma ideia ou com um objeto material; esta é a razão pela qual são tão importantes em nossa análise da realidade.

Em geral, *sat* prove a informação de sentido de existência, de Absoluto. Assim então, a informação pode ser experimentada como diferenciada ou não-diferenciada, segundo seja o estado de Consciência ativo, mas em ambos os casos a informação adota um sentido de realidade, de existência (veja a tabela 17).

Tabela 17
Aspecto *Sat* da realidade Não-dual

***Sat* — Existencia, Seidad**	
Estado	**Característica**
Meditação	Permite que o *Ātman* ou *Brahman* sejam testemunhas de que o ilimitado universo Não-dual seja experimentável como realidade interdependente de Si Mesmo.
Concentração	Permite que *sākṣin* testemunhe a si mesmo como real e não diferente do universo Não-dual limitado que contempla.
Observação	Permite que *exín* se reconheça como agente consciente e diferenciado de um universo também real e existente.
Pensamento	Sustenta a memória como um acontecimento real que se projeta mediante os pensamentos e da realidade experimentável do *sujeto* e dos *objetos* conhecidos, como sendo diferentes entre si.
Sonho	Outorga realidade a memória e permite que se experimente diferenciada como *objeto e sujeito onírico*

Estado de Concentração[39]

Compreenda: Detectamos mentalmente apenas uma realidade do que a mente sugere. Se não for assim, ou seja, no caso de detectar uma nova realidade que também a mente sugere, a anterior se dissipa e a atual prevalece como sendo real. Jamais poderemos detectar mentalmente algo antes de a apresentarmos como real.

O universo se desenvolve e somos então as testemunhas de sua realidade até que esta se dissolva e uma nova realidade diferenciada emerge.

39 O estado de Concentração é limitado por ser parte de um campo fechado, mesmo que, a informação que o constitui seja não-dual. Veja *Los Campos de Cognición, Sesha*.

Jamais detectamos mentalmente o universo antes de se desenvolver como real.
Então a mente o percebe, mas nunca como um evento prévio a sua própria existência.

A partir deste enfoque, é a própria mente que, em sua ação, oculta a realidade Não-dual e filtra a infinita potencialidade da informação para configurar e perceber um universo conforme sua própria semelhança. Na realidade, a mente (*maya*) não projeta nada, não cria nada; apenas filtra a Não-dualidade segundo sua própria imagem e semelhança, colapsando as infinitas probabilidades do Absoluto Não-dual.

Chit implica a atividade consciente, ou seja, a capacidade de conhecimento ou de consciência que surge em qualquer evento existente. «Conhecimento» e «existência» são dois fatores inerentes a vida. Nenhum deles são objetos de conhecimento por si mesmos, mas, são a base da existência e do conhecimento de todas as coisas (ver tabela 18).

Tabela 18
Aspecto *Cit* da realidade Não-dual

***Cit* — Consciência, Cognoscibilidade, Conhecimento**	
Estado	**Característica**
Meditación	O *Ātman* testemunha-se simultaneamente e omnipresente como perceptor e objeto de percepção absoluto.
Concentración	O *sākṣin* testemunha-se simultaneamente e omnipresente como perceptor e objeto de percepção dentro do campo fechado que sua cognição estabelece.
Observación	O *exín* se percebe existindo de maneira diferenciado dos objetos que estão acontecendo.
Pensamiento	O *sujeito* se experimenta sequencialmente consciente de si mesmo e consciente do universo diferenciado.
Sueño	O *sujeito onírico* se experimenta sequencialmente consciente de si mesmo e consciente do mundo onírico enquanto dorme.

Todo evento apenas «existe» se é «conhecido»; prévio a conhecer, um objeto é apenas potencialidade de existência. No entanto, a potencialidade de existência é uma modalidade de «conhecimento». Assim, todo evento se vê «existindo» quando se é «consciente» dele e todo evento de que se é «consciente» se experimenta sempre como sendo «real».

Denominamos de amor o sentido de integração consciente da realidade experimentável. O amor implica um sentido de integração entre o conhecedor e o conhecido. A mais alta condição de amor se estabelece quando o perceptor é simultâneo e onipresente a todo o potencialmente cognoscível (veja tabela 19).

Ananda, como amor, é a expressão mais autêntica do oceano Não-dual. Ali, cada gota que o forma é consciente da unicidade do oceano, situação esta que conduz a experiência da bem aventurança absoluta.

«Nome» e «forma» são a representação da dualidade. «Nome» e «forma» representam a mente e seus constitutivos, assim como toda a graduação de informação que possa ser compreendida pelo intelecto. «Nome» e «forma» representam o sentido de diferenciação que opera nos estados de Consciência fechados[40].

40 Referimo-nos aos estados de Concentração, Observação, Pensamento e Sonho.

«Nome» e «forma» não são estáveis e nem contínuos; sua natureza se modifica segundo o seu meio modela a informação que os constitui.

Tabela 19

Aspecto *Ānanda* da realidade Não-dual

***Ānanda* — Bienaventuranza, Amor como Agente de Integración**	
Estado	**Característica**
Meditação	O *Ātman* testemunha-se como ato de integração não-diferenciado de todo o universo potencialmente existente e cognoscível, ou seja, se experimenta como Amor ou Bem aventurança Absoluta.
Concentração	O *sākṣin* testemunha-se como ato de integração não-diferenciado de todo o limitado universo que percebe como existente e cognoscível, ou seja, se experimenta como bem aventurança.
Observação	O *exín* se percebe como ente integrado e diferenciado do universo que acontece, ou seja, se experimenta como paz, feliz daquilo que conhece.
Pensamento	O *sujeto* se experimenta consciente de si mesmo e consciente do universo diferenciado. Sofre os vai e vem por identificar-se com o passado e com o futuro, e de experimentar-se entre os polos de *rāga* y *dveṣa* (gosto e desgosto)
Sonho	O *sujeto onírico* se experimenta, enquanto dorme, consciente de si mesmo e consciente do universo onírico diferenciado. Sofre os vai e vem por identificar-se com o passado e com o futuro e de experimentar-se entre os polos de de *rāga* y *dveṣa* (gosto e desgosto)

SLOKA 21

Os atributos de Existência – Consciência – Bem-aventurança estão igualmente presentes no akasha (éter), ar, fogo, água e terra, assim como nos deuses, animais e homens, etc. Os nomes e as formas são os que fazem com que um se diferencie do outro.

Os atributos de Existência (Sat), Consciência (Chit), Bem-aventurança (Ananda), estão igualmente presentes no akasha (éter), vayu (ar), agni (fogo), apas (agua) e pritivi (terra), de forma semelhante nos deuses, animais, homens, etc. A integração mental de «nomes» e «formas» faz com que um se diferencie do outro.

O processo cosmológico que o *Vedanta* aceita da escola *Samkya* é profundamente interessante. O *Vedanta* descreve vários tópicos mediante ideias muito interessantes, tal como realiza a física quântica ao apresentar certas teorias que buscam explicar um novo modelo de realidade. Por isto, existem algumas relações entre os modelos expostos pelos antigos sábios orientais e os elaborados pelos ilustres físicos quânticos do século passado[41]

Temos que entender várias coisas a respeito da teoria do *Vedanta* sobre os cinco elementos. Primeiro, que prévio a eles existe uma tripla potencialidade de existência a que denominamos de *prakriti*: um oceano de impulso potencial de vida em todas as graduações possíveis, composto por *rajas* (impulso de atividade), *tamas* (impulso de cristalização, de concretização) e *satva* (princípio de equilíbrio). A estas três condições existentes em todo o manifestado são denominadas de *gunas* (qualidades essenciais da matéria).

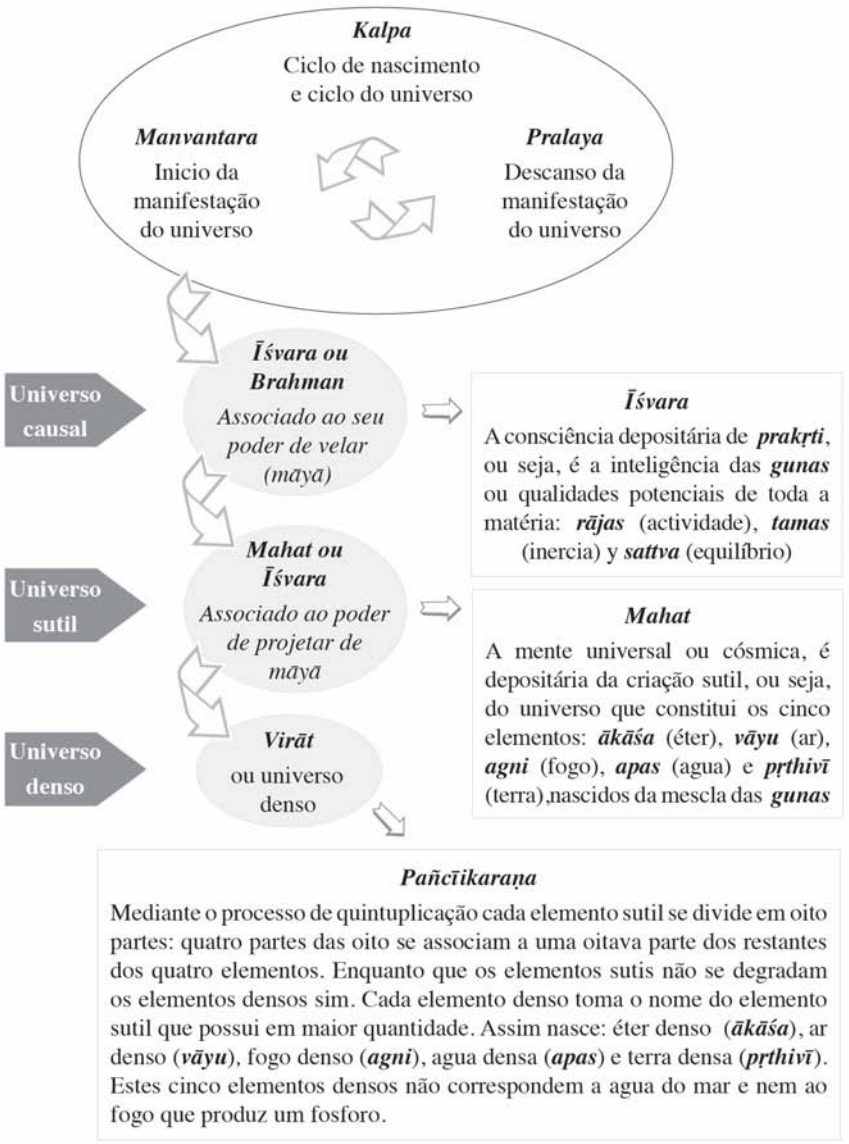
No entanto, consideramos que o universo constituído por «nomes» e «formas» - ou seja, o universo dual que se experimenta em campos fechados – emerge para logo, após milhares de milhões de anos,

41 As relações entre os modelos aceitados pelo *Vedanta* e suas correlações com a física quântica são estudas no libro: *Cuántica y Meditación*, escrito por *Sesha*.

desaparecer. Consideramos que a mente potencial universal apresenta no início de *manvantara* (início do universo) a expressão de sua própria ordem. A esta mente potencial que ainda não se encontra manifestada, pois ainda é um estado potencial da existência, a denominamos de *Ishvara*. Por sua vez, a matéria que constitui *Ishvara* são as *gunas; Ishvara* é, portanto, a inteligência da matéria que formará o universo. Consideramos que *Ishvara* é parte de *maya*, ou seja, *Ishvara* é o Absoluto Não-dual *(Brahman)* associado a seu poder de velar *(maya)*. A única distinção que consideramos existir entre *Ishvara* (Consciência causal) e *jiva* (o indivíduo) é que, enquanto *Ishvara* não é dominado pelo poder de projetar de *maya* (a ilusão de «nomes» e «formas»), *jiva* (o indivíduo) sim.

Figura 7

Desenvolvimento do universo a nível *Samaṣṭi* (coletivo), associado aos três grandes estados de *Śaṅkara*



Então, temos aqui, que o primeiro nível da criação – a realidade causal – é estabelecido pela Consciência causal *(Ishvara),* em cuja inteligência existe a potencialidade de criar um universo de múltiplas graduações (causal, sutil e denso), baseando-se cada sucessiva graduação na causalidade do universo prévio. *Ishvara*, junto com a graduação de divindades nasce o início de *manvantara* e todas elas se resumem em *Brahman* no final, no *pralaya* (veja a figura 7).

Existem, por sua vez, em cada um dos três potenciais universos – causal, sutil e denso - variadas linhas de informação constituídas em campos fechados, cuja «aparente evolução»

possui diversas projeções. Ou seja, segundo sejam as formações das três *gunas*, podem formase «linhas evolutivas» diferentes, tal como acontece, por exemplo, entre os humanos[42], *devas*[43] e as realidades esféricas[44].

O ser humano é uma minúscula congregação de informação entre todas as potencialidades que existem. O ser humano não é dono de seu corpo, pois não maneja as principais funções orgânicas e nem exerce um controle voluntário sobre elas; tampouco, é dono de sua vitalidade *(prana),* pois ela prove da luminosidade solar e se repõe diariamente, fundamentalmente ao dormir; tampouco, é proprietário de sua mente *(antakarana),* pois não controla voluntariamente a sua atividade nem sequer por alguns minutos.

O ser humano é essencialmente Consciência Não-dual.
Ele não é nem o seu corpo físico *(Anna maya kosha),* nem o seu corpo pránico *(Prano maya kosha)*, nem a sua mente *(Mano maya kosha e Vignano maya kosha)*.
O ser humano é sempre Consciência não-diferenciada.

É o equivocado sentido de realidade, instaurado em seu sentido de representação mental da informação, que confunde a *jiva* (indivíduo), induzindo-o a uma probabilidade de realidade ajustada a um molde de informação prévio, localizado na forma de memória. Além de uma representatividade ajustada a memória, existe uma realidade carente de sentido de diferenciação. A denominamos de Não-dualidade a esta representação da realidade e denominamos de meditação a prática de exercícios sistematizados que induz a apreciação Não-dual.

SLOKA 22

Após estando indiferente a nome e forma e sendo devoto a Satchitananda, cada um deve praticar sempre a concentração dentro do coração ou fora dele.

Encontrando-se indiferente a «nome»e «forma» e sendo apenas devoto de Satchitananda, o agente deve praticar continuamente a meditação, seja ela «interiormente» (sem intervenção dos sentidos) ou «exteriormente» (com intermediação dos sentidos).

Encontrar-se indiferente a «nome» e «forma» implica em não incorporar a imagem do objeto que se está conhecendo a representação histórica que dele se tem na memória, ou seja, implica em não mesclar a história na percepção. Ajustar a cognição a uma prévia conceptualização histórica enraizada na forma de memória, desconecta do conhecido e imprime um sentido de diferenciação entre o perceptor e o percebido.

Segundo a filosofia ocidental, existem dois tipos de objetos a serem conhecidos; os ideais e os materiais. Os objetos ideais existem na mente do perceptor, ou seja, são interdependentes de quem conhece. Os objetos materiais (também chamados na filosofia como objetos reais) formam toda a realidade aparente que não depende do conhecedor. Assim, então, afirmamos que um sentimento é ideal, enquanto que a água do oceano é material. A filosofia busca sem sucesso, encontrar qual deles,

42 A linha de evolução «humana» possui como viés característico uma mente imbuída de *tamas* e *rajas*, o que impulsiona a *jiva* a experimentar continuamente o sentido de egoísmo e o sentido de realização da ação.

43 Os *devas*, ou entidades luminosas e toda a graduação de sua «linha evolutiva» possuem como característica fundamental uma mente imbuída de *satva* e *rajas*, o que lhes leva a serem entes incansáveis e equilibrados que regem todas as funções da natureza, desde o brilho que inunda o sol até a força de gravidade, passando pelo crescimento das árvores e a inteligência que rege o aroma das flores.

44 Referimo-nos a entidades que pertencem a «linha evolutiva» que formam desde os átomos as grandes estrelas e constelações.

material ou ideal, é a fonte da realidade. Nós afirmamos que ambos são reais e ambos são ilusórios. A informação adota a condição de material quando a percepção se conecta com o exterior mediante os cinco sentidos e estes se expressam em um estado de Consciência tal que favorece a esta percepção. A percepção, no final, depende da relação que se estabeleça neste estado de Consciência, entre o sujeito e o objeto (estados de observação, pensamento e sonho).

E de outra forma, a informação adota a condição de ideal quando a mente assume como sendo válidos os conteúdos enraizados na memória e os experimenta interiormente – ou seja, sem a participação dos sentidos – como objetos de cognição associados a qualquer dos estados de Consciência que são propensos a aparecer em concordância a eles (estados de observação, pensamento e sonho).

Assim então, temos dois tipos de universo, dependendo da representação material ou ideal que dele possamos ter (ver figura 8). Quando se reconhece o eterno *Brahman* como sendo a base de informação ideal ou material – o uno sem segundo, *Sat-chit-ananda*, ou Existência, Consciência e Bem-aventurança Absolutas – então a informação adota a condição consciente Não-dual, na qual o perceptor assume a condição não-diferenciada que alimenta o universo e a todo o potencialmente existente.

Figura 8
Objetos Materiais e Ideais

A prática da Meditação possibilita, mediante o vivo ato da compreensão, a experimentação que induz nela um saber que os objetos ideias e materiais assumem uma representação Não-dual.

Então é preciso, que o processo do ato meditativo inclua tanto os cinco sentidos (fora) como a ausência sensória (dentro) ao experimentar a informação; ou seja, é preciso que o indivíduo tenha acesso tanto a uma representação material como ideal da informação. Ambas as formas de representação – a ideal e a material – convergem no final, em uma experiência Não-dual sempre e quando sejam encontradas as pautas que a modalidade de informação Não-dual requer para ser experimentada.

Existem vários sinónimos para a condição de se permanecer atento aos objetos materiais ou ideais; todos eles possuem em comum que a informação experimentada inclui a interpretação sensória (para objetos materiais) ou sua ausência (para objetos ideais) - (veja a tabela 20).

Tabela 20
Sinônimos de informação Ideal e Material

Tipo de informação	Segundo os limitantes	Segundo a fronteira sensória	Segundo o tipo de informação
Ideal	«Dentro»	Mundo interno	O perceptor
Material	«Fora»	Mundo externo	O percebido

Toda a informação ideal é representada mentalmente sem o requerimento sensório;
por sua vez, a representação mental de toda a informação material
requer a intermediação dos cinco sentidos físicos.

Neste *sloka* devemos entender que a atenção ao coração, como órgão físico, é semelhante a qualquer outro objeto material externo. As implicações metafisicas a respeito de usar o coração como centro de concentração não invalidam aquelas práticas que implicam em permanecer atento a qualquer outra zona corporal ou externa; a um pássaro, o som do vento, um aroma em particular, etc. Jamais o problema da Meditação reside em qual fração de informação temos que tomar como base para a prática meditativa. A prática meditativa externa, semelhante a interna, requer a anulação do processo dialético na cognição. Esta condição de anulação do processo dialético é possível graças a que se considera a informação, em si mesma, como sendo Consciência. A validação do ato cognitivo, realizada pelo indivíduo, em seu pessoal e peculiar processo dialético, deixa rastros de dualidade entre o perceptor e o percebido.

Consequentemente, a atenção ao coração representa neste *sloka* a atenção necessária a qualquer ente material ou externo que possa ser detectado pelos sentidos. Da mesma forma, tem que ser entendido por interior ao coração, toda aquela informação que possa ser representada cognitivamente por uma testemunha sem que exista intermediação sensória.

O indivíduo, ao discursar dialeticamente, imprime uma fronteira que delimita momentaneamente a informação, semelhante a quando delimitamos a extensão do mar mediante o horizonte que identificamos visualmente.

Realmente, a Meditação é o exercício que tende a experimentação da Não-dualidade. Qualquer outra prática – visualização, reflexão, etc. – possui a validade que o interesse mental almeja, mas jamais vai além deste limite. A Meditação como prática interior e exterior, deve ser estudada e praticada em conformidade com uma tradição o suficientemente viva, ou seja, na qual existam expoentes que tenham realizado a condição de seus postulados. É impossível guiar a um estudante através do labirinto de sua própria mente, quando quem lhe ensina ainda não tenha saído do seu.

A forma de Meditação de acordo com os cânones do *Vedanta* será exposta de forma muito breve neste presente livro, pois já tem sido analisada detalhadamente em obras prévias[45].

SLOKA 23

As duas classes de samadhi para serem praticadas no coração (dentro de si mesmo) são conhecidas como savikalpa e nirvikalpa. O savikalpa samadhi também se divide em duas classes, segundo se está relacionado com um objeto cognoscível ou com um som (como objeto).

As duas classes de samadhi praticadas interiormente são conhecidas como savikalpa e nirvikalpa samadhi. O savikalpa samadhi novamente se divide em duas classes, de acordo a sua associação com um objeto cognoscível interno ou com a simultaneidade de sujeito-objeto como fonte de cognição.

Sankara apresenta que a experiência Não-dual pode ser experimentada exteriormente ou interiormente, ou seja, com a participação «sensória» ou sem ela. A experiência da Não-dualidade com a participação sensória leva a três tipos de *samadhi* e a experiência Não-dual sem apreciação sensória

45 Nos referimos a *La Búsqueda de La Nada, El Eterno Presente, La Paradoja Divina e Los Campos de Cognición*, escritos por *Sesha*.

leva também a três tipos de *samadhi*. Como veremos, estes seis tipos de *samadhi* acabam finalizando na experiência da «dissolução total da mente»que funciona em um sétimo e último estado Não-dual.

Os três tipos de *samadhi* que *Sankara* estabelece são, por uma parte, o *savikalpa* e o *nirvikalpa*; por sua vez, o *savikalpa samadhi* se divide em associado ao Objeto ou associado ao Som. Esta última modalidade de definição se torna confusa, pois a representatividade das palavras leva a supor tipos de experiências que a Não-dualidade jamais promove. Na verdade, na experiência interna de Concentração o universo se resume unicamente na simultaneidade de objeto-sujeito. Afirmar que um tipo de *savikalpa* se associa ao «som» mostra precariamente uma realidade que está além do que o próprio «som» pode oferecer, mesmo que seja este uma vibração originada no piano sutil ou causal. *Sankara* busca demonstrar, que um tipo de *savikalpa* se associa a cognição de um objeto interior, mas que outro tipo de *savikalpa* possui como base de cognição, uma realidade que está além dos objetos e ao qual o chama de «som». A experiência do «som» que atribui *Sankara* a segunda modalidade de *savikalpa* deve ser entendida sob uma ótica mais clara. Ou seja, a fonte cognitiva do segundo tipo de *savikalpa* não é um objeto, mesmo ainda que se fale de «som», mas sim, a simultaneidade cognitiva de sujeito-objeto que funciona no estado de Concentração.

Com o fim de apresentar um modelo de prática meditativa coerente, buscaremos usar as ideias de *Sankara* estabelecendo uma rigorosa ordem e relacioná-las com cada um dos estados Não-duais que funcionam gradualmente na experiência interior. No entanto, antes de passar a descrição detalhada dos diversos tipos de *samadhi,* é preciso fazer uma série de esclarecimentos a respeito da prática de Meditação.

É devido as incoerências escritas por desafortunados Mestres, que não tinham a destreza na experimentação da Não-dualidade, que grande quantidade de estudantes buscam sem sucesso desvendar a verdade por trás de uma oculta palavra que seus instrutores tampouco conhecem. A teorização da prática meditativa possui um único fundamento: criar um meio apropriado como apoio mental a prática, enquanto a experiência interior ainda é instável. Escutar os ensinamentos de um mestre experimentado *(sharavana)* e refletir sobre seus ensinamentos *(manana),* possui o encanto de surpreender vivamente a atenção do estudante e induzir que sua mente permaneça atenta a seus esclarecimentos apresentados e desta forma evitar que a mente se distraia em situações intrascendentes. No entanto, o modelo intelectivo a seguir, deve ter a força de representar claramente a meta que se estima como sendo válida; deve possuir a universalidade que implica em poder ser experimentada de semelhante maneira por qualquer estudante. Se não for assim, o mundo da Meditação se fraciona em milhares de explicações, todas elas sem ter qualquer força para apaziguar a agitação mental.

Que um discípulo se aprofunde, reflita e inclusive memorize os vastos conhecimentos que possa ter recebido tem grande importância e ao mesmo tempo, nenhuma. A mente, um instrumento geralmente torpe e profundamente instável, ronda segundo a segundo por terrenos da memória que levam e traz o perceptor como um tronco de madeira em uma tormenta no mar. O estudo, a reflexão e inclusive a disciplina diária da prática interior, tem valor para naqueles que ainda não podem transpor seu próprio egoísmo e saltar aos terrenos não-duais da cognição. A eles, aos estudantes ansiosos em apreender a Deus em seu coração, lhes é necessário domar a inquieta atividade da mente mediante o esforço da disciplina. Mas mesmo assim, saiba o estudante que o próprio conhecimento que se divide através das *vedanga*[46], ou mediante qualquer outro sistema de ensino, possui um único fim,

46 As seis ciências sagradas, assessoras dos *Vedas*. São respectivamente, a ciência da correta pronunciação e articulação dos *mantras (siksha);* a ciência dos rituais e cerimonias religiosas *(kalpa);* a ciência da prosódia na linguagem sânscrita *(chandas);* o estudo da gramática sânscrita *(viakarana);* a ciência da astrologia e a astronomia *(jyotisha),* e por fim, a explicação etimológica das palavras dos *vedas (nirukta)*.

a transformação das *vrittis* (hábitos mentais). Você aprende a usar os talheres para levar o alimento à boca e sobreviver, no entanto, aprende a pegar o alimento sem morder o talher; ou seja, aprende a separar o autêntico alimento daquilo que não é mais do que um veículo. A relação metafórica ente os talheres e o alimento, ou seja, entre o reconhecimento intelectual e a Real apreciação Não-dual da Consciência, está enraizada em que o intelecto é um mero intermediário que conduz o Real saber Não-dual, enquanto que, em última instância, o conhecimento intelectual é descartável devido que a sua condição se faz desnecessária, uma vez que se chega a apreciar a Realidade Absoluta Não-dual.

A natureza do *samadhi,* ao qual explicaremos agora através dos seguintes seis *slokas*, pode parecer um pálido reflexo que guarda a realidade, tal como pode chegar a ser vazia a expressão escrita de um poeta sobre o amor, devido a condição indescritível deste sentimento.

Toda explicação intelectual possui validade no fato de buscar explicar a experiência final que todo estudante fervoroso anseia. As explicações não são para aqueles que estão firmemente estabelecidos na não-dualidade, mas sim, para aqueles, que desejosos do infinito, buscam mediante a ordenação do intelecto, desmoronar as imensas fronteiras que a mente constantemente interpõe.

É importante que o leitor entenda que o uso sem qualificativo algum da palavra *samadhi,* se refere ao estado supremo de Consciência e nunca a qualquer dos estratos prévios aos quais denominamos de *savikalpa* ou *nirvikalpa samadhi*. Qualquer referência que fazemos ao termo *samadhi*, secamente, sem qualificativos, deve ser entendida como o sétimo tipo de *samadhi* ao qual *Sankara* se refere mais adiante, ou seja, o cume de toda modalidade de cognição.

Existe uma profunda confusão na maioria dos estudantes sobre o que são os primeiros seis tipos de *samadhi*, ou seja, os associados a Observação, Concentração e Meditação, pois a Não-dualidade - ideia necessária para enfrentar metafisicamente a busca interior – é profundamente evasiva, para não dizer confusa, devido a que a mente não está educada a apresentação da Não-dual da realidade.

Para começar a esclarecer estes termos, procederemos em explicar a palavra *«samadhi»,* esta deriva das vozes sânscritas *sam-adha*, que significam «possessão de si mesmo», o *samadhi* é um estado e êxtase estático, no qual o praticante se absorve em si mesmo, ou seja, se absorve em sua autêntica natureza. No entanto, esta auto-absorção é denominada respectivamente *savikalpa* e *nirvikalpa samadhi*.

No *savikalpa samadhi*, também denominado *sampragnata* ou *sabija samadhi*, a mente fica temporariamente em repouso, sem estar por completo absorvida ou integrada na Consciência. O *nirvikalpa samadhi*, também denominado *asampragnata* ou *nirbija samadhi*[47], é aquele que na mente, graças a ausência de dualidade na cognição, se encontra completamente absorvida na Consciência Não-dual. Encontrando-se agora brilhando em toda sua glória natural, o yogui adquire a onisciência intuitiva. Ainda que, o estado seja, todavia instável e o praticante geralmente retorna a um estado mental, ainda assim, regressa com mudanças psico-energéticas permanentes. Quando a realização do *nirvikalpa* se estabiliza e se torna permanente, seja porque tem sido suficientemente profunda, seja porque se repetiu um número suficiente de vezes, o yogui é suscetível a alcançar a liberação total em vida *(jivanmukta),* que é o estado definitivo Não-dual. Este estado é que se denomina de *samadhi* sem qualquer qualificativo, ou também de *mukti* ou *nirvana*.

47 O termo *savikalpa* deriva das vozes sa-vikalpa, que significam «com dúvida, erro ou ignorância»; *sampragnata significa* «com mente» e *sabija*, «com semente ou atributo». Igualmente *nirvikalpa* deriva de *nir-vikalpa*, quer dizer, «sem dúvida, erro ou ignorância»; *asampragnata*, «sem mente» e *nirbija*, «sem semente ou atributos».

Com o fim de nos aprofundarmos nos estados que *Sankara* denomina de *samadhi*, fazemos na tabela 21 uma comparação entre os diferentes autores com o fim de esclarecer o tema.

Tabela 21

Relação de Estados de Consciência segundo diferentes autores

Autor	Estado dual	Primeiro estado Não-dual	Segundo estado Não-dual	Terceiro estado Não-dual
Śaṅkara	*Savikalpa Samādhi* Associado ao objeto	*Savikalpa Samādhi* Associado ao som	*Nirvikalpa Samādhi*	*Samādhi*
Patañjali	*Pratyāhāra*	*Dhāraṇā*	*Dhyāna*	*Samādhi*
Sesha	Observação	Concentração	Meditação	*Samadhi*

Todos os autores coincidem em apresentar o *samadhi* (ver na tabela 21 o terceiro estado Não-dual) como a manifestação máxima da experiência Não-dual, ou seja, como aquela modalidade de cognição onde o observador é não-diferente de tudo o que existe. Por esta razão, os estados de Consciência associados ao Sonho, Pensamento e Observação não podem estabelecer-se como critérios de referência da experiência Não-dual.

A sistematização em diversas fases da experiência Não-dual tem levado a inumeráveis autores a promover todo tipo de classificações; todas elas coincidem em estabelecer a Não-dualidade como sendo o eixo central de algumas das experiências classificadas como *samadhi*[48]. Por isto, o estudante não deve preocupar-se em excesso com a terminologia usada, e sim de estar atento em ponderar a sua própria experiência Não-dual com a apresentação do tema pelos diversos autores. O fundamental é a própria experiência, os demais apenas servem para quem não a tem.

A experiência da não-dualidade pode ser realizada por qualquer indivíduo que em algum grau possa estabelecer uma relação de identidade entre o observador e o observado. O *samadhi* Não-dual é um tipo excepcional de cognição que implica uma modalidade de Consciência onde o sujeito e o objeto são não-diferentes. O *samadhi* Não-dual (pois o *savikalpa samadhi* associado ao Objeto é dual, ou seja, tem a ver com o estado de Consciência de Observação) implica finalmente na possessão de um saber atemporal que associa o universo como sendo um ente Não-diferente entre os seus infinitos constituintes.

É importante notar que *Sankara* denomina de *savikalpa samadhi* associado ao Som ao que *Patanjali* denomina de *Dharana* e ao que nós denominamos como Concentração. O termo usado por *Sankara* para diferenciar os *savikalpa samadhi* não deixa de ser um tanto estranhos. *Savikalpa* associado a Objeto e Som geralmente são termos que podem criar alguma confusão; no entanto, não deve ser assim. No *savikalpa samadhi* interior associado ao Objeto existe efetivamente uma massa de cognição distinta do próprio perceptor e a denominamos de objeto, *no savikalpa samadhi* interior associado ao Som não há objeto algum diferenciado do perceptor.

Assim então, deve-se entender que *Sankara* refere-se a expressão Som como sendo referência a existência de um limitante mental que ainda impede a experiência da meditação. A expressão de *Sankara se deve* a que o som é a expressão primária da diferenciação; o som é a expressão do princípio da criação e se assimila ao primeiro impulso que constitui a mente, razão pela qual no estado de Concentração todavia ainda há um limitante que impede a abertura do campo e cuja raiz é o aspecto primário e instintivo da mente: o desejo de existir como um «eu».

48 Referimo-nos ao *savikalpa samadhi* associado ao «som», ao *nirvikalpa samadhi* e finalmente ao *samadhi*. Ver tabela 21: Relação de experiências Não-duais entre os diferentes autores.

SLOKA 24

Os desejos, etc., (que estão) centrados na mente, devem ser tratados como objetos (cognoscíveis). Medita na Consciência como sua Testemunha. Isto se chama savikalpa samadhi associado com objetos (cognoscíveis).

Toda realidade cognoscível interior – pensamentos, emoções, desejos e paixões – deve ser tratada como objeto. A atenção do sujeito, dirigida a observar de maneira distante a estes objetos interiores, denomina-se de savikalpa samadhi associado ao Objeto.

Sankara estabelece o *savikalpa samadhi* associado ao *objeto* como o início do processo de internalização. Este *savikalpa samadhi* associado ao *objeto* é o que denomina *Patanjali* como *Pratiahara* e nós o denominamos como Observação interior (veja tabela 22).

Tabela 22
O *Savikalpa Samādhi* associado ao *Objeto*

Autor	Estado
Śaṅkara	*Savikalpa samādhi* associado ao *objeto*
Patañjali	*Pratyāhāra*
Sesha	*Observação*

A Observação interior, ou o *savikalpa samadhi* associado ao objeto, é um estado dual. Ali, tanto o sujeito como o objeto são partes de uma trama diferenciada. A Observação interior nasce no mesmo momento em que somos testemunhas de que estamos pensando.

É muito diferente o pensar de saber que pensa. Quando compreendemos que estamos pensando, isto é quando a atenção não alimenta o pensamento, mas sim, que ilumina o ato de compreensão de que ele existe, então o pensamento se dilui, desaparece. Os pensamentos apenas possuem realidade baseados em que a atenção os ilumine. Quando a atenção ilumina o ato de atender aos pensamentos estes, ao serem indagáveis, perdem a prioridade que a atenção depositava neles e tornam-se secundários, razão pela qual decaem de imediato e desaparecem.

Todo pensamento, sentimento, emoção e paixão são suscetíveis de serem observados, isto é, são indagáveis por uma testemunha prévia a eles. Diante de qualquer pensamento se é possível indagar: quem pensa? Diante de qualquer sentimento se é possível indagar: quem sente? Desta maneira, pensamento e sentimento adotam uma condição de distanciamento, de diferença em respeito a quem o testemunha, de maneira semelhante a quando um objeto com mau odor nos desagrada e imediatamente o afastamos do nariz.

> O próprio instante de saber que se está pensando, nos leva ao Momento Presente.
> Isto faz com que o pensamento de desfaça.

Quando no mundo interior somos favoráveis a reconhecer que há atividade mental, a nos darmos conta de que estamos pensando, então o pensamento se dilui. Se permanecermos neste estado de compreender que qualquer pensamento é observável, então eles não aparecem e neste caso ao fazê-lo, emergem no interior a distância, apresenta uma lacuna que não afeta e nem contamina a testemunha que os observa.

A destreza neste tipo de percepção leva a maravilhosa condição de ser o expectador de um universo interior vazio de pensamentos. A atenção agora pousa entre pensamento e pensamento, ou seja, no espaço que une os pensamentos. A testemunha deste estado se reconhece ausente de história, razão pela qual não percebe nada mais que a sua ausência de história.

A observação é um estado dual. Ali o sujeito e o objeto coexistem de maneira diferenciada. O estado de presença que aqui surge, ainda não é suficientemente estável; ainda é possível chegar a modificar a cognição para alcançar um maior estado de presença. Quando se alcança isto, emergem a Concentração e a Meditação interiores.

Por sua vez, o *savikalpa samadhi* associado ao *objeto* pode ser experimentado dentro ou fora da fronteira sensória, razão pela qual existe o *savikalpa samadhi* associado a *objeto* tanto «dentro» como «fora» da fronteira sensória.

Quando a testemunha que conhece é propensa a observar com sentido de distância aos pensamentos, ou seja, quando é consciente de que está pensando, então se denomina de Observação Interna. Por sua vez, quando a testemunha se funde nos conteúdos externos, projetado através dos sentidos, então denominamos a este tipo de percepção de Observação Externa ou *savikalpa samadhi* associado a um *objeto externo*.

Portanto, temos dois tipos de *savikalpa samadhi* associados a objeto: interno e externo, ou seja, dentro ou fora da fronteira sensória.

SLOKA 25

Eu sou Existência–Consciência–Bem-aventurança, desligado, auto-luminoso e livre de dualidade. Este estado se conhece como savikalpa samadhi associado com som.

Eu sou Existência–Consciência – Bem-aventurança, desligado, auto-luminoso e livre de dualidade. Este estado se conhece como savikalpa samadhi[49] *associado a percepção interior e simultânea de sujeito-objeto.*

Para *Sankara*, o *savikalpa samadhi* associado ao *som* é o estado seguinte ao *savikalpa samadhi* associado ao objeto interior.

O *savikalpa samadhi* associado ao *som* é uma experiência Não-dual. Neste tipo de cognição encontramos uma nova relação entre sujeito e objeto, desta vez não-diferenciados um do outro.

Quando a testemunha do estado de *savikalpa samadhi* associado ao *objeto* se converte em objeto interior de sua própria indagação, então nasce o *savikalpa samadhi* associado ao som interior.

Tais estados são definidos com diferentes nomes, segundo seja o estudioso do caso, como percebemos na tabela 23

Do *savikalpa samadhi* associado ao Som ou o estado de Concentração, não se pode dizer muito; porque simplesmente, não existem palavras para definirmos uma realidade carente de atributos individuais onde, no entanto, sujeito e objeto estão intimamente inter-relacionados de forma onipresente e simultânea. Os termos simultaneidade e onipresença são próximos a dimensão desta forma de cognição, mas ainda, nem eles podem esclarecer a condição de viveza, força, paz e saber que ali ocorrem. Nenhuma condição mental se aproxima a vivência deste estado.

49 Concentração Interior

Tabela 23

O *Savikalpa Samādhi* associado ao *Som*

Autor	Estado
Śaṅkara	*Savikalpa samādhi* associado ao *som*
Patañjali	*Dhāraṇā*
Sesha	*Concentração*

Sankara fala de *savikalpa samadhi* associado ao Som, devido estar buscando um parâmetro com a primeira causa da matéria, em virtude de que o *akasha*, o estado mais sutil da matéria, possui por qualidade fundamental a vibração ou o Som. O Som é a fonte da qual emergem os demais constituintes do universo. Tanto o ar *(vayu)* como o fogo *(agni),* água *(apas)* ou terra *(pritivi)* sutis se desencadeiam a partir deste *akasha* (o que contém). *Akasha*, como princípio imerso no Som, é a semente dos corpos densos e sutis que formam o universo.

O *savikalpa samadhi* associado ao Som pode ser experimentado referente a informação interna ou externa, segundo intervenha ou não na cognição a fronteira sensória. Desta forma, é possível ocorrer dois tipos de experiências de Concentração, ou seja: Concentração interna ou Concentração externa, ou melhor, *savikalpa samadhi* associado ao *som* Dentro ou *savikalpa samadhi* associado ao *som* Fora. Geralmente, *Sankara* estabelece como modelo de analise a experiência interna, o qual este *sloka* em questão apresenta como sendo a Concentração interior.

Para esclarecermos melhor o estado que *Sankara* denomina *savikalpa samadhi* interno associado ao Som, adotarei uma terminologia diferente; o denominarei de *savikalpa samadhi* interior associado ao Sujeito-objeto, pois a experiência meditativa do estado de Concentração interior possui como base a simultaneidade desta cognição Não-dual. A imagem que *Sankara* oferece não é clara, pois se pode crer que a Concentração é um estado de dualidade onde um sujeito espreita a presença de um objeto sutil interior. Esta situação é contraria a condição Não-dual da percepção interior, onde o sujeito e o objeto são experimentados simultaneamente e onipresentemente no mundo interior, promovendo a surpresa de uma cognição onde é implicitamente a «imensidão de mim mesmo».

A nascente experiência da Não-dualidade referente a Concentração é por si mesma uma experiência única. Na verdade, é muito difícil expressar com palavras a vivida realidade de um mundo distante da dualidade, pois as palavras, semelhante ao pensamento, possuem origem na dualidade. Os epítetos mais próximos com os quais se é possível nos aproximarmos para definir a Não-dualidade são: Existência, Consciência e Bem-aventurança Absolutas. As frases mais delicadas que representam a suave realidade do mundo Não-dual possuem relação com aquelas que a poesia apresenta nas sugestivas representações que *Sankara* oferece, tais como, «desligado», «auto-luminoso» e «livre de dualidade».

A palavra «desligado» se refere a que a experiência do *savikalpa samadhi* associado a *sujeito-objeto* – ou seja, a Concentração, seja interna ou externa, que funciona no experimentador deste tipo de estado Não-dual – não se liga com o que se conhece e nem com o que se faz; ou seja, não existe atividade kármica associada a esta forma de Cognição. Em qualquer outra atividade na qual exista sentido de diferenciação, ocorre a atividade kármica, tal como sempre temos o brilho quando há luz.

A palavra «auto-luminoso» tem relação com a natureza consciente do agente que experimenta a Não-dualidade deste tipo de *savikalpa samadhi*. Este agente, o *saksin*, se reconhece existindo por

si mesmo, ou seja, o *saksin* é consciente de que ele É, simultaneamente e onipresentemente, de que o conhecido é Não-diferente dele mesmo. A qualidade «auto-luminoso» invoca a consideração de que o *saksin* ainda não é o último agente da cognição, isto é, ainda pode ser indagado pelo *Atman*. Perceba que quando você, ao ler um livro, pode perguntar-se: quem lê o livro? Ou seja, pode indagar sobre a natureza do agente que lê. Isto o leva a simples resposta de saber que é o «eu» quem lê. Mas, posteriormente, pode indagar: quem sou eu? Se a indagação for realizada corretamente, permitindo que a pergunta se deslize ao silêncio que espera a resposta, notará que o «eu» é indagado por outro agente prévio do qual pouco sabemos, um agente silencioso que repousa além de qualquer compreensão mental. Isto implica que o «eu» é indagável, ou seja, não é auto-luminoso, não possui Consciência por si mesmo e nem em si mesmo.

A expressão «livre de dualidade» manifesta a essência fundamental do *Vedanta* que já se torna integrante neste estado de Consciência: o universo é essencialmente Consciência Não-dual. A ideia da Não-dualidade é patrimônio da cultura oriental, embora que outras culturas, de maneira não tão minuciosa, faça uso dela.

A carência de dualidade implica em um tipo de cognição livre de diferenciação entre o objeto e o sujeito. No entanto, a Não-dualidade não requer da modificação, evolução, nem a transformação dos objetos nem do sujeito, mas sim e melhor, o reconhecimento que a informação, sem importar qual característica manifeste sob a luz do intelecto diferenciado, é essencialmente Não-dual; o universo é uma imensa e ilimitada fonte e o receptáculo de Consciência, cuja base primordial é a onipresença e a simultaneidade de objeto-sujeito não diferenciados.

SLOKA 26

Mas o nirvikalpa samadhi é este estado no qual a mente se encontra firme – como a (constante chama de uma) lâmpada protegida do vento- e no qual o estudante de encontra indiferente a ambos, objetos e sons, devido a completa absorção na Bem-aventurança da realização de Si Mesmo.

Mas, em nirvikalpa samadhi[50] a mente se encontra firme como a chama que não oscila colocada em um local protegido do vento. O praticante integra simultânea e onipresentemente a todo objeto e sujeito interior potencialmente existente, completando assim a absorção na felicidade da realização de Atman.

O passo seguinte, segundo *Sankara*, para o encontro com o Si Mesmo *(Atman),* tem relação com o encontro de *nirvikalpa samadhi*. O *nirvikalpa samadhi*, semelhante, ao *savikalpa samadhi* associado ao sujeito-objeto, é uma experiência cognitiva Não-dual.

Enquanto que o *savikalpa* associado a *sujeito-objeto* – também denominado de Concentração – está delimitado por uma fronteira mental e especificamente pela condição mais inconsciente e primária da memória (o instinto), no *nirvikalpa* já não existe fronteira final, pelo que concluímos que é um campo aberto de cognição constituído por informação não-diferenciada.

O *nirvikalpa samadhi*, semelhante aos anteriores, pode ser experimentado seja com ou sem a intervenção dos sentidos, resultando um *nirvikalpa* «interno» ou um *nirvikalpa* «externo».

O *savikalpa* interno associado ao som possui duas únicas informações: objeto e sujeito não-diferenciados. O campo de cognição da Meditação está cheio da presença de objetos-sujeitos não-diferenciados. A inércia deste estado leva a que estes dois conteúdos (objetos-sujeito) projetem em si mesmos as inumeráveis probabilidades do que foram, são e serão, resultando em um universo de tantas

50 Meditação

probabilidades como potencialmente existam objetos na mente. No entanto, todas estas possíveis e potenciais realidades coexistem simultaneamente e onipresentemente no campo de cognição que agora se estabelece no *nirvikalpa samadhi*, ou estado de Meditação.

Por sua vez, o *savikalpa* externo associado ao *sujeito-objeto* possui tantas informações como a fronteira sensória inclua e delimite na cognição. Ou seja, os objetos visuais não vão além do que o olho vê; os auditivos não são experimentados além do que os ouvidos escutam, etc. A inércia da Concentração externa, isto é, a permanência no *savikalpa* externo associado a *sujeito-objeto*, procura de maneira totalmente natural e espontânea o surgimento de *nirvikalpa samadhi* externo. Agora a fronteira final sensória vai aumentando até o infinito; a maior informação que esta fronteira acolhe chega finalmente até o ponto de integrar tudo o que é potencialmente cognoscível. A este movimento de aumento de informação no campo sensório que se estende até o infinito o denominamos de *nirvikalpa* externo ou Meditação externa.

O *nirvikalpa* é distintamente denominado segundo seja o estudioso do tema em questão, dando como resultado a tabela 24.

Tabela 24
O *Nirvikalpa Samādhi*

Autor	Estado
Śaṅkara	*Nirvikalpa samādhi*
Patañjali	*Dhyāna*
Sesha	*Meditação*

Da mesma forma que o *Savikalpa* associado ao *objeto* – ou estado de Observação – desemboca em *Savikalpa* associado a *sujeito-objeto* – ou estado de Concentração –, assim também, este pode desembocar naturalmente em *nirvikalpa samadhi* ou estado de Meditação.

A mente é informação que detecta informação; ou, o que é o mesmo, é informação que diferencia informação. Assim como se é possível digitalizar as formas ou as cores, ou seja, representar as formas e as cores em sequências de zero e um, próprios da linguagem binária, de forma semelhante se é possível que a informação adote qualquer condição, seja ela conhecida ou não conhecida pela mente humana.

Sendo assim, temos três tipos de informações as quais poderíamos em teoria acessar:

1. *A informação consciente ou em curto prazo:* Conjunto de informações que formam a memória a qual temos acesso em qualquer momento. Por exemplo: nome, nacionalidade, estado civil, profissão, números de filhos, dívidas bancárias, etc.
2. *A informação inconsciente ou em longo prazo:* Conjunto de informações que formam o que geralmente denomina-se de inconsciente. Por exemplo: o ocorrido em anos perto do nascimento, nomes de pessoas que é impossível de recordar etc.
3. *A informação complementária:* É toda informação restante, ou seja, todo o potencialmente existente que não conhecemos. Por exemplo, abarca desde vidas passadas até as futuras, o que foi e será em seus detalhes mais complexos, os tipos de conhecimento que ainda ninguém detecta, etc.

O universo é informação, mas o *Vedanta* assume que a informação é essencialmente Consciência; razão pela qual a informação é basicamente não-diferenciada.

Todos os estados de Consciência expostos nos livros, não são mais que delimitações de informação segundo um modelo ou outro que os autores determinam. Os modelos mais precisos e universais tendem a sintetizar a maioria de informações existentes segundo os diversos estados nos quais estes possam ser conhecidos. Assim então, *Sankara* estabelece quatro estados de Consciência – onírico, sutil, causal e Não-dual – em função dos códigos cosmológicos estabelecidos pela tradição a qual ele fazia parte.

Igualmente, *Patanjali* estabelece quatro estados de Consciência, representativos cada um dentro da estrutura que opera na prática meditativa.

Sem importar quantos estados houver ou quantos sejam possíveis estabelecer – pois no final, pode haver tantos estados como as quantidades de informações que existem, ou seja, infinitos – todos eles apresentam a realidade sob uma ótica mais extensa que a reconhecida geralmente pela filosofia e pela psicologia ocidentais. A introdução da Não-dualidade expande os horizontes do Ser até os confins do inimaginável.

É por isto que os diversos tipos de *samadhi* não são mais do que expressões «universais» ou «genéricas» sobre o conhecer a essência que subjaz em todo o universo e que é a base de toda a informação cognoscível.

As diferenças entre o *savikalpa* associado ao «sujeito-objeto» e o *nirvikalpa* são profundas, pois a experiência da potencialidade de todo o que existe manifesta a intensidade de uma experiência cuja natureza não se pode ultrapassar.

Ser expectador não-localizado (ou seja, não-diferenciado) dos incontáveis mundos que já nascerão, os existentes e os que ainda nascerão e reconhecer a magnitude do impulso da vida sem referência de tempo e espaço, é uma experiência verdadeiramente inenarrável.

Ser a testemunha não-diferenciada de um universo que expressa simultaneamente em cada um de seus componentes sem que nenhum deles corresponda a um agente diferenciado, é uma experiência única impossível de ultrapassar.

Ali, na Meditação, o universo se conjuga, se integra; e em seu movimento para si mesmo, surge a força do amor que, na forma de Bem-aventurança absoluta *(ananda),* cobre todas as coisas como a um manto de viva luz que protege toda a criação.

O *nirvikalpa samadhi*, ou Meditação é a mais pura expressão de que a divindade reside no íntimo de cada indivíduo, de que jamais temos estado ausentes de seu colo e de que a ilusão *(maya)* é um maravilhoso jogo de que agora não existe o mínimo vestígio.

Ali não existe qualquer pergunta: ali o silêncio se conjuga em milhares de sons que formam infinitas melodias. Não se percebe qualquer pergunta, pois se é o dono do Saber *(chit);* de fato, se é O próprio Saber. Nele não existe vazio algum, pois a força da vida se estende além das próprias fronteiras de tudo que Existe *(sat),* impregnando com o hálito da vida a mais distante e a mais próxima partícula de existência.

O *nirvikalpa samadhi* não pode conjugar-se em palavras, não é possível ser detalhado pela mente dialética; ele guarda seus segredos graças a que nunca poderá ser pensado.

Tanto o *nirvikalpa samadhi* como o *savikalpa samadhi* associado ao som possuem uma percepção formada por informação Não-dual de objeto e sujeito. A diferença consiste em que o *savikalpa* ainda possui informação Não-dual que incluir devido a existir uma fronteira final que contém seu campo cognitivo. Ao contrário, em *nirvikalpa samadhi* não existe fronteira alguma, se bem que, há informação Não-dual a ser integrada, que faz referência a tudo aquilo que a mente ainda não pode e nem poderá conhecer.

O agente de percepção do *nirvikalpa samadhi* é o *atman*. O *atman* é idêntico a *Brahman*, o Absoluto Não-dual. O *atman*, como perceptor do estado ilimitado Não-dual, é não-diferente daquilo que conhece. Não é um agente separado em um local parecido ao céu ou ao paraíso, não é assim; sua natureza é Ser simultânea e onipresente, é conhecer toda a potencial informação que a mente possui do universo, e por sua vez, que o Si mesmo é toda a informação potencial que forma o universo.

Para definir claramente os diversos estados de Consciência ou tipos de *samadhi* é preciso encontrar uma representação lógica que seja suficientemente inteligente para mostrar a direção para indicar metafisicamente o termo Não-dualidade. Para isto, analisaremos brevemente algumas ideias descritas previamente em outros textos[51], se bem que, em uma ordem diferente.

FRONTEIRA: A QUALIDADE FUNDAMENTAL DA DIFERENCIAÇÃO

A qualquer evento diferenciado, o *Vedanta* o denomina genericamente como «nome» e «forma». Todo objeto material ou ideal possui a característica comum de poder ser definido através do intelecto. Isto leva a que qualquer objeto material ou ideal se diferencie de outro, devido a que possui uma definição conceitual, e que sempre está associada ao tempo e ao espaço. Por exemplo, a mente reconhece a fronteira superficial do oceano que são as costas, mas também adverte as fronteiras geográficas determinadas pelas diferentes convenções internacionais entre os países ou as fronteiras hidrotérmicas determinadas pelas diversas correntes e as temperaturas que ali atuam. A mente também induz fronteiras temporais, como aquelas que delimitam todos os eventos de um período histórico; ou fronteiras ideais, como aquelas que delimitam o conjunto de pessoas que tem sido romancistas ou ao conjunto de seres vertebrados. Cada evento, seja qual seja, é diferente em função de que se é possível determinar uma fronteira que o delimita.

Definir implica imprimir uma fronteira ao conceito intelectual que se analisa. Esta fronteira delimita as características do objeto a respeito das características que o objeto não possui.

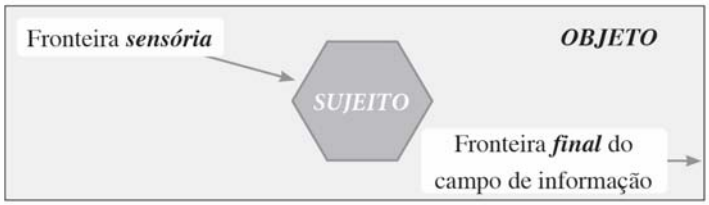
Os sentidos físicos, por exemplo, intervém na criação de uma fronteira entre os objetos materiais e ideais: observamos com a visão as coisas belas, mas não podemos ver a conotação ideal da beleza em si. Não importa que condição possamos definir, emerge sempre uma fronteira ideal ou material – seja de peso, de cor, de temperatura, de massa, de tempo, de longitude, de beleza, de temporalidade, de gostar ou não-gostar, etc. – quem possui a virtude de determinar um limite e assim, de introduzir um sentido de diferenciação entre aquilo que tem sido definido *versus* aquilo que se encontra além da fronteira e, portanto, não é parte do próprio objeto da definição.

Não existe nenhum objeto diferenciado sem a sua fronteira, pois definir implica, por si, em fixar, determinar um limite a ideia ou ao objeto material estabelecido.

51 Referimo-nos a *La Paradoja Divina* e *Los Campos de Cognición*.

De modo inverso, então podemos representar uma ideia como sendo uma agrupação de informação associada a uma fronteira determinada e assim, denominá-la de «campo». Portanto, um *campo de informação* se refere a uma agrupação de informações (figura 9).

Figura 9
Campo de Informação



Um *campo de informação* se assemelha a expressão matemática denominada de conjunto. Assim como um conjunto matemático é a agrupação delimitada de números, um *campo de informação* é a agrupação delimitada de qualquer tipo de entes materiais ou ideais. Por exemplo, toda informação que definimos – tal como «cavalos», «folhas de uma árvore», «ramos de todas as árvores», «gotas de água», «nuvens do céu», «sentimentos de ódio ou de alegria» - pode agrupar-se em um campo de informação delimitado por uma fronteira.

Então, se é possível representar um evento dual, qualquer que este seja, mediante um «*campo de informação*». Por exemplo, o campo denominado «bosque» está formado por árvores, animais, rios, montanhas, planícies, insetos, etc.

Todo *campo de informação* é infinito, mas limitado. É infinito enquanto estiver composto de inumeráveis partes ou frações, mas é limitado enquanto que está delimitado por uma fronteira material ou ideal.

Todo «campo de informação» está formado por infinitos atributos,
mas está delimitado por uma fronteira.

As características dos «campos de informação» e da própria informação, tem sido apresentados em profundidade em outros textos, razão pela qual remitimos ao estudante que deseje se aprofundar sobre o tema aos textos sugeridos.

INFORMAÇÃO:
A ESSÊNCIA DA COGNIÇÃO

A informação, por si mesma, é indefinível e adimensional. Não existe informação que defina a própria informação. No entanto, a agrupação de informação define a informação. Ou seja, a fim de que a informação tenha sentido, deve de existir algo constituído de informação que estabeleça uma relação ente as informações. Um exemplo claro para entender a natureza da informação é a geometria euclidiana, que é aquela que estuda em todos os colégios e que possui como hipótese fundamental afirmar que através de um ponto passam infinitas retas. A geometria euclidiana define a linha como sendo uma sucessão de pontos, o plano como uma sucessão de linhas e o volume como uma sucessão de planos e volumes é indefinível em si mesmo, ou seja, é espacialmente adimensional.

A informação é uma realidade adimensional;
não existe por si mesma, mas sim, apenas em relação a outras informações.

A partir desta perspectiva e com o fim de definir apropriadamente a natureza do *samadhi*, apresentaremos um campo de informação básico com quatro informações: o perceptor, o percebido, a fronteira entre o perceptor e o percebido e finalmente, a fronteira final do campo. De tal forma que nossa apresentação para determinar a natureza do *samadhi* nos levou até agora a estabelecer um específico «campo de informação», tal como estabelecido na figura 10.

Figura 10

Campo de Informação básico para a definição da prática da Meditação

A informação que fundamentalmente nos interessa para a análise da prática meditativa é aquela denominada de « perceptor» e aquela denominada de « percebido». O campo que constitui o perceptor e o percebido é fundamental para o nosso posterior desenvolvimento do processo da cognição. No entanto, para definirmos claramente o perceptor e o percebido é preciso falar previamente sobre as fronteiras; neste caso, a fronteira interna e a fronteira final.

FRONTEIRA SENSÓRIA: A FRONTEIRA POR EXCELÊNCIA

A fronteira por excelência é constituída pelos cinco sentidos. A fronteira sensória determina a condição diferenciada da informação material a respeito da ideal[52], quer dizer, uma informação é material quando é exterior a fronteira sensória e, portanto, quando é percebida mediante os cinco sentidos; e é ideal quando é interior a fronteira sensória e, portanto, quando o conhecido se conhece sem o uso dos cinco sentidos.

Agora podemos fundamentar ainda mais o nosso campo de informação, tal como sempre o apresentamos através do *Vedanta* e segundo o estipulado na figura 10.

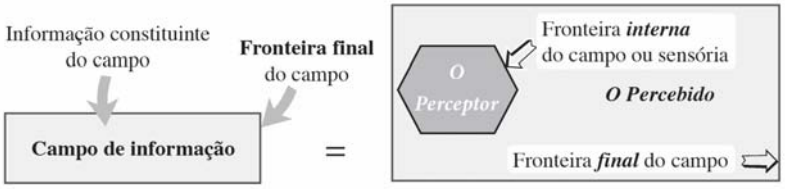
INFORMAÇÃO DIFERENCIADA

Temos estabelecido um *campo de informação* básico que será objeto de análise, pois existem duas formas de apresentação da informação em função de que exista ou não *fronteira sensória* e dois tipos de *campos de informação* em função da presença ou não de *fronteira final*.

Qualquer evento externo ou interno que possa ser representado mentalmente por um agente de percepção deve ser considerado diferenciado, pois necessariamente existem o perceptor, o percebido, a fronteira sensória e uma fronteira final, tal como acontece na figura 11.

Figura 11

Semelhantes modalidades de Campo de Informação



52 Ver fig. 8

Quando o perceptor se reconhece a si mesmo diferente daquilo que percebe, então a informação que constitui o campo é diferenciada. Por sua vez, quando a informação do campo é diferenciada, a informação aparece como sendo material ou ideal, em função de que se encontra respectivamente dentro ou fora da *fronteira sensória*.

Tal como demonstra a figura 11, um campo de informação é idêntico a soma do perceptor + o percebido + fronteira externa + fronteira interna. Os campos de informação podem possuir dois tipos de constituintes de informação e dois tipos de constituintes de fronteiras. Ou seja, um campo de informação pode estar constituído de informação dual e Não-dual e além, constituído por uma fronteira final fechada ou aberta.

A adversidade da composição dos estados de Consciência nasce da agregação destas características (veja tabela 25).

Tabela 25
Campos duais e Não-duais

Campo de cognição	Informação constituinte do campo	Fronteira delimitadora
Sonho	Diferenciada	Fechada
Pensamento	Diferenciada	Fechada
Observação	Diferenciada	Fechada
Concentração	Não-Diferenciada	Fechada
Meditação	Não-Diferenciada	Aberta

Tabela 26
Os Campos de Cognição

Campo de cognição	Limitante causal	Fronteira final	Limitante de Espacialidade	Limitante de interpretação
Sonho	Não-causal	Fechada	Há limitante tanto dentro como fora	Aparentemente real
Pensamento	Causal	Fechada	Há limitante tanto dentro como fora	Aparentemente real
Observação	Não-causal	Fechada	Há limitante tanto dentro como fora	Aparentemente real
Concentração	Não-causal	Fechada	Não há limitante	Aparentemente real
Meditação	Não-causal	Aberta	Não há limitante	Real
Samadhi	Não-causal	Aberta	Não há limitante	Real

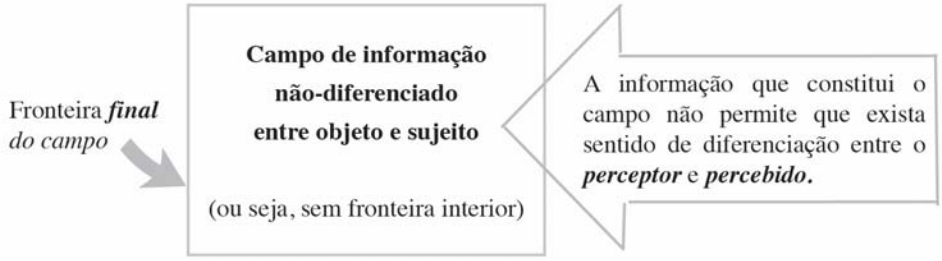
Os campos de informação estão constituídos de informação dual ou Não-dual; no entanto, todas as características que a informação potencialmente possa chegar a obter, que em essência são infinitas,

podem ser classificadas como combinação de quatro possíveis[53]. Causalidade, Fronteira (fronteira sensória), Espacialidade, Interpretativo (nome e forma). Ou seja, a informação que constitui e diferencia cada um dos estados de Consciência varia em função dos limitantes que o constituem[54] (veja tabela 26).

INFORMAÇÃO NÃO - DIFERENCIADA

A informação pode ser definida, tal como a apresentamos na Tabela 25, como diferenciada (dual) ou não-diferenciada (não-dual). Também é possível definir o relacionamento de toda a informação potencialmente existente como Causal ou Não-Causal; ou como situada espacialmente Dentro ou Fora de uma fronteira sensória; ou como aparentemente real *(maya)* ou Real *(sat);* ou como parte ou todo. Da mesma forma, o limitante de Fronteira permite estruturar a informação potencialmente existente em dois campos de informação complementários, denominados respectivamente como o Perceptor e o Percebido.

Figura 12
Informação Não-diferenciada



A figura 12 demonstra a condição genérica da informação não-diferenciada, na qual o perceptor e o percebido não podem delimitarem-se um ao outro, devido a que o campo de informação não possui nenhuma fronteira interior.

Quando o perceptor se reconhece a si mesmo simultaneamente e a aquilo que percebe, então a informação que constitui o campo assume uma condição não-diferenciada e o estado se denomina Concentração. Neste caso não existe qualquer *fronteira interior* que indique um sentido de diferenciação entre o objeto-sujeito, mas sim existe fronteira final que delimita ao objeto e ao sujeito dos demais objetos-sujeitos potencialmente existentes.

CAMPO FECHADO

É possível definir a potencialidade ilimitada da informação com base no tipo de fronteira final que contém a informação. Neste caso é viável apresentar dois tipos de fronteira final: Fechada e Aberta.

É valido afirmar que o campo é fechado enquanto existir uma fronteira que delimite o campo de informação, pois a informação que o constitui está contida dentro de uma fronteira. Para esclarecer este ponto, perceba que a cognição normal do ser humano está sempre delimitada a uma condição limite sensória, no caso de ser externa, ou a uma capacidade de acesso a memória, no caso de ser interna. Cada indivíduo possui sua própria capacidade de limitar o meio em que vive, seja por sua

53 Os limitantes têm sido profundamente detalhados em *La Paradoja Divina*

54 Estados de Consciência = Campo de Cognição = Campo de Informação + Consciência = Função (E, C, F, I), onde E = Limitante Espacial; C = Limitante Causal; F = Limitante de Fronteiras; I = Limitante de Interpretação.

constituição sensorial, ou seja, devido a capacidade dos cinco sentidos, ou seja pela definição de eventos em razão de sua própria história, ou seja, por sua condição de raciocínio.

Um campo fechado é, por exemplo, um bosque, um corpo humano, o conjunto dos números, etc. A informação que a mente humana pode detectar através do processo racional possui necessariamente uma fronteira fechada e está constituída de informação diferenciada; ou seja, normalmente o ser humano apenas capta a informação proveniente dos estados de Sonho, Pensamento e Observação.

Enquanto existir fronteira final,
necessariamente o *campo de informação* se estabelece como sendo *fechado*.

CAMPO ABERTO

Quando não existe fronteira final que delimite um campo de informação, então o denominamos de campo aberto (veja a figura 13). Um exemplo próximo disto pode ser a imensidão do espaço, que parece sempre estar em expansão, razão pela qual contém sempre a criação.

Figura 13
Campo Aberto

O terreno do infinito, o absoluto, o incomensurável, o oniabarcante, eterno, etc., correspondem a este tipo de realidade aberta.

A ausência de *fronteira final* induz a não-limitação do campo
e portanto o surgimento de um *campo de informação aberto*.

O exemplo mais típico e contundente de campo aberto são os estados de Meditação e *Samadhi*, onde a informação que constitui o campo é não-diferenciada (pois não há fronteira interior) e a fronteira que o delimita está Aberta. Este tipo de cognição é pouco frequente no ser humano, circunstância que leva praticamente a inexistência teórica de sua natureza. São muito poucos os mestres que buscam se aprofundar na análise destes estados de Consciência; a maioria, apenas se contentam em dar ânimo a seus esforçados estudantes devido a dificuldade que provê o entendimento da Não-dualidade.

Resumindo: Temos até agora dois tipos de informação - diferenciada e não-diferenciada -, dois tipos de campo – Fechado e Aberto – e dois tipos de fronteira – sensória (que delimita ao conhecedor do conhecido) e final (que delimita a totalidade do campo). Em virtude do anterior, se é possível organizar a cognição em função do tipo de informação e da modalidade de campo (tabela 27).

Então, já é possível determinar com precisão os diferentes estados de Consciência e assim, investigarmos em distinguir claramente a prática da Observação, da Concentração e da Meditação. Graças a isto poderemos definir e distinguir com claridade os dois *savikalpa samadhi* e o *nirvikalpa samadhi* internos e externos dos quais nos apresenta *Sankara* nesta obra.

Tabela 27

Resumo dos Estados de Consciência segundo o tipo de Campo e de Informação

Estados de Consciência		
Campo / *Informação*	**Fechado**	**Aberto**
Diferenciada	Sonho, Pensamento, Observação	—
Não-diferenciada	Concentração	Meditação e *Samādhi*

OBSERVAÇÃO
(*SAVIKALPA SAMADHI* ASSOCIADO A OBJETO)

No estado de Observação tende a prevalecer a informação em um campo fechado onde apenas prevalece o Observador (no caso da prática interior) ou o Observado (na prática exterior).

É preciso, para que prospere este estado, dirigir a atenção exclusivamente aos acontecimentos «que estão sucedendo»; se não for assim, ou seja, no caso de atender aos pensamentos (se é a prática interna) ou de interpretar o percebido (no caso de estar na prática externa), o estado se deslizará imediatamente ao Pensamento ou ao Sonho.

Quando no mundo interior a atenção se situa firmemente no observador que atende, os múltiplos pensamentos começam a se distanciarem até que finalmente uma massa escura, homogênea e ilimitada, situada diante do observador, se converte na única realidade experimentável. A permanência neste estado leva a que o observador finalmente se sobressaia sobre o observado, de tal maneira que ocorra um «salto» para a Concentração, estado no qual o observador é simultaneamente e onipresentemente o observador e o observado.

A Observação, logicamente, é parte de um campo fechado onde a informação que o constitui é necessariamente diferenciada. Quando a informação que se encontra aprisionada em uma fronteira fechada se manifesta não-diferente, então surge o estado de Concentração. Isto ocorre quando o observador é simultaneamente o observado (prática interna) ou ainda, quando o observado é simultaneamente o observador (prática externa).

CONCENTRAÇÃO
(*SAVIKALPA SAMADHI* ASSOCIADO A SUJEITO-OBJETO)

Alcança-se o estado de Concentração quando o perceptor se reconhece não-diferente do percebido dentro de um campo fechado de cognição[55]. Então o perceptor flui não-diferenciado na totalidade do campo fechado, mas não alcança em perceber toda a informação potencial, pois esta se encontra além da *fronteira final*.

É a partir da Concentração que finalmente a experiência Não-dual se converte em Meditação, onde o perceptor se experimenta irremediavelmente «expandido» para uma realidade que está além de seu próprio controle. O universo perde a condição estável que favorece a Concentração e perde-se em uma explosão interior que vislumbra uma realidade que rapidamente se integra no próprio campo.

55 Um campo de informação é denominado de *campo de cognição* quando a natureza da Consciência se introduz como parte integrante do campo. Para se aprofundar neste tema, aconselhamos ler cuidadosamente *Los Campos de Cognición, Sesha,* (www.sesha.info).

Ali, o praticante se vê impelido a integrar-se com a informação potencial que a fronteira final do campo delimitava, como um rio que irremediavelmente morre no oceano que o contém. A meditação, o *nirvikalpa samadhi*, é a experiência onde o rio começa a ser o oceano.

A experiência da Concentração é profundamente maravilhosa, mas ainda existe um vestígio de potencialidade de informação não integrada no campo. Na medida em que se aprofunda no estado, a informação Não-dual que antes formava o complemento do campo inicia agora o processo de integração ao campo. Esta integração, na forma de *nirvikalpa*, pode manifesta-se em instantes ou simplesmente permanecer o estado de Concentração sem que prospere o estado de Meditação.

MEDITAÇÃO
(*NIRVIKALPA SAMADHI)*

Quando se dilui a fronteira final do campo de cognição fechado que delimita o estado de Concentração, então o perceptor do campo (o *atman*) pode afirmar que se encontra em meditação, ou seja, em *nirvikalpa samadhi*. Em *nirvikalpa*, a fronteira final cessa, ou seja, a mente não produz sentido de diferenciação da informação, deixando atrás todo o possível nível de diferenciação e de informação potencial por integrar. Ali, a ausência de qualquer fronteira interior e de qualquer fronteira final move o perceptor *(atman)* em um estado de imensa felicidade. O Si Mesmo é semelhante as imensas galáxias que circundam o infinito de toda a existência. O tempo e o espaço se conjugam e não assumem a condição diferenciadora que induz em outros estados de Consciência. Ali, o néctar da bem-aventurança se experimenta sem início e sem fim. Não existe um «algo» diferente de outro «algo». Existência, Consciência e Bem-aventurança são abundantes em tudo, sem que exista um agente diferenciado que seja testemunha do magnífico do que acontece.

A vivência do *nirvikalpa samadhi*, em qualquer de suas facetas, é a mais excelsa das experiências que o ser humano pode viver. Todas as tradições convergem para o profundo significado da experiência final[56] que o *samadhi* tem como sustentação e fundamento de toda a realidade.

Como exemplo do *nirvikalpa samadhi* interior, a seguir apresento um testemunho cujo objetivo é mostrar, com o mais puro afã pedagógico, a obtenção deste estado mediante o caminho interior *(anta)*, ou seja, sem a presença dos objetos externos, pois os sentidos previamente foram desconectados deles:

> «Estava no mês de maio de mil novecentos e oitenta e seis. Alguns amigos me convidaram a uma prática interior que consistia em fazer vários tipos de visualizações acompanhadas de música, atividade que frequentemente realizavam em grupo. Tinha pouco interesse neste tipo particular de exercício. Ainda assim aceitei graças a que se reuniriam em um lugar distante da cidade, onde a paisagem, por si mesma, era incentivo suficiente para superar muito o pesadelo de uma tarde cheia de práticas que, a meu ver, careciam de sentido.
>
> A sala era realmente acolhedora; o clima frio daquela região era abrandado por um tapete de lã de ovelha muito grosso. Uma das paredes era uma imensa janela que contrastava com a proximidade das múltiplas cores de algumas flores plantadas nos jardins próximos e com um espelho de água na forma de um lago que se encontrava distante. O céu, intensamente azul, parecia prometer uma tarde excepcional.
>
> Sentamo-nos na sala onde realizaríamos a prática. Preferi tomar certa distância do grupo; estavam em seis. Permaneci distante alguns metros, pois, no caso de ser necessário devido

56 Conceitos como *nirvana* (Budismo), êxtase místico (Cristianismo), *satori* (Zen) são exemplos da universalidade do estado fundamental que o *Vedanta* denomina de *samadhi*.

de uma possível discordância do tipo de prática realizada, poderia levantar-me sem fazer muito ruído, sem molestá-los em excesso para sair e aproveitar a maravilha de tanta natureza belamente reunida.

A música começou. Mozart era o primeiro convidado, logo Beethoven. Enquanto os compassos chegavam e partiam, quem dirigia o grupo solicitava para que levássemos as mãos para diferentes locais do corpo onde supostamente se encontram os chacras e locais com algum tipo particular de energia. Ali, as mãos serviam de guia para a energia que devia desprender-se de cada local para dirigir-se a outros locais do corpo. Após alguns minutos seguindo as instruções comecei a sentir-me incomodado, pois os anos prévios de estudo e prática de meditação *Vedanta Advaita* – uns oito, mais ou menos – direcionaram o caminho da busca interior a partir de um percurso diferente: A auto-observação do processo cognitivo. Naquela época o caminho da auto-observação me era profundamente complexo de ser realizado e isto ainda era relativamente constante na prática e meu coração buscava de forma saudável um resultado conducente a uma experiência fundamentalmente Não-dual, tal como a tradição a afirmava, o melhor que podia alcançar em algumas ocasiões era desconectar-me da dor física ou aplacar momentaneamente alguns sons externos que o ouvido não cessava de escutar. Sempre, milhares de pensamentos em um turbilhão, onde cada um buscava sobressair desesperadamente sobre os restantes para a superfície consciente, como se fossem náufragos buscando oxigênio enquanto a tormenta os abatia para o fundo do mar.

Assim, continuou a experiência por alguns minutos no conhecido caos mental, sempre o desesperado, cotidiano e incontrolável caos mental. Finalmente, tomei a decisão de buscar conscientemente evitar escutar a música e as instruções que se dava a respeito de onde localizar a energia, suas cores ou o local do corpo onde deveria ser direcionada.

De um momento para outro e sem razão alguma, o espaço interior tomou um colorido completamente escuro. Pareceu-me estranho, pois sempre e em todo momento, durante todos os anos de prática, havia sempre a presença de alguma sombra ou cor; e quando isto não acontecia, havia um som ou um desconforto físico. O panorama totalmente escuro que se apresentava diante, em minha visão interior, era semelhante a uma imensa abobada celeste carente de estrelas e de luminosidade. Era momentaneamente perceptor de uma realidade assombrosa, completamente quieta e livre dos excessivos atributos que normalmente os sentidos físicos fazem com que a mente, mediante os processos dialéticos perceba dos objetos externos.

Ali ainda era possível pensar. Minha natural capacidade inquisidora me levava a buscar saber o que estava se passando. Observava para os lados, para cima, para baixo... Não havia nada, tudo estava carente de formas. Permaneci ali investigando tudo o que poderia perceber naquele instante. Passados alguns minutos, o processo cognitivo que antes acompanhava a escuridão que brotava e me cobria começou a desacelerar-se; a cada momento era mais difícil atribuir características ao que acontecia em meu mundo interior.

Finalmente, na distância do escuro universo que me invadia e justo diante, na localização que podia presumir-se ser correspondente ao horizonte, emergiu um pequeno sol vermelho. Rapidamente se aproximava, aumentando consideravelmente o seu tamanho. Percebia que meu processo pensante se fazia mais lento na mediada em que aquele sol vermelho se aproximava; os «nomes» e as «formas» com as quais poderia atribuir características ao que acontecia eram cada vez mais escassos; a mente se dirigia a um tipo de experiência na qual paulatinamente se encontrava impossibilitado de pensar. Chegou o momento de poder observar claramente a

natureza luminosa daquela massa de cor vermelha que, instante a instante, buscava cobrir todo o espaço de minha visão interior. Devido ao caráter se sua luminosidade se assemelhava a um sol. Nos extremos de sua circunferência brotavam resplendores na forma de tentáculos, que sequencialmente se reabsorviam novamente na massa da qual se originaram; parecia com vida e mostrava uma energia além de qualquer contemplação.

Foi necessário tomar uma última determinação: permanecer a expectativa do que poderia ocorrer ou abrir os olhos e cortar de imediato o processo que interiormente acontecia. Optei pelo primeiro: permanecer impassível diante de qualquer coisa que possa passar. Inclusive o irrefreável temor de morrer começou a me invadir, pois a imensa massa luminosa possuía ao que parecia, o poder de arrastar a vida que em meu corpo morava. Sentir a morte tão próxima aumentava meu temor. Assumi realmente a decisão: de seguir, sem importar o que poderia acontecer. No mesmo momento o sol vermelho cobriu a totalidade de meu espectro interior, chocou violentamente contra o peito e fez com que o coração explodisse em mil pedaços, semelhante a uma garrafa de cristal derrubada de centenas de metros de altura.

Fui lançado ao próprio espaço. Não sentia o corpo. Era o espectador de como a lua, os planetas, o sol e as estrelas passavam uma a uma ou aos milhares, formando um universo de galáxias, cada um com infinitos constituintes; era testemunha de mundos formados por cada partícula de pó. Luzes inenarráveis, forças que por sua fúria são incompreensíveis e ideias que jamais minha mente poderá explicar, formavam redemoinhos em uma dança acompanhada pela música de uma felicidade indescritível. Era testemunha não apenas deste universo, mas também de todos os restantes, daqueles que existem além de nossa limitada compreensão mental. Tempo e espaço se manifestavam, mas não limitavam. Um imenso manto de bem-aventurança cobrava existência. Logo, firmado no próprio infinito me converti em infinito.

Meu coração lembra coisas que a mente está impossibilitada de definir com palavras. Era o conhecedor e o conhecido. A força da compreensão habitava em cada lembrança de um universo sem princípio e sem fim. Um oceano de Consciência habitava tudo que existe e além do existente. O amor era tão enlouquecedor como o brilho de mil sois juntos que se movem em uma bolha de sabão. Ali, resguardado de toda a dualidade, fundido no local dos segredos, o universo revelou sua essência imortal.

Durante horas o universo fluía no próprio universo. Nem o amanhecer dos universos nem a explosão de imensas estrelas eram capazes de perturbar este estado. É uma realidade sem começo e sem fim. É impossível saber quanto tempo durou aquilo; apenas existia a eternidade. Finalmente e após algumas horas, apareceu novamente o mundo objetivo. Novamente os objetos surgem diante de meus olhos, os sentidos amplificados criavam certa confusão; no entanto, era impossível distinguir entre uma forma e outra. Os objetos se apresentavam, segundo sua índole essencial, dotados de cor, odor, som, etc., mas era incapaz de encontrar diferença entre eles. De forma semelhante, o perceptor se assemelhava a um imenso cristal transparente impossível de ser localizado.

O que sucedeu após e o assombro daqueles incrédulos que me observavam, é parte de outra história. Os gloriosos dias que posteriormente se sucederam forjaram uma compreensão que apenas a própria experiência pode outorgar».

SLOKA 27

A primeira classe de samadhi é possível tanto com a ajuda de um objeto externo como de um interno. Neste samadhi, o nome e a forma estão separados do que é a Existência Pura (Brahman).

O Savikalpa samadhi associado a um objeto é possível de ser realizado tanto com a ajuda de um objeto externo como de um interno. O agente experimentador deste Savikalpa samadhi associado ao objeto ainda não é Brahman, o absoluto Não-dual.

O *Savikalpa samadhi* associado ao objeto é um experiência dual, fragmentada, onde o sujeito e o objeto ainda se contrapõem, tal como fazem duas cargas de mesmo sinal.

A essência do *samadhi* não-dual se baseia no fato da experiência de um tipo de cognição onde o observador se experimenta não-diferente daquilo que conhece.

A tradição estabelece a divisão do *savikalpa samadhi* associado ao *objeto* em duas modalidades de experiências: interna *(anta)* e externa *(bahya)*. Estas duas modalidades de *savikalpa samadhi* são os resultados do início da experiência que desembocará finalmente na Meditação.

Como já temos dito repetidamente, a prática meditativa apresenta três etapas ou estados fundamentais: Observação, Concentração e Meditação. Por sua vez, a prática possui duas vertentes essenciais: a interna e a externa. Deste modo, temos três estados simétricos que fazem um total de seis estados de Consciência: Observação, Concentração e Meditação internas, e Observação, Concentração e Meditação externas.

O que se busca, tanto na prática interna como na externa, é possibilitar um estado de cognição Não-dual no qual o perceptor se percebe simultâneo e onipresentemente não-diferente do percebido. Com tal fim, a estratégia empregada na prática interna é idêntica, ainda que simetricamente oposta, a empregada na prática externa. O detalhe da prática, tanto interna como externa, se encontra minuciosamente apresentado em outras obras[57]; contudo, e para maior facilidade para o leitor, vamos adiante fazer uma breve recordação.

Na prática interna se busca que o percebido seja o próprio perceptor, ou seja, se busca perceber ou indagar ao próprio perceptor. Para isto, é preciso primeiramente desconectar os órgãos sensórios, para adentrarmos ao mundo interno. Continuando, a chave é distanciar-se de tudo o que não seja o perceptor, o qual inclui tomar distância dos objetos internos: pensamentos, emoções, fantasias, etc. Este estado, no qual predomina exclusivamente o perceptor, denomina-se de Observação interior. A permanência neste estado produz uma gradativa auto absorção da atenção sobre si mesma no Momento Presente, o qual possibilita surgir o estado não-diferenciado da Concentração (não-diferenciado, pois é obvio que o perceptor é não-diferente do percebido, já que ambos são único e o mesmo), levando ao mágico instante em que o campo de cognição da Concentração se abre para produzir o estado de Meditação interior.

De forma semelhante a prática interior, a prática exterior busca que o perceptor e o percebido se manifestem não-diferentes, só que a via que seguimos é a simetricamente oposta a empregada na prática interna; ou seja: na prática externa se busca que o perceptor seja o percebido, quer dizer, se busca ser percebido pelo que se percebe ou, de outro modo, que seja o percebido quem percebe. Para isto, o observador se submerge na percepção pura através dos sentidos desaparecendo como observador separado, ou seja, percebendo os objetos externos sem distância até chegar a fundir-se com eles. Este estado, no qual se predomina exclusivamente o percebido, o denominamos de Observação exterior. Semelhante a prática interior, a persistência neste estado origina uma gradual auto absorção da atenção sobre si mesma no Momento Presente, o qual possibilita o estado não-diferenciado da Concentração. (Que obviamente é não-diferenciado, dado que o percebido é não-diferente do perceptor e que ambos

57 Particularmente no livro, *La Paradoja Divina, Sesha,* (www.sesha.info).

são o único e o mesmo), dando sequência a que desapareça a fronteira final do campo, produzindo-se então a inigualável vivência da Meditação exterior.

Detalharemos adiante o mesmo processo, mas apresentado agora por estados de Consciência.

Observação interior, ou *anta savikalpa samadhi* associado ao objeto: A testemunha *(exín)* atende a ausência dos pensamentos. Ali, firmemente situado como espectador, se experimenta a si mesmo como ausente de história. O Momento Presente se converte em um suceder-se que cada vez induz maior densidade e preeminência a testemunha e menos aos objetos (pensamentos, etc.) que conhece.

Observação exterior; ou *bahya savikalpa samadhi* associado a sujeito-objeto: A testemunha *(exín)* se funde ao conhecido, possibilitando a preeminência do observado. Ali, a cognição é carente de uma testemunha independente que faça do saber sua propriedade. A cognição funciona graças a que o conhecido é essencialmente Consciência. É o conhecido que conhece, ainda que não possua o poder de testemunhar-se, situação que acontecerá na Concentração.

Concentração interior; ou *anta savikalpa samadhi* associado ao sujeito-objeto: O *exín*, testemunha da Observação, se converte em objeto de percepção de si mesmo. Esta nova modalidade de cognição, onde o sujeito é simultaneamente objeto e sujeito de conhecimento, produz uma forma de testemunho Não-dual. Esta nova maneira Não-dual de experimentar a realidade é testemunhada por *saksin*, o qual é não-diferente do conhecido. O *saksin* flui simultaneamente sendo aquele que testemunha e sendo aquilo que é testemunhado.

Concentração exterior, ou *bahya savikalpa samadhi* associado a sujeito-objeto: O *exín*, testemunha da Observação exterior, agora se reconhece a si mesmo como sujeito de percepção do conhecido. Esta nova variante de cognição induz o surgimento da cognição Não-dual. A nova testemunha, o *saksin,* é agora a intersecção simultânea e onipresente de todo o conhecido através dos sentidos e de quem testemunha a tudo isto.

Meditação interior, ou *anta nirvikalpa samadhi*: esta prática marca o início da integração total da informação Não-dual. Aqui toda a informação potencialmente cognoscível pela mente do Senhor da criação, isto é, tanto a informação consciente como a complementária, se integram simultaneamente em um todo Não-dual. Este processo acontece, semelhante a Concentração Interior, sem que exista presença sensória, ou seja, o mundo externo fica momentaneamente extinguido, sem que se possa ter consciência dele. Esta prática prove a integração simultânea em um todo Não-diferente de todos os conteúdos conscientes e inconscientes que fazem parte da mente humana. Neste estado, semelhante a todos que denominamos de interiores *(anta),* os sentidos estão ausentes.

Meditação Exterior, ou *bahya nirvikalpa samadhi*. Neste estado a delimitação sensória que existia no estado de Concentração agora se extingue. O universo material agora se experimenta como sendo um todo não-diferente. A fronteira final sensória se abre, de tal maneira que os conteúdos do universo se agrupam tal como faz o espaço de uma jarra que se rompe com o espaço exterior a ela. O universo segue vendo, sentido o aroma, o tato, etc., mas a simultaneidade e a onipresença de todos os eventos se sensibilizam no turbilhão da percepção que acontece.

A enumeração dos estados Não-duais que *Sankara* determina não são, no final, distintos a definição dos grandes comentaristas, como *Patanjali*, (veja as figuras 14 e 15). Falar, como *Sankara* faz, de modalidades de *nirvikalpa* ou *savikalpa samadhi* não deve criar confusão no estudante, pois todas as diversas sistematizações das diversas graduações que se experimentam na fase da prática meditativa, convergem finalmente na experiência Não-dual, tão impossibilitada de ser transmitida como inexplicável.

Personagens do nível de *Sankara* e *Patanjali*, entre outros, tem tido a dificuldade imensa de apresentar um caminho que não se pode «ver» com os olhos do intelecto dual.

Figura 14
***Savikalpa y Nirvikalpa Samādhi* Internos**

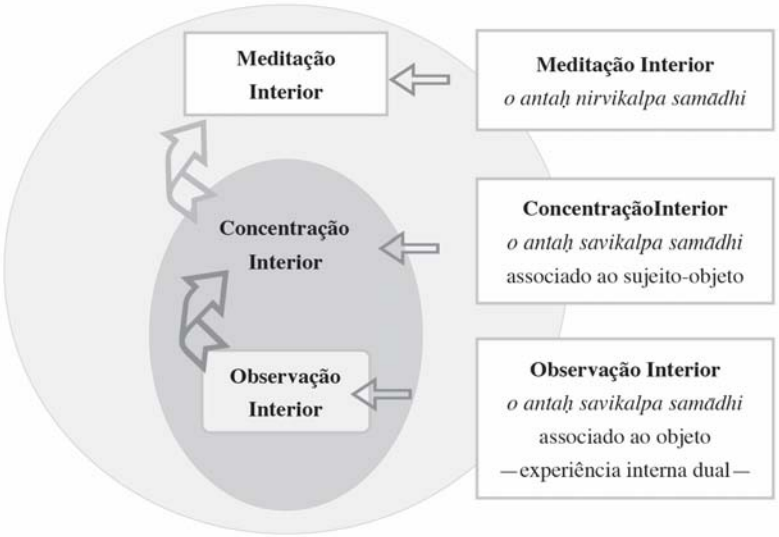
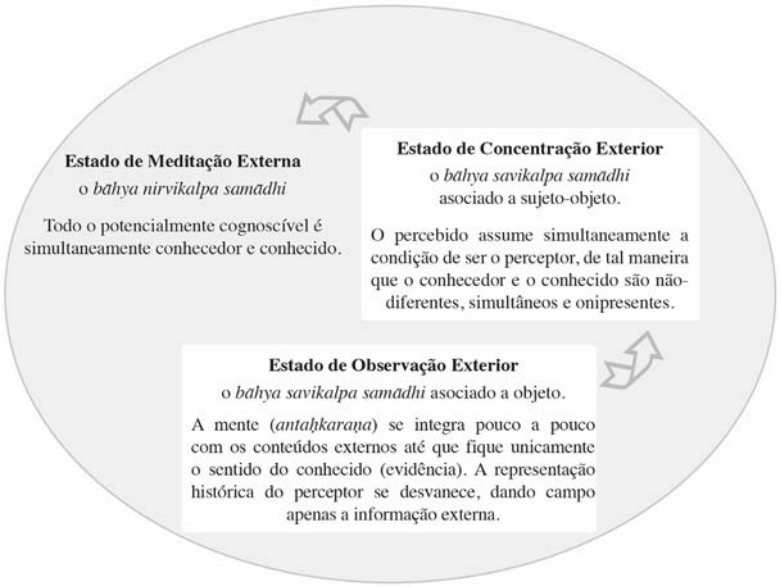


Figura 15
***Savikalpa y Nirvikalpa Samādhi* Externos**



SLOKA 28

A entidade que (sempre) é a própria natureza e ilimitada (por tempo, espaço, etc.) e que se caracteriza pela Existência - Consciência - Bem-aventurança, é na verdade Brahman. Tal ininterrupta reflexão é chamada de absorção intermediária que é o savikalpa samadhi associado com o som (objeto).

O Atman, cuja natureza sempre é a própria e ilimitada e que se caracteriza por Existência – Consciência – Bem-aventurança, na verdade é Brahman. A experimentação Não-dual dos objetos do mundo externo se denomina savikalpa samadhi associado ao sujeito-objeto e sua permanente percepção desemboca finalmente em Brahman.

A manifestação de *savikalpa samadhi* associado ao *som*, ou seja, ainda associado ou delimitado por uma fronteira mental construída pelo que geralmente denominamos de inconsciente, provém normalmente do estado de Observação e é o que nós denominamos estado de Concentração.

A tradição explica principalmente a experiência interior; ou seja, explica como se é possível adotar uma condição Não-dual mediante uma série de passos, cada um dos quais se supõe como o ingresso a um estado de Consciência progressivamente mais elevado e profundo. A maior análise já feita e que o *Vedanta* aceita quase em usa totalidade, foi realizada a milhares de anos pelo sábio *Patanjali* através da análise de seus famosos aforismos.

Tal como foi estudado previamente[58], *Patanjali* propõe quatro passos consecutivos interiores, cada um deles mais profundo, que vão desde desconectar os sentidos dos objetos externos *(pratiahara)* até o alcance do *samadhi,* mediante o passo prévio pelos estados denominados de *dharana* (Concentração) e *dhyana* (Meditação).

A tradição tem estudado detalhadamente a prática interior, mas são poucos os livros e os autores que tem apresentado de maneira explicita e ordenada a prática externa dentro de um sistema o suficientemente claro para que os estudantes possam aplicá-la como um método.

É o *Bhagavad-gita* (o Canto do Senhor) o texto que desde sempre tem inspirado o caminho da pratica interior e exterior na tradição *Vedanta*. As primeiras seis estâncias ou capítulos do livro em questão – especificamente do dois ao seis – possuem como objetivo desenvolver pormenorizadamente as ideias que levam a converter o mundo externo em objeto de prática Meditativa mediante a realização continuada do *karma yoga*[59], a fim de alcançar a liberdade final *(moksha)*.

É comum se acreditar que o mundo externo, em vez de ser um objeto de contemplação, se converta em um objeto de distração. Esta concepção, tão frequente na tradição religiosa ocidental e em algumas outras, tem convertido a realidade material em um símbolo de algo sem valor, erróneo e inclusive maléfico. Tais apreciações, fruto da ignorância, demonstram o pobre sentido que se dá ao mundo e aos objetos materiais que o constituem. Inclusive, esta falaz apreciação do mundo material tem gerado uma brecha do mundo interior a respeito do desenvolvimento científico que, baseado no realismo filosófico, busca descrever a sua maneira a parcela de realidade de suas observações.

> Pela perspectiva do *Vedanta,* o mundo não é um oponente que deva ser vencido, mas sim, um instrumento de realização da própria liberdade. A maestria de conseguir vê-lo como um ente Não-dual é o fundamento da prática exterior ou *karma yoga*.

A prática meditativa externa se sustenta no *karma yoga*, o qual ensina a realizar toda a ação de forma reta, ou seja, sem consequência kármica ou atadura causal. O fundamento do *karma yoga* estabelecido no *Bhagavad-gita* busca desarticular a condição egóica que tende a aparecer enquanto se realiza a ação. São dois os objetivos que o *karma yoga* busca apresentar associados a ação: Desapegar-se de seu resultado (desejo de fruto no futuro) e desapegar-se do sentimento de ser seu executor (egoísmo).

58 Ver tabela 8.

59 Uma análise profunda acerca da ação está apresentada no livro *El Eterno Presente, Sesha*.

O DESEJO DO RESULTADO DA AÇÃO

O *Bhagavad-gita* propõe a realização da ação sem o desejo de fruto, ou seja, propõe realizar a ação pela ação e não pelo resultado que dela se possa obter.

Esta situação carece de sentido para a cultura ocidental, pois toda a apresentação desta cultura se baseia em proveito próprio. A economia, a educação e inclusive a apresentação científica do mundo ocidental se baseia no fato da existência de realidades independentes, sejam elas objetos materiais ou ideais, que podem ser conhecidos e possuídos por um perceptor que ostenta uma condição semelhante de individualidade e independência.

O ocidente atua baseando-se no proveito pessoal. Os indivíduos se educam com uma visão egoísta fundamentada na consecução de metas pessoais. Ainda que se fale de que o bem comum é superior ao individual, isto é uma falácia, uma mentira. A democracia e o capitalismo são verdades de poucos que convencem a muitos. O mundo está manejado pela conveniência de pouquíssimas pessoas; estes são aqueles que estabelecem as regras que governam ao restante. No mundo prevalece o poder de poucos sobre muitos e não o bem comum diante do individual.

Está forma de vida possui suas vantagens, especialmente para aqueles que formam parte do clã de privilegiados. A riqueza de poucos possui como condição a pobreza de muitos. Os pobres desejam ser poderosos, os poderosos desejam ser ainda mais.

A ação leva o ser humano a projetar-se nas metas que seus inacabados desejos apresentam dia a dia. A intencionalidade e o desejo dominam em todos os locais. As ações se impregnam pela necessidade de alcançar metas inacabadas, de agregar frutos as ações e de obter resultados de cada ação em particular.

RECONHECER-SE COMO AGENTE EXECUTOR DA AÇÃO

Outro grave erro da maioria dos indivíduos que realizam qualquer tipo de ação é de assumir que são eles quem verdadeiramente executam a ação. Se o ser humano for o suficientemente observador dos processos que o rodeiam, notaria com profundo assombro como cada coisa verdadeiramente se faz por si mesma. O mundo se manifesta como uma materialização do instante experimentado, mas jamais é um ato que emerja em função dos desejos dos indivíduos.

Nossa própria constituição física e psicológica é o produto de anos sem conta. São milhares as experiências que temos esquecido nesta e em outras existências. Nosso universo, forjado de lembranças de curto prazo, pela informação situada na memória consciente, é tão pobre como nossa decisão de nunca mentir.

Como evitar a guerra se ela é em si mesma a consequência do egoísmo humano? Como evitar as enfermidades se nos envolvemos com modos de vida desordenados?

O ser humano assume que ele controla a ação, mas apenas é um espectador de um universo que flui em direção que a vezes coincide com seus desejos e as vezes não. Não somos criadores das ações; somos simples espectadores cuja única liberdade consiste em permanecer ou não atados ao passado, acreditando que somos nós que realizamos as ações.

A liberdade consiste em identificar-se ou não com a ação realizada por *desejo de fruto e sentido de egoísmo*. Assim, a autêntica liberdade radica em atuar sem a presença do sentido de «eu».

Como alcançar subtrair-se o sentido de desejo pelo resultado da ação e o sentido de egoísmo na ação?

Primeiro de tudo, é preciso que o sentido de egoísmo seja erradicado enquanto se realiza toda a ação. Para isto é imprescindível que a cognição dos objetos externos seja realizada sob um modelo de percepção diferente daquele que normalmente está estabelecido; ou seja, deve-se impedir, enquanto se executa a ação, que exista sentido de distância entre o perceptor e os objetos de percepção.

A interpretação mental das ações induz um sentido de distância, de diferenciação entre o perceptor e o percebido. A apreciação de espacialidade é consequência de interpor a fronteira sensória entre os objetos que constituem o mundo e seu perceptor.

A partir de uma perspectiva metódica – não no campo ético, mas sim, no epistemológico – a obtenção do estado de Concentração se manifesta pela consecução de uma série de passos que mais adiante descreveremos.

Quando apresentamos a prática meditativa externa ou a interna, nos apoiamos nos breves gráficos que são apresentados adiante (veja figura 16).

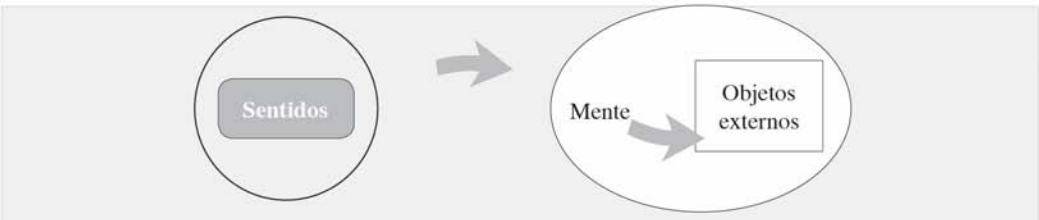
Figura 16

Percepção COM e SEM distância dos objetos externos

Percepção COM sentido de distância

- Modalidad de percepción **errónea** del mundo externo.
- A mente, através dos sentidos, percebem os objetos externos por uma *fronteira sensória*
- A atividade de raciocínio mental induz sentido de distância entre o perceptor e o percebido.
- Se experimenta ao percebido «fora» e ao perceptor «dentro», delimitado pela *fronteira sensória*
- Modalidade de percepção **errada** do mundo externo

Percepção SEM sentido de distância



- A mente, se projeta através dos sentidos, percebem os objetos externos sem sentido de distância espacial.
- A atividade de raciocínio mental decresce e induz uma cognição plena de atenção aos objetos externos que acontecem.
- Não requer da definição intelectiva dos objetos externos.
- Cessa o sentido de distância entre o perceptor e o percebido e aparece um sentido de prevalência do observado devido a perda da presença do observador.
- O «eu» não se experimenta como parte da percepção, pois, predomina cada vez mais o objeto sem que exista representatividade mental.
- Modalidade de percepção **correta** do mundo exterior.

A partir da perspectiva externa, é preciso que o sujeito (que é parte integrante da mente) se projete através dos sentidos e perceba os objetos externos (auditivos, visuais, etc.) do próprio local de onde se encontram. Este primeiro passo o denominamos de Observação externa. No mesmo momento em que se projeta a percepção, a condição egóica fica momentaneamente suspendida. A cognição depende agora do próprio campo sensório que agora se destaca. A condição inteligente que emerge como controlador do estado se denomina de *exín*.

Quando a mente se projeta através dos sentidos, o sentido de egoísmo desaparece e a mente é transladada a uma nova forma de cognição além de seu comum funcionamento; isto ocorre, por exemplo, quando se move de estar «dentro» da fronteira sensória para estar projetada «fora» desta, como sucede quando o indivíduo se abstrai momentaneamente em um esporte, lê avidamente a um interessante livro ou quando observa a um emocionante filme e se abstrai momentaneamente na tela do cinema.

Para alcançar a nova localização da cognição externa é necessário que a percepção seja realizada a partir da fonte, ou seja, desde o objeto externo e que além, seja realizada com profundo detalhamento.[60]

Quando o sentido de egoísmo se desvanece no campo de cognição e a forma de cognição perdura o suficiente como para criar uma inércia consistente, então o próprio campo induz um perceptor que conhece simultaneamente ao campo e a si mesmo. Esta modalidade de conhecimento se denomina de Concentração externa ou *bahya Savikalpa samadhi* associado ao *som*.

SLOKA 29

A insensibilidade da mente (aos objetos externos), como foi dito anteriormente, devido a experiência de Bem-aventurança, é designada como sendo a terceira classe de samadhi (nirvikalpa). O praticante deve dedicar o seu tempo ininterruptamente a estas seis classes de samadhi.

A dissolução da mente na totalidade de todos os conteúdos externos procura um estado de Bem-aventurança (ananda) designada como bahya nirvikalpa samadhi ou Meditação exterior. O praticante deve dedicar seu tempo ininterruptamente a absorção nestas seis classes de samadhi.

O *nirvikalpa samadhi* é o estado de Consciência supremo por excelência. Não existe uma modalidade de percepção mais estável que aquela que acontece neste estado.

> A essência do conhecimento do *Vedanta* é que o indivíduo *(jiva)*
> é idêntico ao Absoluto Não-dual *(Brahman)*.

Deve-se perceber que o *Vedanta* não afirma que no *nirvikalpa samadhi* o universo se dilua em alguma condição que apenas pode ser ali conhecida; tampouco afirma que implique a integração de uma entidade criadora que subjaz em alguma região da criação. A partir de nossa perspectiva, a informação que constitui o universo – ou seja, toda aquela que a mente pode conhecer e também aquela que não é cognoscível – jamais se destrói, não se desfaz e nem se transforma em algo que previamente não seja ela mesma.

Afirmamos que a informação pode adotar uma condição peculiar de cognição no *samadhi* Não-dual, ao não existirem os atributos dialéticos que a delimitam nos estados prévios e duais de Consciência. O grande dilema do Ocidente e dos sistemas pseudocientíficos duais é que assume *a priori* a existência de uma condição denominada «eu». Inclusive, lhe insertam a condição de ser consciente, de ter

60 Com o fim de aprofundar na correta cognição externa, aconselhamos a analisar e estudar pacientemente o livro *La Paradoja Divina. Sesha*.

pensamentos e de possuir um corpo vivo. O fato de tornar o «eu» como sendo algo real e como ponto de partida é a mais equivocada das invenções humanas e faz com que todas as indagações a respeito da origem da existência terminem sempre em caminhos sem saída, em paradoxos irreconciliáveis. Ninguém nunca definiu claramente o «eu», todos assumem que o possuem, que é a base de sua existência e que é a fonte da cognição; no entanto, nada há de mais nefasto e incerto.

O «eu» é uma verdade na qual todos acreditam, mas que ninguém pode provar.
Sua natureza mutante, efêmera e instável, que é acompanhada de eventos externos
de semelhante natureza, é a fonte da dualidade, da impermanência e do sofrimento humano.

O «eu» não é «algo» que existe na mente e nem fora dela, como a lava que pode ser expulsa de um vulcão; tampouco é «algo» que se recobre com camadas como a uma cebola; menos ainda é um princípio que nasce e lentamente amadurece, como fazem as plantas ao germinar.

O «eu» é o sentido de propriedade da cognição.

Afirmamos que o «eu» é um ilusório intermediário na cognição e que a sua presença em relação para com os objetos que conhece cria a possibilidade de que a informação adote cinco diversos estados de Consciência, três deles duais e dois Não-duais.

Afirmamos que o «eu» é parte da mente e que a mente é parte do «eu». Que quando a mente inclui o «egoísmo» no processo cognitivo, especificamente no processo dialético, a informação conhecida adota uma condição que implica a diferenciação entre o perceptor e o percebido.

Afirmamos que enquanto a mente adotar em seu funcionamento uma condição dialética, todo o processo pensante vai acompanhado de localização, sentido de propriedade e controle. A condição de localização, propriedade e controle se denomina de «eu». O «eu» não é algo separado do pensamento; é simplesmente, o sentido de localização, de propriedade e de controle associado ao pensamento.

LOCALIZAÇÃO

Quando o perceptor, ao pensar de maneira dialética, assume que situa a sua experiência firmada em uma ordem que sua própria história dá o suporte, localiza a informação pensada a respeito do fator tempo.

Quando o agente de cognição ou perceptor, ao pensar, assume que a sua experiência se estrutura associada ao sentido de distância - «eu» aqui, «ele» ali – então a informação determinada se localiza com respeito ao espaço.

Em geral, quando a informação cognitiva se localiza a partir de qualquer sistema de referência, o pensamento fica atado ao sistema que determina a própria referência. O «eu» é o sentido de referência que funciona no processo dialético.

PROPRIEDADE

Quando no processo dialético os pensamentos são acompanhados de sentido de ser o proprietário, ou seja, sentido egóico, a cognição gera um sentido de "meu" e do que "não é meu".

A apreciação do "meu" induz um sentido de apropriar-se do pensado. Ali, o pensamento adota o tom de ser pensado por mim, o adota a característica de pertencer-me a mim. Então a própria história, a

própria memória – que na realidade não é mais que um conglomerado de informações com sentido de propriedade – assume o sentido de primeira pessoa, de ser possuída por um agente comum proprietário do acontecimento vivido na forma de experiência e que agora existe na forma de lembrança.

CONTROLE

O «eu» é controle. A contínua atividade dialética gera sentido de ordem no qual emergem situações mais importantes que outras. O mais importante de todos os pensamentos é «ser um eu». Qualquer categoria que a mente apresente estará comandada pelo sentido de «eu».

Daqui em diante todos os pensamentos restantes tem que ser controlados com base na ordem estabelecida pelo agente primordial da cognição: o «eu».

Um *samadhi* Não-dual, seja ele, *savikalpa ou nirvikalpa*, é apenas a ausência de sentido de localização, propriedade e controle da própria cognição. Mas, se não existir o «eu», onde está o perceptor do conhecido? Quem ordena a cognição? Quem conhece? A resposta é simples: a informação é em si mesma essencialmente consciente. Resumindo: é o próprio campo de cognição quem tem uma consciência inerente a si Mesmo; assim, e segundo a informação estabelecida nele, é o próprio campo quem conhece. A informação é essencialmente consciente de si mesma. O sentido de diferenciação da informação apenas ocorre se for introduzido o sentido de relação de localização, propriedade e de controle da informação pensada.

A Concentração, então, é informação Não-dual associada a um campo de cognição fechado – ou seja, delimitado – formado pela informação não-diferenciada, isto é, por informação carente de sentido de localização, propriedade e controle.

A Meditação, portanto, é informação associada a um campo de cognição aberto, ou seja, informação não-diferenciada e não delimitada por qualquer fronteira, carente de sentido de localização, propriedade e controle.

Por sua vez, devido a que a Concentração *(savikalpa samadhi* associado ao som) e Meditação (*nirvikalpa samadhi)* são estados específicos da prática meditativa, que podem ser definidos assim:

O *savikalpa samadhi* associado ao *som,* ou estado de Concentração, é um conglomerado de informação Não-dual excludente – pois há uma fronteira e não há ainda consciência da totalidade do potencial de informação Não-dual que existe no universo além dela – e não há sentido de localização, propriedade e controle.

O *nirvikalpa samadhi*, ou estado de Meditação, é um conglomerado de informação Não-dual includente – pois há consciência da totalidade do potencial de informação Não-dual existente no universo – e sem sentido de localização, propriedade e controle.

Quando os eventos externos potencialmente existentes são conhecidos pelo próprio campo, a representação final de tal cognição é denominada de *nirvikalpa samadhi* ou meditação exterior.

E também, quando todos os eventos internos potencialmente existentes são conhecidos pelo próprio campo, a representação final de tal cognição é denominada de *nirvikalpa samadhi* ou meditação interior.

Na verdade, a momentânea consecução do *nirvikalpa samadhi* é apenas uma prática a mais. O que é realmente valioso é a permanência nele. A conquista fundamental, mais que a momentânea vivência

do *nirvikalpa samadhi*, que já por si mesma é valiosa, é a estabilidade que se pode chegar a alcançar neste estado. A estabilidade ou permanência do *nirvikalpa samadhi* a denominaremos simplesmente de *samadhi*. A constante vivência durante algum tempo da profunda experiência do *samadhi* leva a obtenção da iluminação total, a grande realização final que apenas pode pertencer aos *jivanmuktas* (liberados em vida).

Desta forma, o *samadhi*, termo criado pela tradição do *Raja Yoga*, expressa a estabilidade e perpetuidade do *nirvikalpa samadhi*. O *nirvikalpa* não passa de uma prática recorrente que, depois de ser experimentada, se perde para que logo em posteriores práticas ser novamente experimentada. *Nirvikalpa e savikalpa samadhi* podem ser vívidas experiências cujo caminho nasce do fato de situar-se corretamente «dentro» ou «fora» da fronteira sensória no estado de Consciência de Observação. Tanto o *nirvikalpa* produzido «fora» da fronteira sensória na prática externa, como o *nirvikalpa* originado «dentro» da fronteira sensória na prática interna, desemboca na estabilidade do *samadhi,* cuja essência é a vivência dos *jivanmukta*s ou liberados em vida. Desta forma teremos finalmente seis tipos de práticas, duas delas associadas a campos fechados de informação diferenciada, duas associadas a campos fechados de informação não-diferenciada e duas mais associadas a campos abertos Não-duais. A sétima modalidade não é uma prática, mas sim, o estado absoluto e permanente Não-dual (veja a tabela 28).

Tabela 28
Os sete diversos estados de *Samādhi*

«Dentro»	«Fora»	Características
Savikalpa associado ao objeto	***Savikalpa*** associado ao objeto	Estado de Observação Interno ou Externo
Savikalpa associado ao sujeito-objeto	***Savikalpa*** associado ao sujeito-objeto	Estado de Concentração Interno ou Externo
Nirvikalpa	***Nirvikalpa***	Estado de Meditação: Integração paulatina em um campo aberto de toda a informação Não-dual existente.
Samādhi		Permanência estável e definitiva de toda a informação potencial do *Nirvikalpa*

A gloria da experiência do *atman* tem sido cantada de inumeráveis maneiras através de todos os tempos. Qualquer de suas descrições se manifesta por poesia e intuição. Diante da dificuldade de expressar o indescritível a quem ainda não tenha alcançado a vivência do *nirvikalpa,* apenas fica o recurso de aproximar-se mediante o ímpeto intuitivo, a doçura do silêncio ou a expressão inteligente carregada de elegância.

> «Saudações a *Sat-chit-ananda Para-Brahman*, esse glorioso primário perceptor, que é auto-luminoso, eternamente Indivisível, puro, imaculado, sem desejos, sem atributos, eterno, onipresente, imutável, sem começo nem fim.
>
> Algo como um princípio supremo indestrutível que é eterno, não-nascido, inalterável, imperturbável, imóvel, o um sem segundo, imaculado e infinito, esse algo apenas existe.
>
> Que não é nem pequeno e nem grande, nem muito como isto e nem como isso, nem negro e nem branco, nem robusto e nem fino, nem bom e nem mal. Isso deve ser compreendido como *Brahman.*

Que não é sutil nem denso, que não possui nem casta e nem nome, que é Imutável, Imortal e não manifestado, que está além do alcance do entendimento e da palavra, isso deve ser compreendido como *Brahman*»[61].

«Ele é o Senhor de tudo. Ele é o Conhecedor de tudo. Ele é o Controlador Interno. Ele é a fonte de tudo; a partir Dele se originam todos os seres e Nele finalmente desaparecem»[62].

«Apenas o imortal *Brahman* está adiante, esse *Brahman* está atrás, esse *Brahman* está a direita e a esquerda. Apenas *Brahman* impregna tudo acima e abaixo; este universo é unicamente esse Supremo *Brahman*.

Ele que habita a terra, mas está dentro dela, a quem a terra não conhece, cujo corpo é a terra, e quem controla a terra desde dentro, é o Governador Interno. Ele é seu imortal Si-Mesmo.

Ele que habita o céu, mas está dentro dele, a quem o céu não conhece, cujo corpo é o céu e quem controla o céu desde dentro, é o Governador Interno. Ele é seu imortal Si-Mesmo.

Ele que habita a escuridão, mas está dentro dela, a quem a escuridão não conhece, cujo corpo é a escuridão e quem controla a escuridão desde dentro, é o Governador Interno. Ele é seu imortal Si-Mesmo.

Ele que habita a luz, mas está dentro dela, a quem a luz não conhece, cujo corpo é a luz e quem controla a luz desde dentro, é o Governador Interno. Ele é seu imortal Si-Mesmo

Ele que habita a todos os seres, mas está dentro deles, a quem nenhum dos seres conhece, cujo corpo é todos os seres e quem controla a todos os seres desde dentro, é o Governador Interno. Ele é seu imortal Si-Mesmo.

Ele que habita o olho, mas está dentro dele, a quem o olho não conhece, cujo corpo é o olho e quem controla o olho desde dentro, é o Governador Interno. Ele é seu imortal Si-Mesmo.

Ele que habita a mente, mas está dentro dela, a quem a mente não conhece, cujo corpo é a mente e quem controla desde dentro, é o Governador Interno. Ele é o seu imortal Si-Mesmo.

Ele que nunca é visto, mas é a Testemunha; ele que nunca é escutado, mas é o Ouvinte; ele que nunca é pensado, mas é o Pensador; ele que nunca é conhecido, mas é o Conhecedor. Não há outra testemunha, senão Ele, nem outro ouvinte senão Ele, nem outro Pensador senão Ele, nem outro Conhecedor senão Ele, este Governador Interno é seu imortal Si-Mesmo. Tudo além, salvo Ele, é mortal»[63].

O *Atman* não é «algo em especial»; não é um conteúdo físico, uma ideia, um caminho ou uma meta. Tampouco responde a um desejo ou a formalização de um profundo desejo, nem a apreciação de um ato criador, sustentador ou destruidor do mundo. O *Atman* é semelhante ao instante de *compreensão* que acontece no mesmo instante em que funciona o saber, seja este precedido de uma atividade dialética ou intuitiva.

Infelizmente, o próprio ato da *compreensão* transcorre de forma fugaz. Não nos referimos ao processo dialético ou ao meio que precede ao ato intuitivo, mas sim, ao próprio instante de saber que funciona no processo de conhecimento. Se o ser humano pudesse prolongar o pequeno momento em que a mente aquieta a sua louca atividade para permitir a presença da *compreensão*, teria uma visão diferente de si mesmo e do mundo.

61 *Moksha-gita,* 1,2, 5,6 e 7.

62 *Mandukya Upanishad VI*

63 *Brhadaranyaka Upanishad*. *III, 7*, 3, 6, 13 -15, 18, 20, 23.

É sumamente importante para o *Vedanta* o ato de *compreensão,* de saber, de consciência que funciona no instante em que a mente realiza a síntese de um julgamento ou em que a mente conjectura enquanto presencia a intuição.

O instante de *compreensão* leva em si
o segredo fundamental a respeito da realidade de todas as coisas.

O único que é importante ao redor de todo o pensamento é o próprio instante em que o raciocínio se detém, no qual a mente restringe a atividade comparativa do objeto conhecido com respeito ao semelhante enraizado na memória. Quando o raciocínio para, a síntese do juízo permite a mente adotar uma momentânea quietude, suficiente como para «saborear» a *compreensão* daquilo que já não se raciocina. Raciocinar não é Saber; raciocinar é uma atividade de relação, de comparação entre um evento a ser conhecido em relação a outros existentes. O próprio instante do Saber surge como cognição, como Consciência, como conhecimento, como *compreensão*. Mas a volatilidade do instante do Saber, a momentaneidade em que transcorre o ato da *compreensão*, impede vislumbrar atentamente o deleite do Momento Presente. O Momento Presente é um fluir de *compreensão*, um fluir de atenção contemplativa a respeito «daquilo que está acontecendo».

Evidentemente, estar atento é uma condição inerente ao ser humano; no entanto, a possibilidade de permanecer atentos sem introduzir a história enquanto flui o deleite sobre o objeto enraizado no Momento Presente, passa a ser uma possibilidade verdadeiramente impossível de experimentar para a grande maioria dos seres humanos. Educar-se em evitar perturbar o Momento Presente com a representação histórica na forma de memória, implica em evitar pensar naquilo que se conhece. Deve entender que não pensar implica apenas em não refletir e de nenhuma maneira buscar apresentar um estado de extravio mental. O ato racional está associado ao meio prévio ao instante da *compreensão*; mas a comparação que ocorre no próprio processo de pensar nunca á por si mesma o saber, nunca é por si mesma a *compreensão*. A própria intuição é um ato de saber, onde se encontra enraizado a condição dialética anterior ao próprio ato da *compreensão*.

Atman é a realidade contínua na forma de Consciência que se revela quando a atenção se coloca permanentemente no Momento Presente, gerando um sentido vivo e intenso de *compreensão*. Por isto *Atman*, Consciência, atenção não associada a história e *compreensão* são termos evidentemente sinônimos.

O *Atman* resplandece com maior intensidade no próprio ato da *compreensão* que
cotidianamente experimenta o ser humano pelo mero fato, por exemplo, de olhar o céu.

O PROCESSO DIALÉTICO

A dialética, ou seja, a contraposição de ideias na forma de teses e antíteses é prévia ao julgamento sintético ou sínteses, mas não é a sua causa. O modo pelo qual o *Vedanta* trata a Consciência e a concepção que possui de sua natureza varia muito a respeito de como se trata e é concebida no Ocidente. O Ocidente considera a existência da consciência individual e todo desenvolvimento das diferentes artes e ciências parte da aceitação da realidade de um universo em que o ser humano participa como sendo um ente independente. Nunca o Ocidente estudou ao ser humano sob outro comportamento exceto aquele no qual a consciência atua como uma atividade diferenciadora. A mente, então, geralmente surge como possuidora de consciência, ou seja, como se ele fosse luminosa, ativa ou inteligente. Esta forma tendenciosa e limitada de ver ao homem impede o reconhecimento de outras formas de cognição.

Certos tipos de experiências cognitivas não podem ser explicados a partir deste rudimentar modelo epistemológico. Tanto os estados extáticos dos místicos como os estados de Concentração não-diferenciada que ensina o *Vedanta* estão fora do alcance de toda explicação desde o ponto de vista ocidental. Inclusive o simples ato de cognição que ocorre no estado de Observação externa, onde o perceptor se dissolve momentaneamente – tal como acontece quando se assiste absorvido a um filme de cinema ou enquanto se lê atentamente a um livro –, tampouco podem ser explicados mediante o modelo ocidental.

A Consciência, desde a perspectiva do *Vedanta,* possui uma ignorada atividade. Sua natureza é essencialmente simultaneidade de cognição sujeito-objeto, razão pela qual o universo pode a partir desta perspectiva ser conhecido de forma imediata em todas as suas possíveis representações.

No entanto, não é um agente independente aquele que conhece a partir desta excelsa possibilidade, mas sim, a própria Consciência quando não existe uma atividade limitativa mental que funciona diferenciando o objeto do sujeito.

O processo de diferenciação que funciona na mente requer aceitar a existência de uma consciência individual reconhecendo-se como sendo o sujeito e por sua vez, requer a existência de conteúdos materiais ou ideais aos quais, a tal consciência separada reconhece como objetos de cognição. A inter-relação de ambos, sujeito e objeto impulsiona uma nova modalidade de cognição, uma nova integração de informação consciente ao qual se denomina de síntese. Este modelo, que é o dialético, outorga especial importância a experiência, a sua capacidade de ser armazenada na memória e a fluidez e eficiência de seu manejo mediante a atividade denominada de inteligência.

A partir da perspectiva do *Vedanta*, esta forma de encarar o mundo produz diferenciação, mudança e ainda impermanência entre conhecedor e conhecido. A dialética, o raciocínio, é apenas útil em um mundo que sempre se cai aos pedaços e cuja estabilidade se sustenta nas experiências retidas na forma de memória.

O PROCESSO INTUITIVO

A perspectiva de um conhecimento que surge sem um prévio raciocínio, geralmente costuma ser profundamente verdadeira, mas altamente incontrolável. O ato de conhecer sem a presença de um conhecedor é pouco frequente. Saber sem ter que pensar é uma opção interessante. A intuição marca uma nova maneira de entender o mundo.

A intuição é um ato de cognição imediata na qual o sujeito não se adverte neste preciso instante como sendo o agente ativo da cognição. A ausência de «eu» imprime uma nova forma de saber do mundo. A intuição morre no mesmo instante em que o «eu» renasce e nos recordamos conhecendo e comparando mediante nossa própria história.

Quem conhece no processo intuitivo? A resposta não é fácil. Evidentemente, existe um saber; mas enquanto este brilha, não existe neste preciso instante um conhecedor. O conhecedor surge posteriormente, quando há apropriação do conhecimento por parte de um «eu», ou seja, quando novamente surge o processo dialético na cognição.

No processo dialético sempre existem pelo menos um sujeito e um objeto; o conhecimento se sustenta na inter-relação de ambos. No processo intuitivo não cabe a condição de separação entre o objeto e o sujeito, entre o conhecedor e o conhecido. O saber intuitivo se expressa pela própria

auto luminosidade da Consciência e graças a definição que dela temos de ser simultaneamente o conhecedor e o conhecido.

A intuição é um processo preciso, profundamente eficaz e eficiente. No entanto, geralmente confia-se pouco nesta maneira de perceber a realidade, pois a ausência momentânea de «eu» no processo cognitivo geralmente é comparado posteriormente com um estado de extravio, devaneio ou imaginação.

O PROCESSO DISCRIMINATIVO

O processo Discriminativo requer uma mente sossegada. Discriminar não é discernir sobre a cor de um objeto, sobre a validade de uma virtude ou sobre a importância da vida. Discriminar é uma faculdade que coloca ao alcance um saber total e contundente a respeito da realidade do que as coisas são.

> Desde a óptica do discernimento, o universo se conhece como sendo um imenso oceano de realidade não-diferenciada. Discernir não é pensar na não-diferenciação; tampouco é intuir a não-dualidade. Discernir é saber o que é o real, e compreender plenamente que o universo é um imenso oceano de informação não-diferenciada.

A plena convicção de que a realidade subjaz de maneira atemporal, infinita e sem distinção de «nome» e «forma», permite que a mente impeça a segregação de pensamentos que justifiquem a momentaneidade do conhecido. Assim, além da dialética ou da intuição há um saber cuja condição consciente se sustenta nele mesmo.

Da mesma forma que toda onda morre na praia, assim todo o processo intelectivo ou intuitivo morre no âmbito Discriminativo. O Discriminar procura de maneira natural um saber metafísico. O mais alto nível de Discernimento é o ato de Discriminação denominada de *Viveka* em *sânscrito*. O cume do conhecimento é o saber metafísico, é o diferenciar o real do ilusório.

Denominamos de *Gnana Yoga* aquela forma de encarar o mundo na qual, quem o conhece assume a permanente convicção de sua identidade não-diferenciada com o conhecido. O G*nana Yoga* é o caminho que se transita mediante a adequação de um discernimento semelhante ao afiado fio de uma navalha. O convencimento da realidade Não-dual que o discernimento procura, não requer de justificativas nem de intuições que avaliem a realidade conhecida. O universo se entende sob uma nova prerrogativa: o perceptor é não diferenciado do percebido.

A educação que leva a obtenção de semelhante ferramenta de cognição é muito simples: a constante e perseverante atenção ao Momento Presente que está acontecendo. Finalmente, a melhor maneira de encarar o mundo é estar continuamente atento a ele.

Agora me permita o leitor, dar um novo testemunho, desta vez a respeito de uma experiência meditativa associada aos sentidos – ou seja, externa -, que podemos situar nos terrenos que acontecem além do umbral de *savikalpa samadhi* e que foi possível chegar a desembocar em um profundo *nirvikalpa samadhi*. O esboço da descrição tende a mostrar pedagogicamente as diferenças que funcionam na prática da obtenção do *samadhi* quando a origem da informação é externa *(bahya)*.

> «Estávamos na primavera do ano de 2001. Encontrava-me com um grupo de estudantes realizando um seminário de vários dias na bela região e Álava, Espanha. Durante um par de dias havíamos realizado diversas práticas internas e externas que buscavam situar aos estudantes em uma modalidade de percepção correta, com o fim de que a informação adotasse uma condição Não-dual.

Uma das práticas consistia em subir por um caminho rural para o topo de uma das montanhas que cercam o monastério onde nos alojávamos. O tipo de prática que os estudantes realizavam e os pormenores do exercício não são importantes agora. No entanto, enquanto eles lentamente subiam com os olhos vendados, minha atenção permanecia semelhante a deles, em cada um dos passos que dava sequencialmente na lenta ascensão ao cume. Aquela vez os primeiros estudantes a chegar levaram uns quarenta e cinco minutos. Subimos a um local aonde jamais tínhamos ido antes; era a primeira vez que no final do caminho transitávamos por um escarpado e com rochosa senda. Sem perder nem um momento a atenção do contato de meus pés sobre o caminho de terra, finalmente chequei primeiro ao local desejado e permaneci contemplando a paisagem a espera dos jovens estudantes.

A força da primavera se fazia sentir por tudo. O verde dos precoces brotos das árvores era muito claro. A distância se estendiam alguns hectares de diversas plantações, todas elas rodeadas por uma maravilhosa serra que se encontrava contornando o firmamento. O céu era azul e por ele cruzavam algumas águias que se divertiam ao voar. O som da brisa fresca movendo as árvores e dos pequenos insetos sobrevoando o campo se entre mesclavam em minha percepção. Sentado sobre uma pedra podia notar a dureza de sua superfície; o corpo fatigado pelo exercício realizado e o oxigênio chegava ativamente aos pulmões, o sangue clamava a vida que neles se encontrava. Mil aromas diversos – plantas aromáticas, pinhos e muito mais – formavam o espetáculo que diante de mim se realizava.

Enquanto tudo isto acontecia, não perguntava sobre onde me encontrava ou quem eu era. A força da primavera havia impregnado meus sentidos de prazer por ela. Estava projetado em cada evento externo; saboreava a cada percepção sem notar que o fazia. Era consciente de cada detalhe, mas não tinha interesse algum de reconhecer-me como o agente diferenciado do espetáculo sensório. Estava, não nos olhos, mas sim, naquilo que eles observavam; não estava nos ouvidos, mas sim, naquilo que eles escutavam; não estava no tato, mas sim, no que a sensação tátil detectava; não estava no nariz, mas sim, nos aromas que transportava o vento; não estava no paladar, mas sim, no sabor da saliva que espaçadamente passava pela garganta. Estava completamente fora; não havia vestígio de sujeito; todo o universo da percepção se resumia em ser objeto que os sentidos detectavam.

Assim devo ter permanecido por alguns minutos. Nenhum pensamento florescia enquanto os sentidos exteriorizados acariciavam os objetos externos. De um momento a outro a percepção tomou um aspecto diferente. Antes, apenas havia objetos visuais, olfativos, táteis, etc.; agora o conglomerado de objetos assumia sua própria condição de sujeito; no entanto, ambos, sujeito e objeto, aconteciam de maneira simultânea. A Concentração exterior se estabelecia com os minutos. Ainda não chegaram todos os alunos. Passados alguns minutos, podia notar como alguns se aproximavam cansados pelo esforço e se deitavam no campo entregando-se ao descanso. No entanto, não os via de algum local especial. Tudo acontecia espontaneamente. O sujeito se distribuía uniformemente no campo. A fração denominada «eu» estava em algum local do imenso campo de percepção, mas não formava nenhum sentido de identidade.

Passados alguns instantes, talvez segundos, a cognição novamente deu uma virada. A percepção sensória se expandia com tal velocidade que era testemunha daquilo que estava além das próprias montanhas; escutava os passos dos insetos que aconteciam a milhares de metros. Um prodigioso universo de infinitas informações sensórias se acumulava de maneira simultânea. O perceptor deste estado não era diferente do próprio estado. Assim,

o *savikalpa samadhi* externo finalizava e iniciava o *nirvikalpa samadhi* com uma potencial expansão até o infinito.

No entanto, passados apenas alguns segundos e devido a dificuldade que naquela época os sistemas corporais tinham para fluir sem limite para a integração do universo inteiro, a expansão se limitou a alguns quilômetros. Durante aqueles gloriosos instantes era consciente da umidade, do movimento e da vida de cada uma das infinitas gotas dos charcos localizados a quilômetros de distância. A percepção se conjugava de forma simultânea nas milhares de árvores, pessoas e animais. O tempo, desarticulado completamente como um ente diferenciador, acompanhava também a vaga sensação de diferenciação espacial. Tudo era conhecido, mas ninguém era o conhecedor particular dos eventos.

A dança de Consciência ritmada por uma alegria infinita, resultado da integração não-diferenciada da informação constitutiva do campo, era como uma mãe que recebe em seu colo o cansado filho que por milhares de vidas esteve fora de sua terra natal. Como descrever a imensa inteligência que subjaz na simplicidade dos atos? As ações, milhares e milhares associadas aos objetos, se harmonizavam sem criar qualquer discórdia, não existiam objetos, apenas um contínuo de informação simultânea e onipresente de não-dualidade.

Enquanto ali permanecia, «aquilo observou» o panorama próximo de jovens que ainda subiam cansados. «aquilo deu instruções» para iniciar alguns exercícios e enquanto os jovens os realizavam, «aquilo» permanecia silenciosamente sumido, experimentando aquele maravilhoso espetáculo de vida. Nenhum dos estudantes percebeu o acontecido; simplesmente se prepararam para iniciar as indicações dadas e novamente se refugiaram em suas mentes cheias de preconceitos e pensamentos».

Tanto na prática interior como na exterior, quando se transpassa a barreira do *savikalpa samadhi* associado ao objeto, não é possível exercer qualquer tipo de controle sobre a direção ou o caminho que deve ser seguido; a única opção é a entrega total, a carência de esforço cognitivo e a não intervenção no instante que acontece. É certo que existem inumeráveis modalidades de *samadhi*; mas finalmente, no *nirvikalpa samadhi* o próprio estado contempla a sua realidade, compreendendo que uma realidade a partir deste estado é apenas um conceito que nem sequer é possível de pensar. Ali, o *atman*, observador de tão magnifica realidade, não se agita nem mesmo diante do nascimento de um universo e menos ainda diante de sua dissolução.

SLOKA 30

Com o desaparecimento do apego ao corpo e com a realização do Supremo Si Mesmo, qualquer que seja o objeto ao qual a mente se dirija, o um experimenta o samadhi.

Com o desaparecimento da identificação com o corpo e com a realização de atman e sem importar a qual objeto interno ou externo se dirija a mente, a experiência do samadhi permanece.

Temos aqui o cume de todo estado cognitivo, o estado mais estável que o ser humano pode obter: a realização suprema. Agora o universo, em suas diversas graduações de existência, em todas as prováveis condições de ser pensadas, assume um rol cognitivo simultâneo. A esta estabilidade a denominamos de *samadhi*.

O desaparecimento da identificação com o corpo implica a não-localização de um agente que assuma o corpo como próprio ou que assuma uma fração de história como sendo própria.

A ausência de identificação se refere a ausência de sentido de propriedade de «algo» por parte de «alguém». Na verdade, enquanto o estado de *samadhi* permanece, o corpo existe de maneira semelhante a antes de que este ocorrera; o que muda é a natureza do perceptor: enquanto que nos estados associados a cognição dual o perceptor ocupa uma região restringida, localizada e delimitada, a qual se denomina de «sujeito», no estado de *samadhi* o perceptor é a própria Consciência distribuída como base essencial do universo inteiro.

A não identificação com o corpo se reduz como ao ver uma montanha e reconhecer que ela não é o perceptor que a observa, ou como olhar a uma pedra e notar que ela não é parte de meu corpo. Com esta mesma segurança com a qual se testemunha que a montanha e a pedra não são «meu corpo», assim desta forma, o *atman* se testemunha como não residente exclusivo do corpo, nem como a soma dos corpos, nem como se seu corpo fosse o universo. Simplesmente, o *atman* não diferencia «algo» de «alguém» não importa o tamanho nem a condição deste «algo» ou deste «alguém».

A Consciência Não-dual assume variadas condições dependendo do limitante que aparentemente a contenha; no entanto, a Consciência Não-dual também é em si mesma o limitante que pode contê-la ou aparentemente delimitá-la. É como se considerássemos que o espaço que contém o oceano estivesse aparentemente delimitado pelo espaço que contém as praias; a realidade, no entanto, é que embora a praia delimite ao oceano e o oceano a praia, o espaço – que é a sustentação de ambos - não está delimitado, pois segue sempre sendo o que é: espaço sem diferença, ou seja, não-diferente, Não-dual.

A Consciência Não dual – o *Atman*, que é *Brahman* – assume cinco formas de expressão mediante os cinco estados de Consciência, cada um com características que determinam uma maneira de relação entre o objeto e o sujeito (veja tabela 29).

Tabela 29

O Conhecedor e o Conhecido

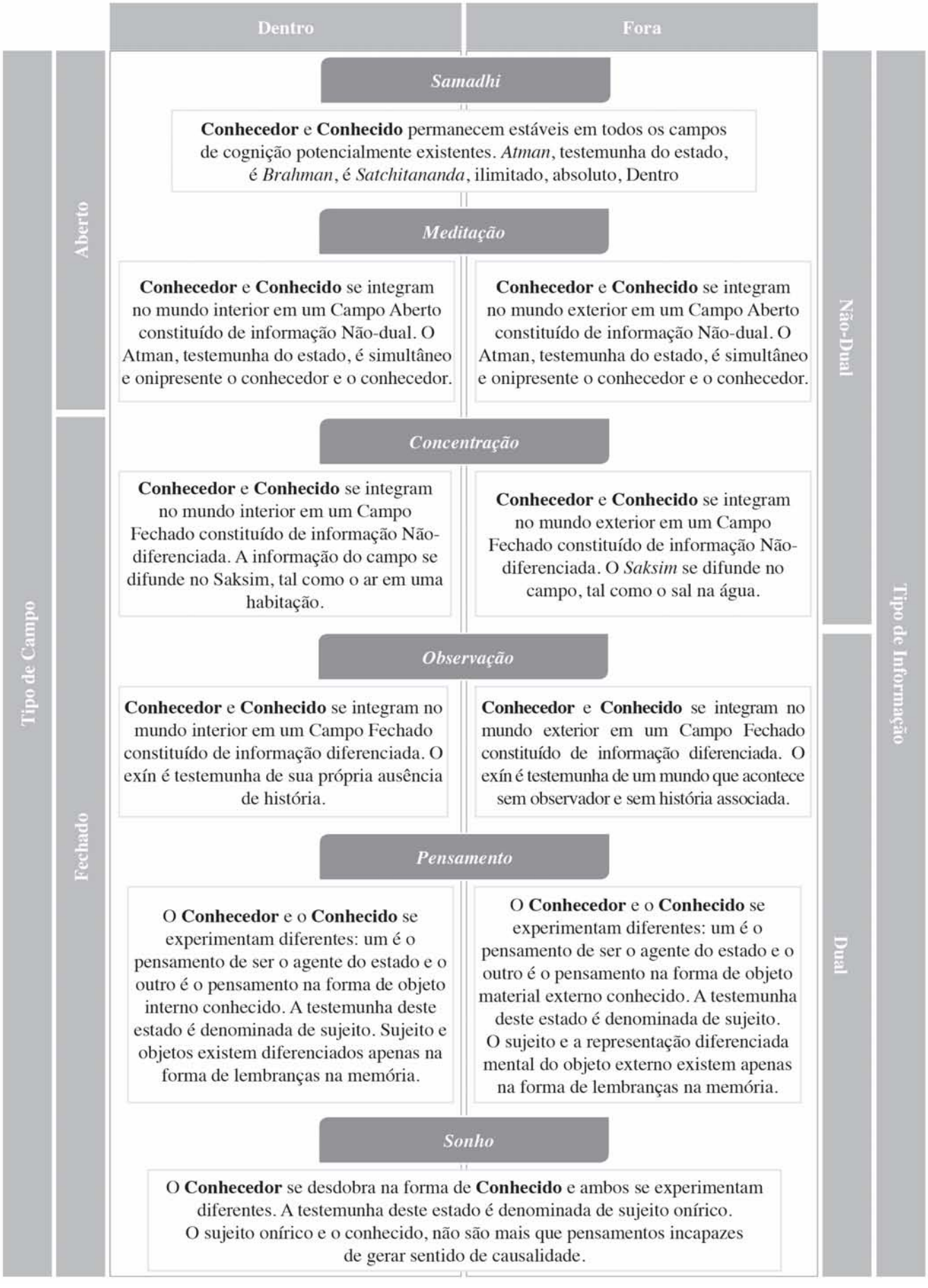
Estado	Relação Conhecedor-Conhecido
Meditação	O Conhecedor é todo o potencialmente Conhecido e todo o potencialmente Conhecido é Não-diferente do Conhecedor. O *Ātman* é o agente, *Ātman* é o Conhecido, o Conhecedor é *Ātman*.
Concentração	O Conhecedor é todo o potencialmente Conhecido em um campo fechado e o Campo Fechado é Não-diferente do Conhecedor. O *sākṣin* é o agente, *sākṣin* é o Conhecido, o Conhecido é *sākṣin*.
Observação	Em um campo fechado, o Conhecedor prima sobre o Conhecido até absorver o Conhecido, o Conhecido prima sobre o Conhecedor até absorver ao Conhecedor. O exín é o agente.
Pensamento	Em um campo fechado, o Conhecedor se diferencia do Conhecido; há apreciação causal da informação. O sujeito é o agente.
Sonho	Em um campo fechado, o Conhecedor se desdobra no Conhecedor e no Conhecido e o experimenta diferente dele mesmo. A informação adota uma condição não causal. O sujeito onírico é o agente.

O único comum entre todos eles é que são aparentemente reais, ou seja, que existe Consciência associada a eles. Cada agente associado a cada estado assume que a sua realidade é a valida; no entanto, quando emerge o seguinte estado, o novo agente assume que o prévio era ilusório e que ele agora é o real.

Podemos resumir os cinco estados associando-os a experiência que pode dar-se tento «fora» como «dentro» da fronteira sensória (veja figura 17).

Figura 17

Os Estados de Consciência, tipo de Campo, tipo de Informação e Fronteira Sensória



SLOKA 31

Pela contemplação Daquele que é alto e baixo, as correntes do coração se rompem, todas as dúvidas se dissolvem e todos os seus karmas (as atividades e seus efeitos) se esgotam.

Pela permanente contemplação daquele Atman que por sua vez é alto e baixo, as correntes do coração se rompem, todas as dúvidas se dissolvem e todos os karmas se esgotam.

O agente de percepção, ao identificar-se como possuidor de uma consciência individual, afirma: «eu sei»; ao identificar-se com a sua mente, afirma: «eu penso»; ao identificar-se com seu *prana*, afirma; «eu tenho vitalidade»; e finalmente, ao identificar-se com seu corpo físico afirma: «eu tenho corpo». É a constante identificação com cada um de seus cinco constituintes[64] que induz no agente um sentido de diferenciação e o subsequente nexo kármico que se estabelece entre eles.

Enquanto a ação é realizada por um agente que assume dispor de consciência individual, de mente, de *prana* e de corpo físico, o agente converte a ação em uma representação de seus desejos – desejos de fruto – ou se experimenta a si mesmo como um ente ativo e criador da ação. Desta maneira, o agente, quando atua, não realiza a ação pela ação, pois está centrado em um meio temporal distante do Momento Presente e além, acredita ser o agente executor dos atos que realiza.

O desejo de fruto da ação aprisiona o agente de cognição com um futuro inexistente; a intencionalidade colocada no resultado da ação se converte em base de prevalência no tempo. Assim, os inacabados desejos pela obtenção dos inumeráveis frutos ainda não conquistados se convertem no estandarte que lança o agente a nascer e a morrer ciclicamente, enquanto é pressa de um *graal* que lhe é impossível de conseguir. O perceptor se assemelha aos cães galgos que, enquanto perseguem o chamariz na pista de corridas, cada vez que acreditam tê-lo para si, novamente o vem a distância. Assim, correndo e dando uma e outra volta na pista, convertem o desejo de possuir o chamariz em objeto de atividade e de mudança.

> O desejo de fruto da ação aprisiona o agente com o inexistente futuro,
> induzindo um sentido de perpetuação ao «eu».

Por sua vez, enquanto o *sujeito* assume que é ele quem realiza a ação, acredita que possui a possibilidade de decidir entre fazer ou não fazer, ou entre fazer isto ou aquilo. Esta condição de apresentar-se como o criador da ação afirma seu sentido egóico, aprisionando-o na prevalência do sentido de egoísmo. O ser humano acredita falsamente que é ele quem realiza a ação; nada mais falso. No entanto, tampouco é um joguinho do destino, pois possui liberdade. Mas sua liberdade não se encontra em decidir qual tipo de ação realiza, não; sua liberdade consiste em que sempre foi, é e será livre, pois não importa qual ação execute, são as qualidades da matéria[65] quem as realizam. O ser humano não é um gerador de ações, pois ele em essência é livre: nada lhe toca e nada lhe afeta. O equívoco consiste, devido a ignorância de sua própria natureza, em acreditar que é ele o realizador, que o mundo é diferente dele e que ele possui a capacidade de decidir.

O ser humano é parte do cenário do *prahabdha karma*. O clima, o ambiente social, as próprias enfermidades e todo o constituinte ativo não é algo que possa decidir-se, pois é parte do filme que no final deve ocorrer devido ao encadeamento que prévios atos que ocorreram em remotos tempos

64 Ou seja, quatro dos cinco *koshas* ou envolturas que aparentemente limitam ao *Atman*. O quinto é o *Anandamaya-kosha* ou o corpo causal, onde não há sentido de egoísmo e, portanto, não há identificação possível.

65 As *gunas*, ou seja: *rajas*, atividade; *tamas*, inercia; e *satva*, equilíbrio.

acabaram gerando. A liberdade não se fundamenta em alterar o que já está decidido, mas sim, se encontra em continuar com o processo natural de encadeamento sem induzir um novo. Identificar-se com a ação apresenta um sentido de perpetualidade ao agente egóico que atua. A autêntica liberdade é livrar-se do «eu», é a ausência contínua da experiência dual na cognição. Liberdade é Ser sem a implicação do "meu" e do "não meu".

Quem atua no sonho? Que sentido possui, enquanto se está dormindo, realizar a ação pelo resultado que dela se pode alcançar? E finalmente, ao despertar, tanto o sujeito como os objetos oníricos se resumem na inexistência, junto com o sonhador que antes era consciente deles. O ser humano é apenas Consciência Não-dual que, devido a ignorância de sua própria natureza mental, se aprisiona mediante a ação criando consolidação e perpetualidade de egoísmo.

O sentido de prevalência do sentido de «eu» no tempo é denominado de *karma*.

Agora transcreveremos um pequeno diálogo acontecido faz pouco tempo em um dos seminários.

Estudante: *Não entendo como você pode afirmar que não existe um realizador da ação, pois todos somos testemunhas de que a ação efetivamente se realiza.*

Sesha: Está equivocado; você nunca realiza qualquer ação. O melhor que consegue é assumir que você a faz, semelhante ao comprar um lote de terra que, graças a uma escritura deliberadamente registrada e autenticada, se assume que legalmente ela é sua propriedade.

Esta terra realmente não é de ninguém; ela simplesmente está ali, você também. Apropria-se dela, mas não lhe pertence.

E: *Mas a ação é realizada, é impossível negar essa condição!*

S: Não se nega a ação, mas você não realiza nenhuma ação. A ação se realiza por si mesma.

E: *Por si mesma?*

S: Sim, por si mesma. Ao terminar esta aula seguramente você irá para sua casa.

E: *Sim, penso em fazer isto.*

S: A sala onde nos encontramos está situada em um local distante da cidade, razão pela qual você veio de carro.

E: *Com certeza.*

S: Muito bem, perceba como a condição mais inteligente ao terminar o curso é pegar o seu carro e ir para casa. É a opção natural, é aquela situação que surge de maneira espontânea, como se o universo fosse construído de tal forma que a atividade mais coerente fosse esta: viajar retornando a sua casa em seu carro. Vamos supor que neste instante termine a aula; você deverá sair para seu carro. Se o Momento Presente que agora acontece é viajar para a sua casa, por acaso é você quem decide ir para o seu carro? Você acredita que é você quem toma a decisão de ir para o carro, quando o carro já está aí? E já sentado em seu carro, a nova situação que surge está construída inteligentemente no Momento Presente de tal maneira que você deve ir para a sua casa. Você acredita que você decide ir para a sua casa? Tudo já se encontrava no Momento Presente, pronto para que você pegue o seu carro e siga a sua casa!

Você não realiza a ação, a ação se realiza por si mesma. No entanto, você acredita que é você quem decide. Jamais decide; apenas, por seu anseio protagonista, assume como se estivesse decidindo

o que faz e simultaneamente se situa além do Momento Presente projetando que chega em casa e se senta em um confortável sofá.

Considera-se ser inteligente, então aceite que o ato mais eficiente é perseguir a inteligência que acontece no Momento Presente e que ordena de maneira natural a cada situação que pode realizar-se.

O sol não se oculta e nem surge pelo fato de que sejamos testemunhas de seu entardecer ou do amanhecer. Ele sai ou se oculta apenas pelo fato disto ser parte do que neste momento acontece na forma de Momento Presente. Não se busca amanhecer mais cedo ou mais tarde no verão. Apenas a inteligência da própria natureza impulsiona a que cada coisa ocorra no único Momento Presente onde ela possa suceder. No entanto, o ser humano projeta o seu egoísmo no tempo ao desejar o fruto da ação e se afirma a si mesmo reconhecendo-se como sendo o executor da ação. Esse é o seu erro, isto é ignorância, isto produz *karma*.

Devido a ignorância, o ser humano se equivoca na forma de administrar a ação, convertendo-a em uma prisão cujas barras impedem a simples experiência do Momento Presente.

O *karma* se converte nas correntes que martirizam ao homem e lhe impedem de discernir com claridade. As inumeráveis experiências levam sempre em si igual quantidade de desejos não conquistados, todos eles associados a um mesmo protagonista: o «eu».

Qual é a saída para o encadeamento kármico?

Sendo que a equivocada identificação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo se deve a ignorância, temos duas saídas: A Reta ação e o Reto conhecimento. A primeira é a via do *Karma yoga,* a outra é a do *Gnana yoga*. Uma evita atuar com sentido de «desejo de fruto» e «sentido de egoísmo»; a esta modalidade de ação se denomina de *Dharma*. A segunda busca desenvolver uma condição de saber impulsionado pelo Discernimento[66], evitando assim cair nas redes do engano.

Enquanto o *sanchita karma* ou *karma* acumulado serve de receptáculo a todas as ações realizadas com «desejo de fruto» e «sentido de egoísmo», o *prahabdha karma* é apenas uma fração do *sanchita karma* que servirá como o fio condutor no transcorrer do indivíduo entre seu nascimento e morte. Por sua vez, o *agami* é o novo *karma* que se forma quando o indivíduo não realiza a ação de maneira correta e que irá alimentar interminavelmente ao *sanchita* (figura 18).

O *sanchita karma* sendo em essência ignorância, é consumido pela força do discernimento e especificamente, pela experiência mais carente de ilusoriedade: o *Samadhi*. Eis aqui, que a repetição constante da prática do *Samadhi* leva a consumir o conjunto de inacabados desejos construídos ao longo de anos sem fim. Tal disfunção kármica é semelhante as milenares e frondosas árvores que se consomem em horas ou em dias diante do fogo que as cobre. Desta maneira, o *Samadhi* dilui a ignorância que impede a mente de reconhecer a essência Não-dual de sua natureza.

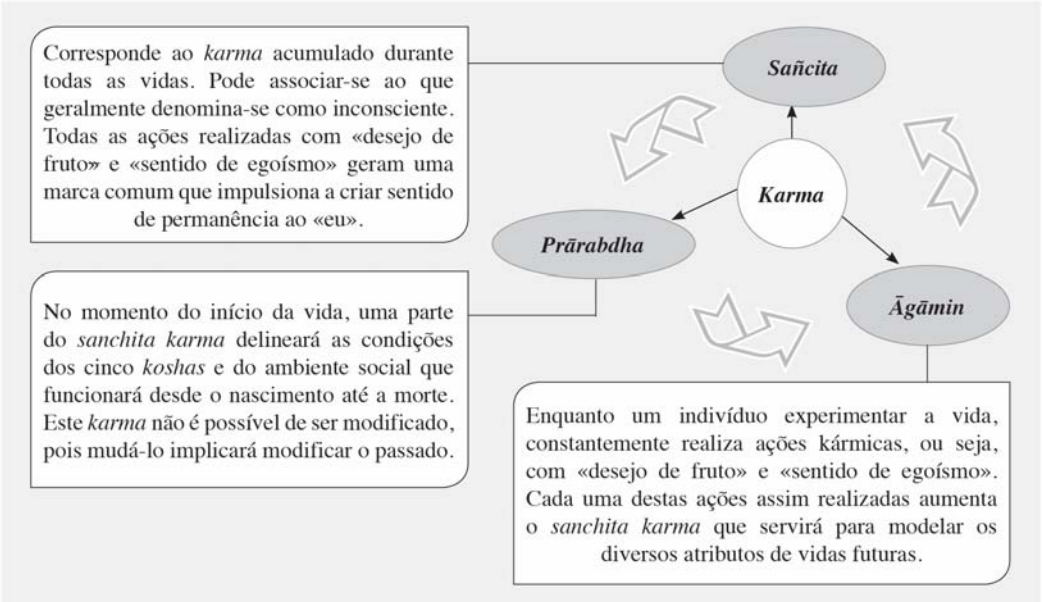
O *prarabda karma* nasce com a fecundação do indivíduo e se consome finalmente com a sua morte. O *prarabda karma* constitui o *karma* «individual» e o «coletivo»; ou seja, é a causa de toda a ação que se vive enquanto se possui um corpo físico. Por ser o *prarabda* um mar de consequências, não pode ser transformado. Todo o sucesso pessoal ou coletivo é parte do *prarabda* e é necessário experimentá-lo; por isto, nunca passará nada exceto aquilo que deva ocorrer. O *prarabda* é semelhante a reprise de uma partida de futebol que se observa após, ali, enquanto que se conhece o resultado, acredita-se e torcerá pela equipe de sua escolha; no entanto, as cartas já foram lançadas. Na realidade,

66 Em sânscrito *Viveka*

a única verdadeira liberdade do agente, se encontra em não identificar-se com a dor que produz a derrota ou com o prazer que implica sentir-se como ganhador.

Figura 18

Tipos de *Karma*



O *agami karma* se converte no receptáculo de todas as ações realizadas enquanto o agente experimenta o *prarabda* e acredita que ele decide e que ele sente intencionalidade. Não se cria *agami karma* na medida em que a ação se realiza destramente, ou seja, quando o agente realiza a ação de maneira dhármica. A reta ação, o *dharma* ou também o chamado *karma yoga* cumprem com a condição de permitir executar a ação sem criar uma ligação com o futuro. De outro modo, o *agami karma* gerado se converterá parte do *sanchita*; e assim, a interminável roda do *samsara* seguira seu interminável movimento.

Quem alcançar a liberação total da ignorância, aqueles *jivanmuktas* cuja mente está livre de toda a dúvida e cujo coração é tão imenso como o próprio universo, já livre do *karma*, sem identificação alguma com o que sucede, vivem aquilo que o seu próprio *prarabda* apresenta. Com um corpo aparente, mas cheios de Ser em si mesmos, realizam toda a ação enquanto nada fazem e fazendo nada tudo fazem.

SLOKA 32

Existem três formas de conceber a jiva, a saber: como aquele limitado (por) o Prana, etc., como aquele representado (chidaabasa) (na mente); e a terceira, a própria Consciência como imaginada nos sonhos (assumindo as formas de homem, etc.).

Há três maneiras de conceber o surgimento de jiva (indivíduo): Como aquele limitado pelo prana, etc.[67]*; como chidaabasa (consciência individual) refletida pela atividade mental e a terceira, como projeção nos sonhos da consciência individual.*

O *Vedanta* apresenta três teorias que podem explicar convenientemente o surgimento do indivíduo *(jiva)* no espectro da própria criação. É devido a que apropriamos experiência de nossa própria realidade individual que buscamos reconhecer nossa própria raiz, nossa causa inicial como indivíduos. Vamos recordar que jamais se coloca em questão a existência do indivíduo *(jiva)*, pois esta é inegável; no

67 O que aparentemente limita *(upadhi)* são os cinco *koshas*, com a condição de que o *Anandamaya kosha* não gera uma limitação de tipo individual ou egóica. Ver tabelas 14 e 30.

entanto, afirmamos que o indivíduo *(jiva)* não é algo substancial que possua por si mesmo a virtude da existência. O indivíduo *(jiva)* é uma condição de cognição que não se pode definir a si mesma, pois carece de atributo de estabilidade; e ao contrário, expressa uma contínua condição de impermanência.

Buscar encontrar a causa do momentaneamente existente, leva a que surja um modelo de realidade no qual o indivíduo *(jiva)* existe apenas enquanto ele se pensa a si mesmo. A realidade do *jiva* se sustenta no fato de lembrar-se e projetar-se no tempo mediante a atividade contínua do pensamento. O universo se experimenta diferenciado do perceptor quando este agrega ao conhecido os atributos de sua própria e pessoal história. O universo realmente não existe diferenciado, mas sim, tal qual se percebe no instante prévio a defini-lo mentalmente com os atributos de «nome » ou «forma».

Buscar justificar a existência do indivíduo *(jiva)* nos leva a pontuar três teorias que igualmente afiançam o modelo meditativo e que pretendem, metaforicamente falando, explicar qual é a causa do nascimento do filho de uma mulher estéril, ou, o que surgiu primeiro, o ovo ou a galinha? Qualquer dos três enfoques que adiante comentaremos, não tem outro fim além de dar a mente ferramentas para justificar que o indivíduo *(jiva)* existe apenas graças ao fato de que pensamos que existe.

O INDIVÍDUO *(JIVA)* COMO LIMITANTE

Assim como as paredes de um jarro delimitam o espaço interno do externo, da mesma forma o indivíduo *(jiva)* se apresenta existindo de maneira individual graças a interpretação mental das impressões sensórias que surgem através dos sentidos e a própria vitalidade do sistema físico que se expressa em ação.

O ser humano se identifica com seus cinco *koshas* (*upadhi*, ou o que aparentemente limita), os quais imprimem na cognição uma fronteira específica, de modo análogo a como se estabelece no sentido do paladar um limite entre o sabor doce e o salgado. Estes cinco *koshas,* ou envolturas que aparentemente delimitam ao *atman*, são a causa do registro do sentido de diferença na percepção (tabela 30).

Tabela 30
Os cinco *kośa*

Envoltura ou corpo	***Kośa***	***Śarīra ****	**Sentido de limite**
Corpo físico	*Annamaya-kośa*	*Sthūla*	Experimenta-se que um corpo material difere de outro
Corpo pránico, etérico ou vital.	*Prāṇamaya-kośa*	*Liṅga*	Experimenta-se a diferença de vitalidade entre os diferentes corpos ou mentes.
Corpo mental ou astral	*Manomaya-kośa*		Experimenta-se sentido de diferença devido ao raciocínio.
Corpo de conhecimento	*Vijñānamaya-kośa*		Experimenta-se sentido de consciência individual com respeito aos restantes dos indivíduos.
Corpo causal	*Ānandamaya-kośa*	*Karaṇa*	Estado potencial cósmico prévio a existência do jiva, antes que surja e após de que surja.

Sarira[68]

68 *Sarira* ou corpo, segundo a definição de *Gaudapada*. É um conceito semelhante a *kosha* ou envoltura que aparentemente limita ao *Atman*.

Os fatores que imprimem sentido de diferenciação a cognição e, portanto, produz sentido de multiplicidade, sentido de parte e por onde, sentido de individualidade, são:

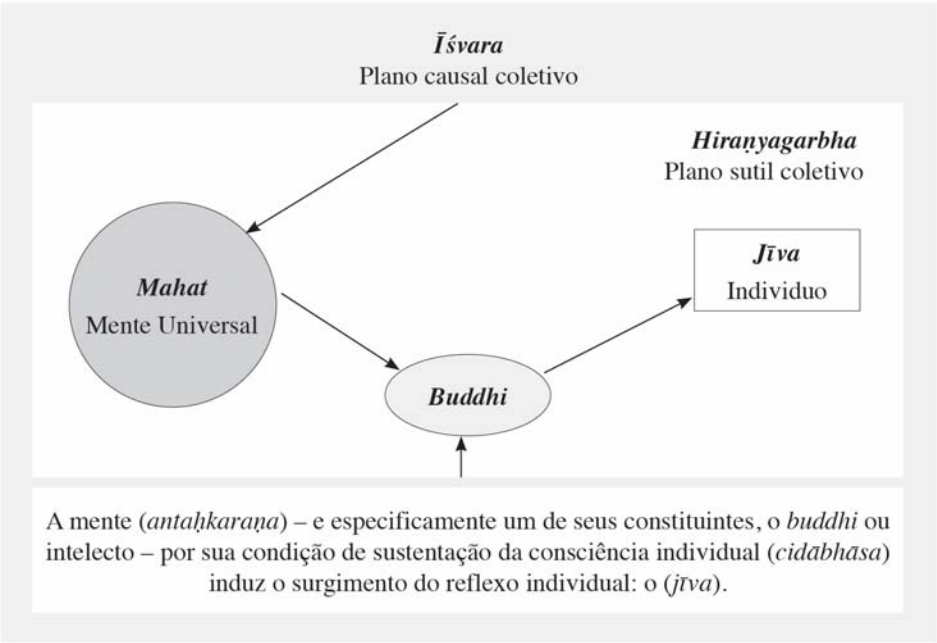
1. Atividade Sensória: Ser testemunha da diferenciação das cores, odores, sons e quantas variantes de informações possam ser experimentadas pelos sentidos.
2. Reconhecer a força da vitalidade que desperta a vida com respeito a sua ausência, ou seja, notar o sentido de vida que funciona na natureza a respeito daquilo em que na vida escapa devido a morte.
3. Ser testemunha do raciocínio e das diferenças que esta atividade promove sobre o ser humano, ou seja, testemunhar a diferença de ideias, emoções, sentimentos e paixões. Assumir que cada indivíduo possui um sentido de consciência pelo fato de reconhecer a própria.
4. Reconhecer que o universo físico nasceu (ainda não se sabe como) e que finalizará (ainda tampouco se sabe como), semelhante ao desaparecimento do universo para aquele que desmaiou e volta a emergir naquele que desperta do desmaio.

O INDIVÍDUO *(JIVA)* COMO REFLEXO

Da mesma forma que a superfície laminar de um lago oferece um único reflexo do sol graças a quietude da água, da mesma forma o indivíduo *(jiva)* nasce como um reflexo da mente universal *(mahat)*. A aparente realidade do sol refletido apenas existe graças a considerações que oferece a superfície esmaltada da água que permanece imóvel.

Figura 19

O *jīva* como reflexo



A mente (*antaḥkaraṇa*) – e especificamente um de seus constituintes, o *buddhi* ou intelecto – por sua condição de sustentação da consciência individual (*cidābhāsa*) induz o surgimento do reflexo individual: o (*jīva*).

Assim como a água de um tanque cuja superfície está agitada é capaz de refletir inúmeros sóis, de igual forma o *antakarana* (a mente) surge como um dos incontáveis reflexos que acontecem na agitação da mente universal.

Quando a água do oceano se move, formam as «correntes marítimas»; enquanto se eleva de seu próprio horizonte, geram «ondas»; quando é aquecida pelo sol, se «evaporam»; ao existir forte vento em sua superfície respingam em pequenas gotas.

Assim, desta maneira a consciência causal ou mente cósmica- a mente de *Ishvara*, o senhor da criação – pelo seu próprio poder surge como múltiplo, refletindo a sua própria natureza em outras variadas naturezas. Desta forma, o indivíduo *(jiva)* surge como o desencadeante de uma atividade inteligente que, na realidade, é prévia a ele (figura 18).

Da mesma maneira em que um espelho reflete a imagem de quem está diante dele, isto graças a natureza transparente do vidro e a solução de prata aderida em uma de suas faces, de forma idêntica e graças a natureza essencialmente sátvica do *antakarana* (a mente), a consciência causal ou cósmica *(Ishvara)* surge como sendo o reflexo em *budhi*, dando assento ao indivíduo *(jiva)*.

O *JIVA* COMO ILUSÃO

Assim como todos os indivíduos presentes em um sonho são apenas a representação de uma projeção ilusória do sonhador, da mesma forma o indivíduo *(jiva)* e os restantes entes diferenciados, não são mais que a formação do sonho de *Ishvara*, o Senhor criador, a inteligência que rege ordenadamente no universo inteiro.

Assim então, o indivíduo não é mais que uma projeção mental imaginativa, cujo poder se sustenta em que seu criador é consciente, de igual maneira que todos os eventos do sonho parecem reais devido a que o sonhador os aviva com o próprio fogo que a sua realidade consciente sustenta.

Desde esta perspectiva, o indivíduo e todo o universo são fragmentos que vão e vem pela senda da existência consciente ou inconsciente, de acordo com as condições que o criador do sonho imponha. No entanto, e devido ao sentido de identificação com a sua própria realidade ilusória e também a atividade dialética mental, cada indivíduo assume o rol de experimentar a si mesmo como sendo real e independente, enquanto que experimenta aos restantes indivíduos com separados de sua peculiar natureza.

Segundo a esta estranha forma de representar a existência de *jiva*, o indivíduo não é mais parte de um sonho de quem o cria e a sua única solução para descobrir sua própria verdade, é despertar reconhecendo que a sua natureza já é, em si mesma, idêntica a quem o cria.

SLOKA 33

A limitação é ilusória, mas O que aparece como sendo limitado é real. A «jivaidade» (do Si-Mesmo) se deve a sobreposição dos atributos ilusórios; mas, realmente, tem a natureza de Brahman.

A limitação que forma o indivíduo (jiva) é ilusória, mas o que aparece sendo limitado como um indivíduo (jiva) é Real. O indivíduo (jiva) existe devido a sobreposição dos atributos ilusórios; no entanto, o indivíduo (jiva) possui a natureza de Brahman, o Absoluto Não-dual.

O indivíduo *(jiva)* é semelhante a fantasia que um sedento viajante observa quando no meio do deserto percebe a uma miragem na forma de um oásis. Para o viajante, este oásis é real enquanto existe a sobreposição dos estados – sede, cansaço, desespero, insolação, etc. -, que somados criam a respectiva fantasia. Enquanto esta fantasia durar, a realidade do conhecido é inegável para o surpreendido viajante que jura estar observando uma realidade inquestionável. É fácil de entender que o inexistente oásis é real enquanto a sobreposição de estados cria e alimenta a fantasia; e também que no final, ao buscar beber a água que a sua mente fabrica, notará que em suas mãos apenas existe areia. Temos aqui o duro despertar a uma nova realidade também inquestionável enquanto esta for experimentada.

Ou seja, o indivíduo *(jiva)* simultaneamente existe e não existe. Existe enquanto a sobreposição de estados – pensamento, memória, sentimentos, projeção ao futuro, desejos etc. – estejam presentes e não existe, quando o agente se reconhece no próprio Momento Presente onde realiza a ação que «está acontecendo». No entanto, ambos os estados são reais, tanto a existência do indivíduo *(jiva)* como a sua inexistência. A solução ao dilema de algo simultaneamente existente e inexistente, é assumir que não são diferentes ambas as condições. A Consciência sustenta e vincula todo estado de realidade, de igual forma que as contas de um colar estão sustentadas por um mesmo fio.

A Consciência nunca tem variado a sua condição de ser Consciência Não-dual, ainda que o indivíduo *(jiva)* se experimente a si mesmo diferenciado e assumindo uma consciência pessoal e individual. Esta consciência individual *(chidaabasa)* impregna de realidade a cognição, mas esta cognição que emerge se adverte diferenciada devido a que o conhecedor desta informação a interpreta validando-a a partir de sua peculiar experiência; quer dizer: caminhamos de noite pelo bosque e produzimos ruído ao pisar as folhas secas caídas, mas o ruído das folhas secas nos recorda constantemente que estamos caminhando. É um círculo vicioso do qual não há saída enquanto estivermos nele: através do pensar nos reconhecemos como indivíduos *(jiva),* mas para conhecer-nos como indivíduos, por sua vez, é preciso pensar. Definimo-nos mediante nossa memória, mas nossa memória está sempre gerando a si mesma, razão pela qual o indivíduo *(jiva)* se experimenta ativo e «evoluindo». Na verdade, ninguém está ativo e nem evolui; isto apenas é criado por aquele que alimenta a sua existência desde a sua própria experiência, tal como em um sonho os diversos personagens se alimentam de sua própria experiência para suportar a momentaneidade do estado.

Temos aqui o grande mistério: o indivíduo *(jiva)* é e não é;
no entanto, nunca há deixado de ser o que realmente foi e será.

No sonho todos os personagens têm em comum que são a formação de um único sonhador, razão pela qual entre eles se entrelaçam as condições que para todos são sempre semelhantes: Gravidade, fome, cansaço, sentimentos, etc. da mesma forma, todos os indivíduos *(jiva),* não importa o que conheçam, advertem a realidade a seu modo, mas entre eles há em comum as condições kármicas coletivas que funcionam para todo o gênero humano e que, por sua vez, se entrelaçam com as demais entidades existentes do universo. Por esta razão, enquanto um «nível crítico» de humanos acreditam que a verdade de sua individualidade é inquestionável, a interpretação do universo seguirá um rumo em direção a soma do coletivo que assim pensa. Como seria tratado alguém que em um sonho se atrevesse a afirmar que a experiência do universo que se está experimentando é falsa e que todos aqueles que acreditam que existem por si mesmos são apenas semelhante a uma miragem no deserto?

SLOKA 34

As sentenças védicas como «Aquilo eres tu», etc.[69], declaram a identidade do sem-partes Brahman como o jiva, ele que aparece como tal desde o ponto de vista da «teoria da limitação» (avaccheda-vada). Mas isto não coincide com os outros dois pontos de vista (sobre jiva).

As sentenças védicas como «Tu é Aquilo», etc., declaram a identidade de Brahman (o Absoluto Não-dual) com o indivíduo (jiva) tal como tem sido definido pela «teoria da limitação». Mas, as

69 As quatro grandes sentenças védicas ou *mahavakyas* resumem todo o ensinamento dos quatro vedas. Estas são: *Tat Tvam asi* (Tu é Aquilo), *Aham Brahmasmi* (Eu sou *Brahman*), *Aiam Atma Brahman* (Este *Atman* é *Brahman*) e *Prajnanam Brahman (Brahman* é Consciência).

sentenças védicas não se aplicam a natureza do indivíduo (jiva) que expressam as restantes teorias: a do «reflexo» e a do «sonho».

A base essencial de todo o *Vedanta* é a identidade entre o *jiva* e *Brahman*, expressada mediante a sentença védica *Jiva Brahma Aika*[70]. Por sua vez, se afirma que *Brahman* é Consciência Não-dual, ou seja, *Brahman* é a condição consciente graças ao qual o universo e todos seus conteúdos se conhecem existindo.

***Resumindo**:* assumimos que o indivíduo *(jiva)* possui uma natureza idêntica a *Brahman* (o Absoluto Não-dual). A essência primordial desta identidade é a condição consciente que se estabelece no universo e que permite, em qualquer estado de consciência, compreender que, enquanto a cognição opere, o percebido é real e o perceptor é real.

Para o Ocidente o conceito «consciência» não é além de uma idealização que sustenta a cognição. Seja a «consciência» um ato integrador da informação que funciona no cérebro ou o brilho da mente que permite conhecer, a «consciência» não passa de uma condição impalpável, um recurso teórico que serve de apoio a impossibilidade de entender como opera o processo da cognição e finalmente, o julgamento sintético que dela se extrai. No entanto, a «consciência» não é isso, não é apenas uma abstração teórica; é uma condição formal cujo fogo inflama de vida a tudo o que existe.

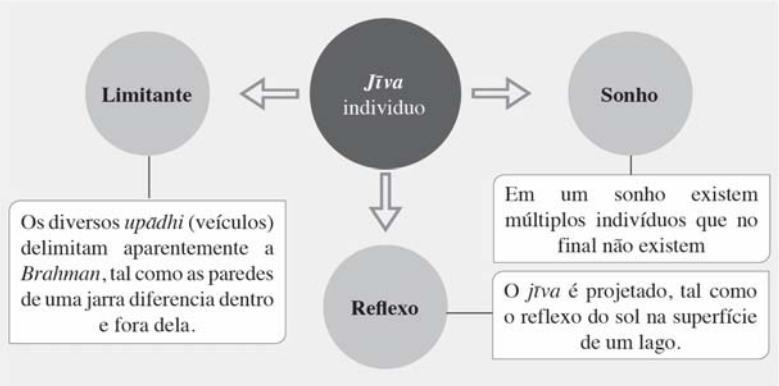
Busque recordar algum sucesso extraordinário no qual se tenha produzido uma «tensa atenção», como por exemplo, a intensidade que ocorre nos instantes em que alguém vai lançar-te com força um objeto e passados alguns segundos, ainda não se decidiu a fazê-lo. Na «tensa atenção» do momento de espera, geralmente podemos dizer que o ambiente está tão denso que «pode-se cortar com uma faca». Nestes instantes a atenção permanece firme na expectante presença da vinda do objeto e passados alguns segundos, parece que o espaço que rodeia o movimento ganha uma densidade incomum; é se como se o ambiente se tornar-se denso, adotando uma condição quase palpável. Pois bem, da mesma forma, enquanto a atenção pousar continuamente sobre os conteúdos que são parte do Momento Presente sem advertir a fastidiosa condição de defini-los, a cognição destes abjetos assume uma intensidade incomum. Ao permanecer nesta atitude atenta, a Consciência, como ato que promove o saber, adota uma nova condição que sobressai sobre qualquer «nome» ou «forma.> que possa aparecer na mente. Se for alcançada esta nova presença consciente durante alguns segundos ou minutos, a informação conhecida revelará a mágica condição de não pertencer a um gênero, classe ou condição especial com a que possa ser definida, mas sim, que emerge dela o comum a todos os eventos potencialmente existentes no universo, graças ao fato de que existem e se conhecem em virtude da condição ativa e iluminadora da «Consciência». Desta forma, a «Consciência» se converte naquilo comum a todo o existente, na força que sustenta toda a informação. Nela nasce e morre o tempo; nela se resume o minúsculo e o infinito. A «Consciência» se converte no único a ser conhecido, e ao mesmo tempo se converte no agente que conhece todo o conhecido.

Evidentemente, a afirmação da identidade entre *jiva* e *Brahman* não deve ser tomada como se dois entes diferentes pudessem chegar a ser iguais alguma vez, ou como se um se convertesse em outro para impedir a diferenciação. Deve ser entendido por identidade o fato de que *jiva* é essencialmente *Brahman* e que *Brahman* é essencialmente *jiva*. Ou seja, sem importar qual a condição de informação possa estar sendo conhecida, a informação tem como substrato a «Consciência»; quando indivíduo *(jiva)* finalmente aquieta a atividade dialética, a consciência individual se resume na Consciência Não-dual, assim como uma gota que, levada pelo vento, alegremente respinga sobre a superfície para novamente pousar sobre o leito do oceano.

70 O indivíduo (*jiva*) é idêntico ao Absoluto Não-dual (*Brahman*).

Sankara, autor dos aforismos, assume que, das três teorias descritas no aforismo anterior, a «teoria das limitações» apresenta maior claridade sobre o fato da identidade entre *jiva* e *Brahman* graças a que as duas teorias restantes, a do «reflexo» e a do «sonho», induzem a que o indivíduo *(jiva)* resultante não tenha uma existência real. No entanto, desde a perspectiva da análise que estamos realizando, a natureza da Consciência perdura sobre qualquer evento existente, razão pela qual as três teorias outorgam um nível de validade que se complementam umas às outras (figura 20).

Figura 20
As Três Teorias sobre a Existência do *jīva*



SLOKA 35

Maya, que tem a dupla natureza de projeção e ocultamento, está em Brahman. Ela limita a natureza infragmentável de Brahman e o faz aparecer como o mundo e o ser encarnado (jiva).

Maya, que tem o duplo aspecto de projeção e ocultação, está em Brahman. Ela limita a natureza infragmentável de Brahman e o projeta como o mundo e o ser individual (jiva).

Agora *Sankara* busca explicar a segunda teoria sobre o nascimento da individualidade *(jiva)*. *Maya* (a ilusão) é a causa do mundo e do indivíduo; em geral, é a causa do sentido de diferenciação existente na cognição.

Maya pode ser definida como «ilusão», mas o resultado de sua atividade pode ser descrito também como «ignorância».

MAYA COMO «ILUSÃO»

O efeito de *maya* como «ilusão» implica a existência de uma realidade diferenciada que se assume como sendo real. *Maya* permite que qualquer condição diferenciada de informação possa adotar uma condição aparentemente real, sem importar em qual estado de Consciência se realize a percepção.

Enquanto, por exemplo, dormimos e as imagens oníricas desfilam sob a luz da Consciência do estado onírico, todo o experimentado assume a condição de conhecer-se como real, ou seja, existe e sabemos que existe. Enquanto o caudal de informações que forma o estado onírico segue sendo reconhecido pela função mental que ali surge, permitirá que a história se desenvolva passo a passo induzindo um mundo de inumeráveis e infinitas condições. Com os demais estados de Consciência se passa o mesmo: em todos eles a realidade ampara a cognição e a diferenciação entre o perceptor e o percebido que neles funciona. A condição de diferenciação da informação, que reconhecemos graças a que existe uma função consciente, é obra de *maya*. O vestígio de realidade que experimentamos do mundo, seja qual seja a condição de percepção que experimentamos, é obra de *maya*.

Devido a «ilusão» que a sua natureza provoca, *maya* nos induz a aceitar a realidade de nossa própria individualidade e a sustentar-nos nela como um naufrago faz em uma tábua que flutua na tormenta. Por isto, é impossível negar nossa própria existência e a dos demais. Simplesmente, advertimos que qualquer definição que apresentamos a respeito da «realidade» é momentânea e fugaz. Devido a isto, não é possível negar a existência do mundo e apenas advertimos que a fugaz presença de sua realidade em nossa consciência diferenciada não tem que ver com a seguinte percepção dele no próximo instante. Esta falta de estabilidade na continuidade da percepção é sinal de que existe um elemento incerto na cognição, cuja natureza mostra como real algo que evidentemente não é.

> Se não fosse pela transitoriedade e impermanência do conhecido,
> seria impossível para o ser humano notar que está submergido em um jogo onde
> as coisas aparentam ser algo, mas não são realmente tal como as conhecemos.

A perspectiva do conhecido se assemelha a momentânea, mas real projeção de uma serpente sobre uma corda. Da mesma forma, o indivíduo *(jiva)* existe graças a aparente estabilidade que oferece *maya* ao submergi-lo em um mundo igualmente mutante e com o qual tem que lutar a todo custo na busca da estabilidade e permanência de sua própria natureza «egóica», situação que o leva a ter que recordar-se ou, a projetar-se para o futuro. A estabilidade e segurança do «eu» reside, então, em ter que recordar-se ou em projetar-se, ou seja, em jogar vislumbrando o passado ou desejando o futuro. Apenas assim pode o indivíduo acreditar que ele é alguém, que é real, graças a que cobre todo o espectro do tempo: passado, Presente e futuro.

MAYA COMO «IGNORÂNCIA»

O efeito de *maya* como «ignorância» implica na falta de discriminação que o indivíduo tem para reconhecer a sua natureza Não-dual. *Maya* provoca a impossibilidade de autoconhecimento, da mesma forma que ao revolver a água de um tanque, todas as partículas em suspenção impedem a visão do fundo. A turbulência da mente é *maya*. O vórtice de ideias que promove o ato de pensar constantemente impede uma representação correta do mundo.

Tabela 31
Qualidade de um Discípulo

Viveka	Discernimento ou discriminação metafísica.
Vairāgya	Desapego mental dos objetos.
Satsaṃpatti (seis tesouros)	***Śama:*** controle da mente ***Dama:*** controle dos sentidos ***Uparati:*** habilidade de controlar a mente e os sentidos ***Titikṣā:*** fortalecimiento diante dos pares de opostos ***Samādhāna:*** constante pensamento em Deus. ***Śraddhā:*** fé no mestre e no ensinamento que ele apresenta.
Mumukṣutva	Ardente desejo de liberação.

Por isto, o *Vedanta* assume que a forma mais eficiente de restringir a projeção de *maya,* é parar de converter a cognição em uma representação diferenciada, é ver o mundo com os olhos cheios de discernimento, ou seja, com a faculdade de reconhecer o que é verdadeiramente real e o que é o

ilusório. Para isto é preciso que no processo da cognição exista educação e exercitamento no ato de estar Presente. A atenção constantemente disposta ao contato das realidades que acontecem na forma de Momento Presente, ou seja, na forma de «aqui e agora» permite, através de muitos anos de prática, retirar o véu que induz a ignorância e que impede o discriminar corretamente a essência imortal e Não-dual do ser humano.

No entanto, a constante atenção sobre as realidades que «estão sucedendo» na forma de Momento Presente requer da disciplina que induz um trabalho interior. Por isto, desde sempre temos apresentado que aprofundar-se no desenvolvimento da explicação da Não-dualidade requer do estudante uma serie de qualidades sem as quais será difícil de alcançar a reflexão e ao prática do exercício em um raciocínio coerente (ver tabela 31).

Viveka

No final implica em discriminação metafísica, ou seja, discriminar que *Brahman* é real e que *maya* é ilusória. A discriminação que adverte com claridade que uma árvore é tal o que o nome com a qual indicamos a uma pessoa coincide com seu verdadeiro nome se denomina de *budhi* ou intelecto e não é o tipo de certeza que apresentamos. A discriminação a qual fazemos menção é aquela que aflora da profunda compreensão interior e que não requer de convencimento adicional, como é, por exemplo, o fato de saber que existimos. Da mesma forma, *Viveka* induz uma espontânea forma de representar a realidade mediante ao qual o universo se desdobra sem que exista a menor suspeita em aceitar que o universo é Não-dual.

Quando o universo se percebe desde ele mesmo, ou seja, quando o agente de cognição é não-diferente do conhecido, a força da compreensão que surge desta forma de ver o mundo impede qualquer dúvida, da mesma forma que, quem está profundamente apaixonado não pode negar que seus sentimentos existem e se dirigem para alguém em especial.

Vairagya

A renúncia mental aos objetos de sensação é *vairagya*. É impossível renunciar ao que não se conhece. A renúncia não leva ao conhecimento; é o conhecimento que leva a renúncia. A obtenção de *viveka* (discernimento) induz, de maneira espontânea, uma forma de ver o mundo sem apego. Imagine que enquanto se sonha, conseguir ser consciente do estado sem que isto implique necessariamente despertar. Poderá gostar do que experimenta; mas sabe muito bem, com clareza, que toda a imensa gama de situações que ali acontecem são inexistentes. O sentimento de sofrimento, de agradável ou de prazer de quem sabe que sonha se modera diante da compreensão de reconhecer que este mundo é uma projeção ilusória e que em qualquer momento pode desaparecer. Esta compreensão não é o resultado do convencimento a respeito de uma ideia preconcebida no mesmo estado de sonho, não; o desapego que emerge diante da experiência que se apresenta no sonho, provem da compreensão clara e tácita que gera o saber da vigília.

O desapego mental aos objetos de sensação *(vairagya)* é a consequência natural do discernimento *(Viveka)*. No entanto, a renúncia não implica a obrigatória austeridade e muito menos ainda, a pobreza. Ser pobre não implica ter desapego e nem discernimento, pois se assim fosse, os países do terceiro mundo estariam cheios de sábios transcendidos. A opulência assim como a pobreza, são fatores que por si mesmos não implicam uma condição discernitiva. O desapego é valido se, e apenas se, existir claridade mental a respeito a ele. Renunciar ao prazer que a vida oferece, sem ter clareza mental do que se faz, converte o indivíduo em um ser humano mais egoísta e ruim.

Satsampati

Conjunto de seis virtudes ou seis tesouros. O florescimento destas seis virtudes apenas acontece quando a mente está calma, graças a que os objetos dos sentidos cobram uma dimensão diferente ao existir através do desapego diante deles. Estas seis virtudes são apresentadas a seguir:

Shama

Controle da mente. Quando a mente alcançou a tranquilidade que o discernimento e o desapego produzem, então não se agita nos devaneios que os pensamentos procuram; e ao contrário, alcança permanecer atenta e completamente viva no instante que floresce na forma de Momento Presente.

Dhama

Controle dos sentidos. Uma mente equilibrada pode a vontade retirar os órgãos dos sentidos dos objetos de sensação, semelhante a que uma tartaruga esconde os membros dentro de sua carapaça. Um indivíduo forjado nesta nobre virtude, pode por sua vontade desconectar a visão, a audição, ou qualquer outro órgão de conhecimento. Desta maneira, a prática meditativa alcança uma fluidez incomum, pois os impactos que os sentidos provocam em alguém sem disciplina interior impedem uma neutra presença no mundo interior.

Uparati

Hábito de controle. O estabelecimento nas duas virtudes prévias promove o hábito de sua sustentação. Quando esta virtude fortalecer o estudante, grande parte de sua prática interior *(sadhana)* está concluída, pois a mente adquiriu uma disciplina incomum que outorga um controle carente de esforço. Uma mente assim é semelhante a um manso animal que sempre obedece com carinho as exigências de seu dono. A mente agora é um foco de onde convergem a força e o conhecimento, a simplicidade e a bondade.

Titiksha

Indiferença diante dos pares de opostos. Uma mente habitualmente controlada não cede diante das intempéries físicas e psicológicas. Permanece incólume diante do prazer e da dor. Chega inclusive a controlar o sistema neurovegetativo, comandando pela vontade as funções que outrora era impossível de manejar. A preguiça e o decaimento fogem como fumaça do fogo. A cordial viveza inunda todo o panorama de sua realidade, dando como resultado um indivíduo insensível diante dos excessos mentais.

Samadana

Constante pensamento em Deus. Onde se deposita a mente quando percebendo a realidade do Momento Presente não busca objeto algum no qual se esconder? Evidentemente, o fluxo de compreensão que funciona a todo instante se deposita em uma realidade carente de atributos diferenciados. A mente se resume naquilo que através dela se conhece. A condição diferenciadora que produz a existência de um perceptor diferenciado do que conhece se dissolve e o universo assume uma nova e maravilhosa condição de ser conhecido: a Não-dual. Ali, toda a informação do universo dança sem que exista diferença entre o som da música e o movimento de quem dança.

Srada

Fé. Implica a aceitação dos ensinamentos do mestre, graças a que a própria vivencia do discípulo intua o saber que aquele é capaz de transmitir. É fé com certeza e não aceitação cega de

um conhecimento que o supera. O discípulo não requer entregar a sua alma a um ideal que não entende; mas sim, graças a certeza de sua própria experiência, aceita com contentamento aquelas instruções que a sua mente vislumbra, mas que em seu coração já ressoam.

Mumukshutva

Ardente desejo de liberação, quanto distante se encontra o Ocidente de entender a profundidade desta virtude! O Ocidente negocia com a devoção. A condição de entrega sempre se apresenta em uma condição de compensação antecipada.

O fiel, ao dialogar com Deus pela oração, negocia as suas necessidades, troca as suas penas por futuras penitências. Com tanta insistência se tem ensinado o ser humano a reconhecer-se como um pecador, que no final acabou acreditando.

O ser humano não sabe apaixonar-se pelo divino, porque ele não se sente a si mesmo na justa condição para ser o merecedor de semelhante condição.

Por acaso, no santo silêncio que a maturidade interior provê, quem não verteu doces lágrimas que estremecem os próprios pilares da realidade? O queimante desejo da liberação de *maya* se converte, no final, no único fogo que a extingue.

SLOKA 36

Isto ocorre devido a falsa representação da Consciência (chidaabasa: o reflexo da Consciência), localizada em budhi, realiza várias ações e desfruta de seus resultados, portanto, é chamado de jiva. E tudo isto, que consiste dos elementos e seus produtos que são de natureza dos objetos de prazer, é chamado jagat (universo).

A falsa projeção da Consciência não-dual sobre budhi, denominada de indivíduo (jiva), executa variadas ações e se identifica usufruindo de seus resultados. Os objetos de prazer com os que se identifica o indivíduo (jiva) estão formados pelos cinco elementos que formam o universo material (jagat).

Um dos grandes obstáculos com os quais nos deparamos para entender em profundidade a filosofia *Vedanta* consiste na dificuldade de aceitar o fato de que o indivíduo *(jiva)* não é realmente um agente que execute as ações por vontade própria. O roteiro da vida já está escrito desde o próprio momento em que a vida se insinua no ventre materno. As tendências se modelam em função de ações prévias acontecidas em remotas épocas; no entanto, todas as ações prévias são geradas por sua vez, por outras ainda mais antigas e estas mais antigas, por outras ancestrais a esta. Nunca será possível conhecer a origem das tendências universais que levam a existência a desenvolver-se em uma ou em outra direção. Tudo se assemelha ao que ocorre nos sonhos, onde o agente onírico recupera as arcaicas lembranças que guardam as gerações passadas, e sempre encontram uma causa prévia para as restantes.

Este universo físico que detectamos através dos sentidos e interpretamos mediante a mente tem em comum o fato de que a sua informação é causal. Graças a isto assumimos que tudo evolui. Graças a isto assumimos que o «eu» viaja aperfeiçoando-se mediante as experiências já ocorridas, as que acontecem e as que virão. Nos sonhos, pelo contrário, o universo que se detecta não possui a condição comum de ser causal; por isto, é possível enquanto se dorme nascer velho e morrer jovem. É possível desafiar as leis da natureza como a gravidade ou o eletromagnetismo, sem que isto diminua a realidade do conhecido.

A representação da continuidade causal, onde um «eu» se sente submergido enquanto executa as ações, a denominamos de *karma*. O *karma* é a razão da perdurabilidade do <eu». Identificar-se constantemente com o fato de representar a cognição mediante o processo dialético, leva a relacionar o que é com o que foi e com o que será. No entanto, a compreensão deste evento ocorre exclusivamente no Momento Presente. Por isto, a solução ao problema da diferenciação entre as informações causais não consiste em encontrar a sua origem, mas sim, em permanecer no Momento Presente enquanto se conhece o mundo que acontece no «aqui e agora». Esta forma de estabelecer esta nova relação com o universo conhecido induz uma reordenação da informação do conhecedor e do conhecido, de tal maneira que a fronteira entre ambas as vertentes da cognição – o perceptor e o percebido – desaparece e o ato de compreensão permanece de forma não-diferenciada como Consciência.

Por acaso, uma testemunha qualquer do sonho é capaz de afirmar que é ele quem realiza as ações? Por acaso o sonhador que permanece dormindo pode afirmar que é ele quem executa as ações? Enquanto o sonho acontece, ambas as perguntas se resolvem positivamente; no entanto, ao despertar, é claro perceber que as perguntas carecem de qualquer validade: enquanto se dorme não existem testemunhas separadas; todos eles, e inclusive o próprio universo, são representações da mente de um sonhador que tem experimentado as ações em vigília e as tem convertido em memória e as manifestado no estado onírico.

Na verdade não existe um agente que execute por si mesmo as ações; o melhor que ocorre é um agente que recorda ser um fazedor ou um agente que se projeta com o desejo de fazer.

O ser humano se aprisiona ao mundo devido experimentá-lo mediante um «eu», ao que considera como parte integrante e individual de si mesmo. Mas isto não é assim. Não existem partes; apenas existem lembranças com «nomes» ou lembranças com «formas». Jamais o Momento Presente assume, se é experimentado continuamente, uma condição dual. Para comprovar, basta testemunhar o universo sem representá-lo comparativamente com informação do passado ou do futuro. Cada vez que o «eu» esteja submergido no universo causal e busque atuar fundamentado no prazer do fruto, ou busque atuar assumindo credibilidade a seu próprio sentido individualista, então o *karma* se converte em uma cola que aprisiona cada uma das ações e que dá sentido ao ato evolutivo.

O ser humano parece atuar, no entanto não é assim; atua o próprio impulso que a natureza provê e nela todas as coisas se agrupam. Acreditamos que o universo se move; no entanto ele está incólume. O universo não se modifica é o perceptor quem o relembra constantemente diferente. São as próprias qualidades que formam as coisas que executam toda a ação. Toda atividade ocorre no inteligente movimento que acontece na quietude. Não existe um agente ao qual denominamos de «eu», que realiza a ação.

Realmente, não existe nem agente e nem ação. No entanto, se alguém é testemunha do movimento de algo, saiba que esta atividade ocorre em sua mente, no próprio instante em que conscientemente a valida como sendo diferente dele mesmo, no mesmo momento em que se lembra com a possibilidade de recordar.

SLOKA 37

Estes dois, que datam de tempos sem princípio, tem (apenas) existência empírica e existem até que um alcance a liberação. Portanto, ambos são chamados de empíricos.

Estes dois – o indivíduo (jiva) e o universo fenomênico (jagat) – datam de tempo sem princípio e se experimentam de forma diferenciada até que se alcance a liberação. Por isto ambos, o indivíduo e o universo fenomênico (jiva e jagat) são denominados de realidades empíricas.

Tanto o indivíduo *(jiva)* como o universo fenomênico *(jagat)* parecem reais devido a *maya*. A aparente realidade do indivíduo e do universo nasce da errada representação mental que opera na mente humana. A aparente realidade do indivíduo e do mundo nasce da instabilidade cognitiva que produz a sua experiência, isto é, da falsa crença de que o observado existe por si mesmo. Os diversos constitutivos do mundo parecem reais porque se experimentam reais e independentes uns dos outros pela consciência individual; no entanto, são irreais devido a que variam a cada percepção consciente. Afirmamos que o sentido de variabilidade do mundo, a mudança que se estabelece no conhecido e a impermanência do observador, são produtos de uma errada cognição; por isto, o próprio conhecedor da errada cognição também tem que ser inválido, momentâneo e tão instável como aquilo que conhece.

Em qualquer tipo de cognição diferenciada, ou seja, na qual exista um sujeito conhecedor diferenciado do objeto conhecido, será impossível advertir claramente a sua causa primária. Se algum dia, por exemplo, for possível pela astrofísica encontrar as equações que sustentam a origem do *Big Bang*, então de imediato surgirá a inquietude de buscar o que há previamente a isto. Para exemplificar esta situação, buscaremos por um momento analisar a realidade onírica: Buscar detectar a origem da própria vida em um sonho esbarra com a falta de recursos de quem pensa nisto. No entanto, ao despertar, é possível de ser consciente de que a montagem ilimitada do universo que previamente era representado conscientemente, simplesmente nunca existiu; o infinito de objetos e de sujeitos experimentáveis no sonho eram apenas uma momentânea ilusão.

Usamos a *maya* para explicar a razão da momentânea existência e de sua momentânea realidade. É *maya* o que produz a aparição do tempo, o espaço e a causalidade; por isto, é impossível encontrar a origem e a causa das coisas a partir do próprio produto de *maya*. Neste sentido, indivíduo e universo *(jiva e jagat)* não tem começo; não são nem reais e nem ilusórios, mas sim, empíricos ou fenomênicos. No entanto, sim possuem um final. Seu final tem lugar quando se alcança a liberação, semelhante ao final de um sonho no momento quando de desperta, isto é, quando a correta percepção que surge de um discernimento metafisico *(Viveka)* é capaz de distinguir com clareza entre o Não-dual e o dual, ou seja, entre o Real e o ilusório.

> Em um universo causal é impossível encontrar uma condição primária,
> cume das restantes formas de expressão da informação.

A coerência de um mundo causal[71] se edifica exclusivamente a partir do agrupamento e inter-relação da informação. Para exemplificar este fato, tomemos um conceito qualquer, por exemplo, «mesa». Para definirmos o conceito «mesa» temos que recorrer a outros conceitos, tais como «móveis», «tábua», «pernas»etc. Por sua vez, para definirmos a cada uma destas ideias é preciso buscar a outros novos conceitos e assim sucessivamente. Encontramos finalmente que todo conceito se define sempre a partir de outros, sem que seja possível apresentar algum conceito inicial que seja a definição de si mesmo e, portanto, que seja a fonte de toda a definição posterior.

Consequentemente, todo conceito assume um sentido apenas quando está grupado ou relacionado com outros conceitos. Se em lugar do temo «conceito» se empregar o termo mais geral de «informação», poderemos então afirmar da mesma forma que a informação – que em si mesma é adimensional, ou seja, insignificante - apenas tem sentido de significado quando se agrupa. Enquanto a informação servir para definir algum conteúdo, o conteúdo é a soma de condições de informação.

71 A explicação de limitante Causal e a representação que tem na cognição, tem sido estudadas em profundidade no livro *La Paradoja Divina, Sesha*.

Os diversos constituintes do universo possuem significado
apenas por ser agrupação de informação.

Temos visto que o universo é sem princípio. No entanto, quando é indagado com a mente parece que ocorre um desenvolvimento, uma evolução no tempo e que tudo tem sido causa de algo prévio. Não obstante, nos resulta impossível encontrar mentalmente uma causa original, fonte de tudo, sempre, após um evento, é possível encontrar algo prévio e, todavia outro ainda mais prévio a este e assim ilimitadamente. O fato de que o universo surja ilimitadamente encadeado causalmente diante do indivíduo vigílico se deve a que a informação do estado vigílico está dotada de sentido de causalidade, sendo esta, precisamente, a única diferença fundamental entre o estado onírico e o vigílico.

É por isto que o sentido de tempo cobra validade exclusivamente no estado de vigília. No estado de sonho não tem sentido encontrar uma representação estável temporal para todos os seus habitantes, nem leis que oniabarquem a soma de condições experimentáveis nas quais o tempo se introduz. No entanto, definir o universo experimentável ou empírico como causal, implica a impotência de encontrar sua génesis, pois no final todo evento não é mais que o resultado de algum prévio. Portanto, a definição causal leva a uma contradição insuperável: no caso de existir uma gênesis causal, ela também tem que ser causada, pois o efeito não pode ser diferente da causa que o alenta e nem a causa diferente do efeito que gera.

O universo é sem princípio quando é indagado com a mente. Apenas a apreciação de causalidade oferece sentido a condição temporal, pois o tempo tem sentido apenas se existe sentido de causalidade na informação. De outro modo, olhar para trás no tempo poderia implicar em ver o futuro, ou projetar-se adiante no tempo poderia localizar sem restrições uma situação do passado.

Consequentemente, o indivíduo e o universo *fenomênico (jiva e jagat,* respectivamente) não tem começo, mas tem final. Quando a Consciência Não-dual assume o rol de ser a fonte de sua própria cognição, reconhece que a sua natureza é sempre existente e que a diferenciação é um tópico potencial que acontece exclusivamente na mente potencial de um indivíduo potencial. No entanto, tanto a potencialidade como a mente, ou o próprio indivíduo, são não-diferentes a indagação que a Consciência Não-dual realiza de si mesma. A Consciência Não-dual é assim, causa e origem do indivíduo e do universo *(jiva e jagat);* por sua vez, tanto *jiva* como *jagat* desaparecem como entes diferenciados na liberação ou *Gnana*, ou seja, na Realização ou despertar a Consciência Não-dual.

Assim como a informação possui uma representação causal, da mesma forma é possível estudá-la a partir de uma perspectiva espacial, ou seja, como sendo tanto «parte» como «todo». A informação tem a extraordinária propriedade de ser «parte» e também «todo»»; e isto de modo ilimitado. Veja, por exemplo, no caso desse livro. Cada página é por sua vez «parte» e «todo»; é uma «parte» deste «todo» maior que é o livro, mas também é em si mesma um «todo» composto de parágrafos («partes»). Por sua vez, cada parágrafo é uma «parte» da página, mas também é um «todo» composto de linhas, frases e palavras. Deste modo, cada página está composta de parágrafos, que por sua vez é composto de linhas, e estas compostas de palavras, e estas por letras, e estas compostas por moléculas de tinta, e assim sucessivamente e ilimitadamente. Mas também cada página é um todo que é parte deste livro, que é parte de todos os livros, que é parte da cultura, que é parte do conhecimento e assim sucessivamente.

A informação, graças a esta qualidade de ser tanto parte como todo, pode agrupar-se de infinitas maneiras; portanto, a informação assume sempre uma condição ilimitada.

O espaço que contém o indivíduo *(jiva)* e o universo fenomênico *(jagat)* é sem limites. Sua realidade cobra sentido devido ao fato de que a informação tem a maravilhosa propriedade de ser, tanto um «todo» como uma «parte».

Quando a mente intervém de maneira dialética no processo da cognição, a informação adota tantas partes como pensamentos associados a «nome» e «formas» fluentes na memória. Ou seja, cada «todo» pode ser dividido em tantas «partes» como quantas ideias existam na mente; e simetricamente, também cada «parte» pode ser de tantos «todos» como as ideias existentes na mente. O intervalo que diferencia duas informações qualquer, ou seja, duas «partes» de um mesmo todo, é denominado de espaço. Quando a mente idealiza o tamanho das coisas, associa certa distância espacial as fronteiras que interpõe como limites. Devido a que a mente processa exclusivamente informação previamente conhecida, ou seja, informação com fronteiras ou limites associados a «nome» e «forma», todo o conteúdo pensado pode ser contido em um meio espacial.

Por exemplo, se dirigirmos o olhar ao local no qual estamos, observaremos que o local, que é um «todo» em si mesmo, se encontra composto de «partes» tais como, mesa, cadeira, solo, teto, paredes e assim sucessivamente, até esgotar tantas partes como ideias que existem em nossa mente. O fato de diferenciar a mesa do solo ou das paredes deve-se a que traçamos mentalmente uma fronteira conceitual entre tais objetos e consequentemente, emerge uma distância espacial entre tais fronteiras.

Como observação final, cabe acrescentar que uma representação de um espaço absoluto do universo é impensável pela mente, semelhante que uma condição de tempo infinito. No entanto, o ato de não poder pensar em informação infinita ou absoluta não implica a inexistência do conteúdo desta condição; simplesmente indica que a alegoria de tempo e espaço não pode ser traduzida para uma linguagem que está exclusivamente desenhada para definir «partes» ou «soma de partes». Esta linguagem é precisamente, a linguagem na qual a mente interfere e processa a informação.

***Conclusão**:* Indivíduo e universo *(jiva e jagrat)* são ambos sem tempo, pois na realidade nunca tiveram um início; e apenas podem reconhecer-se como o que realmente são, ou seja, como não-diferenciados e como apenas aparentemente reais quando o perceptor alcança a liberação, ou seja, quando se transcende o plano mental que lhes dá uma conotação de realidade diferenciada.

SLOKA 38

O estado de sonho profundo, que está associado com a Consciência refletida erroneamente (na mente) e que é de natureza do ocultamento e projeção, primeiramente encobre o Si Mesmo individual (empírico) e o universo conhecido, mas logo os imagina (em sonhos) novamente.

A Consciência Não-dual, associada ao poder de «velar» de maya gera o estado de sonho profundo ou sonho sem imagens; associada ao poder de «velar» e «projetar» de maya, que aparentemente se produz na mente do criador (Ishvara), gera o indivíduo e o universo experimentável (jiva e Jagat), simultaneamente, o criador (Ishvara), através do indivíduo, imagina o mundo experimentável e gera o estado de sonho.

O indivíduo *(jiva)* e o mundo fenomênico *(jagat),* ao experimentar-se diferenciados, se consideram erroneamente como reais – *paramarthika* -, ou seja, mantendo-se permanentes no tempo e espaço. No entanto isto não é assim. A experiência que o indivíduo possui de si mesmo e do mundo, assim como a interpretação mental que tem de tudo, varia dependendo do ambiente onde flui a informação que se experimenta.

Assim como nos sonhos a ausência de causalidade imprime um sentido característico ao mundo e a quem o conhece, da mesma forma no estado de vigília a causalidade induz uma representação especifica de acordo com a modalidade de informação que compõe o indivíduo e o mundo que ali se experimenta. Da mesma forma, a representação da existência do indivíduo é outra quando o agente se absorve momentaneamente na ignorância ou estado causal – aquele no qual o indivíduo e o universo não se reconhecem existindo e que é fonte e origem da manifestação -, situação semelhante a que acontece quando a mente se detém momentaneamente nos sonhos, estado ao que geralmente denomina-se de sonho profundo ou sonho sem imagens (ver tabela 32).

Tabela 32

Os diferentes *jīva* (individuo)

<table>
<tr><th>Estado</th><th>Tipo de indivíduo e universo segundo Śaṅkara (jīva y jāgrat)</th><th colspan="2">Classificação usual do perceptor segundo Sesha</th></tr>
<tr><td>Causal
ou similar ao sonho profundo</td><td>Não há indivíduo nem universo experimentável por um jīva</td><td colspan="2">Semelhante a Patañjali, e por não ser experimentável conscientemente, não é estudado cuidadosamente na prática meditativa</td></tr>
<tr><td rowspan="5">Vigílico
ou fenomênico</td><td rowspan="5">Jīva e jāgrat são empíricos ou fenomênicos (vyāvahārika)</td><td>Dual</td><td>Não-dual</td></tr>
<tr><td>--</td><td>Ātman</td></tr>
<tr><td>--</td><td>Sakṣin</td></tr>
<tr><td>Exín</td><td>--</td></tr>
<tr><td>Sujeito</td><td>--</td></tr>
<tr><td>Onírico
ou ilusório</td><td>Jīva e jāgrat são ilusórios (prātibhāṣika)</td><td colspan="2">Sujeito onírico</td></tr>
</table>

O «eu» vigílico não é na verdade muito estável, flutua segundo emergem as experiências e se desvanece quando ocorre o sono. Não pode ser o mesmo "eu" o experimentador do sonho e o da vigília, pois em cada mundo se interpreta a realidade de uma forma especifica. As condições morais, físicas, geográficas, etc. se modificam no próprio sonho ou entre sonhos em relação as que imperam em vigília. Da mesma maneira, em vigília o perceptor do universo pode representar-se e representar o conhecido de várias formas segundo se experimente como *sujeito*, *exín, saksin ou atman*.

Qualquer modalidade de perceptor, exceto o *atman*, apenas existe no instante em que se adverte a informação que detecta. Todos os perceptores são momentâneos e relativos, exceto o *atman*.

Todo indivíduo *(jiva)* existe na momentânea fração em que assume como própria a cognição. Esta cognição é válida ou real apenas neste instante. O indivíduo *(jiva)* apenas dura o momento do instante em que a sua mente flutua buscando conhecer. Apenas o *Atman* é a testemunha de si mesmo e de todo o universo existente, apenas ele é o conhecedor e o conhecido, o campo e o conhecedor do campo em todos os campos.

SLOKA 39

Estes dois objetos (a saber, o si mesmo que percebe [jiva] e o mundo percebido [jagat] são ilusórios devido terem existido apenas durante o período de experiência onírica). Por isto ninguém, após despertar-se do sonho, volta a ver estes objetos quando sonha outra vez.

Tanto o indivíduo como o mundo fenomênico (jiva e jagat) do estado onírico são ilusórios, porque existem apenas enquanto a experiência onírica acontecer. Ou seja, ao despertar do sonho ninguém

testemunha de forma semelhante a natureza dos objetos oníricos, semelhante ao dormir, que tampouco se experimenta os objetos vigílicos.

Da mesma forma como o indivíduo em vigília *(vyavaharika jiva)* aparece existindo por qualquer das três teorias mencionadas nos comentários prévios – ou seja, como «limitante», «reflexo» e «sonho» - também o indivíduo dos sonhos *(pratibhasika jiva)* é uma representação imaginada do indivíduo de vigília.

Contudo, a situação não termina aqui. O texto não se aprofunda sobre os diferentes indivíduos de vigília *(vyavaharika jiva)* que podem ser experimentados mediante as diferentes modalidades de percepção vigílica, no entanto o «eu» vigílico tampouco é apenas um. Existem quatro modalidades de perceptores e de universos percebidos no estado de consciência vigílico, tal como foi resumido na tabela 32. A cognição é um carrossel de percepções momentâneas. Estas percepções momentâneas estão inter-relacionadas no âmbito consciente mediante o ato de compreensão que adverte constantemente o indivíduo *(jiva),* enquanto está associado ao instante experimentado em cada estado de Consciência. Assim como um chaveiro sustenta todas as chaves, ou como o espaço contém todos os volumes, da mesma forma a Consciência sustenta todos os *jivas* e todos os universos que aqueles conhecem. Tal como a água sólida é denominada de gelo e a gasosa de vapor, desta mesma maneira a Consciência Não-dual adota todas as infinitas probabilidades em que a informação possa ser pensada. No entanto, ainda que a informação permaneça sendo não-diferente, a mente, no instante da cognição, assume como válida uma das infinitas probabilidades que em si são parte do objeto conhecido. Desta maneira e durante a análise momentânea da cognição, o objeto conhecido assume certas características semelhantes a aquelas com as quais se definiu e que agora formam parte da memória.

A cognição se assemelha aos diferentes canais de televisão que podem ser sintonizados por qualquer espectador. Enquanto um canal ocupa a tela, os restantes permanecem como possibilidade. Quando se muda o canal, se situa em qualquer dos prováveis em espera, agora o canal que estava ativo passa a ser parte daqueles que estão como possibilidades. O indivíduo *(jiva)* e o mundo conhecido *(jagat)* parecem reais devido a que o *jiva* assume um rol de cognição que avalia a própria memória que o forma. Ao modificarmos o campo de informações que a memória estabelece devido a mudança da condição dos quatro limitantes[72], a relação entre conhecedor e conhecido varia, mudando as tonalidades ou as agrupações na informação e portanto, estabelecendo com a própria informação um novo indivíduo e um novo universo.

Nem o indivíduo e nem o universo nunca sofreram variações; o indivíduo *(jiva)* vê florescer em sua particular percepção, a atualização sequencial e sistemática das infinitas probabilidades que a informação possui pelo fato de ser não-diferente. O indivíduo vigílico *(vyavaharika jiva)* parece diferente porque se pensa diferente; ou seja, recorda a sua história e assume que ela é a que agora está acontecendo, se o indivíduo assumir a reta percepção de conhecer sem a intervenção da história (ou seja, sem intervenção da memória), então perderia a capacidade de experimentar-se diferente do conhecido. A esta excepcional forma de cognição a denominamos de Não-dualidade.

SLOKA 40

O jiva ilusório pensa o mundo ilusório como real, mas o jiva empírico pensa (esse mundo) como irreal.

O indivíduo onírico (pratibhasika jiva) acredita que o mundo onírico é real, mas o indivíduo vigílico (vyavaharika jiva) o acredita irreal.

72 Causal, Espacial, Interpretativo e de Fronteira. Veja o livro: *La Paradoja Divina, Sesha.*

O texto define claramente os três tipos de indivíduos *(jiva)* cuja natureza se associa exclusivamente a cada um dos estados de Consciência existentes. São os seguintes: o *jivatma* ou *paramarthika jiva*, cuja essência imortal e permanente se assimila a *atman*; o indivíduo fenomênico *vyavaharika jiva*, que é aquele que funciona no estado vigílico e o sujeito onírico ou *pratibhasika jiva*, que é aquele que funciona no estado da experiência que acontece no sonho (veja tabela 33).

Tabela 33
Tipos de *jīva*

Indivíduo	*Jīva*	Estado de Consciência associado
Ātman	*Pāramārthika jīva o Jivātman*	*Samādhi*
Sujeito	*Vyavahārika jīva*	Estado vigílico
Sujeito onírico	*Prātibhaṣika jīva*	Estado de sonho

Sankara analisa neste *sloka* e nos seguintes a distinção entre os três *jivas* assinalados. Em cada ocasião se torna evidente que; o que aparece como sendo real para um *jiva* não é para o seguinte, já que nenhum destes *jivas* é o real, exceto o *paramarthika jiva* ou *jivatma,* a única entidade que, portanto, é testemunha da Realidade.

Para uma maior exatidão, cabe esclarecermos que não existe uma realidade denominada de indivíduo, «eu» ou ego. O «eu» ou egoísmo não é mais que um sentido de propriedade; ou, sendo ainda mais preciso: é uma informação que dota de sentido de propriedade a informação. Assim, pois, o que existe é um fluir de momentâneas sobreposições de informações que são experimentadas pelo sentido de propriedade desta mesma sobreposição de informações. O que existe é um sonho que «sonha» ser real e o que existe é um ente vigílico que «recorda» que é real.

A única diferença entre o estado onírico e o vigílico, se encontra em que a informação que constitui a vigília é causal, enquanto que o que constitui o estado onírico é acausal. É a única diferença entre ambos os estados, se bem que é uma diferença imensa. É por isto que o indivíduo onírico não pode reconhecer-se como a soma das inumeráveis noites, onde o sonho faz as experiências se encontrarem. Assim, o indivíduo vigílico se reconhece como a soma de sua experiência, enquanto que o onírico se reconhece apenas em sua momentânea experiência.

Por outra parte, não existe a possibilidade de que os dois estados – vigília e sonho – coexistam simultaneamente e que a mente, devido a que o seu processo cognitivo é sequencial, exclui o sonho enquanto se está em vigília ou exclui a vigília enquanto se está sonhando. E além, os estados de sonho e vigília não existem um independente do outro, ou seja, não há um estado que exista por si mesmo. Se fossem independentes, haveria a possibilidade de encontrarmos as fronteiras que os delimitam e, portanto, seria possível encontrar uma nova forma de cognição referente a este segmento intermediário.

A condição da realidade ou de irrealidade que define a informação não é aplicável ao modelo que o *Vedanta* emprega para explicar o mundo. Na verdade, para o *Vedanta* a informação é, por sua vez, real e irreal, tal como foi exposto na *sloka* 37; por isto, negar uma porção de informação implica em criar outra que preencha o buraco que impõe a ausência da anterior. Consequentemente, não existe uma informação que seja real e que contrarie uma que seja ilusória. O *Vedanta* sustenta que a Consciência, em Si-Mesma, é a única atividade que é estável e continua. A Consciência, em Si-Mesma, adota a extraordinária condição de ser simultaneamente sujeito e objeto de cognição dela mesma, razão pela qual qualquer movimento não é mais que um movimento Dela-Mesma em Si-Mesma. Ou seja, a

Consciência, em Si-Mesma, é completamente distante a toda potencial mudança, razão pela qual se converte em objetivo predileto da realização interior.

SLOKA 41

O jiva empírico vê o mundo empírico como real. Mas o jiva real o conhece como irreal.

O indivíduo (vyavaharika jiva) vê o mundo empírico como real, mas o perceptor final (jivatma) o reconhece como irreal.

Aquele que regozija-se em cada estado de Consciência interpreta seu universo de maneira apropriada a sua condição. Enquanto o *atman* se reconhece simultaneamente como aquele que usufrui de todos os potenciais campos de informação existentes, o indivíduo o «eu» vigílico *(vyavaharika jiva)* é uma representação consciente que assume a condição de ser o conhecedor do universo que pode ser representado mediante a informação que repousa na memória.

> Não existe uma única condição individual, ou seja, um único «eu» que transite através dos diversos estados de Consciência nos quais pode ser reconhecida a informação.

A representação cognitiva do universo segue exclusivamente os cânones do estado de Consciência que floresce no momento da percepção. Basta que o perceptor mude a relação com o percebido e imediatamente a informação se aglomera em função de um novo cânone. O novo estado de Consciência imporá um perceptor e um campo percebido de acordo com as representações históricas que o novo campo delimite.

Desta perspectiva, cada «vivenciador» da experiência, associado a cada estado de Consciência, induz a manifestação de um indivíduo *(jiva)* que reconhece aos restantes como sendo ilusórios e que apenas avalia a existência de si mesmo e do universo que experimenta, de acordo com as condições que apresenta este estado de Consciência.

Exceto o *jivatma, paramarthika jiva* ou *atman*, nenhum outro agente experimentador possui a condição de ser uma testemunha inalterável do próprio universo. O *jivatma* ou *paramarthika jiva* conhece de maneira simultânea e onipresente todas as potenciais condições em que se apresenta a informação, da qual o Si-Mesmo é o agente não-diferenciado.

Assim sendo, enquanto existe um indivíduo em qualquer dos estados de Consciência permitidos, os restantes ficam em potencial possibilidade. A relação entre o perceptor e o percebido se modifica de forma incerta, tal como faz as ondas em sua incessante movimentação sobre a superfície do mar.

O *jivatma* ou *paramarthika jiva*, nunca deixou de existir, Ele é encoberto pela ilusão *(maya)* dos restantes *jivas*, impedindo que a sua natureza não-diferenciada se manifeste. Este *jiva* real é o suporte dos restantes, mas sua imortal natureza se esconde diante dos universos diferenciados que os restantes indivíduos *(jiva)* testemunham em sua história e nos mundos que existem exclusivamente nos processos pensantes que se mesclam sem cansar em sua próprias mentes.

SLOKA 42

Mas o paramarthika-jiva sabe que a sua identidade com Brahman é (o único) real. Ele não vê outro (e se o vê), sabe que é ilusório.

Mas, apenas o paramarthika jiva conhece realmente a sua real identidade com Brahman. Não adverte outro conhecedor fora de Si-Mesmo; e se o vê, compreende que é ilusório.

O *paramarthika jiva* é Consciência Não-dual. Sua natureza essencial é o conhecimento não diferenciado do Ser. Ele sabe que é existência não comparável a qualquer informação, pois Ele próprio é a soma não-diferenciada de toda a informação.

A representação de sua realidade não requer dos limites que impõe os conceitos que, por comparação, intervém na expressão de todo julgamento e síntese mental. O *paramarthika jiva*, cuja natureza é bem-aventurança absoluta, possui a condição de unificação em Si-Mesmo de tudo aquilo que conhece, pois o conhecido e o Si-Mesmo são idênticos, simultâneos e onipresentes.

No caso de um *jivanmukta*, ou seja, de um liberado em vida, a representação de sua cognição pode advertir o registro de indivíduos, mas a interpretação interior desta percepção não se traduz nele como um agente independente. Quem registra esta informação (o *atman*, *paramarthika jiva* ou *jivatma*) «sabe» sem nada mais, ou seja, sem requerimento de que exista uma associação entre a informação e os registros históricos que o formam. E pelo contrário, qualquer evento que implique em uma relação com outros agentes se experimenta como uma resposta automática a uma pergunta de alguém que se reconhece como sendo não-diferente, ou melhor, como a resposta automática a necessidade de seu próprio corpo e em geral, do *dharma,* ou do próprio dever que atende em oportunidade de lugar e tempo.

Pode parecer estranho a forma Não-dual de cognição, na qual não existe um agente diferenciado que reaja buscando uma meta ou que adverte a si mesmo como sendo o ator de seus atos. No entanto, esta reação carente de egoísmo não é mais estranha do que o conhecimento que ocorre na reação intuitiva, onde o «saber» se expressa sem a presença voluntária de um agente e se experimenta como uma corrente de conhecimento carente de presença personalista.

A constante interação que oferece o *paramarthika jiva* se parece com a reação inteligente que todo o cosmos possui diante do fato da continua vida e atividade que existe até os confins do conhecido. O «saber» é uma corrente de Consciência Não-dual que não requer diferenciar o perceptor do percebido, da mesma forma que um agente diferenciado não requer, por sua vez, reconhecer-se como sendo cabeça, tronco e membros para assumir de maneira natural a sua inquestionável identidade individual.

SLOKA 43-44

Assim como as características da água, como agradável, fluidez e frieza, aparecem inerentes nas ondas e também na espuma, cujo substrato são as ondas; assim também a Existência, Consciência e Bem-aventurança, que são as características naturais de saksin, aparecem inerentes no vyavaharika-jiva devido a sua relação com o saksin e através do igualmente inerente no pratibhasika-jiva.

Assim como as características da água, como agradável, fluidez e frieza, estão inerentes as ondas e também na espuma, cujo substrato são as ondas, assim a Existência, Consciência e Bem-aventurança, que são as características naturais do atman, estão inerentes no indivíduo vigílico (vyavaharika-jiva) devido a sua relação com o atman (paramarthika-jiva) e através daquele, estão igualmente inerentes no indivíduo onírico (pratibhasika-jiva.)

É inegável que o estado onírico seja real enquanto ele for experimentado e que o perceptor associado a este estado se adverte a si mesmo enquanto experimenta o estado, com idêntica condição de realidade a todo o restante que conhece fora de si. Do mesmo modo, o perceptor vigílico e todo o restante a ele usufruem também da condição de realidade. A partir da perspectiva do *Vedanta*, nunca se nega a condição de realidade que ambos os agentes possuem no próprio instante em que testemunham suas correspondentes realidades. De fato, é evidente que a condição consciente é parte do mundo que adverte ambos os indivíduos, tanto o indivíduo vigílico como o

onírico *(vyavaharika e pratibhasika-jiva)*, e também que ambos mundos existem e que a informação ali presente é relacionável com a restante, ou seja, que são universos com condições completas para albergar a vida em todas as suas diversas manifestações.

O grande dilema que geralmente tem o ser humano a respeito do mundo que pessoalmente experimenta, é que sempre e de maneira natural possui os atributos necessários para experimentá-lo como real, existente e relacionável. Assumir que o indivíduo onírico e o estado onírico são inexistentes pelo simples fato de não ser advertidos em vigília pelo sujeito, seria tão absurdo como negar qualquer outra realidade cognoscível pelo mero fato de não ser parte do Momento Presente experimentável, como a fantasia ou a imaginação.

Para o *Vedanta*, nem o indivíduo vigílico e nem o onírico são inexistentes; o que afirmamos, simplesmente, é que a representação mental que deles temos é momentânea, ou seja, impermanente. Sua existência, conhecimento e sentido de relação com a sua história ou com universo que os rodeia pode validar-se unicamente no instante onde a breve realidade da cognição produz a fantasmagórica realidade que se adverte. Além do instante conhecido, a percepção é um mar ilimitado de probabilidades. A Realidade Absoluta é uma infinidade não-diferenciada, simultânea e onipresente. Em seu seio podem emergir infinidades de aparências que não são mais que momentâneos preconceitos aparentemente diferenciados do Absoluto Não-dual. O fato de que apareça uma ou outra aparência não é mais que uma probabilidade dentro do infinito e ilimitado oceano da Consciência Não-dual. O que finamente supre uma aparência entre as infinitas probabilidades em um instante dado é a mente, ou seja, é a qualidade dialética *(manas)* e sua capacidade de memorizar *(chitta)*.

> A percepção e a realidade que assumimos do universo é apenas uma das possíveis probabilidades com as que um objeto se define, graças ao «nome» e a «forma» mais próximos, que previamente existem na memória.

Jamais se nega a essência existencial e cognitiva do ser humano; inclusive se considera que é de natureza idêntica a do *atman*. No entanto, sua peculiar momentaneidade e a dependência da realidade como fator sujeito a tempo e espaço, sugerem a existência de outro agente com um ambiente mais propicio a estabilidade e perpetualidade da cognição. Esta condição estável e imóvel é representada por *paramarthika jiva* (o *atman*), cuja peculiar natureza é não-diferente daquilo que é conhecido, sendo portanto um agente capaz de modelar um sentido de realidade carente de todo sentido de diferenciação. Esta forma de cognição é propicia no intervalo que o Momento Presente acolhe, onde os acontecimentos são parte «do aqui e agora».

> Baseado no processo dialético, a mente adverte o conhecido como uma soma de partes, como partes causais e como informações distribuídas em fronteiras que unicamente existem na memória do indivíduo que previamente já conhece. No final, o trabalho consiste em capturar o que se é percebido sob uma ótica distante da exclusão que promove o processo dialético. Está ótica se encontra unicamente no espectro associado ao Momento Presente, ou seja, na compreensão «aqui e agora», sem mediar a interpretação mental que deriva da intervenção da memória e da dialética comparativa.

E além da apreciação dual, o universo Não-dual jamais tem deixado de manifestar-se em cada instante, inclusive naquelas partes onde o indivíduo se testemunha como sendo diferenciado daquilo que conhece.

SLOKA 45

Com o desaparecimento da espuma (na onda), as suas características como a fluidez, etc., se fundem na onda; e novamente, com a desaparição da onda na água, estas características, como antes, se fundem na água.

Com o desaparecimento da espuma na onda, as suas características como a fluidez, etc., se fundem na onda; e com o desaparecimento da onda na água, estas características, semelhante a espuma, também se fundem novamente na água.

O desaparecimento dos objetos na prática meditativa não implica na sua destruição. A diluição do sujeito na prática meditativa não implica o desvanecimento da cognição. Na verdade, a informação constituinte de objeto e sujeito perdura, pois jamais a informação é destruída; simplesmente é experimentada a partir da ótica Não-dual.

É absurdo presumir que uma gota de chuva desaparece ao ser absorvida pelo grande oceano; apenas desaparecem o «nome» e «forma». O fato de não se detectar as fronteiras que a delimitam, não nega a sua prevalência. A mente, mediante a atribuição de «nome» e «forma.>, é o gerador primário de fronteiras, enquanto que o conhecimento não referido a uma fronteira implica em um real saber que carece de representação de «nome» e «forma». Esta generalidade de cognição, não destrói a própria existência do objeto ou do sujeito, mas sim, introduz uma nova forma de conhecimento na qual o perceptor e o percebido usufruem de simultaneidade na cognição. Neste modelo de cognição o perceptor assume uma condição não associada ao tempo e nem ao espaço, daí que, qualquer cognição de tal perceptor será um «todo» de cognição, ou seja, será uma cognição Não-dual.

> O universo não se desintegra por não ser pensado; apenas se dilui a ilusoriedade de sua aparência momentânea. Na realidade, a condição mental do ser humano é apenas uma modalidade de recordação do acontecido, mas não uma forma de reconhecer o que as coisa são.

Vejamos a partir de outro ângulo e mediante um exemplo anteriormente exposto:

Quando contemplamos o céu estrelado não vemos a realidade no Momento Presente: O que contemplamos é o que foi o firmamento tempo atrás, pois a luz das estrelas demora anos para chegar até as nossas pupilas. De forma semelhante, tampouco vemos a realidade atual do sol ou da lua, quando os contemplamos; apenas vemos o que foram a alguns instantes atrás, quando surgiu deles a luz que agora percebemos. Do mesmo modo, nem sequer vemos o Momento Presente no que concerne a que temos ao nosso lado, pois não apenas tarda um instante em nos alcançar a luz que aquilo reflete, mas também, o nosso sistema biológico (terminações nervosas, sinapses, etc.) demora um tempo para fazer uma imagem do percebido. Para quando chegarmos a interpretar a percepção, essa percepção não é a do Momento Presente do objeto, mas sim, é apenas a imagem de seu passado mais ou menos remoto.

A brecha temporal e espacial que a informação tem que ultrapassar para ir do objeto ao sujeito, gera uma representação esquemática e diferenciada do mundo. É por isto que resulta impossível perceber deste modo a realidade em si das coisas. A única maneira em que um sujeito pode perceber a realidade em si de um objeto é desde da própria condição do objeto. Tal coisa é possível unicamente quando o sujeito se associa ao campo unificado que se estabelece no Momento Presente, ou seja, quando se contempla o que seja que acontece no «aqui e agora» sem mediar nem a história e nem o processo dialético. Esta modalidade de cognição carente de representação mental diferenciada permite que o cérebro, como uma parte a mais da informação indiferenciada constitutiva do novo campo de cognição, perceba o objeto reportando-o de semelhante forma, mas interpretando-o de

outra totalmente diferente, uma forma que se encontra associada a outro estado de Consciência: o estado Não-dual. A partir desta nova modalidade, uma casa seguirá percebendo-se como uma casa e uma árvore como uma árvore, mas tanto a casa como a árvore, como a qualquer outra coisa que se perceba, serão percebidas como não-diferentes de quem as conhece.

Desde a Não-dualidade a substância do universo é, metaforicamente falando, da mesma trama que os sonhos. O sonhador sonha o mundo onírico com todos os elementos que neste estado parecem tangíveis e reais; mas se tomar consciência de que, aquilo que lhe sucede é um sonho enquanto ainda persiste o sonho, reconhecerá que tudo que acontece não são mais que as imagens de si mesmo e do mundo onírico que a sua mente promove, que todas estão nele e que todas são ele; e que, como tudo o que acontece em um sonho, não são mais que fantasmagóricos e passageiros reflexos diferenciados do sonhador e como tais, não diferentes de quem sonha, nem em sua qualidade, diferentes entre si. São apenas, os inumeráveis espelhos onde o único sonhador se contempla de forma perene.

SLOKA 46

Com o desaparecimento de pratibhasika-jiva (no vyavaharika-jiva), a Existência, Consciência e Bem-aventurança (que são as suas características) se fundem em vyavaharika-jiva; quando este também desaparece, estas características se fundem em saksin.

Quando o indivíduo onírico (pratibhasika-jiva) desaparece ao ser experimentado o indivíduo vigílico (vyavaharika-jiva), as características essências do indivíduo onírico (pratibhasika-jiva), que são Existência, Consciência e Bem-aventurança, se fundem no indivíduo vigílico (vyavaharika-jiva). Quando este também desaparece, as suas características essenciais, que também são Existência, Consciência e Bem-aventurança, se fundem em atman (paramarthika-jiva).

Semelhante a que a natureza essencial da água de um rio, que não morre ao ser absorvido pelo mar, e nem a natureza essencial da água do mar morre ao fundir-se no oceano, do mesmo modo as condições essenciais de tudo o que é criado permanecem sem importar quem seja o perceptor, nem qual é o seu estado de Consciência.

Assim como as borbulhas se diluem nas ondas e as ondas se finalizam no mar, de forma idêntica, um tipo de agente de cognição se funde no seguinte tipo de agente ao modificar o estado de Consciência desde o qual se experimenta a realidade. O que varia é a forma de relacionar-se do Perceptor e do Percebido, pois a essência consciente que determina a sua realidade sempre existe, independentemente da forma o do agente que emerjam no estado de Consciência.

Assim, como ao abrir um armário de um cômodo, o seu espaço é absorvido pelo espaço deste cômodo e assim como o abrir a porta do cômodo, o seu espaço se funde com o da casa, da mesma forma o *atman* (o *paramarthika jiva*) sempre está presente em todos os espaços e tempos da criação. A aparente diferença entre os indivíduos *(jiva)* consiste nas fronteiras que se interpõe entre os ambientes que, no final, existem graças ao próprio espaço que contém toda casa. Desta maneira, o *atman* se revela como tal ao desaparecer o instrumento gerador de fronteiras: a mente.

Não existe separação entre os indivíduos de cada estado de Consciência. Não existe realmente diferenciação na informação que constitui qualquer estado de Consciência. Esta aparente diferenciação é o resultado da falsa projeção que ocorre na mente do perceptor, como igualmente falso é o filho de uma mulher estéril.

É possível falarmos do inexistente filho de uma mulher estéril, da mesma forma que se é possível falar do inexistente indivíduo *(jiva)*. No entanto, não apenas podemos falar dele, é possível avaliar

a realidade que se nomeia. O filho apenas existe na representação histórica de quem fala; da mesma maneira, o mundo diferenciado definido por «nomes» e «formas» apenas existe na mente de quem o recorda.

Atman é o objeto inicial e final de todo conhecimento. *Atman* é aquilo que está no meio do objeto e sujeito. *Atman* é aquilo que existe antes do objeto e muito além do sujeito. Atman é o único que se conhece, Ele é o único conhecedor.

— APÊNDICE —

Dṛg Dṛśya Viveka

Sri Śaṅkarācārya

Sloka 1

A forma (rupa) é percebida e o sentido da visão (indriya) é seu perceptor. Este é percebido e a mente (manas) é seu perceptor. A mente (dhivritti) é percebida e a testemunha (saksim) é seu perceptor. Este (a Testemunha) é certamente o único perceptor e, portanto, não pode ser percebida (por nenhum outro).

Sloka 2

As formas (objetos de percepção) aparecem como variadas devido as distinções tais como: azul, amarelo, denso, sutil, pequeno, grande, etc. Por outra parte o sentido da visão as percebem, permanecendo como um e ele próprio.

Sloka 3

A mente é capaz de conhecer as condições da visão – como a cegueira, a agudez ou o velamento – porque é uma unidade. Isto também se aplica com respeito a audição, ao tato, etc.

Sloka 4

A Consciência ilumina (outros estados mentais como) desejo; determinação e dúvida; fé e não-fé; constância e seu oposto; modéstia; entendimento; medo; e outros, porque é uma unidade.

Sloka 5

Esta Consciência não nasce (aparece), nem morre (desaparece); não cresce, nem sofre decadência. Sendo auto-luminosa, ilumina a tudo os demais sem nenhuma outra ajuda.

Sloka 6

Budhi parece possuir luminosidade devido ao reflexo da Consciência nele. A inteligência é de duas categorias: uma designada como o sentido do eu (ahamkara) e a outra como mente (antakarana).

Sloka 7

Pela visão do sábio, a identidade que há entre o reflexo (da Consciência) e o ego, é como a identidade que há entre o fogo e uma bola de ferro (esbraseada). O corpo, estando identificado com o ego (ele que, por sua vez, já se identificou com o reflexo da Consciência) passa a ser uma identidade consciente.

Sloka 8

A identificação do ego com o reflexo da consciência, com o corpo e com a Testemunha são de três classes, que são: natural, devido ao karma (passado) e devido a ignorância, respectivamente.

Sloka 9

A mútua identificação entre o ego e o reflexo da consciência, que é natural, não cessa enquanto eles forem tomados como sendo reais. As outras duas identificações desaparecem após o termino do resultado do karma, e por alcançar o conhecimento da mais alta Realidade, respectivamente.

Sloka 10

O estado no qual (o pensamento de) ego desaparece e o corpo também se torna inconsciente, é chamado de estado de sono profundo. O estado no qual o ego se manifesta pela metade é chamado de estado de sonho. O estado no qual a manifestação do ego é total é chamado de estado de vigília.

Sloka 11

O órgão interno (antakarana) – que, em si mesmo, é apenas uma modificação (vriti) – ao estar identificado com o reflexo da Consciência, imagina (varias) ideias no sonho. E o próprio órgão interno no estado de vigília (estando identificado com o corpo) imagina os objetos como externos a ele devido aos indriyas.

Sloka 12

O corpo sutil – que é a causa material da mente e do ego – é uno e é de natureza insensível (inanimado, inconsciente). Ele continua nos três estados, nasce e morre.

Sloka 13

Maya, certamente tem dois poderes: o de projeção (criação) e de velar. O poder (shakti) de projeção cria tudo, desde o corpo sutil até o corpo denso.

Sloka 14

A manifestação de todos os nomes e formas na entidade que é Existência – Consciência – Bem-aventurança e que é a mesma que Brahman – como a espuma, etc., no oceano – é chamada de criação.

Sloka 15

O outro poder (de Maya) vela a distinção entre o Perceptor e os objetos percebidos – os quais são conhecidos dentro do corpo – além da distinção entre Brahman e o universo fenomênico – o qual é percebido fora do corpo. Este poder é a causa do universo fenomênico (samsara).

Sloka 16

O corpo sutil (linga) que existe em estreita proximidade a Testemunha (Saksin), identificando-se com o corpo denso, torna-se o Si Mesmo empírico encarnado, devido a que seu ser é afetado pelo reflexo da Consciência.

Sloka 17

O caráter de um Si Mesmo encarnado (jiva) também surge devido a falsa sobreposição em Saksin. Ao desparecer o poder de velar, a diferença (entre o observador e o objeto) fica clara e com isto o caráter jivaico (ser individual) de Saksin desaparece.

Sloka 18

De forma semelhante, Brahman, mediante a influência do poder que oculta a distinção entre Ele e o universo fenomênico, surge como dotado com os atributos de mudança.

Sloka 19

Também neste caso, quando desaparece o poder de velar, a distinção entre Brahman e o universo fenomênico se torna clara. Portanto, a mudança sempre é percebida no universo fenomênico, mas nunca em Brahman.

Sloka 20

Cada entidade está caracterizada por cinco aspectos: existência (asti), cognoscibilidade (vadi), bem-aventurança (pria), nome e forma. Destes, os três primeiros pertencem a Brahman e os outros dois ao mundo.

Sloka 21

Os atributos de Existência – Consciência – Bem-aventurança estão igualmente presentes no akasha (éter), ar, fogo, água e terra, assim como nos deuses, animais e homens, etc. Os nomes e as formas são os que fazem com que um se diferencie do outro.

Sloka 22

Após estando indiferente a nome e forma e sendo devoto a Satchitananda, cada um deve praticar sempre a concentração dentro do coração ou fora dele.

Sloka 23

As duas classes de samadhi para serem praticadas no coração (dentro de si mesmo) são conhecidas como savikalpa e nirvikalpa. O savikalpa samadhi também se divide em duas classes, segundo se está relacionado com um objeto cognoscível ou com um som (como objeto).

Sloka 24

Os desejos, etc., (que estão) centrados na mente, devem ser tratados como objetos (cognoscíveis). Medita na Consciência como sua Testemunha. Isto se chama savikalpa samadhi associado com objetos (cognoscíveis).

Sloka 25

Eu sou Existência - Consciência – Bem-aventurança, desligado, auto-luminoso e livre de dualidade. Este estado se conhece como savikalpa samadhi associado com som.

Sloka 26

Mas o nirvikalpa samadhi é este estado no qual a mente se encontra firme – como a (constante chama de uma) lâmpada protegida do vento- e no qual o estudante de encontra indiferente a ambos, objetos e sons, devido a completa absorção na Bem-aventurança da realização de Si Mesmo.

Sloka 27

A primeira classe de samadhi é possível tanto com a ajuda de um objeto externo como de um interno. Neste samadhi, o nome e a forma estão separados do que é a Existência Pura (Brahman).

Sloka 28

A entidade que (sempre) é a própria natureza e ilimitada (por tempo, espaço, etc.) e que se caracteriza pela Existência - Consciência - Bem-aventurança, é na verdade Brahman. Tal ininterrupta reflexão é chamada de absorção intermediária que é o savikalpa samadhi associado com o som (objeto).

Sloka 29

A insensibilidade da mente (aos objetos externos), como foi dito anteriormente, devido a experiência de Bem-aventurança, é designada como sendo a terceira classe de samadhi (nirvikalpa). O praticante deve dedicar o seu tempo ininterruptamente a estas seis classes de samadhi.

Sloka 30

Com o desaparecimento do apego ao corpo e com a realização do Supremo Si Mesmo, qualquer que seja o objeto ao qual a mente se dirija, o um experimenta o samadhi.

Sloka 31

Pela contemplação Daquele que é alto e baixo, as correntes do coração se rompem, todas as dúvidas se dissolvem e todos os seus karmas (as atividades e seus efeitos) se esgotam.

Sloka 32

Existem três formas de conceber a jiva, a saber: como aquele limitado (por) o Prana, etc., como aquele representado (chidaabasa) (na mente); e a terceira, a própria Consciência como imaginada nos sonhos (assumindo as formas de homem, etc.).

Sloka 33

A limitação é ilusória, mas O que aparece como sendo limitado é real. A «jivaidade» (do Si-Mesmo) se deve a sobreposição dos atributos ilusórios; mas, realmente, tem a natureza de Brahman.

Sloka 34

As sentenças védicas como «Aquilo eres tu», etc., declaram a identidade do sem-partes Brahman como o jiva, ele que aparece como tal desde o ponto de vista da «teoria da limitação» (avaccheda-vada). Mas isto não coincide com os outros dois pontos de vista (sobre jiva).

Sloka 35

Maya, que tem a dupla natureza de projeção e ocultamento, está em Brahman. Ela limita a natureza infragmentável de Brahman e o faz aparecer como o mundo e o ser encarnado (jiva).

Sloka 36

Isto ocorre devido a falsa representação da Consciência (chidaabasa: o reflexo da Consciência), localizada em budhi, realiza várias ações e desfruta de seus resultados, portanto, é chamado de jiva. E tudo isto, que consiste dos elementos e seus produtos que são de natureza dos objetos de prazer, é chamado jagat (universo).

Sloka 37

Estes dois, que datam de tempos sem princípio, tem (apenas) existência empírica e existem até que um alcance a liberação. Portanto, ambos são chamados de empíricos.

Sloka 38

O estado de sonho profundo, que está associado com a Consciência refletida erroneamente (na mente) e que é de natureza do ocultamento e projeção, primeiramente encobre o Si Mesmo individual (empírico) e o universo conhecido, mas logo os imagina (em sonhos) novamente.

Sloka 39

Estes dois objetos (a saber, o si mesmo que percebe [jiva] e o mundo percebido [jagat] são ilusórios devido terem existido apenas durante o período de experiência onírica). Por isto ninguém, após despertar-se do sonho, volta a ver estes objetos quando sonha outra vez.

Sloka 40

O jiva ilusório pensa o mundo ilusório como real, mas o jiva empírico pensa (esse mundo) como irreal.

Sloka 41

O jiva empírico vê o mundo empírico como real. Mas o jiva real o conhece como irreal.

Sloka 42

Mas o paramarthika-jiva sabe que a sua identidade com Brahman é (o único) real. Ele não vê outro (e se o vê), sabe que é ilusório.

Sloka 43-44

Assim como as características da água, como agradável, fluidez e frieza, aparecem inerentes nas ondas e também na espuma, cujo substrato são as ondas; assim também a Existência, Consciência e Bem-aventurança, que são as características naturais de saksin, aparecem inerentes no vyavaharika-jiva devido a sua relação com o saksin e através do igualmente inerente no pratibhasika-jiva.

Sloka 45

Com o desaparecimento da espuma (na onda), as suas características como a fluidez, etc., se fundem na onda; e novamente, com a desaparição da onda na água, estas características, como antes, se fundem na água.

Sloka 46

Com o desaparecimento de pratibhasika-jiva (no vyavaharika-jiva), a Existência, Consciência e Bem-aventurança (que são as suas características) se fundem em vyavaharika-jiva; quando este também desaparece, estas características se fundem em saksin.